Cadernos do CHDD

ano 13 • número 25 • segundo semestre 2014

segunda edição
revista e ampliada
2015

Fundação Alexandre de Gusmão

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ministro de Estado Embaixador Mauro Luiz Iecker Vieira
Secretário-Geral Embaixador Sérgio França Danese

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima

Centro de História e Documentação Diplomática

Diretor Embaixador Maurício E. Cortes Costa

Conselho Editorial da Fundação Alexandre de Gusmão

Presidente: Embaixador José Vicente de Sá Pimentel

Membros: Embaixador Ronaldo Mota Sardenberg
Embaixador Jorio Dauster Magalhães
Embaixador Gonçalo de Barros Carvalho e Mello Mourão
Embaixador José Humberto de Brito Cruz
Embaixador João Glinternick Bitelli
Ministro Luís Felipe Silvério Fortuna
Professor Clodoaldo Bueno
Professor Francisco Fernando Monteoliva Doratioto
Professor José Flávio Sombra Saraiva

A *Fundação Alexandre de Gusmão* (FUNAG), instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

O *Centro de História e Documentação Diplomática* (CHDD) orgão da Fundação Alexandre de Gusmão / MRE, fica no Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro, prédio onde está depositado um dos mais ricos acervos sobre o tema, e tem por objetivo estimular os estudos sobre a história das relações internacionais e diplomáticas do Brasil.
www.funag.gov.br/chdd

Cadernos do CHDD

Sumário

VII Carta do Editor

9 México:
A missão de Cardoso de Oliveira, 1912 - 1915

315 México, Terra Altaneira
Reminiscências

Carta do Editor

O corte temporal aplicado à coleção de documentos da missão do Brasil no México mereceria a atenção dos pesquisadores, qualquer que fosse o critério aplicado, consideradas as circunstâncias.
Trata-se da correspondência assinada pelo representante do Brasil naquele país entre 1912 e 1915, quando já grassava a sangrenta Revolução Mexicana, guerra civil que, por quase dez anos, devastou o país.

A documentação descortina situações em que era patente a falta de segurança: logo à chegada, para o deslocamento entre o porto de entrada no país e a capital, montanha acima, os estrangeiros se defrontavam com comboios ferroviários escoltados pelo exército federal.

Com o passar do tempo, a situação se torna cada vez mais complexa, mas um fato que emerge da correspondência é o bom trânsito do brasileiro entre as correntes em choque, num cenário em que governos se sucedem, tropas rebeldes tomam a capital em um dia e são expulsas no outro. Ou, até, no mesmo dia, fosse pelo exército federal, ou por facções contrárias...

Ante o desafio de conciliar, por um lado, as demandas dessas facções pelo reconhecimento de sua legitimidade, e, por outro, a orientação do governo brasileiro quanto à necessidade de manter-se em compasso com os Estados Unidos e os parceiros do tratado ABC (Argentina e Chile), a documentação deixa entrever aspectos delicados

do fazer diplomático em tempos de crise. Mais que um observador privilegiado do período mais conturbado do processo revolucionário iniciado em 1910, o plenipotenciário brasileiro foi chamado a atuar no centro dos acontecimentos, no tocante a suas repercussões externas. Em meio a inúmeros desdobramentos, o papel do ministro do Brasil ganha contornos de maior relevância, na medida em que lhe cabe representar os Estados Unidos da América, após o rompimento das relações diplomáticas entre estes e seu vizinho do sul...

Motivo adicional para a delimitação da pesquisa em torno do ministro plenipotenciário foi a existência de um relato, de cunho pessoal, que ele escreveu posteriormente, de maneira bastante informal.

Assim, a missão do Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário José Manuel Cardoso de Oliveira, representante brasileiro no México entre 1912 e 1915, pode ser analisada por duas vertentes distintas, porém, complementares: legado insuspeito de um observador ponderado e otimista, pronto a identificar o melhor aspecto dos eventos de que foi testemunha ocular e partícipe circunstancial, e que soube haver-se com as delicadas tarefas incumbidas.

Participaram das transcrições dos documentos, sob a supervisão do CHDD, os estagiários Catherine Calais Assafrão Fischer, Mariana Pastana Batista da Silva, Thaís Lemos dos Santos Borges e Ygor Leonardo Pereira Garcia, da UFRJ; Hanna Giacometti Halm, da UniRio; e Maria Carolina Leite dos Reis, da Universidade Veiga de Almeida.

Maurício E. Cortes Costa

MÉXICO

A missão de Cardoso de Oliveira
(1912-1915)

Apresentação

Se o século XX ficou marcado como uma "era de extremos", a revolução mexicana pode ser analisada como um ensaio geral dos conflitos e das ideologias que moldaram o período. O movimento político iniciado por Francisco Madero para derrocar o regime ditatorial de Porfirio Díaz, que teve seu desenlace em um semestre, serviu como o estopim para o turbilhão da guerra civil que sacudiu o país por quase uma década, alimentada por diversos conflitos e disputas políticas, sociais, regionais, econômicas, diplomáticas. Assim, do período que vai do segundo semestre de 1910 até a promulgação da constituição de 1917, uma série de revoluções e contrarrevoluções, golpes e contragolpes, conspirações e levantes populares, que influenciaram várias gerações de artistas, intelectuais e políticos mexicanos e latino-americanos e reflete-se até hoje no cenário político e institucional daquele país.

Na extensa bibliografia que se acumulou para investigar os diferentes aspectos do processo, o capítulo diplomático se destaca pelos desafios que se apresentavam diante de um cenário internacional sob crescente tensão e um quadro insti-

tucional profundamente instável. A vizinhança com os Estados Unidos, desde sempre presente no quadro das relações internacionais do México, adquiria um caráter mais que simbólico, pelo volume de interesses econômicos diretos e a presença de uma significativa colônia de estadunidenses no norte do país. O fantasma da intervenção militar pontuou os passos dos núcleos de poder, que disputavam a direção da revolução, em diversas ocasiões.

Nesse cenário, o diplomata brasileiro José Manoel Cardoso de Oliveira não foi apenas um observador privilegiado. Mais do que isso, foi um agente destacado em diversas situações, às vezes críticas, que, em algumas ocasiões, puseram em xeque as relações do México com o Brasil, com os Estados Unidos e, mesmo, com outros países americanos.

O diplomata brasileiro apresentou-se como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em agosto de 1912, quando havia esperanças de que o governo Madero fosse capaz de consolidar um novo regime e deixou a Cidade do México em meados de 1915, quando as tropas de Carranza estavam prestes a tomar a capital. Nesse período, foi testemunha da etapa mais crítica do processo e da fase mais violenta da guerra civil. Na documentação oficial produzida durante sua missão, transparece a tensão com as situações de crise aguda, pela disputa do poder, com as quais se deparou, mas também um olhar arguto sobre os personagens e situações, além da habilidade em lidar com os desafios da ação diplomática em situações extremas, dialogando com os protagonistas das diferentes tendências em conflito.

Apenas um semestre após sua chegada à capital, Cardoso de Oliveira testemunha os eventos da "Dezena Trágica", que o deixam fortemente impressionado e terão influência no desenrolar da sua missão (ver ofício n. 5, de 25 de fevereiro de 1913). Após a tomada do poder pelo general Victoriano Huerta, sua preocupação prioritária torna-se o tema do reconhecimento

do novo governo, constituído em condições pouco claras e incapaz de reestabelecer a estabilidade interna ou obter consenso, quer interno, quer internacional.

A despeito da gravidade da crise que levou Huerta ao poder, o diplomata brasileiro passa a defender a conveniência de seu reconhecimento, reiterando a tese ante o governo brasileiro, que estabeleceu, através do chanceler Lauro Müller, como orientação, seguir o compasso dos governos chileno, argentino e, particularmente, o norte-americano no assunto (ver ofícios n. 6 de 11 de março de 1913; reservado n. 1 de 17 de maio de 1913). Nas palavras de um dos primeiros trabalhos acadêmicos dedicados à revolução mexicana,

> A posição de Cardoso de Oliveira era realmente muito delicada. Por um lado, procurava manter um bom relacionamento com o governo mexicano, de quem gozava de certa estima e consideração. Por outro, recaíam sobre ele todas as formas de críticas feitas pelo não reconhecimento de Huerta, pois ele tinha de prestar as satisfações devidas por essa atitude do governo brasileiro.[1]

1 VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. A diplomacia brasileira e a revolução mexicana, 1913-1915. Niterói, 1975. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. p.46-47.

1912

OFÍCIO[1] • 26 AGO. 1912 • AHI221/01/05

4ª Seção / N. 12

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 26 de agosto de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa., para os devidos fins, que cheguei a esta capital no dia 25 do corrente à noite e assumi o exercício do meu cargo no dia 26, confirmando assim o meu telegrama desta última data, nestes termos:

"Assumi exercício."

Aproveito esta oportunidade para reiterar a V. Exa., Senhor Ministro, os protestos da minha respeitosa consideração.

José Manuel Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 11 SET. 1912 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 15

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 11 de setembro de 1912.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício[2] desta série, n. 14, de 5 do corrente, tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa., nos inclusos retalhos do *Imparcial*, de hoje, as duas notícias mais importantes sobre a revolução neste país, de então para cá, a saber: as declarações do sr. Pedro Lascurain, ministro das Relações Exteriores, em que afirma ter garantias do governo americano de que não haverá intervenção – se bem que recomende a cessação do presente estado de coisas – e a permissão dada pelo mesmo governo para a passagem de tropas mexicanas pelo território dos Estados Unidos, a fim de operar no estado de Sonora, ora invadido pelos revolucionários. Para pedir tal permissão foi

1 Documento com seis anexos; recortes de jornal.
2 O ofício n. 14 não foi encadernado com a série de documentos.

o presidente Madero autorizado pelo Senado mexicano, para isto convocado em sessão extraordinária.

Completando a minha informação, no referido ofício, sobre a descoberta de um conluio para o assalto e saque desta capital no dia 15 do corrente, cabe-me acrescentar que quatro dos principais cabeças foram fuzilados e seis outros condenados a dez anos de prisão.

Prevaleço-me da ocasião para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 19 SET. 1912 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 16

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 19 de setembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. os retalhos anexos do *Diário Oficial* de 16 do corrente, contendo o texto da mensagem do sr. Presidente da República, Francisco I. Madero, dirigida ao Congresso mexicano por ocasião da abertura da 1ª sessão da 26ª Legislatura.

Como V. Exa. verá, este importante documento faz uma simples referência à Conferência Internacional de Jurisconsultos, celebrada no Rio de Janeiro, e anuncia a prosperidade das finanças e dos diversos ramos da administração pública, apesar da tremenda crise por que está atravessando o país.

No tocante à revolução, é notável o otimismo da palavra do governo, que, infelizmente, não pode ser compartilhado por completo pelo atento observador dos acontecimentos.

Eis o que a tal respeito se lê hoje no *Imparcial*, órgão de oposição moderada, e que parece ser um bom comentário à referida parte da mensagem:

> Qualidade preciosa ou erro transcendental, esse otimismo está identificado com o espírito da atual administração e acompanha

o núcleo do governo como a sombra ao corpo. Não é uma pose, nem um gesto meditado, nem uma atitude fingida. Obra de intuição ou resultado de temperamento, temo-lo visto pairar em forma de um sorriso plácido sobre os instantes mais difíceis e os mais perigosos conflitos.

A última mensagem presidencial acha-se impregnada deste otimismo que não varia, nem esmorece e dá a melhor prova do que acabamos de expor. Esse documento oficial lido longe da pátria por um mexicano a quem as circunstâncias tivessem conservado afastado e ignorante de nossa história nos dois últimos anos, nada lhe revelaria das nossas desditas nacionais, nada de nossos problemas do presente, nada de nossas dificuldades próximas e futuras.

Sem temor no que se refere a penúrias econômicas, com uma animosa segurança de dominar os movimentos rebeldes, com um propósito firme de encaminhar o país pela senda da ordem, com uma grande fé na democracia de agora e na que virá em breve, sem medo algum de que possa faltar ao Executivo a colaboração das câmaras, e com serenidade diante dos tropeços, que o governo julga efêmeros e que detiveram o progresso de nossa riqueza pública, a mensagem presidencial estende sobre as convulsões da República o manto milagroso da esperança.

Este critério oficial, aliás, discutível, talvez censurável, como critério político, é não obstante, revelador de uma grande fé, de um propósito definido de um plano traçado com objetivos nobres e fins patrióticos.

E assim termina:

Otimista, como é, a mensagem presidencial, que uns aplaudem e outros desaprovam, é já uma demonstração palpável de que o governo trata de constituir-se sobre bases sólidas e também um apelo à nação para que, sob o império da lei, coopere na empresa de fortalecer um regime que entrou pela porta larga de uma legalidade indiscutível.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 22 SET. 1912 • AHI 221/01/05

1ª Seção/ N. 16

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 22 de setembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. os inclusos retalhos da Nueva Era de hoje, contendo um artigo, cheio de lisonjeiras referências ao Brasil, acerca da emigração de oitocentos realistas portugueses para o nosso país, sob os auspícios do governo brasileiro, cujo procedimento nessa emergência é, como V. Exa. verá, considerado pelo articulista, "um serviço prestado ao mundo inteiro."

Aproveito o ensejo para renovar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 24 SET. 1912 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 17

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 24 de setembro de 1912.

Senhor Ministro,

Anexo ao despacho n. 2, de 14 de agosto próximo passado, tive a honra de receber o retalho do *Diário Oficial* de 9 de agosto, contendo a notícia sobre a audiência presidencial do dia 8 do mesmo mês, em que foi recebido o novo ministro plenipotenciário dos Estados Unidos Mexicanos, sr. don Victoriano Salado Alvarez.

Agradecendo a V. Ex. essa sua obsequiosa comunicação, prevaleço-me do ensejo para lhe reiterar, Senhor Ministro, os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 24 SET. 1912 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 17

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 24 de setembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. os inclusos retalhos do *Imparcial* de hoje, contendo o importante discurso político do sr. presidente Madero, pronunciado num almoço por ele oferecido ao Congresso mexicano, durante as festas populares de Xochimilco.

Deste discurso, em que o presidente da república defende o seu governo de várias acusações que lhe são feitas, entre as quais a de debilidade e de desrespeito à soberania de alguns estados, destaca-se o seguinte trecho, bastante sugestivo na situação atual:

> Porque se um governo como o meu, que tem cumprido honradamente com suas promessas, que tem feito o que lhe permite a sua inteligência pelo bem da república, que chegou ao poder pelo voto quase unânime de todos os mexicanos, como jamais havia acontecido, se um governo assim não pudesse subsistir no México, senhores, deveríamos dizer que o povo mexicano não estava apto para a democracia, que necessitávamos outro novo ditador que viesse com sua espada cortar todas as ambições, sufocar todos os esforços que fazem os que compreendem que a liberdade só pode ser frutífera dentro da lei.

Aproveito esta oportunidade para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 04 OUT. 1912 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 18

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 4 de outubro de 1912.

Senhor Subsecretário de Estado,

Tenho a honra de acusar recebido o despacho telegráfico de V. Exa., datado de ontem, nestes termos:

"Peço informe onde está atualmente secretário Chermont".

E de confirmar a minha resposta de hoje pelo seguinte telegrama:

"Chermont aqui desde cinco agosto."

Aproveito o ensejo para reiterar-lhe os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Enéas Martins,
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO •16 OUT. 1912 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 19

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 16 de outubro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. os inclusos retalhos do *Imparcial* de hoje, contendo as razões do veto oposto pelo sr. presidente da república, Francisco I. Madero, ao projeto da Câmara dos Deputados, que aumenta de 50% os seus próprios subsídios.

Como V. Exa. verá, o sr. presidente da república, sem no fundo discordar do pensamento da Câmara, baseia-se em argumentos puramente constitucionais.

Não se pode esconder a péssima impressão produzida em todos os círculos por esse procedimento da Câmara, atentas às aflitivas condições do país, sendo grande a surpresa e maior a desilusão experimentada pelo público, ao ver esta primeira Câmara, eleita depois da revolução de 1910, levada a cabo para

dar à nação um regime de liberdade e de verdadeiros princípios republicanos, reunir-se em sessão secreta, pouco depois de constituída, para tomar a aludida deliberação a pretexto de manter a sua independência do Poder Executivo.

Alegam os defensores do projeto que esse é o meio de poderem alguns deputados e senadores abrir mão de outros cargos que desempenhavam cumulativamente, como de fato alguns já fizeram, mas não é menos certo que isto pouco ou quase nada atenuou o mau efeito do aumento do subsídio, de 250 para 500 pesos mensais, o que motivou até uma manifestação popular de protesto.

Aproveito esta oportunidade para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 22 OUT. 1912 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 18

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 22 de outubro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. os inclusos retalhos do *Imparcial* de hoje, contendo a resenha de uma entrevista que teve o repórter daquele jornal com o senador Victor Manuel Castillo, delegado mexicano à comissão de jurisconsultos.

Como V. Exa. se dignará ver, aquele delegado, além das informações sobre os trabalhos da comissão, referiu-se mui lisonjeiramente ao Brasil, mostrando-se reconhecido pelas atenções de que foi alvo.

Aproveito esta oportunidade para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 25 OUT. 1912 • AHI 221/01/05

N. 19

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de outubro de 1912.

Senhor Ministro,

Cabe-me confirmar o seguinte telegrama que tive a honra de passar a V. Exa. no dia 17 do corrente:

"Situação agravada general Díaz sobrinho antigo presidente sublevou-se tomou Vera-Cruz conivência guarnição parte Marinha. Presidente confiando Exército espera dominar."

Apesar da circular da 4ª seção, n. 28, de 22 de agosto último, acerca da expedição de telegramas, julguei necessário dirigir a V. Exa. o acima indicado por tratar-se de uma nova fase da revolução neste país, que poderia em poucos dias ter consequências da mais alta importância, e também por saber que em circunstâncias idênticas, em maio de 1911, havia esse ministério pedido notícias que lhe não tinham sido espontaneamente telegrafadas pela legação.

Com efeito, a princípio assumiu o levante do general Díaz as mais assustadoras proporções, pois tratando-se de um militar de grande preparo, honestidade e largas relações e influência no Exército, se bem que deste desde há algum tempo esteja retirado, além do prestígio que lhe dava o seu próximo parentesco com o antigo presidente, esperava-se geralmente que o movimento se propagasse de tal forma que o governo fosse impotente para dominar a situação. Demais, afirmava-se em todos os círculos que o general Díaz contava com promessas de adesão de grande parte do exército e que, por seus adeptos, conseguiria apoio bastante para causar ao mesmo tempo um pronunciamento nesta capital a fim de depor imediatamente o presidente Madero.

Tudo isto, porém, falhou de um modo inesperado: para começar, a Marinha, composta de cinco ou seis navios, cujos

comandantes desde o começo se puseram ao lado do general revolucionário, chefiada depois pelo comodoro Azueta – que, a princípio hesitante, conseguiu depois transportar-se para bordo do *Morelos*, e capitaneado cada um dos outros navios pelos seus imediatos – manteve-se, entretanto, numa situação senão de aberta hostilidade, pelo menos de expectativa, tanto que não tomou parte na ação, limitando-se a bombardear a fortaleza de S. Juan de Ullua para dominar uma sublevação de presos.

Devido à rigorosa censura do telégrafo – em Vera-Cruz, pelos revolucionários e, nesta capital, pelo governo – as notícias eram parcas e contraditórias, de modo que não havia meio de se conhecer exatamente a situação, nem saber definitivamente a atitude da Marinha, que o governo afirmava estar de seu lado, mas que todas as outras notícias, inclusive as recebidas pela embaixada americana, davam como partidária da revolução, exceto o navio *Morelos*.

O espírito público esteve em grande ansiedade, pela falta de notícias; os boatos alarmantes que surgiam a cada momento e, principalmente, o fato de aproveitarem-se os orozquistas e zapatistas das retiradas das forças federais de vários pontos, com destino a Vera-Cruz, para concentrarem-se e ameaçar a capital que, por sua vez, ficou pouco guarnecida: os bandos zapatistas levaram a sua audácia ao ponto de reunirem-se em grande número em Três Marias, a poucos quilômetros do centro desta cidade.

Felizmente, as prontas providências tomadas pelo governo e, sobretudo, a admirável fidelidade e disciplina do Exército, mostrou logo ao general Díaz que só podia contar com o 21º batalhão, com cuja conivência tomou Vera-Cruz, sendo que mesmo parte deste, no momento crítico, recusou obedecê-lo.

Assim, não foi difícil às forças federais, sob o comando em chefe do general Beltrán, depois das intimações e avisos do costume aos não combatentes, recuperar aquela importante cidade, após um combate de poucas horas, e aprisionar o chefe revoltoso e seus companheiros, exceto o coronel Díaz Ordaz, que conseguiu evadir-se.

Estavam no porto alguns navios estrangeiros para a proteção dos seus nacionais e não combatentes, mas mantiveram-se naturalmente inativos, sendo que dos americanos desembarcaram

médicos e ambulâncias para o tratamento dos feridos de ambas as parcialidades.

Neste momento estão correndo os respectivos processos, perante conselhos de guerra extraordinários, na própria praça recuperada, sendo para notar, que, prevendo os amigos do general Díaz sua condenação à morte, e bem assim a do major Zarate, requereram *amparo*, uma espécie de *habeas-corpus* preventivo, para que não seja levada a efeito a possível condenação, alegando não dever o general Díaz ser julgado militarmente, pelo fato de já não pertencer ao exército quando se revoltou.

A sufocação deste movimento, que poderia ter sido de extrema gravidade e de incógnitas consequências para o país, deu maior prestígio ao presidente Madero, que poderá agora empenhar-se com redobrado esforço na campanha contra as guerrilhas orozquistasno norte e os bandos de bandoleiros zapatistas em todo o país e principalmente nas proximidades desta capital.

O presidente, conforme declarou, considera-se forte para vencer qualquer movimento semelhante, tanto que, à Câmara dos Deputados, que lhe ofereceu a concessão de meios extraordinários para a pacificação do país, limitou-se a pedir a promulgação de uma lei restritiva dos abusos de imprensa, a cujas notícias alarmantes atribui grande mal e influência contrária à rápida consecução da paz; este pedido está acompanhado de uma exposição de motivos, que V. Exa. se dignará ver nos inclusos retalhos do *Diario* de ontem, como nos do *Imparcial* de 17, as declarações do presidente Madero ao rebentar o movimento capitaneado pelo general Díaz e o manifesto dirigido por este à nação.

À vista do triunfo do governo, pareceu-me bem felicitar o presidente Madero, o que fiz ontem.

Prevaleço-me desta oportunidade para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 28 OUT. 1912 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 20

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 28 de outubro de 1912.

Senhor Subsecretário de Estado,

Tenho a honra de acusar recebido, no dia 25 do corrente, o seguinte telegrama de V. Exa., da véspera:

> Para evitar notícias exageradas ou sem fundamento, comunico seguinte: na região despovoada entre Palmas, Porto União e Campos Novos, Miguel Fragoso, antigo revolucionário de Gumercindo, organizou troços gente que ultimamente tem inquietado regiões mais vizinhas. Apesar notícias dizerem tratar-se fanáticos obediente voz João Maria, apelidado o *Monge*, já falecido há meses e que se dizia profeta, taumaturgo e restaurador monarquia, sabe-se que são verdadeiros bandoleiros, pilhando o que podem, sob chefia Fragoso, que se faz passar por José Maria. Tendo ameaçado Curitiba, para ali foram mandadas forças, aproximação das quais bandoleiros seguiram leste, vindo invadir Paraná onde chegaram imediações Irati. Governo Paraná mandou trezentos homens sua polícia reconhecer terrenos e condições se encontra essa gente e sendo preciso dar-lhes caça. Na madrugada de 23 do corrente parte dessa força oitenta cavalaria e cinquenta infantaria foi surpreendida pelos bandoleiros em número superior a quinhentos homens e com boa cavalaria e no encontro, que durou até sete da manhã, foi desbaratada, morrendo comandante que era capitão do Exército João Gualberto que comandava polícia Paraná com posto estadual de tenente-coronel e dois outros oficiais. Assaltantes ficaram com uma metralhadora e armamento que força policial levava. No Paraná e Santa Catarina onde se receia agora ataque em localidades isoladas e distantes dos centros de recursos há alguma emoção. Acordo governos Paraná Santa Catarina Governo Federal já determinou movimento de forças em número suficiente para garantir tranquilidade região.

Só um jornal da tarde, *El Intransigente*, publicara no dia 24 (retalho anexo) uma pequena notícia nestes termos: "Houve um levantamento monárquico nos estados de Santa Catarina e Paraná, donde uma força rebelde de dez mil homens marcha para *Curity Banhos* com o fim de atacar as forças federais. Diz-se

que essa banda é composta de fanáticos dirigidos por um monge chamado Frei Agostinho, que prega a destruição da "República sem Deus" e o restabelecimento da monarquia, sendo pouco mais ou menos um movimento semelhante ao dirigido há alguns anos pelo Conselheiro nas províncias do Norte."

Esta notícia passou, provavelmente, desapercebida, no meio dos vários assuntos que ocupam neste momento a atenção pública mexicana, mas, estando esta legação informada da verdade, entendi-me com a redação daquele periódico, a quem forneci os dados necessários para a retificação, constante do retalho, também anexo, do dia 28.

Como V. Exa. verá, abstive-me de mencionar a parte do telegrama relativa ao encontro em que foi derrotada a força legal, por me parecer desnecessário tornar público um ponto a que ninguém aqui se referiu.

Fazendo votos pelo pronto restabelecimento da ordem na região perturbada, aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Enéas Martins
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 03 NOV. 1912 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 21

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 3 de novembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que no dia 30 de outubro fui ao Palácio Nacional com os demais colegas do corpo diplomático felicitar o presidente desta república, Francisco I. Madero, pelo seu aniversário natalício; nesta ocasião foi, como de costume, pronunciado pelo ministro de Espanha, don Bernardo J. de Cólogan, decano temporário, na ausência do embaixador americano, o discurso que V. Exa.

se dignará ver no retalho anexo do *Imparcial* de 31 do mês findo, seguido da resposta do presidente Madero e dos discursos trocados entre o mesmo e os representantes dos poderes Legislativo e Judiciário e do Exército.

Devo acrescentar que o ministro Cólogan, inaugurando uma nova praxe, muito bem aceita pelo corpo diplomático, convocara dias antes os chefes de missão aqui acreditados e submetera à sua apreciação o discurso que havia composto e que teve o assentimento de todos. Leu então o ministro Cólogan o seu discurso em francês, declarando que o traduziria em espanhol para a circunstância. Neste momento, o ministro de França, sr. Paul Lefaivre, seguindo, como disse, o modo de agir de todos os representantes do seu país em ocasiões análogas, sugeriu que, sendo a língua francesa a adotada para as manifestações coletivas do corpo diplomático, e estando o discurso perfeitamente redigido nessa língua, não lhe parecia necessário traduzi-lo em espanhol.

A isto respondeu o ministro Cólogan, que, conquanto reconhecesse a razão que tinha o ministro de França ao fazer esse reparo, preferia pronunciar o seu discurso em espanhol, não só para, como decano interino, não parecer querer dar uma lição ao efetivo, que sempre pronunciara os seus discursos em inglês, como porque falando ele a própria língua do país, aliás entendida por todos, lhe parecia mais cortês exprimir-se nela, podendo mesmo parecer estranho que não o fizesse.

Depois de uma amistosa troca de ideias entre todos nós, assentou-se que, atentas as circunstâncias e ficando de pé o princípio lembrado pelo ministro de França quanto à língua francesa, falasse o decano provisório em espanhol.

Antes de terminar, devo também pedir a preciosa atenção de V. Exa. para o discurso dos representantes do Poder Judiciário e a resposta, que é bastante significativa, depois do *habeas-corpus* concedido pelo Supremo Tribunal, que suspendeu a execução da sentença de morte proferida pelo Conselho de Guerra Extraordinário de Vera-Cruz contra o chefe revolucionário general Díaz e seus partidários imediatos. Às várias comissões, inclusive, uma de senhoras, que lhe foram pedir o perdão dos culpados, o presidente opusera uma recusa formal.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 06 NOV. 1912 • AHI 221/01/05

4ª Seção / N. 17

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 6 de novembro de 1912.

Senhor Ministro,

De acordo com as ordens em vigor, tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. As terceiras vias dos recebidos enviados à Delegacia do Tesouro do Brasil em Londres, referentes aos meus vencimentos e aos do 1º secretário, Sr. E. L. Chermont, no mês de outubro, ao da importância destinada ao pagamento do expediente desta legação nesse mesmo mês, ao de dois telegramas dirigidos a esse ministério de estado em 4 e 14 de outubro e, finalmente, ao da minha gratificação de residência na América, desde 26 de agosto até 31 de outubro, a razão de dois contos anuais.

Aproveito o ensejo para renova a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 08 NOV. 1912 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 22

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 8 de novembro de 1912.

Senhor Ministro,

Em adiamento ao meu ofício desta série n. 19, de 16 outubro

último, tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que a câmara dos deputados, rejeitando o veto oposto pelo presidente Madero, mandou promulgar a lei que aumento de 50% os subsídios dos deputados.

Aproveito esta oportunidade para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 09 NOV. 1912 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 21

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 9 de novembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa., nos inclusos retalhos do *Imparcial* de 7 do corrente, uma exposição de motivos do Ministro da Fazenda, Sr. Ernesto Madero, acompanhando o pedido que faz a Câmara dos Deputados, de autorizar o poder executivo a dispor de uma quantia que não exceda de dois milhões de pesos, tirados das reservados do Tesouro, a fim de fazer empréstimos a vários estados, pelo prazo máximo de quatro anos, no intuito de habilitá-los a satisfazer seus compromissos nacionais e estrangeiros.

São dignas de especial referência nesta mensagem a transcrição e considerações relativas a proibição para os estados de contrair empréstimos por sua conta, a responsabilidade que, de tais operações realizadas antes daquela proibição, pode recair sobre a União e as más consequências que resultariam para o crédito e as finanças nacionais.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 21 NOV. 1912 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 22

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 21 de novembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa., em separado, três exemplares duplicados do *Boletim Oficial de la Secretaría de Relaciones Exteriores*, correspondentes aos meses de maio, junho e julho do corrente ano.

Aproveito esta oportunidade para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 22 NOV. 1912 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 23

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 22 de novembro de 1912.

Senhor Ministro,

Nos inclusos retalhos do *Imparcial*, de hoje, tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. o texto completo do importante discurso pronunciado pelo presidente Madero durante o banquete por ele oferecido aos membros dos poderes legislativo e judiciário, de acordo com as determinações do protocolo mexicano.

Chamaram a atenção e foram muito comentadas as ásperas referências à imprensa e a má influência que aos seus excessos atribui o presidente, contrária à obra de pacificação do país.

Vem a propósito acrescentar, referindo-me à parte final do meu ofício desta série, n. 19, de 25 de outubro, que, à vista da oposição levantada nos jornais pela proposta do governo às câmaras de uma lei de repressão dos abusos da imprensa, resolveu o mesmo governo retirá-la. Isto, porém, não quer dizer que o assunto fique esquecido, pois, segundo se afirma, será discutido um projeto anteriormente apresentado à câmara dos deputados por um dos seus membros.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 25 NOV. 1912 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 23

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de novembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que recebi da Embaixada do Brasil em Washington o seguinte telegrama, datado de hoje:

> Transmito ordem Ministério seguinte telegrama: Ontem tarde Senhora Hermes Fonseca atacada acesso uremia com derrame cerebral. Noite não apresentou melhoras sensíveis. Prognóstico reservado estado grave.

Agradecendo esta comunicação, que muito me consternou, rogo a V. Exa. se digne transmitir ao sr. presidente da república os mais sinceros votos do pessoal desta legação pelo breve e pronto restabelecimento da sua virtuosa esposa.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 26 NOV. 1912 • AHI 221/1/05

1ª Seção / N. 24

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 26 de novembro de 1912.

A Sua Excelência o Senhor Subsecretário de Estado das Relações Exteriores tem a honra de cumprimentar respeitosamente o Ministro do Brasil no México e roga se sirva mandar fazer a seguinte correção, que antecipadamente agradece, nos ofícios desta legação à 1ª. Seção, n. 19, de 16 de outubro, e 22, de 8 do corrente: onde se diz em ambos: "que aumenta de 50%....." leia-se "que aumenta de 100%."

❖

OFÍCIO • 29 NOV. 1912 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 25

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 29 de novembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa., que havendo o sr. Flores Magón renunciado o seu cargo de ministro de *Gobernación*, foi nomeado para substituí-lo o sr. Rafael Hernandez, que por sua vez deixou o seu posto de ministro de *Fomento*. Para dirigir esta última pasta foi nomeado o sr. Manuel Bonilla, sendo substituído na de *Comunicaciones*, que exercia até agora, pelo sr. Jaime Garza, ex-subsecretário de Fazenda e Crédito Público.

Das cartas do sr. Flores Magón e do sr. Pedro Lascurain, ministro das Relações Exteriores, publicadas nos retalhos anexos

do *Imparcial*, de 26 e 27 do corrente, constam os motivos da renúncia do primeiro.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 02 DEZ. 1912 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 26

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 2 de dezembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber da embaixada em Washington, o seguinte telegrama de 30 de Novembro:

"Ordem ministério comunico triste notícia falecimento esta manhã senhora Hermes Fonseca."

Levei oficiosa e verbalmente a notícia ao conhecimento do ministro das Relações Exteriores, don Pedro Lascurain, que teve a amabilidade de vir ontem com sua senhora fazer-me uma visita de pêsames e nesta ocasião disse-me haver transmitido a triste notícia ao presidente Madero.

Rogo a V. Exa. se digne confirmar a Sua Excelência o sr. Marechal Hermes da Fonseca, os meus sentidos pêsames manifestados por telegrama.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 05 DEZ. 1912 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 23

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 5 de dezembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que ontem se ausentou desta capital o ministro das Relações Exteriores, sr. Pedro Lascurain, em viagem para os Estados Unidos da América, deixando em seu lugar no ministério a d. Julio Garcia, no caráter de subsecretário, encarregado do despacho,

Apesar de geralmente atribuírem-se fins políticos a essa viagem, o sr. Lascurain os nega, assegurando que ela é simplesmente de repouso e recreio para aproveitar as suas férias regulamentares.

Prevaleço-me da oportunidade para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 14 DEZ. 1912 • AHI 221/01/05

3ª Seção / N. 7

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 14 de dezembro de 1912.

Senhor Subsecretário de Estado,

Tenho a honra de acusar recebido o despacho desta série, nº. 3, de 31 de outubro próximo passado, com o qual se serviu V. Exa. remeter-me o decreto de 9 do mesmo mês exonerando, a pedido, o sr. Otto Theil do cargo de cônsul do Brasil no México.

Segundo foi esta legação informada o sr. Theil faleceu durante a viagem que empreendera pela América do Sul.

Cumprindo as ordens de V. Exa. remeti o referido decreto ao vice-cônsul sr. Carl Heynen, que acaba de ser oficialmente autorizado pelo governo mexicano a exercer as suas funções,

conforme o documento que me enviou o ministro das Relações Exteriores d. Pedro Lascurain com a sua nota de 4 do corrente.

Aproveito a ocasião para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Enéas Martins
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 20 DEZ. 1912 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 27

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 20 de dezembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. os inclusos retalhos do *Diario*, de hoje, contendo uma notícia, em termos agradáveis para o Brasil sobre a recepção feita aos oficiais e tripulantes da canhoneira mexicana *Morelos* no porto do Ceará.

Aproveito a oportunidade para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 21 DEZ. 1912 • AHI 221/01/05

Índice: Visita do dr. Oliveira Botelho ao México.

1ª Seção / N. 28

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 21 de dezembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que aqui esteve de visita ao México o conhecido médico brasileiro

dr. J. A. de Oliveira Botelho que partiu ontem para Guatemala e Chile, em caminho para o Brasil.

O dr. Botelho foi recebido e constantemente acompanhado nesta capital pelo seu colega e amigo, a quem havia escrito prevenindo de sua chegada, o eminente cientista e reputado clínico, professor Jesús Monjarás, ex-diretor da higiene pública, com o qual mantenho também excelentes relações; de modo que completamente absorvido pelo interesse científico e a curiosidade de viajante, manifestou-me repetidas vezes quanto se sentiu satisfeito de sua curta passagem pelo México e grato ao bom acolhimento que lhe foi dispensado.

Efetivamente como V. Exa. verá pelos inclusos retalhos do *Diario* de 14, e o *Imparcial* de 14, 15 e 20 do corrente e pela cópia de uma delicada carta que me dirigiu o prof. Sáuchy, diretor do Hospital Geral, a quem respondi agradecendo, o dr. Oliveira Botelho conseguiu ter a palavra no caráter de médico estrangeiro no Congresso Científico Mexicano para corroborar as lisonjeiras expressões com que se referiu ao Brasil a senhora Jeanne Roux a propósito do êxito conseguido pelo nosso governo na civilização dos indígenas, sendo por proposta sua concedida pelo Congresso em aplauso ao Brasil pelos importantes resultados obtidos em tão pouco tempo; realizou, na sábia Sociedade Escobedo, uma conferência sobre a tuberculose infantil, a que assisti acedendo ao instante convite do prof. Eduardo Liciago [*ilegível*] higienista mexicano e presidente honorário da mesma sociedade; e finalmente, praticou no Hospital Geral com bom resultado e pela primeira vez no México a operação da pneumotórax artificial para a cura do tísico cavernoso.

Esta operação, afirmou-me o professor Monjarás, foi assistida e acompanhada com grande interesse por vários médicos mexicanos, achando-se o doente, senão curado, pelo menos notavelmente melhorado.

Aproveito o ensejo para renovar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 24 DEZ. 1912 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 24

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 24 de dezembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. um incidente internacional, que acaba de vir a público, relativo à atitude do México para com as repúblicas da América Central. É o caso que o governo da do Salvador, considerando que constituía uma violação do território da Nicarágua o recente desembarque de forças norte-americanas para bater os revolucionários neste último país, dirigiu há pouco tempo ao governo mexicano uma nota, pedindo a opinião deste acerca do protocolo de paz firmado em Washington, em 1906, pelas repúblicas da América Central, por mediação dos Estados Unidos da América e do México, a fim de que fique definida a atitude futura destes dois países no tocante àquelas repúblicas.

Em resposta, declarou o ministro das Relações Exteriores que, ao ver do governo do México, o referido protocolo de Washington não lhe dá direito, nem tampouco lhe impõe a obrigação de intervir pela força nos negócios centro-americanos.

Nos inclusos retalhos do *Imparcial* de ontem e do *Mexican Herald* de hoje, encontrará V. Ex. notícias do caso e bem assim os textos das mencionadas notas.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 24 DEZ. 1912 • AHI 221/01/05

3ª Seção / N. 8

Legação dos Estados Unidos do Brasil

México, 24 de dezembro de 1912.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. nos inclusos retalhos do *Mexican Herald* de 21 e 23 do corrente, dois artigos editoriais intitulados respectivamente "*Pratical Enterprise*" e "*Germans in Brazil*" acerca da colonização alemã em nosso país.

Como V. Exa. se dignará ver, em primeiro se transcreve parte de uns artigos do sr. G. T. Whitfield Hayes e de um brasileiro, no *London Spectator*, rebatendo a absurda sugestão de um correspondente daquele jornal de que a Inglaterra deveria permitir que a Alemanha conquistasse e anexasse o Brasil, como um meio de se livrar da sua rivalidade, ao passo que no segundo, a propósito do mesmo assunto, se fornecem interessantes dados sobre a colonização e o comércio da Alemanha e da Grã-Bretanha no Brasil.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

1913

OFÍCIO • 02 JAN. 1913 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 1

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 2 de janeiro de 1913.

Senhor Ministro,

Nos inclusos retalhos do *Imparcial* de hoje, tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. os textos dos discursos pronunciados ontem no Palácio Nacional, por ocasião da recepção oficial do 1º do ano, pelo ministro de Espanha, sr. Bernardo Cólogan, decano temporário do corpo diplomático na ausência do embaixador americano, e pelo presidente da república, sr. Francisco I. Madero.

O discurso do sr. Cólogan foi previamente submetido ao corpo diplomático, que o aprovou.

Prevalecendo-me da ocasião para pedir a V. Exa. se digne aceitar os sinceros votos que faz o pessoal desta legação pela felicidade de V. Exa. no presente ano, tenho a honra de reiterar-lhe os pretextos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 18 JAN. 1913 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 1

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 18 de janeiro de 1913.

Senhor Subsecretário de Estado,

Cumpre-me acusar recebido o despacho desta série, n. 8, de 14 de novembro do ano próximo findo, com o qual V. Exa. se serviu remeter-me, a fim de fazer chegar ao seu alto destino, as cartas, acompanhadas das respectivas cópias do estilo, pelas quais S. Exa. o senhor Presidente da República responde à credencial do sr. d. Victoriano Salado Alvarez, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário dos Estados Unidos Mexicanos junto

ao governo dos Estados Unidos do Brasil e à revocatória do seu antecessor o sr. dr. Manoel Barreiro.

Foi imediatamente cumprida a ordem de V. Exa., a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Enéas Martins
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 20 JAN. 1913 • AHI 221/01/05

Índice: Mudança da chancelaria.

4ª Seção / N. 2

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 20 de janeiro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, pelas razões em seguida expostas, tive imprescindível necessidade de transferir a chancelaria da legação do apartamento em que se achava para o andar térreo do prédio situado na 6ª Calle de Londres, 104, uma das principais avenidas de um dos melhores bairros desta capital, muito perto da embaixada americana e das outras legações.

Os cômodos em que se achava a chancelaria, se bem que suficientes, eram demasiado frios, além de desconfortáveis pelo fato de só haver uma única sala mobiliada, que servia ao mesmo tempo de casa de trabalho e de recepção para o ministro e o secretário, ficando os outros cômodos vazios, o que produziu mau efeito, tanto que o primeiro secretário, sr. Chermont, quando encarregado de negócios e estando aqui sozinho, já se preocupava com uma pequena reforma dos poucos móveis da chancelaria, como se vê da sua correspondência. Em rigor, poderiam continuar as coisas como até estão, se não fossem os estragos sofridos pela casa com o último terremoto de 19 de novembro, que tornavam inquietante a estadia naqueles aposentos. Em tais condições, tomei a resolução de transferir a chancelaria para esta casa, onde ela se acha instalada com muita decência e conforto, pois dispõe de um vestiário com

lavatórios etc, uma sala de espera, um salão de visitas e um gabinete para o ministro (todas estas peças bem mobiliadas), comunicando imediatamente com uma sala para o secretário (onde se acha o único mobiliário de que dispomos), e mais um quarto para depósito de papéis, e aposentos para a moradia do porteiro. Além destas comodidades, já habitando eu o primeiro e o segundo andar do mesmo prédio, com entrada independente, a mudança trouxe a inestimável vantagem de ficar toda a propriedade pertencendo à legação e, portanto, não só a moradia do ministro, como a chancelaria, sob a proteção do escudo e da bandeira e gozando também ambas da vigilância da polícia que o governo mexicano fornece a cada legação para a sua segurança, o que é de máxima importância nas péssimas condições em que se encontra o país, de que V. Exa. está informado; ao passo que, longe como estavam uma da outra, ou a moradia do ministro ou a chancelaria teria de ficar desamparada em qualquer grave emergência. Por estes mesmos motivos estão igualmente juntas nos mesmos prédios a embaixada americana e todas as demais legações e suas chancelarias.

Cabe-me acrescentar que o contrato de aluguel é de quatro meses fixos, podendo continuar indefinidamente e terminar a qualquer tempo, mediante um mês de aviso, e que sendo aluguel de 133 pesos mensais pagos adiantados, e o ordenado do porteiro 50 pesos, a verba votada cobre exatamente as despesas, correndo os gastos de luz, aquecimento etc., pela verba do expediente.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 21 JAN. 1913 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 2

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 21 de janeiro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. os inclusos quatro índices dos ofícios ostensivos e um de reservados, dirigidos por esta legação às diferentes seções dessa secretaria, durante o ano de 1912.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 21 JAN. 1913 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 2

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 21 de janeiro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a V. Exa. os inclusos retalhos do *Nueva Era* de ontem, sob os títulos "El sr. C. H. Sherrill y la intervención de los Estados Unidos en México" e "Una nueva política de los Estados Unidos en Sud América".

No primeiro se resume um importante discurso pronunciado no Midday Club em Nova York, pelo sr. Charles H. Sherrill, ex-ministro americano na República Argentina, sobre a doutrina Monroe e as relações entre os Estados Unidos e as repúblicas sul-americanas, e no segundo transcreveu-se os longos e interessantes comentários feitos pelo *Evening Post* daquela cidade, em sua edição de 9 do corrente.

Versou principalmente o discurso sobre a necessidade para os Estados Unidos de compreender melhor os sentimentos que predominam nos países da América do Sul e de iniciar uma política de solidariedade e confiança, tornando-os participantes das responsabilidades decorrentes da doutrina de Monroe, que assim será continental e não unilateral, que é o que, na opinião do orador, constitui o seu grande defeito e, firme nestas ideias, se

exprimiu francamente o sr. Sherrill, contra o que denominou "o hábito de intervenção", chegando a sugerir que, se se verificasse a hipótese de uma intervenção americana no México, se pedisse a cooperação do Brasil e da Argentina. A este respeito, não esqueceu de citar a tríplice mediação entre o Peru e o Equador. O fato de haver o orador recebido telegramas de congratulações do presidente Taft, do secretário de Estado Knox, de várias personalidades influentes na política e das muitas câmaras de comércio e universidades mencionadas na aludida notícia, dá grande importância a este discurso e realce ao assunto.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[3] • 28 JAN. 1913 • AHI 221/01/05

Índice: Nomeação de agentes consulares no México

3ª Seção / Nº. 2

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 28 de janeiro de 1913.

Senhor Ministro,

Achando-se vago o cargo de cônsul do Brasil no México, por ter dele pedido exoneração o respectivo serventuário, sr. Otto Theil, e satisfazendo o pedido do sr. Carl Heynen, vice-cônsul agora em exercício, pedido que me parece conforme às conveniências do serviço, por tratar-se de pessoa idônea, tenho a honra de propor a V. Exa. a elevação desse funcionário àquele posto.

No caso de ser atendido, creio ser de grande utilidade estender a sua jurisdição a todo o país, a fim de que possam ser por ele nomeados com prontidão os demais agentes consulares

3 Colada entre o cabeçalho e o vocativo, minuta em papel timbrado da "Diretoria Geral dos Negócios Estrangeiros e Consulares". A minuta em questão vem transcrita como anexo.

que sejam precisos. Não é a simples previsão de uma necessidade remota que assim me faz afirmar, mas a conveniência de resolver alguns casos urgentes, tais como, por exemplo, a nomeação, já recomendada por este ministro e que por vários motivos tem estado suspensa, de um vice-cônsul em Salina-Cruz. Demais, como V. Exa. verá pela cópia inclusa de uma carta da Companhia Mexicana de Petróleo El Aguila, S.A., ela sugere a nomeação de agentes consulares brasileiros nos portos de Tampico e Tuxpán pelos quais pretende iniciar brevemente um comércio de exportação de petróleo para o Brasil, não sendo também sem interesse a designação de outro agente em Porto México, sugerida pelo vice-cônsul Heynen.

Não havendo, porém, presentemente no México autoridade consular brasileira competente para fazê-las, pois a jurisdição do vice-cônsul nesta capital abrange apenas o Distrito Federal e a do vice-cônsul em Vera-Cruz somente a este posto, parece-me ser urgente a aceitação da minha proposta quanto ao sr. Heynen que, por sua vez, nomearia os vice-cônsules para os postos apontados, sendo então conveniente autorizá-los a exercer interinamente suas funções, mediante as respectivas formalidades.

Prevendo, porém, o caso de que V. Exa. prefira criar desde já os vice-consulados e nomear os respectivos serventuários, submeto à consideração de V. Exa. os seguintes candidatos:

Para vice-cônsules: - em Tampico, estado de Tamaulipas, o sr. Friedrich W. Wolf, alemão, de 30 anos de idade, empregado e procurador da firma Heynen, Eversbusch e Cª; - em Tuxpán, estado de Vera-Cruz, o sr. John Speedie, escocês, de 24 anos de idade, superintendente marítimo da Companhia de Petróleo "Aguila"; - em Puerto México, estado de Vera-Cruz, o sr. Cesar Barthmann, alemão, de 33 anos de idade, representante da Hamburg America Linie; e em Salina-Cruz, estado de Oaxaca, o sr. Jarvas Jeffries, americano, de 63 anos de idade, empresário construtor. Todos estes senhores foram-me recomendados pelo vice-cônsul Heynen.

Aguardo as determinações de V. Exa., a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

Nomeação do cônsul no México e criação de outros vice-consulados.

No ofício n. 2, de 28 de janeiro último, o ministro do México propõe a nomeação do atual vice-cônsul para o cargo de cônsul e pensa ser de grande utilidade estender a sua jurisdição a todo o país.

Lembra também a conveniência do estabelecimento de vice-consulados em Tampico, Tuxpan, Puerto-México e Salina-Cruz, e apresenta para os novos cargos, respectivamente, os srs. Friedrich W. Wolf, John Speedre, Cesar Barthmann e o sr. Jarvas Jeffries, os quais foram indicados pelo vice-cônsul Carl Heynen.

Nada tenho a opor a essas propostas.

2ª Seção, 10 de junho de 1913.
Gregório P. do Amaral

Parece-me que o proposto pode ser aceito.
[*rubrica ilegível*]

❖

OFÍCIO • 30 JAN. 1913 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 3

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 30 de janeiro de 1913.

Senhor Ministro,

Desde a viagem aos Estados Unidos do sr. Pedro Lascurain, ministro das Relações Exteriores, de que dei parte a V. Exa. em meu ofício deste série, n. 23, de 5 de dezembro próximo passado, têm sido numerosos os boatos alarmantes não só quanto a vários fins atribuídos a essa viagem, como às intenções do governo americano de intervir definitivamente nos negócios mexicanos, ou pelo menos, de fazer forte pressão sobre o presidente Madero para a pronta consecução da paz, indispensável à garantia da vida

dos cidadãos americanos, e estrangeiros em geral estabelecidos no país, e dos seus interesses. Entre outros meios para isto imaginados falou-se com insistência no reconhecimento pelos Estados Unidos da beligerância dos revolucionários.

Nada disso, porém, ainda se realizou, mas o fato de haver o sr. Lascurain – que afirmara ser a sua viagem de simples recreio e repouso – realizado conferências com o presidente Taft e seu secretário de Estado, e voltado ao México acompanhado pelo antigo diplomata americano Lloyd Griscom, a cuja presença neste país não se deu até hoje explicação de todo satisfatória, coincidindo com a volta a seu posto do embaixador americano, Lane Wilson, que se achava em gozo de licença, faz crer que há algum fundo de verdade nos boatos espalhados. De modo que, apesar das declarações feitas pelo ministro Lascurain aos representantes da imprensa e ao Senado, em sessão secreta, sobre o bom pé e a cordialidade das relações entre os governos de Washington e do México, o público em geral não se deixa convencer e a opinião mais corrente é que há, da parte dos Estados Unidos, qualquer pressão ou exigência de que se procure por todos os modos obter a paz, a fim de que eles não se vejam obrigados a procedimentos mais enérgicos, para a garantia dos seus nacionais. Efetivamente, não obstante as afirmações oficiais em contrário, a revolução no norte e em diversos estados está forte e os zapatistas se têm ultimamente desenvolvido e se comportado de modo assustador. A sua audácia não tem limites; e, além das diárias tropelias e crueldades em vários pontos, cada vez mais se aproximam desta capital, de cujos arredores imediatos podem ser vistos nas montanhas e povoações adjacentes. Há poucos dias estiveram ameaçando o arrabalde de San Angel, a 15 milhas da cidade e um dos pontos prediletos de passeio da melhor sociedade da capital. Anteontem, pela terceira vez este mês, cortaram à bala os fios elétricos que fornecem luz e força motriz à capital, deixando-a por muitas horas paralisada nos seus trabalhos e sepultada nas trevas. Isto prova que a vigilância e as forças de governo, muito embora os seus visíveis e louváveis esforços, não são bastantes para pôr cabo à liberdade de movimento dos bandidos, que de um momento para outro podem causar atrozes surpresas aos pacíficos habitantes desta grande cidade. Cada um trata de precaver-se para a própria defesa, em caso de necessidade.

Não deve escapar à atenção, como bastante sintomático, o fato da presença, em Vera-Cruz e Acapulco, dos navios de guerra *Wheeling* e *Denver* para ali mandados pelo governo de Washington a fim de proteger os cidadãos americanos seriamente em perigo naquelas regiões, segundo as informações do embaixador Wilson e dos vários cônsules americanos.

Este gravíssimo estado de convulsão e anarquia levou o governo a entabular negociações de paz com os rebeldes do norte, durante um armistício de cinco dias, negociações que, infelizmente, segundo as notícias de hoje, não tiveram êxito. Igual resultado prevê-se para as que estão tendo lugar entre o chefe Zapata e gente do governo. Destarte, o movimento é angustiante para este infeliz país, pois que, sendo aliás a paz um anelo geral, é impossível ver de pronto como consegui-la, pois os rebeldes declaram não deporão as armas sem a deposição do presidente Madero e do seu governo, ao passo que este, segundo as declarações feitas pela imprensa, só está disposto a conceder-lhes anistia e emprego nos corpos rurais. Qual será depois disto o procedimento dos Estados Unidos? É esta a ansiosa pergunta que faz a gente sensata.

De tudo o que acabo de relatar encontrará V. Exa. circunstanciadas notícias nos retalhos anexos em duplicata do *Imparcial* de 16, 17 e 18 e do *Mexican Herald* de 20, 22, 28 e 29, todos do corrente mês, e do que mais se for passando não me descuidarei de informar V. Exa. a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 07 FEV. 1913 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 4

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 7 de fevereiro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. os inclusos retalhos do *Mexican Herald* de 4, do *Imparcial* de 5 e 6, da *Nueva Era*, de 5 e do *Diario* de 6 do corrente mês, contendo notícias comentadas do singular incidente parlamentar, que assumiu as proporções de um verdadeiro escândalo diplomático, motivado pelo fato de haver o sr. Manoel Calero, ultimamente exonerado a seu pedido do cargo de embaixador mexicano nos Estados Unidos, declarando em pleno Senado, de que faz parte, que esteve mentindo durante dez meses ao governo americano no tocante a uma pronta pacificação do seu país e que para desempenhar sua missão diplomática teve de vestir um dominó e pôr uma máscara.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 25 FEV. 1913 • AHI 221/01/05

Índice: Revolução na capital do México. Queda do presidente Madero.

2ª Seção / N. 5

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de fevereiro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me a meu ofício desta série, n. 3 de 30 de janeiro último, tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que passei a V. Exa., sendo os dois primeiros cifrados.

> FEVEREIRO, 15 – Revolução capital desde nove. Selvagem bombardeio sem respeito bairros estrangeiros apesar de esforços corpo diplomático. Legações sem proteção, expostas todo perigo. Nossa atingida várias balas; reclamei. Governo resiste energicamente. Difícil prever resultado, consequências. Estados Unidos dispostos mandar navios tropas proteção legações caso extremo.

> fevereiro, 19 – Golpe de estado militar ontem, general Huerta, chefe forças legais prendeu presidente, que recusa renunciar. Acordo brigadeiro Félix Díaz, chefe revolução capital, formaram governo militar, prometendo legalizar situação dentro 72 horas, intermédio câmaras. Exceto instruções Vocência, procederei acordo corpo diplomático.
>
> fevereiro, 20 – Presidente Madero vice-presidente renunciaram. General Huerta presidente provisório formas legais. De la Barra ministro Exterior. Ordem restabelecida.

Cabe-me agora relatar os tristes fatos, que motivaram estes telegramas e se desenrolaram nesta capital, durante o período de tempo já popularmente qualificado de "Dezena Trágica".

A situação política era de tal modo tensa e delicada; as paixões mostravam-se tão exacerbadas e o ânimo público chegara a tal excitação e desassossego que tudo demonstrava estarem-se preparando grandes acontecimentos. Efetivamente, obedecendo a planos previamente combinados, na madrugada de nove do corrente, os aspirantes da escola de Tlalpan, unidos a outras tropas, entraram sublevados nesta capital e desarmaram os policiais que encontraram pelo caminho; foram às prisões onde se achavam o general Bernardo Reyes e o brigadeiro Félix Díaz, aos quais soltaram, pondo-se ambos à testa dos revolucionários. O primeiro fora chefe de uma revolução anterior e estava respondendo ao respectivo processo; o segundo, condenado à morte pelos recentes sucessos de Vera-Cruz, fora transferido para a penitenciária, onde esperava a solução dos recursos interpostos. Foi por eles tomado o Palácio Nacional, retomado logo depois pelas forças leais, após breve combate, durante o qual foi morto o general Reyes. Retrocedeu então o brigadeiro Díaz e foi com suas tropas atacar a Cidadela, espécie de arsenal, situado no coração da cidade, contendo uma fábrica de armas e depósitos de canhões, fuzis e todas as munições do governo. Sem que se possa bem explicar como o conseguiu, tomou-a em 25 minutos, depois de breve tiroteio, ficando assim em uma situação fortíssima pelos inúmeros meios de defesa, que logo estabeleceu, e muito superior ao governo pela grande quantidade de armamento e munições, além de ocupar pontos que desde o princípio foram considerados inexpugnáveis.

Neste ínterim, o presidente Madero, avisado nas primeiras horas do dia, deixara a sua residência no Castelo de Chapultepec, dando mostras de uma energia indomável e rara coragem, e, guardado apenas por alguns alunos da Escola Militar, atravessara toda a cidade e se achava no Palácio Nacional, rodeado dos seus ministros e das altas autoridades militares que lhe ficaram fiéis. Assim se mantiveram as coisas até à tarde, sendo infrutíferas as negociações entre as duas partes para chegar a um acordo, pois os revolucionários exigiam a renúncia do presidente e este firmemente a recusava. Foram também sem resultado as gestões do corpo diplomático, reunido na embaixada, não só para impedir o anunciado bombardeio da cidade durante o combate entre o Palácio Nacional e a Cidadela, como para que se limitassem as linhas de fogo de tal maneira que fossem respeitadas as legações, os bairros estrangeiros e em geral os não combatentes. Para esse fim mandaram-se comunicações ao presidente Madero e ao brigadeiro Díaz. Tratou igualmente o corpo diplomático de obter que ambas as partes contribuíssem para a manutenção da ordem e a proteção das legações, o que não teve êxito, pois o governo, interrogado, respondeu apenas que faria o que fosse possível. Por seu lado o brigadeiro Díaz, que por um emissário nos mandara dizer estar senhor da situação, pretendendo até que para evitar derramamento de sangue o corpo diplomático obtivesse a renúncia do presidente, acabou por declarar pelo mesmo emissário não poder assumir a responsabilidade da manutenção da ordem, pois tinha tropas apenas para sua defesa e não podia contar com uma severa disciplina. Repeliu o corpo diplomático por unanimidade a ideia de intervir na política interna do país, aconselhando o presidente no sentido desejado, e ao brigadeiro Díaz respondeu o embaixador tornando-o pessoalmente responsável pelo que pudesse acontecer. Sabia-se e foi confirmado pelo mesmo emissário, que o brigadeiro Díaz tinha convidado o governo a agir junto com ele na manutenção da ordem e que o presidente Madero mandara o chefe de polícia, López Figueiroa, como parlamentário, entender-se para tal fim com o chefe revolucionário. Este, porém, exigira que para isto a polícia fosse posta às suas ordens e, à vista da recusa do major Figueiroa, que propôs continuar ela neutral para o fim aludido, o brigadeiro Díaz, contra as regras da guerra, fê-lo o prisioneiro e assim o conservou até o fim! Releva notar que as forças policiais,

quer de infantaria, quer de cavalaria, tinham-se em grande parte passado para o lado dos revolucionários, estando o resto desarmado pelos aspirantes, ou chamado a combater nas fileiras do governo. De modo que a cidade ficou absolutamente sem vigilância e as legações sem a mínima proteção, todos expostos a uma invasão dos bandidos zapatistas, que se poderiam aproveitar do ensejo para as suas cruéis tropelias, e à fúria da população, quando faminta, pela escassez e carestia das provisões ou exaltada pelo pulque, se entregasse a desatinos e saqueios. Procurando de alguma maneira impedir tais desastres, mandava o governo, por sugestão do corpo diplomático, distribuir pão aos pobres e fechar os botequins em que se vendia o pulque. Aliás devo desde já dizer que felizmente nenhuma dessas previsões se realizou, tendo-se comportado o povo de uma maneira admirável pela sua cordura e nenhuma animosidade contra os estrangeiros, inclusive americanos. Ao contrário do que se podia esperar nesta tristíssima emergência, foram as classes populares as únicas que se mostraram civilizadas.

Retomando, porém, o fio da narrativa, no mesmo dia 9 foram, por ordem do governo, sumariamente fuzilados no Palácio Nacional, o general Gregório Ruiz e alguns outros oficiais rebeldes, pouco antes aprisionados. Pela noite, depois de entregar ao general Victoriano Huerta o comando em chefe das forças leais, partiu às ocultas o presidente Madero, acompanhado de poucos amigos, em um automóvel, para Cuernavaca, onde se diz ter ido conferenciar com o general Angeles, seu homem de confiança, para trazê-lo com suas tropas. A outra versão é que foi conseguir do chefe dos zapatistas, Emiliano Zapata, mediante a soma de 100.000 pesos, que não viesse engrossar as fileiras de Félix Díaz. Seja como for, volveu o presidente Madero na madrugada seguinte para o Palácio Nacional, onde se conservou até o fim da luta.

Assim, guardadas as posições do governo e dos rebeldes, e no meio do maior pânico da população, para a qual o próprio recurso da retirada da cidade era muito arriscado, infestados de bandidos como se acham os seus arredores, rompeu no dia 11 e prolongou-se nos dias seguintes, sem prévio aviso, o combate entre o palácio e a Cidadela, e nas ruas, constituindo um tremendo, desacertado e selvagem bombardeio de toda a cidade, sem respeito a ninguém e a nada, pois as granadas, as balas de canhão de tiro rápido, de metralhadoras e fuzilaria, choviam por toda a parte e

em todas as direções, causando – quer pelas péssimas pontarias, quer pelas situações das baterias e forças de ambas as parcialidades – espantosos estragos e tantas perdas de vida, que os cadáveres se queimavam aos montes pelas ruas, por não ter sido possível obter tréguas para enterrá-los! A opinião geral é que, exceto talvez durante a Comuna em Paris, nunca se viu, nos tempos modernos, em nenhum país civilizado as cenas de degradante barbaria e atrocidade de que esta capital foi teatro. Além do mais, andavam soldados de ambas as filiações, dispersos ou em magotes pelas ruas, a caçarem-se uns aos outros como feras, quais verdadeiros loucos, causando grandes danos às propriedades e matando estupidamente os transeuntes, entre os quais dois criados da legação de Guatemala, em frente a esta. Nenhuma bandeira ou legação foi respeitada. A da Bélgica, cujo pavilhão ficou reduzido a uma verdadeira renda, tão perfurado se acha, sofreu tanto que o ministro foi obrigado a refugiar-se na legação da Alemanha, onde também se achava o ministro de Noruega; por idênticos motivos, transferiu-se o ministro de Cuba para outro ponto da cidade em casa de parentes; o encarregado de negócios de Portugal cuja casa recebeu várias descargas, refugiou-se na legação da Áustria por uns dias, saindo mais tarde da cidade; na calçada da legação de Espanha, em frente a sua bandeira, foram verdadeiramente caçados como animais pelas forças contrárias cerca de vinte soldados do governo, cujos cadáveres ali ficaram por muitas horas; a legação da Inglaterra, onde se asilara o sr. De la Barra (hoje ministro do Exterior) só não foi invadida para de lá o tirarem, a fim de ser fuzilado, graças à enérgica intervenção pessoal do general Huerta. E assim por diante. A nossa legação, cuja fachada olha à alguma distância para o Paseo da Reforma, foi atingida por várias balas dispersas nos andares superiores e, em toda a fachada, por inúmeras descargas de fuzilaria e metralhadoras atiradas na sua direção, durante os tiroteios entre indivíduos que desta parte disparavam contra forças naquele Paseo e estas que, com verdadeira fúria, vinham em perseguição daqueles. Destes cerrados tiroteios resultaram vários pequenos estragos materiais na casa, escapando eu e alguém de minha família de ser mortos por duas balas de Mauser, uma das quais atravessou o meu quarto de vestir, na direção em que eu estivera dois minutos antes, e outra que atravessou uma das janelas, vindo encravar-se na

parede do vestíbulo, a uns 50 centímetros do sofá onde se achava minha família; além destas, outras atravessaram a sala da chancelaria e vários cômodos da casa. Entretanto, apesar de tudo, felicito-me de ter transferido a legação da casa da Calle Liverpool para aqui, pois aquela foi invadida por soldados do governo e constantemente alvejada pela Cidadela, havendo grandes estragos na própria sala em que funcionava a legação e sendo morto um pobre velho porteiro da casa. Para ver se se podiam ser evitados mais perigos para a legação, dirigi ao ministro do Exterior Lascurain uma carta, respondendo-me ele, como V. Exa. verá pelas cópias anexas, de um modo delicado, mas ineficaz, pois no dia seguinte repetiram-se os tiroteios produzindo novos estragos e riscos. Tornou-se assim a casa inabitável, exceto no porão, escuro e frio; à vista disto, cedendo às instâncias do meu amigo, sr. Hevia Riquelme, ministro do Chile, transferi a família para um apartamento de que ele dispunha no andar térreo do Hotel de Genève, situado do outro lado da rua, em posição menos exposta do que a minha casa e defendida por uma guarda de uns 60 moradores americanos. Ali deu-nos aquele distinto colega boa hospitalidade, durante uns quatro dias de maior perigo, conservando-me eu durante o dia na chancelaria para o que fosse preciso. À minha e à intenção do ministro do Chile deveu-se não terem ficado arruinados a legação, o hotel e uma parte do bairro, pois protestamos e conseguimos fazer retirar uma bateria de cinco canhões que se viera postar numa esquina, entre a legação e o hotel, e que, se começasse a disparar, teria atraído fogo da Cidadela, com consequências iguais às que sofreram a legação da Bélgica e as casas vizinhas que ficaram em pedaços. No meio de todos esses perigos e num estado de espírito fácil de conceber, viveu a população até o dia 18, atordoada pelo contínuo estampido dos canhões, atingida por projéteis de todo o gênero, sem luz nas ruas, sem comunicações, pois todas as linhas de bondes se interromperam desde o primeiro dia, sem jornais, cujas tipografias foram, umas incendiadas, e outras fechadas pelo governo, sem correio, nem telefones, também em grande parte interrompidos, e já lutando com a deficiência de víveres e sua grande carestia.

Um belo dia, viram-se chegar do estado do México como salvadoras, as tropas ao mando do general Blanquet, cujo filho, aliás, fora um dos cadetes fuzilados no Palácio Nacional. Notou-se, porém, que se conservaram inativas. Por outro lado, o coronel

Navarrete, como se leu em ofícios publicados depois, observava respeitosamente aos seus superiores a improficuidade de continuar a atirar contra a Cidadela, como lhe fora ordenado, para proteger um ataque da infantaria, provando por várias razões ser impossível causar-lhe os danos para isto necessário e que a cidade sofreria mais do que os pontos atacados, como efetivamente se viu depois; porque não só a Cidadela como o Palácio Nacional se acham relativamente intactos, ao passo que parte da cidade está mais ou menos destruída! Por este tempo, já o embaixador americano havia anunciado o eminente desembarque em Vera-Cruz de 3.000 marinheiros americanos para vir à capital proteger a embaixada, as legações e os estrangeiros. Isto seria a temida intervenção, com as suas incalculáveis consequências. O ministro Lascurain dirigiu-se então ao Senado, que se reuniu a seu pedido e, em sessão secreta expôs-lhe a extrema gravidade da situação e a necessidade urgente de tomar-se uma resolução adequada. Por unanimidade e proposta de um senador madeirista resolveu o Senado ir incorporado pedir ao presidente Madero a sua renúncia e a do vice-presidente; mas chegando ao Palácio teve o dissabor de não ser recebido pelo presidente Madero, o qual, com uma firmeza heróica, mas que, vistas as circunstâncias, tocava a raia da inconsciência, não queria ouvir falar em renunciar, desatendendo aos prudentes conselhos de seus ministros, à conhecida tentativa do Senado, à sugestão que, em seus nomes pessoais, lhe fizeram o embaixador americano e os ministros da Alemanha, da Grã-Bretanha e de Espanha e as ponderações dos chefes militares quanto à impossibilidade de tomar a Cidadela. Nas ruas os próprios soldados leais já diziam abertamente que a situação não se podia prolongar, pois todos estavam cansados e o presidente teria que imitar o general Porfírio Díaz, que renunciou quando viu ser isto necessário.

Dada a inflexibilidade das duas partes, a crise não podia ter solução senão pelo imprevisto. Este veio no dia 18, quando achando-se o presidente Madero em conselho com seus ministros, foi preso pelo general Blanquet, depois de um tiroteio em que perderam a vida dois oficiais, e um paisano, irmão do ministro de *Governación*, tudo por ordem do general Huerta, que assumiu o governo militar, de acordo com seus colegas, exceto o general Angeles e poucos outros, que foram presos. O deputado Gustavo Madero, irmão do presidente e pessoa odiada pelos políticos

contrários e a quem se atribuía nefasta influência sobre o chefe da nação, foi preso também pouco depois e fuzilado durante a noite na Cidadela em companhia do sr. Basso, intendente do palácio.

O presidente Madero, o vice-presidente e o general Angeles ficaram presos no Palácio Nacional, com sentinelas à vista.

Pela tarde deste mesmo dia 18, reuniu-se na embaixada o corpo diplomático para tomar conhecimento da nota que lhe mandou o general Huerta, comunicando que, para evitar maior derramamento de sangue e levado somente por motivos de alto patriotismo, tinha aprisionado o presidente e o vice-presidente; e prometendo garantir a ordem e os interesses dos nacionais e estrangeiros e empregar todos os esforços para a pacificação completa do país, pedia demais ao embaixador que desse conhecimento disto ao governo dos Estados Unidos e ao brigadeiro Félix Díaz.

Conforme a resolução do corpo diplomático, respondeu-se apenas que este ficara inteirado da notícia, esperando que o governo procedesse no sentido indicado; ao passo que o embaixador, em seu nome pessoal, sugeriu, em notas separadas, que o governo militar chefiado pelo general Huerta, se submetesse ao Poder Legislativo para a resolução do novo estado de coisas e comunicou os fatos ao chefe revoltoso. Além disto, convidou a este e ao general Huerta para terem uma conferência na embaixada naquele mesmo dia.

Mais tarde, voltei com o ministro do Chile à embaixada a fim de saber do resultado da conferência e ali, em companhia do ministro de Cuba, Márquez Sterling, que lá fora com o mesmo fim, tivemos ensejo de assistir à assinatura e a leitura do acordo feito pelos dois chefes (retalho anexo). Neste, prometiam legalizar a situação dentro de 72 horas e ficou assentada a nomeação do seguinte gabinete, de real merecimento, no conceito geral:

Relações Exteriores: licenciado Francisco León de la Barra
Fazenda: licenciado Toribio Esquivel Obregón
Guerra: general Manuel Mondragón
Fomento: engenheiro Alberto Robles Gil
Interior: Alberto García Granados
Justiça: licenciado Rodolpho Reyes
Instrução Pública: licenciado Jorge Vera Estañol
Comunicações: engenheiro David de la Fuente, devendo ser criado um ministério da Agricultura, do qual será titular o licenciado Manuel Garza Aldape.

No dia seguinte, 19, conforme me referiu o ministro do Chile, o presidente Madero, que, apesar de tudo ainda recusava renunciar, cedeu afinal diante do irremediável e firmou a sua renúncia juntamente com o vice-presidente Pino Suárez, depositando-a em mão do ministro Lascurain, com a condição, porém, de só entregá-la depois que ele, presidente, e sua família estivessem a bordo de um navio alemão ou americano em Vera-Cruz para onde desejavam partir naquela mesma noite. A viagem se faria em companhia do ministro do Chile, seu amigo pessoal, do ministro de Cuba, que em nome do seu governo lhe oferecera depois a canhoneira *Cuba* para transportá-lo à Havana e do encarregado de negócios do Japão, em cuja legação estava asilada a família Madero. Releva notar, sempre segundo o que me contou o ministro do Chile, que a primeira ideia do presidente Madero, foi deixar a renúncia em poder do mesmo ministro, consentindo em deixá-la em mão do ministro Lascurain por sugestão deste que lhe ponderava dever ele, como seu ministro, merecer igual confiança. Tudo assim pactuado, com quem de direito, por intermédio e sob a garantia do ministro do Chile, prepararam-se todos, sob o maior sigilo, para a partida naquela mesma noite. Às 9 para 10 horas foi efetivamente a senhora Madero, e demais membros da sua família, ocupar o trem especial que se achava sob pressão na Estação da Boa Vista e ali até às 2 horas da madrugada de 20 debalde e ansiosamente esperaram o ex-presidente Madero; até que lhes foi comunicado que a viagem não se realizaria, voltando todos para a legação do Japão. O ministro de Cuba, que fora ao Palácio Nacional buscar o presidente Madero, ali pernoitou com ele, que se mostrava inquieto e receoso de qualquer violência.

Ao mesmo tempo em que as coisas assim se passavam no tocante à viagem, haviam-se reunido as câmaras e a elas foram apresentadas as renúncias do presidente e do vice-presidente, pelo ministro Lascurain, não constando, nem me competindo averiguar, que motivos teve para isto. Aceitas as renúncias pela Câmara, tomam posse do cargo de presidente provisório da república, conforme a Constituição, o sr. Lascurain, no seu caráter de ministro de Relações Exteriores, que logo em seguida nomeou o general Huerta, ministro de *Gobernación* (ministro do Interior) e renunciou por sua vez o cargo de presidente. Aceita também imediatamente pela Câmara essa segunda renúncia e achando-

-se vago o cargo de ministro de Relações Exteriores competia a substituição, sempre conforme a lei, ao mesmo general Huerta, ministro de *Gobernación*, que imediatamente prestou o compromisso legal e assumiu o exercício do seu cargo de presidente provisório do México.

Tudo isto se passou em cerca de uma hora, durante a qual teve a república três presidentes.

Na manhã seguinte, correndo com muita insistência boatos de que o ex-presidente Madero seria fuzilado e manifestando a família grande temor, resolvi de *motu proprio* e para cumprir um alto dever de humanidade, interceder junto ao presidente Huerta para que fosse poupada a vida do prisioneiro. No Palácio Nacional, encontrei o embaixador americano, o ministro da Alemanha e o encarregado de negócios do Japão que ali estavam espontaneamente com o mesmo intuito, e fui informado de que os ministros de Espanha, do Chile e de Cuba e creio que também o da Grã-Bretanha já haviam dado o mesmo passo. A todos nós deu sua palavra o presidente Huerta de que nenhuma medida violenta seria tomada contra o sr. Madero, que as providências dadas lhe garantiam ali no Palácio maior segurança de que em qualquer outra parte, que se tinha resolvido não o deixar partir para Vera-Cruz por sua própria segurança, temendo-se ataques ao trem ou outras complicações, que naquela mesma tarde, se reuniria o novo gabinete para deliberar acerca do caso; que talvez se resolvesse fazer ao ex-presidente um processo que não teria provavelmente consequências como um meio de conservá-lo detido até que as coisas serenassem. Sendo-me depois permitido ver o sr. Madero, confortei-o o mais que pude, com a garantia dada pelo general Huerta, mas saí impressionado com o desejo que me manifestou de ir para Vera-Cruz, correndo todos os riscos, pois me disse recear que o matassem a pretexto de um motim militar ou outro semelhante. Dali fui visitar, pela segunda vez, sua família, a quem igualmente procurei animar.

Neste mesmo dia 20, recebeu o embaixador uma nota para ser transmitida ao corpo diplomático, comunicando que o presidente da república receberia em audiência solene de cumprimentos no dia 21 ao meio dia. Logo em seguida, convocou o embaixador a todos os chefes de missão para se deliberar sobre o caso; e, não obstante haver o ministro do Chile referido o que se passou a

respeito da renúncia, ficou resolvido comparecermos, mesmo sem instruções especiais dos nossos respectivos governos, a exemplo do que se passou quando foi deposto o presidente Porfírio Díaz, desde que o atual governo estava legalmente constituído, não competindo ao corpo diplomático entrar na apreciação daqueles fatos. Assim se fez comparecendo o embaixador americano, os ministros da Espanha, Noruega, Guatemala, Chile, Grã-Bretanha, Brasil, Bélgica, Cuba, Salvador; e os encarregados de negócios do Japão, França, China, Áustria-Hungria e Honduras, deixando de assistir o ministro da Alemanha por enfermo e o encarregado de negócios de Portugal, que se ausentara da capital.

Neste pé estavam as coisas, quando, no dia 22, soubemos na embaixada americana, onde havia uma recepção para comemorar o aniversário de Washington, recepção a que comparecera o presidente Huerta e quase todos os ministros, que o gabinete presidido pelo mesmo presidente havia decidido naquela tarde processar o sr. Madero e o ex-vice-presidente Pino Suárez que, para maior segurança e comodidade própria, seriam transferidos durante a noite para a penitenciária. Efetivamente, segundo dizem, os dois prisioneiros estavam sendo tratados com desnecessário rigor, não se lhes proporcionando os mais rudimentares confortos, como camas etc. À senhora Madero não foi permitido ver o marido nem uma vez, favor que aliás obtiveram um dia a sua mãe e irmã.

Na manhã de 23, foi a cidade acordada com a notícia publicada em todos os jornais, segundo a versão oficial (retalho anexo), de que os dois prisioneiros foram mortos ao tentar evadir-se durante um ataque feito contra o automóvel que os transportava à penitenciária, por um grupo de pessoas armadas no intuito de livrá-los.

Foi profunda e de verdadeiro horror a impressão produzida no país e no estrangeiro, pelo menos nos Estados Unidos por essa horrível tragédia, apressando-se o governo, por intermédio do sr. De la Barra, ministro do Exterior, a negar qualquer participação neste inaudito ato de selvageria e prometendo uma averiguação completa da verdade para o justo castigo dos culpados. O que é inegável é que o sinistro acontecimento se está prestando a toda sorte de comentários e suposições...

O sr. De la Barra promete fornecer às legações cópias de todo o inquérito, que não me descuidarei de remeter a V. Exa..

Cabe-me acrescentar que não obstante as promessas e as esperanças do novo governo de conseguir em pouco tempo a pacificação completa do país pela submissão de todos os revolucionários e *cabecilhas* zapatistas, não se pode ainda prever certamente o que se vai dar, pelo menos nos primeiros tempos; pois, alguns estados ainda se conservam indecisos, dois em plena revolta, e bem assim diversos revolucionários; e se é certo que vários chefes zapatistas já se submeteram, outros, como o próprio Emiliano Zapata, ainda não manifestaram claramente suas intenções, ao passo que outros, o que é pior, continuam, como ainda ontem, queimando pontes, atacando e saqueando cidades etc.

Muito há que esperar da ação do hábil e experimentado estadista sr. De la Barra, ministro do Exterior, mas o prognóstico deve continuar reservado, tanto mais quanto até esta data o governo dos Estados Unidos ainda não mandou retirar os seus navios de guerra do porto de Vera-Cruz, nem alterou outras medidas militares tomadas na previsão de alguma urgente necessidade.

Anexos encontrará V. Exa. vários retalhos em duplicata dos seguintes jornais de fevereiro contendo:

Mexican Herald, de 19: a proclamação dos generais Huerta e Félix Díaz e as notas trocadas entre o primeiro e a embaixada e o corpo diplomático no dia 18; *Imparcial*, de 20: o acordo entre aqueles generais; *Mexican Herald*, de 22: os discursos do embaixador e do presidente Huerta, na recepção oficial de 21; *Imparcial,* de 23: a declaração do presidente relativa à morte dos srs. Madero e Pino Suárez; *Universal*, de 23: o manifesto do presidente Huerta e o programa da nova administração lido na Câmara pelo ministro do Exterior; *Imparcial,* de 24: declarações deste sobre a morte dos srs. Madero e Pino Suárez.

Para mais completa informação envio, em separado, uma reprodução de vários números do *Mexican Herald* de 10 a 15 e 19 e 20 de fevereiro, contendo as notícias de toda a revolução até a tomada de posse do presidente Huerta.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

[*Anexo 1*]
Cópia

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 13 de fevereiro de 1913

Senhor Ministro,

Sinto ter de levar ao conhecimento de V. Exa. que o edifício desta legação tem sido hoje atingido em sua fachada, que olha para o Paseo da Reforma, por diversas balas, uma das quais, atravessando a janela do vestíbulo veio encravar-se na parede interior, com grave risco de vida para minha família, que ali se achava abrigada. Pela direção destes projéteis, não pode haver dúvida de que eles provinham das forças que se encontram na terceira *glorieta* do Passeio da Reforma, ou de uma força de soldados rurais, que se achava em frente à legação, a poucas quadras de distância. Rogo, pois a V. Exa. se sirva providenciar de modo a serem mudadas quanto antes as posições dessas forças para que se evitem mais graves ocorrências. Certo de que V. Exa. empregará a sua ação eficaz a fim de que sejam mantidos o respeito e a segurança a que tem direito uma legação estrangeira, desde já agradeço e aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa., Senhor Ministro, as seguranças da minha mais alta consideração.

(Assinado) J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Pedro Lascurain
Ministro das Relações Exteriores

[*Anexo 2*]
Cópia

Secretaria particular del
Presidente de la República Mexicana
México, 14 de febrero de 1913.

Tengo el gusto de acusar recibo a Vuestra Excelencia de su nota fecha de ayer, en que me comunica que la legación al digno cargo de Vuestra Excelencia, ha resentido daño con motivo del bombardeo de la ciudad. Deplorando vivamente que la legación esté expuesta de esa manera, he hecho saber a la Comandancia Militar esta triste circunstancia, a efecto de que mande custodiar debidamente dicha legación. Mas como el edificio en que ella está establecida se encuentra entre las zonas en que se han llevado a

cabo operaciones militares, la permanencia de una fuerza militar que custodiar el edificio de la legación la pondría probablemente en mayor peligro. No obstante esto haré todo esfuerzo para que la legación se encuentre protegida. Séame permitido, señor Ministro, que al mismo tiempo que tengo la penosa necesidad de tratar el asunto a que se refieren las anteriores líneas, pueda espresar mi satisfacción al saber que su estimable família no sufrió daño personal, y el vivo deseo que tengo de que cuanto antes, quede terminado este triste estado de cosas. Aprovecho esta oportunidad para reiterar a usted, señor Ministro, la seguridad de mi mas alta consideración.

(Assinado) Pedro Lascurain

Al Excelentíssimo Señor Ministro del Brazil
Señor J. M. Cardoso de Oliveira
Ciudad

Conforme:
Cardoso de Oliveira

❖

OFÍCIO • 05 MAR. 1913 • AHI 221/01/05

3ª Seção / N. 3

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 5 de março de 1913.

Senhor Subsecretário de Estado,

Tive a honra de receber da embaixada do Brasil em Washington o seguinte telegrama datado de hoje: "Ministro Regis de Oliveira comunica assumiu ontem cargo subsecretário de Estado. Atenciosos cumprimentos."

Agradecendo esta comunicação, seja-me permitido congratular-me vivamente com V. Exa. pela sua merecida escolha para o desempenho de tão alto cargo e aproveitar o ensejo para pôr à sua disposição os meus pequenos préstimos, tanto no tocante ao serviço público quanto ao particular de V. Exa., a quem apresento os protestos de minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência Sr. Dr. Francisco Regis de Oliveira
Secretário de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 07 MAR. 1913 • AHI221/01/05

1ª Seção / N. 4

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 7 de março de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. os retalhos anexos do *País,* de hoje, contendo um telegrama do Rio de Janeiro, de ontem, em que se dá notícia de uma sublevação de tropas e de uma explosão de pólvora na vila Deodoro.

Tanto quanto pude averiguar foi tudo o que aqui se publicou sobre este assunto.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 10 MAR. 1913 • AHI 221/01/05

3ª Seção / N. 1 / Reservado

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 10 de março de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa., nas cópias anexas, a correspondência trocada entre o sr. dr. M. Pio Corrêa, delegado do Ministério da Agricultura e esta legação,

a fim de que V. Exa. tenha ciência de que nenhuma culpa me cabe na resolução daquele delegado de não vir ao México, onde tencionava estudar a cultura e beneficiamento das agaves e outras plantas fibrosas, segundo me disse em Nova York, quando ali me achava em agosto de 1912 em viagem para este país.

Efetivamente, recebi no dia 30 de outubro do ano passado, à tarde, a carta do dr. Pio Corrêa em que me perguntava se havia perigo em vir naquela ocasião a Tampico e Yucatán e pedia resposta por telegrama no caso de ser afirmativa. Naquela mesma noite tive do então ministro do Exterior, sr. Pedro Lascurain, e dos ministros da Rússia e da Alemanha que acabavam de chegar daquelas regiões, informações de que o meu compatriota poderia realizar sua viagem sem tropeços e, logo nas primeiras horas da manhã seguinte, de 31, telegrafei neste sentido ao dr. Pio Corrêa, acrescentando que lhe poderia obter recomendações oficiais e pondo-me às suas ordens.

Na carta do mesmo senhor, de 9 de novembro, escrita de Honolulu, diz-me não ter podido vir por um retardo na entrega do meu telegrama. Aliás, este não podia ser mais rapidamente mandado para o endereço indicado e vê-se da mesma carta que o dr. Pio Corrêa preparou sua viagem sem esperar a resposta.

Como até agora nada mais tivesse comunicado sobre o assunto, pareceu-me bem dar conhecimento do fato a V. Exa., a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência Sr. Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]
Cópia

San Francisco, Califórnia, 23 de outubro de 1912.

Não pude ter a ventura de, em New York, expor a V. Exa. os fins de minha missão: circunstâncias diversas me impediram de rever V. Exa. Esperava eu, agora, que a revolução acabaria nesse país e eu teria de novo a honra de cumprimentar V. Exa. e a satisfação de estudar em Tampico e sobretudo no Yucatán a cultura e

beneficiamento das agaves ou de outras plantas fibrosas. Infelizmente, as notícias aqui publicadas são de molde a me impedirem essa viagem.

Entretanto, venho rogar a V. Exa. o especial obséquio de me informar, com a maior urgência possível, se viajando sozinho e a despeito do movimento político, poderei com segurança realizar essa viagem. Se a resposta for afirmativa, desejaria recebê-la por telegrama; caso seja negativa, pode vir por carta e eu ficarei muito agradecido a V. Exa. por essa atenção. Reservando os protestos de minha mais distinta consideração, tenho a honra de subscrever-me de V. Exa. admirador e criado obrigado

(Assinado) M. Pio Corrêa

Ilmo. Exmo. Sr. Dr. J. M. Cardoso de Oliveira
M. D. Ministro Plenipotenciário do Brasil.
México

Brazilian Consulate, San Francisco, Calif.

[Anexo 2]
Cópia

TELEGRAMA

Dr. Pio Corrêa
S. Francisco, Califórnia
Brazilian Consulate

México, 31 de outubro de 1912.

Segundo informações fidedignas, creio pode viajar Tampico Yucatán. Conseguirei recomendações oficiais. Mande-me suas ordens. (Assinado) CARDOSO

[*Anexo 3*]
Cópia

Honolulu, T. H.
9 de Novembro de 1912.

Tenho a honra de apresentar a V. Exa. minhas respeitosas saudações e de agradecer-lhe o telegrama que se dignou de enviar-me em resposta a minha anterior carta. Infelizmente,

esse telegrama chegou às minhas mãos no dia mesmo de minha partida ou, melhor dizendo, três horas antes de minha partida, quando minha bagagem já estava a bordo e a passagem adquirida. Efetivamente eu regressei do estado de Arizona a San Francisco, à meia-noite de 1 para 2 e no mesmo dia 2, ao meio-dia, o vapor largava ferro, sendo que apenas depois das 9 horas o consulado me fez entrega do telegrama. Sinto e sentirei sempre profundamente que um desencontro de telegrama me haja privado de visitar uma região tão interessante; e a V. Exa., especialmente, venho agradecer a gentileza e solicitude com que se dignou atender ao meu pedido de informações.

Oportunamente voltarei a escrever a V. Exa. pedindo-lhe algumas informações outras e espero que V. Exa. ainda dessa vez terá a bondade de me atender. Encarreguei, a bordo, o chanceler, ou agente consular em San Francisco, de telegrafar a V. Exa. no mesmo sentido desta carta, mas ignoro se ele o fez e quais os termos.

Aceite V. Exa. uma vez mais os protestos de distinta consideração e reconhecimento do adm[irado]r at[ent]o ven[erado]r ob[riga]do

(Assinado) M[anoel] Pio Corrêa

Ilmo. Exmo. Sr. Dr. Cardoso de Oliveira
M. D. Ministro do Brasil
México

Conforme:
Cardoso de Oliveira

❖

OFÍCIO • 11 MAR. 1913 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 6

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 11 de março de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 5, de 25 de fevereiro último, tenho a honra de confirmar os quatro telegramas em cifra, trocados entre V. Exa. e esta legação nos termos seguintes:

RIO DE JANEIRO – 25 FEVEREIRO 1913 – BRASLEG. MÉXICO – Tem causado aqui triste impressão notícias morte aí. Pedimos notícias detalhadas inclusive atitude corpo diplomático especialmente americano argentino e chileno que mais de perto desejamos acompanhar. – EXTERIORES

MÉXICO – 27 FEVEREIRO – EXTERIORES, RIO JANEIRO – Quando recebidas câmaras renúncias presidente vice-presidente, ministro das Relações Exteriores assumiu presidência, nomeou Huerta ministro do Interior e renunciou, assumindo este presidência, acordo lei. Corpo diplomático, sem instruções, compareceu, convidado, recepção Palácio do Governo, como ocasião renúncia Porfírio Díaz, havendo discursos. Impedindo governo viagem ex-presidente sair país bordo navio de guerra cubano, contra pactuado presença chilena, como condição renúncia, e correndo boatos fuzilamento, obtive Huerta, como seis colegas, garantia vida segurança prisioneiro Palácio do Governo. Gabinete resolveu depois processar, transferir penitenciária. Governo nega conivência atentado, declarando foram mortos trajeto durante tiroteio ataque automóvel grupo armado para os livrar. Ninguém crê, mas corpo diplomático nenhuma atitude manifestou, aguardando inquérito. Sugestão inglês, adiou-se recepção diplomática ministro das Relações Exteriores. Embaixador americano declarou imprensa aceitar versão oficial, faltam melhores informações, mostrando confiança governo. Chileno menos otimista. Cubano chamado conferenciar seu país. Não há representante argentino. Ignoramos pensamento respectivos governos. Penso presidente enérgico, bom ministério, desejos proteger estrangeiros, pacificar país ainda perturbado, apesar de várias submissões rebeldes. Congresso convocado fim anistia geral. – CARDOSO

MÉXICO – 1º MARÇO – EXTERIORES, RIO JANEIRO – Sei particularmente Estados Unidos espera consolidação situação para formal reconhecimento do novo governo mexicano. Embaixador americano pensa se este governo forte, intencionado bem [*sic*], não tiver êxito, nenhum outro terá. Manifestou desejo pessoal Brasil Chile combinar Estados Unidos reconhecimento. Chileno telegrafou Chile neste sentido. Pacificação progredindo. – CARDOSO

RIO DE JANEIRO – 1º MARÇO – BRASLEG, MÉXICO – Estou acordo que Vossa Excelência reconheça formalmente novo governo aí, uma vez que outro tanto façam na mesma ocasião embaixador americano e enviado extraordinário e ministro plenipotenciário chileno. – EXTERIORES

Já tendo, em meu ofício n. 5, tratado dos assuntos que motivaram tais telegramas, cabe-me apenas acrescentar o que se tem passado desde então.

Fora marcada para o dia 24 de fevereiro a recepção diplomática do ministro das Relações Exteriores, mas, por sugestão do ministro da Grã-Bretanha, que, como todos, muito se impressionou com a morte do ex-presidente e resolvera esperar instrução do seu governo, adiou-se a mesma recepção.

O ministro de Cuba, sr. Márquez Sterling, bastante desgostoso com os acontecimentos em que mais de perto tomou parte, foi chamado pelo seu governo para conferenciar, e partiu a bordo do cruzador *Cuba*, levando em sua companhia a viúva do ex-presidente Madero e vários membros da família. Espera-se o seu regresso dentro de poucos dias.

No retalho anexo do *Mexican Herald*, de 26 de fevereiro, encontrará V. Exa. a declaração do embaixador americano. Este, que, é forçoso dizer, se mostrou desde o princípio visivelmente parcial e até me confessou em conversa íntima ter dado muitos passos fora do seu caráter oficial de embaixador, deve ter tido provavelmente parte bastante ativa nos últimos acontecimentos. Daí o seu aturado esforço para que o governo dos Estados Unidos ratifique quanto antes o seu procedimento, reconhecendo formalmente o novo governo mexicano e a manifestação confidencial que me fez do seu desejo particular, pedindo-me que o transmitisse a V. Exa., de que o Brasil e o Chile se entendessem para esse fim com o governo de Washington, acrescentando que, no seu entender, sempre pessoal, se o presidente Huerta e o excelente ministério que formou não tiverem força e prestígio para pacificar e levantar este país, nenhum outro o terá, vindo então a anarquia completa, que traria como consequência a necessidade da intervenção americana. Prestei-me a telegrafar a V. Exa. neste sentido porque, além de ser esta também a opinião de várias outras pessoas de critério e responsabilidade, não me pareceu desvantajoso este apelo do embaixador americano aos representantes do Brasil e do Chile para cooperarem com os Estados Unidos, apelo que está de acordo com as ideias em voga, expressas no aplaudido discurso do sr. Sherrill, a que se refere o meu ofício desta série n. 2, de 21 de janeiro último, sobre uma melhor interpretação da doutrina de Monroe e a necessidade para os Estados Unidos

de proceder de acordo com o Brasil, a Argentina e o Chile em assuntos relativos à política continental americana.

A tal respeito conversei, ainda a pedido do embaixador, com o ministro do Chile, que igualmente telegrafou ao seu governo, de quem recebeu também autorização para agir de acordo conosco quanto ao reconhecimento, não devendo, porém, partir dele a iniciativa.

Nestas condições, já comunicamos ao embaixador as boas disposições dos nossos governos e aguardamos o seu aviso para agir conjuntamente, do modo mais apropriado, o que certamente nos dará bastante prestígio aos olhos dos colegas, do governo e do público mexicano.

Apesar de ter sido particularmente informado de Washington, ainda durante a anterior presidência, de que o governo americano aguarda que a situação se consolide, antes de fazer o reconhecimento formal, não me parece que tenhamos muito tempo que esperar, à vista do telegrama do novo secretário de Estado Americano mr. William Jennings Bryan, publicado no *Mexican Herald* de 8 do corrente (retalho anexo) no qual não só se aprova, como se louva o procedimento da embaixada, sem cuja "eficaz e pronta cooperação o curso das relações entre os governos dos Estados Unidos e México durante este período de crise, teriam sido menos efetivas e de menor êxito". Releva entretanto notar que, a ser verdade o que diz um telegrama de Washington de 9 do corrente, já se cogita da substituição do embaixador.

Ao passo que se vão passando os dias e diminuindo, por conseguinte, de intensidade a terrível impressão causada pela morte do ex-presidente Madero, vai-se firmando a opinião entre o corpo diplomático, inclusive o ministro da Grã-Bretanha, de que esse doloroso fato, de ordem interna, quaisquer que sejam os culpados, em nada pode influir nas relações estabelecidas com o novo governo, legalmente constituído e por ele reconhecido, pelo simples fato do seu comparecimento à recepção oficial do novo presidente. Tanto assim que já se realizou no dia 3 a recepção diplomática pelo ministro das Relações Exteriores, lic. De la Barra, comparecendo todos os chefes de missão, sem nenhuma exceção. Nesta ocasião o embaixador americano, de acordo com todos os colegas, fez, entretanto, ao ministro

do Exterior, para salvaguardar alguns restantes escrúpulos, a seguinte declaração:

> Le corps diplomatique est entré en fait en communication avec gouvernement, tout en reservant à ses gouvernements respectifs le privilège de reconnaître formellement le gouvernement provisoire au moment que celà leur semblera à propos.

A meu ver, não se tratando da criação de um novo Estado, ou de uma mudança de regime, e sim simplesmente de uma transmissão de poderes, feita legalmente e dada por conseguinte a atitude do corpo diplomático desde o começo, o reconhecimento está implicitamente feito, faltando apenas a formalidade da sua ratificação, pelas simples respostas dos diferentes governos à comunicação do presidente atual de ter assumido o poder. É isto somente o que espera o Ministério das Relações Exteriores, segundo me disse o lic. De la Barra. Entretanto, munido da autorização de V. Exa., procederei em tudo, como tenho procedido, de acordo com o corpo diplomático e especialmente com o embaixador americano e o ministro chileno. Demais, quanto ao que se refere ao Brasil, além das razões gerais que, em bem do México, aconselham a necessidade de prestigiar e apoiar moralmente este governo, há a circunstância de ser ministro do Exterior o distinto cavalheiro que é o sr. De la Barra, homem de alta capacidade e ilibada reputação, grande amigo e admirador do nosso país, como muitas vezes me há manifestado. Que o governo e ele, principalmente, têm sinceros desejos de cultivar as melhores relações com os demais países, de respeitar o corpo diplomático e proteger os interesses estrangeiros e de algum modo atenuar a péssima impressão causada pelo pouco caso com que foram tratadas as legações, durante os memoráveis dias da revolução, prova a correspondência inclusa por cópia, entre o referido ministro e esta legação, idêntica à que foi trocada com as legações da Bélgica, do Chile, da Guatemala, de Cuba e outras, que se achavam no mesmo caso. Como V. Exa. verá, em nota de 22 de fevereiro, ele transmitiu espontaneamente o profundo pesar do governo mexicano pelos estragos que lhe constou ter sofrido o edifício da legação e, na de 28, declarou que sua secretaria tinha especial interesse em saber se efetivamente tinham havido tais estragos e que, no caso afirmativo, o governo se achava disposto a mandar repará-los pela Diretoria

de Obras Públicas, se eu não visse inconveniente nisto. Como os demais colegas, algumas de cujas legações sofreram muito mais que a nossa, declinei gentilmente o amável oferecimento em nota de 1º de março.

Além destas demonstrações oficiais, o sr. De la Barra veio, na mesma noite de 3, fazer-me uma visita pessoal, durante a qual falou longamente das suas vivas lembranças do Brasil e dos seus homens, entre os quais mencionou com particular apreço o barão do Rio Branco, V. Exa. e outras altas personalidades brasileiras.

Estamos, pois, em excelente situação junto ao novo governo, sem que eu, entretanto, me tivesse esquecido do cumprimento dos deveres de cortesia, amizade e humanidade para com o presidente decaído e sua família, como já tive ocasião de relatar.

As negociações para a pacificação vão progredindo, não obstante estarem dois estados em plena revolta contra o atual governo e continuarem indecisos alguns chefes revolucionários.

Nos retalhos anexos do *Diário,* de 6 de março, encontrará V. Exa. umas declarações do embaixador americano a este respeito e o parecer da Câmara sobre a lei de anistia geral, que já foi ali aprovada em primeira discussão.

Consciente de ter em tudo procedido com correção e prudência, espero que o meu comportamento nessa emergência possa merecer a aprovação de V. Exa., a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]

Cópia
Número 4958

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores
Sección de Asuntos Internacionales
México, 22 de febrero de 1913.

Señor Ministro,

Esta Secretaría ha tenido conocimiento de que durante el combate habido en esta capital en los días del 9 al 18 de los corrientes, el edificio de esa legación sufrió algunos perjuicios ocasionados por los proyectiles. Restablecida, por fortuna, la paz, me apresuro à expresar à Vuestra Excelencia la profunda pena que al gobierno mexicano han causado estos hechos, dadas las cordiales relaciones que cultiva con el Gobierno de Vuestra Excelencia y las vivas simpatías que existen entre ambos pueblos. Me es grato aprovechar esta oportunidad para protestar à Vuestra Excelencia las seguridades de mi muy distinguida consideración.

(ass.) F. L. de la Barra

A Su Excelencia el Señor Don J. M. Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinário y Ministro Plenipotenciário de la República del Brasil
Presente

❖

Cópia
Número 5092

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores
Sección de Asuntos Internacionales
México, 28 de febrero de 1913.

Señor Ministro,

Esta Secretaría tiene especial interés en saber si el edificio en donde reside esa legación del digno cargo de Vuestra Excelencia sufrió algunos desperfectos durante los días de la lucha entablada en esta capital. En caso afirmativo, me es satisfactorio manifestar a Vuestra Excelencia que el gobierno mexicano se halla dispuesto a proceder à que se hagan las reparaciones por la Dirección General de Obras Públicas y desea saber si Vuestra Excelencia no tuviese en ello inconveniente. Aprovecho esta oportunidad para renovar à Vuestra Excelencia las seguridades de mi muy distinguida consideración.

(ass.) F. L. de la Barra

A Su Excelencia el Señor J. M. Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinário y Ministro Plenipotenciário del Brasil
Presente

❖

Cópia

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 1º de março de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber as atenciosas notas de 22 e 28 de fevereiro último, na primeira das quais V. Exa. teve a gentileza de exprimir o profundo pesar do governo pelos danos, que, conforme chegou ao conhecimento dessa secretaria, sofrera o edifício da legação durante o combate havido nos dias 9 a 18 de fevereiro; ao passo que na segunda, com igual delicadeza, se serviu manifestar que, se realmente existem aqueles estragos, o mesmo governo se acha disposto a mandar fazer os reparos precisos, pela Diretoria Geral de Obras Públicas, caso não haja nisto inconveniente.

Agradecendo vivamente tais atenções, sinto ter de informar V. Exa. de que, com efeito, o edifício da legação foi atingido por diversas balas, especialmente na sua fachada principal, algumas das quais atravessaram a chancelaria e outros comunicados interiores, produzindo, entretanto, maiores riscos aos seus habitantes do que os vários danos materiais, que não foram de grande importância. Passado, porém, o perigo e tendo em vista, não só os estragos causados à cidade, como principalmente as vivas simpatias, a que V. Exa. bem alude, entre os nossos povos e as cordiais relações entre suas respectivas administrações, tenho a satisfação de responder que não me preocupo com o caso, nem desejo ocupar V. Exa. com assunto de tão pouca monta em ocasião em que a sua atenção está absorvida por outras de maior relevância, nem muito menos tenciono formular nenhuma reclamação.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa., Senhor Ministro, as seguranças da minha mais alta consideração.

(Assinado) J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Lic. Francisco L. de la Barra
Ministro das Relações Exteriores

Conforme:
Cardoso de Oliveira

❖

CARTA • 14 MAR. 1913 • AHI 221/01/05

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 14 de março de 1913.

Peço vênia para ter a honra de apresentar a V. Exa. o engenheiro sueco, sr. Carl Axel Malau, que, depois de alguns anos de residência no México, onde realizou alguns trabalhos, entre os quais os da fiação elétrica desta capital, Guadalajara, Aguas Calientes e Chihuahua, vai agora ao Brasil, pretendendo aí empregar a sua atividade e competência.

O Sr. Malau foi-me recomendado pelos ministros do Chile e do Salvador.

Ousando esperar que V. Exa. se dignará acolhê-lo com sua habitual benevolência, aproveito o ensejo para, com meus agradecimentos antecipados, reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

Exmo. Sr. Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[4] • 17 MAR. 1913 • AHI 221/01/05

3ª Seção / N. 3

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 17 de março de 1914.

4 Desta data em diante, a documentação deixa de ser manuscrita e passa a ser datilografada.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 1, de 22 de janeiro último, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos do *Mexican Herald*, de 14 de corrente, e do *Universal*, de 16, contendo dois interessantes artigos sob os títulos: "Japan and Brazil" e "Las corrientes japonesas de inmigración."

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 20 MAR. 1913 • AHI 221/01/05

2ª Seção / N. 7

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 20 de março de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos anexos da *Tribuna*, de ontem, e do *Diario* de hoje, no primeiro dos quais fazem-se lisonjeiras referências ao Brasil a propósito da projetada remoção do sr. Salado Alvarez, ministro do México em nosso país, e da suposta declaração de não ser ele *persona grata* em Guatemala; contendo o segundo desmentido oposto a estas notícias pela Secretaria das Relações Exteriores.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 25 MAR. 1913 • AHI 221/01/05

1ª Seção / S/N.

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de março de 1913.

À Sua Excelência o Senhor Subsecretário de Estado das Relações Exteriores cumprimenta respeitosamente o ministro do Brasil no México e tem a honra de participar que já tem pronta a correspondência oficial relativa à revolução nesta capital mas aguarda oportunidade para remetê-la não só pela irregularidade das comunicações postais neste momento como por constar-lhe que a correspondência estrangeira corre o risco de ser violada.[5]

❖

OFÍCIO • 27 MAR. 1913 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 6

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 27 de março de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 28, de 21 de dezembro do ano próximo passado, tenho a honra de remeter à Vossa Excelência os retalhos anexos do *Diário* de 18, 25 e 26, do *Mexican Herald* de 18, e do *Imparcial* de 26, contendo notícias muito lisonjeiras a respeito do talentoso médico brasileiro Dr. J. A. de Oliveira Botelho, que se acha nesta capital pela segunda vez de visita ao México, e das duas operações por ele praticadas anteontem com todo o êxito no Hospital Geral, em presença de vários colegas mexicanos.

Como Vossa Excelência verá, o fato de haver o indivíduo, por ele operado em dezembro último, tido alta do mesmo hospital, como curado, e estar novamente exercendo o seu emprego, e a habilidade com que executou as duas recentes operações, têm sido muito agradavelmente apreciados como um triunfo para a cultura médica brasileira.

5 As palavras sublinhadas estão em cifras no documento, datilografado, e receberam decifração interlinear, manuscrita, a tinta.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 31 MAR. 1913 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 7

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 31 de março de 1913.

Senhor Subsecretário de Estado,

Tenho a honra de acusar recebido e de agradecer, penhorado, o seguinte telegrama de Vossa Excelência, em parte cifrado, datado de ontem, com que se dignou responder a um particular meu:

> BRASLEG – MÉXICO – 1 – Recebi seu telegrama. Estando movimento diplomático já completamente terminado ministro das Relações Exteriores considera afiançada sua remoção neste momento. – REGIS

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 12 ABR. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 8

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 12 de abril de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 6, de 27 de março próximo passado, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos anexos do *Diário*, de 1º do corrente, com uma lisonjeira notícia acerca da conferência sobre tuberculose, que com muito êxito realizou o dr. J. A. de Oliveira Botelho, no dia 31 de março, dedicada aos alunos da Faculdade de Medicina.

Cabe-me acrescentar que o dr. Oliveira Botelho, não só pela perícia demonstrada nas muitas operações por ele praticadas nesta capital, como pelas suas finas maneiras, tem angariado bastantes simpatias nos meios científicos e sociais.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 23 ABR. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 9

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 23 de abril de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas, trocados entre esse ministério e a legação a meu cargo:

> RIO-JANEIRO, 19 ABRIL 1913 – BRASLEG – MÉXICO – Queira telegrafar que honras militares costumam ser prestadas nesse país na chegada e partida representantes diplomáticos estrangeiros. – EXTERIORES
>
> MÉXICO – 21 ABRIL 1913 – Nenhumas honras militares. – CARDOSO

Efetivamente, da experiência própria e das indagações que fiz na Secretaria das Relações Exteriores, vim a saber que esta, reconhecendo em princípio o direito que têm os agentes diplomáticos

a honras militares, não costuma, entretanto, prestá-las senão aos embaixadores na ocasião da apresentação das credenciais.

Se o ministro das Relações Exteriores está prevenido da chegada de um agente diplomático, tem por hábito avisar as autoridades competentes para que lhe dispense atenções e facilite o que for necessário.

Quando cheguei a Vera-Cruz, fui recebido a bordo pelo major Fernando Zarate, então do estado-maior do comandante militar daquele estado e pelo chefe político local, sendo acompanhado até esta capital por uma escolta de vinte e cinco soldados sob o comando de um capitão. Isto, porém, não se pode considerar como honra militar, pois devido à perturbação do país e aos frequentes ataques de trens, essa precaução fora solicitada pelo sr. E. L. Chermont, então encarregado de negócios, como já haviam feito e fizeram depois outros diplomatas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 25 ABR. 1913 • AHI 221/01/06

5ª Seção / N. 2

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de abril de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber o seguinte telegrama da Vossa Excelência de 19 do corrente, em parte cifrado:

> BRASLEG – MÉXICO - 3 – Para preencher lacunas existentes arquivo desta secretaria rogo queira enviar máxima urgência possível cópias correspondência telegráfica enviada por este ministério a essa legação e vice-versa de 1902 a 1912 inclusive. – EXTERIORES

A falta de secretário e um pequeno acidente que me impossibilitou de escrever por alguns dias, impediram-me de remeter pelo correio de hoje as referidas cópias. Espero, porém, poder cumprir a ordem de Vossa Excelência pela mala seguinte.

Devo, entretanto, informar desde já Vossa Excelência de que nesta chancelaria existe somente o arquivo da legação a partir do começo de 1906. Quando, naquela época, aqui chegou o primeiro secretário sr. Alfredo de Almeida Brandão, que com o caráter de encarregado de negócios viera reinstalar a legação, disse em ofício à 1ª. Seção, n. 1 de 31 de maio de 1906:

> Desejando instalar convenientemente a chancelaria desta legação e julgando que o respectivo arquivo estivesse guardado na embaixada em Washington, solicitei da mesma antes de partir da Europa e, posteriormente, ao passar pela Havana e ao chegar aqui, que me fossem enviados os selos, documentos e registros que o compõem. Acabo de ser informado de que na embaixada não existe o arquivo desta legação, por isso apresso-me a pedir a Vossa Excelência que se sirva dar as necessárias ordens para que ele me seja remetido.

Em despacho da 5ª Seção, n. 1, de 20 de dezembro do mesmo ano, esse ministério assim se serviu responder:

> Acuso a recepção do ofício n. 1, de 31 de maio último, que V. S. me dirigiu pela 1ª Seção, e lhe comunico que, tendo sido encontrado no arquivo desta Secretaria de Estado o dessa legação, ser-lhe-á ele remetido pelo primeiro paquete.

Ainda em ofício à 5ª Seção, n. 1, de 3 de maio de 1907, o ministro Gomes Ferreira escreveu:

> Tenho a honra de acusar o recebimento do despacho n. 1, de 20 de dezembro último, pelo qual Vossa Excelência se serviu comunicar-me que no primeiro vapor seria expedido o arquivo pertencente a esta legação que fora encontrado nessa Secretaria de Estado.
>
> Cumpre-me, entretanto, levar ao conhecimento de Vossa Excelência que até hoje não foi aqui recebido este arquivo.

É tudo o que a tal respeito consta nesta legação e que me pareceu conveniente submeter quanto antes à atenção de Vossa Excelência para sua esclarecida deliberação.

Prevaleço-me da ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 05 MAIO 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 10

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 5 de maio de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício a essa seção, n. 8, de 12 de abril último, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos da *Tribuna*, de 26 do mesmo mês, do *Mexican Herald*, *Diario*, *Independiente* e *País*, de ontem, contendo mui agradáveis notícias acerca das operações realizadas com o mais completo êxito no Hospital Geral pelo laborioso médico brasileiro, dr. J. A. de Oliveira Botelho, em presença do ministro da Instrução Pública e Belas Artes, senhor Vera Estañol, no dia 25 de abril, e do ministro das Relações Exteriores, senhor De la Barra, anteontem.

Tenho a honra de reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 06 MAIO 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 2

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 6 de maio de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos: do *Independiente* de hoje, acerca das referências

feitas ao México pelo senhor presidente da República, marechal Hermes da Fonseca, em sua mensagem ao Congresso Nacional; do *País*, desta mesma data, sobre a suspensão das vantagens aduaneiras até agora feitas pelo Brasil aos produtos americanos; e do *Mexican Herald*, de 17 do mês de abril próximo findo, contendo interessantes comentários concernentes à visita de Vossa Excelência aos Estados Unidos.

Prevaleço-me da ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[6] • 17 MAIO 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 1 / RESERVADO

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 17 de maio de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas em cifra, trocados ultimamente entre esse ministério e a legação a meu cargo:

> MÉXICO, 13 ABRIL 1913 – EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – Apesar revolução alguns estados, enviados extraordinários e ministros plenipotenciários Inglaterra Espanha participaram ministro das Relações Exteriores que seus governos vão responder comunicação presidente Huerta, reconhecendo assim formalmente. Colônias estrangeiras promovem igual procedimento respectivos governos. Estados Unidos protelam fazendo jogo obter solução várias questões pendentes. Fim pressão embaixador americano abusando confidência minha chileno estarmos dispostos reconhecer juntamente Estados Unidos, declarou ministro das Relações Exteriores e diz colegas nosso reconhecimento depende Estados

6 Documento manuscrito.

Unidos, colocando-nos assim posição subalterna mal apreciada aqui. Não tendo governo brasileiro iguais interesses, sendo governo mexicano legal, já reconhecido corpo diplomático, não parece vantajoso acompanhar atitude odiosa, partilhar antipatias contra americanos, arriscar desrespeito legação brasileira no México. Ouso sugerir governo brasileiro acordo Chile responder participação Huerta, autorizar-me comunicar isto governo mexicano. Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário chileno telegrafou Chile mesmo sentido. – CARDOSO

RIO DE JANEIRO, 13 ABRIL 1913 – BRASLEG – MÉXICO – Recebido seu de hoje. Rogo queira repetir urgência no primeiro período quatro primeiros grupos, no quarto oito primeiros e no quinto grupos 12051 a 6405 que aqui chegaram ininteligíveis. – EXTERIORES

MÉXICO, 14 ABRIL 1913 – EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – Primeiro período apesar revolução alguns estados; quarto fim pressão embaixador americano abusando confidência minha chileno; quinto interesses sendo governo mexicano legal, já reconhecido corpo diplomático. – CARDOSO

RIO DE JANEIRO, 20 ABRIL 1913 – BRASLEG – MÉXICO – 4. Transmitimos seu telegrama embaixador do Brasil em Washington para agir sentido apressar quanto possível reconhecimento do novo governo mexicano que continuamos desejando fazer, acordo Estados Unidos Chile Argentina e outros países americanos. – EXTERIORES

MÉXICO, 9 MAIO 1913 – EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – Situação continua grave. Governo reconhecido Inglaterra, Salvador, breve Espanha, encontrando dificuldade empréstimo indispensável pacificação, esperando obtê-lo Inglaterra. Conhecendo Estados Unidos queriam tornar reconhecimento dependente da solução satisfatória questões pendentes, presidente e ministro das Relações Exteriores, aliás dispostos resolver favoravelmente, declararam embaixador americano não prosseguirão negociações nem resolverão questões antes Estados Unidos reconheçam, respondendo comunicação Huerta e consulta sobre embaixador mexicano Estados Unidos restabelecendo igualdade nações. Relutância destes, contraditória desejos colônia mexicana, parte geralmente atribuída embaixador acontecimentos fevereiro e sua permanência aqui tratando negócios importantes. – CARDOSO

MÉXICO, 13 MAIO 1913 – EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário França entregou hoje carta reconhecendo. Já declararam proximamente farão mesmo Espanha, Alemanha, Áustria-Hungria, Itália, Japão. Guatemala

> receberá amanhã novo enviado extraordinário e ministro plenipotenciário mexicano. Estados Unidos intransigentes meros interesses materiais. Para evitar ressentimento, desejando Brasil contribuir também salvação deste país, ganhando gratidão prestígio, releve Vossa Excelência insistir profundo respeito conveniência responder carta Huerta, autorizar comunique ministro das Relações Exteriores. – CARDOSO
>
> RIO DE JANEIRO, 16 MAIO 1913 – BRASLEG – MÉXICO – 5. Recebido seu de ontem. Nosso intuito reconhecer nova situação política desse país conjuntamente governo americano é reconhecido por este desde início revolução. Seria sobremodo inconveniente mudar de resolução justamente agora que ministro das Relações Exteriores vai a convite oficial visitar Estados Unidos. – REGIS

É convicção geral entre a gente sensata deste país, inclusive os estrangeiros, que o atual governo do México, quaisquer que sejam, porventura, seus erros e excessos, é indubitavelmente legal e tem qualidades próprias para a situação presente, devendo, portanto, ser prestigiado e auxiliado moral e materialmente para levar a cabo a pacificação do país, de que tudo o mais depende. Considera-se ser esta talvez a última ocasião que tenha este povo de ressurgir e salvar-se da completa anarquia conducente a consequências deploráveis, sem excluir talvez a perda da sua independência. O apoio moral só lhe poderia vir, dentro do território nacional, pela união patriótica de todos os mexicanos, em torno de uma só ideia, a da salvação e grandeza da sua pátria; fará, por meio do prestígio que daria ao governo o seu pronto reconhecimento pelas potências estrangeiras, sem o qual o principal apoio material, que é um empréstimo para as despesas da pacificação, não seria possível, como ainda não foi até hoje. Foram estes os motivos que me levaram a ceder aos desejos do embaixador americano, a quem se atribui pronunciada participação nos acontecimentos de fevereiro, de telegrafar a V. Exa. no sentido de reconhecer este governo ao mesmo tempo com o do Chile e dos Estados Unidos, pois se esperava o reconhecimento destes dentro de poucos dias.

Deu-se em seguida a mudança de administração em Washington, com a decorrente resolução do governo americano de prevalecer-se da dificuldade da situação para impor, como condição de reconhecimento, a solução de várias questões de

máxima importância, como as do Chamizal, Rio Colorado, reclamações motivadas pelos movimentos revolucionários de 1910 e outras. Mudou então, provavelmente por ordem superior, a atitude do embaixador que, no intuito de fazer pressão, dava o nosso reconhecimento e bem assim o de outras nações como dependentes dos Estados Unidos, colocando-nos, destarte em situação subalterna. Para atenuar tal impressão, expliquei confidencialmente ao sr. De la Barra a nossa verdadeira atitude.

Já por esse tempo, os revolucionários, com os quais se haviam entabulado negociações de paz que talvez fossem levadas a termo com bom êxito, estimulados pelo retraimento dos Estados Unidos e esperançados de um possível reconhecimento de sua beligerância, cobraram ânimo e puderam ganhar forças e terreno, levantando até a ideia separatista para mais e mais adquirirem o apoio americano. Por seu lado, os zapatistas os acompanharam; e assim se cresce a tremenda situação presente, cuja consequência é impossível prever.

A Grã-Bretanha foi a que desde o princípio se manteve mais duvidosa; porém, ou por ter bem avaliado depois o melindroso estado de coisas ou por interesses econômicos relativos ao empréstimo, cuja realização é, pode-se dizer, a chave da situação, resolveu dar o exemplo reconhecendo o atual governo, e a ela se seguiram as demais nações mencionadas nos telegramas. Daí o meu procedimento ulterior, ousando insistir perante Vossa Excelência para que, já havendo demonstrado o nosso desejo de agir conjuntamente com os Estados Unidos, contribuíssemos também para a obra de salvação deste país; satisfazendo por um lado os desejos manifestados pelo ministro das Relações Exteriores, sr. De la Barra, e, por outro, desempenhando a minha missão de procurar aumentar – e estabelecer novos – os laços de simpatia e cordialidade entre os dois povos, em um momento tão angustioso para o México. É evidente que assim agi tendo em mais consideração este ponto de vista restrito, ao passo que Vossa Excelência tinha de combinar sua resolução com outras considerações de política geral, e em seu alto critério melhor poderia avaliar o acerto e justeza da deliberação adequada; e, antes de passar adiante, permita-me Vossa Excelência agradecer a pronta atenção que se dignou prestar aos meus telegramas, o que me indica que Vossa Excelência me fez a justiça de crer que

eles foram ditados pelo que me pareceu ser o cumprimento fiel do meu dever.

Que a atitude intransigente do governo de Washington não obedece a um puro sentimento de alta moral política, prova-nos a permanência aqui do embaixador americano (já não havendo igual representação mexicana em Washington), não numa posição passiva ou de mera expectativa, mas sim, tratando ativamente, em nome do seu governo, da resolução das questões mais capitais para ambos os países e impondo isto como condição de reconhecimento; tratando, repito, com um governo cuja autoridade e existência política são desconhecidas pelos Estados Unidos; prova-nos mais o fato, como ainda ontem me contou confidencialmente o ministro De la Barra, de se ter modificado para melhor a atitude americana, após as declarações do presidente Huerta ao embaixador Wilson; tanto que já há notícias certas que o embaixador continuará aqui, depois de se haver sabido que ia retirar-se, pretextando moléstia, dentro de duas semanas.

As condições do país são verdadeiramente temerosas e se não vierem de pronto o empréstimo e o apoio moral dos Estados Unidos, apesar do reconhecimento pelas demais potências, dificilmente se poderá manter este governo e se chegará a libertar o México de próximas calamidades, inclusive novos distúrbios na capital. É, portanto, explicável o empenho do governo mexicano de ver-se reconhecido por todas as potências, a fim de que os Estados Unidos as imitassem, para não ficarem isolados.

O que piora singularmente a situação é que não há coesão no governo, nem entre os processos da política, de maneira que faltando todos esses elementos de êxito, não é de estranhar que o presidente Huerta tenha que cair, mas ainda que tal hipótese se verifique, não teria ficado mal o Brasil, se o tivesse reconhecido, como não ficariam as nações que já o fizeram, porque, repito, desconheceram um governo legalmente constituído.

É para desejar que ao tempo da chegada de Vossa Excelência aos Estados Unidos já as dificuldades tenham desaparecido entre os dois países ou que a sua presença possa eficazmente contribuir para resolvê-las.

Além do mais, começa a criar-se aqui um estado de coisas perigoso, em virtude da propaganda que vai sendo feita contra os Estados Unidos, já se propondo e sendo aceita de algum modo

a boicotagem dos produtos americanos, já pela exploração que estão fazendo alguns periódicos mais exaltados no sentido de despertar contra os americanos a animosidade popular. Desta, provavelmente, partilhamos nós; tanto mais quanto, devendo partir no dia 12 de junho o ministro do Chile, seremos eu e o ministro da Noruega, sem contar o embaixador, se aqui ficar, os únicos chefes de missão cujo procedimento não foi ainda ratificado pelos seus governos.

Aproveito a ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[7] • 17 MAIO 1913 • AHI 221/01/06

Índice: Retalhos sobre a revolução no México.

2ª Seção / N. 8

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 17 de maio de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me aos meus ofícios desta série, n. 5 e 6, de 25 de fevereiro e 11 de março últimos, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência dois exemplares da mensagem lida pelo sr. presidente interino da República, general Victoriano Huerta, ao abrir-se, em 1º de abril próximo passado, o segundo período de sessões do 26º Congresso da União; e bem assim os retalhos anexos dos jornais abaixo mencionados, todos do corrente ano, contendo os seguintes documentos e notícias concernentes à atual revolução neste país:

– *El Diario*, de 18 de março – Acerca de uma entrevista do senhor presidente e do ministro das Relações Exteriores com o embaixa-

7 Os anexos não foram transcritos.

dor americano, e do suposto reconhecimento do governo mexicano pelo governo de Washington.

– *El Imparcial*, de 18 de março – Sobre a atitude atribuída ao embaixador americano durante a Dezena Trágica, como é conhecido o período de 10 a 18 de fevereiro.

– *El Imparcial*, de 2 de abril – Acerca de notável discurso extraoficial que o senhor presidente interino Huerta pronunciou no Congresso depois da leitura da sua mensagem, e no correr do qual, com admirável franqueza e em palavras singelas, repassadas de patriotismo e sinceridade, pintou com verdadeiras cores a deplorável situação do país e pediu o auxílio eficaz de todas as classes, sem distinção de partidos, para poder levar a cabo a pacificação e o ressurgimento do país. É para notar que mais tarde, e com maior veemente franqueza, abundou nas mesmas ideias, repetindo o seu patriótico apelo, durante um banquete que o Jockey Club ofereceu aos generais Félix Díaz e Mondragón.

– *El Imparcial,* de 7 de abril – Noticiando a queixa feita perante o governo americano pelo deputado mexicano, Luís Manuel Rojas, contra o embaixador dos Estados Unidos, senhor Henry Lane Wilson, a quem acusava de ter tido participação nos acontecimentos de fevereiro e até de ser moralmente responsável da morte do presidente Madero e do vice-presidente Pino Suárez. Não teve seguimento até este momento.

– *El Imparcial*, de 8 de abril – Contém declarações do senhor presidente Huerta, desmentindo tais acusações, algumas notícias de Washington sobre o assunto e um artigo editorial advogando a necessidade do reconhecimento do governo mexicano pelo dos Estados Unidos.

– *El Imparcial,* de 16 de abril – Publicando o programa político do senhor general Félix Díaz, candidato à Presidência da República nas eleições que se anunciam para breve. O senhor De la Barra, então candidato à vice-presidência, fez declarações, adotando as ideias expendidas neste programa.

– *The Mexican Herald*, de 18 de abril – Mostrando a conveniência de um pronto reconhecimento do governo mexicano pelo de Washington. Releva mencionar que este periódico é o órgão da colônia americana no México.

– *El Diario,* de 25 de abril – Contendo as declarações do general Félix Díaz, que adiou a sua candidatura; e as do senhor De la Barra, renunciando à sua, por haver a Câmara dos Deputados,

em discordância com o pedido do Poder Executivo, resolvido não convocar as eleições para o mês de julho, alegando não poder fazerem-se eleições antes da aprovação de uma nova lei eleitoral pela qual elas se têm de reger, conforme deliberação anterior. Houve depois uma junta dos ministros de Estado e representantes dos poderes Legislativo e Judiciário, e de vários políticos de todos os partidos, convocada pelo presidente, para procurar os meios de resolver a situação política e a pacificação do país. Entre outros assuntos, ficou resolvido que se votasse a lei eleitoral a tempo de procederem-se as eleições no mês de outubro. Disto se ocupam neste momento o Senado e a Câmara.

– *El Diario*, de 26 de abril – Dando publicidade a declarações do ministro da Justiça, licenciado Rodolfo Reyes, quanto à validade do pacto celebrado em 18 de fevereiro, entre os generais Huerta e Félix Díaz, documento cuja íntegra remeti anexa ao meu ofício n. 5.

– *El País,* de 5 de maio – Dando conta de um novo plano adotado pelo governo para combater o zapatismo no estado de Morelos. É o sistema, aplicado em Cuba pelo general Weiler, de reconcentrar em alguns pontos, previamente designados, os habitantes pacíficos e destruir a ferro e fogo todos os que não estiverem dentro dessas zonas, e bem assim as plantações, cidades e povoados, e tudo que possa servir aos rebeldes e bandidos de bases de operação ou de aprovisionamento.

– *El País,* de 4 de maio – Noticiando a entrega pelo ministro inglês da carta do rei Jorge V em resposta à participação do presidente de ter assumido a presidência, ficando assim formalmente reconhecido pela Grã-Bretanha o atual governo mexicano. Como Vossa Excelência já esta informado por telegramas desta legação, outros países já igualmente reconheceram o mesmo governo.

– *The Mexican Herald*, de 9 de maio – Sobre a atitude firme assumida pelo governo mexicano de não tratar mais de nenhum assunto importante com o embaixador americano, antes do reconhecimento formal feito pelo governo de Washigton.

Informado assim Vossa Excelência das grandes linhas dos acontecimentos consecutivos aos lamentáveis fatos de fevereiro, peço a sua preciosa atenção para o ofício reservado desta mesma data, em que me ocupo de algumas particularidades que melhor cabem em correspondência desta natureza.

Aproveito a ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[8] • 20 MAIO 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 12

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 20 de maio de 1913.

Senhor Ministro,

Pela minha nota verbal, em parte cifrada, de 25 de março último, terá V. Exa. se dignado ver os motivos por que tive aqui retida até agora a correspondência sobre a atual revolução neste país. Havendo neste momento uma relativa regularidade das remessas postais por via de Vera-Cruz, aproveitarei esta mala para remetê-la, por intermédio da embaixada em Washington.

Assim me pareceu conveniente, porque, devendo breve chegar àquela capital Sua Excelência o Senhor Ministro Doutor Lauro Müller, poderá, se lhe parecer oportuno, tomar conhecimento dessa correspondência antes de ser a mesma remetida a essa secretaria, onde, de outro modo, só muito mais tarde poderia vê-la.

Pensando bem proceder, espero que tal alvitre mereça a aprovação de V. Exa, a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro de Estado, interino, das Relações Exteriores

❖

8 Documento manuscrito.

OFÍCIO[9] • 21 MAIO 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 9

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 21 de maio de 1913.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu ofício desta série n. 8, de 17 do corrente, tenho a honra de passar às mãos de V. Exa. os inclusos retalhos do *Mexican Herald*, de anteontem, contendo as declarações do secretário de Estado americano, Bryan, acerca da atitude do embaixador americano no México durante a revolução neste país; e do *Imparcial* e *Diario* de hoje, que as desmentem.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro de Estado, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 21 MAIO 1913 • AHI 221/01/05

1ª Seção / N. 13

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 21 de maio de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber o despacho-circular n. 6, de 20 de março último, pelo qual Vossa Excelência se serviu recomendar que continuem a ser observadas as disposições relativas à correspondência oficial destinada a esse ministério.

Cabe-me assegurar que esta legação não se descuidará de continuar a cumprir, como já o fazia, com esta recomendação de Vossa Excelência, a quem reitero os protestos da minha respeitosa consideração.

9 Documento manuscrito.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro de Estado, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 24 MAIO 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 14

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 24 de maio de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar recebido o seguinte telegrama-circular de Vossa Excelência de 18 do corrente:

> BRASLEG – MÉXICO – CIRCULAR – Comunico Vocência que Sua Excelência o senhor ministro Lauro Müller partiu para os Estados Unidos em visita oficial ao governo daquela república e que durante a sua ausência terei a honra de ficar como ministro, interino, das Relações Exteriores. Rogo disso conhecimento a esse governo e aos nossos consulados nesse país. REGIS DE OLIVEIRA

Cumpri sem demora as ordens de Vossa Excelência, comunicando o conteúdo deste telegrama aos vice-consulados e, como Vossa Excelência verá pelas cópias anexas, ao ministro das Relações Exteriores.

Agradecendo essa comunicação, faço votos pelo feliz êxito da viagem do ministro doutor Lauro Müller e peço vênia para congratular-me com Vossa Excelência, a quem reitero os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 26 MAIO 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 4

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 26 de maio de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 2, de 28 de janeiro último, tenho a honra de confirmar o seguinte telegrama, que me coube dirigir a Vossa Excelência em 29 de abril findo:

> Urgente necessidade ausência Heynen pergunto se posso nomear interinamente vice-cônsules México outros propostos ofício terceira dois, 28 janeiro, pedindo governo mexicano autorizar exercício provisório. Rogo remessa regulamentos fórmulas. – CARDOSO.

O motivo deste telegrama foi a necessidade de serem nomeados vice-cônsules em Tampico e Tuxpán, a mim mais de uma vez demonstrada pela companhia "Aguila", que tinha naqueles portos vapores carregados de petróleo prontos a sair para o Brasil e sem poder fazê-lo pela falta de agente consular para o despacho dos mesmos.

O vice-cônsul na Cidade do México, senhor Carl Heynen, atualmente no exercício de cônsul, está ausente por motivo de grave enfermidade do pai, mas mesmo que estivesse presente não poderia nomear vice-cônsules naqueles portos, porque a sua jurisdição abrange apenas a Cidade do México e o Distrito Federal.

Pedi a remessa de regulamentos, fórmulas de faturas consulares e de outros documentos, a fim de serem enviados aos novos nomeados.

Aguardo as ordens de Vossa Excelência, a quem reitero os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 27 MAIO 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 10

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 27 de maio de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 8, de 17 do corrente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos anexos do *País*, de 23 deste mês, contendo as declarações do senhor De la Barra, ministro das Relações Exteriores, acerca da retirada da sua candidatura à vice-presidência da República e da sua intenção de ausentar-se do país, para se tornar inelegível, de acordo com a lei.

Se bem que assegure que só sairá depois de resolvidas todas as questões diplomáticas importantes, é de recear que tais declarações produzam mau efeito no estrangeiro, por poder parecer um pretexto para eximir-se das responsabilidades da situação.

Esta, entretanto, dir-se-ia que de uns dias para cá apresenta alguns leves sintomas de melhora, entre os quais a mais favorável condição do câmbio, devida à notícia da consecução, dentro de poucos dias, de um empréstimo de duzentos milhões de pesos.

Cabe-me informar Vossa Excelência de que, dos países que têm representantes diplomáticos residindo nesta Capital, já reconheceram formalmente o atual governo ou já anunciaram a remessa das cartas respectivas os seguintes: Japão, Espanha, França, China, Noruega, Guatemala, Alemanha, Áustria-Hungria, Grã-Bretanha, Itália, Bélgica, Cuba, Salvador e Portugal. Dos europeus falta apenas a Rússia, cuja legação, por ausência do ministro, há muitos meses, está a cargo da legação de França. Da América, faltam os Estados Unidos, o Brasil e o Chile. Na República de Honduras, que também tem representante nesta capital, houve também mudança de presidente, que, por sua vez, mandou sua carta de participação ao presidente Huerta, o que se pode considerar como reconhecimento formal.

O Equador, o Peru, os Países-Baixos e o Uruguai, cujos agentes diplomáticos são aqui acreditados, têm suas sedes em Washington.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 30 MAIO 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 15

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 30 de maio de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber hoje o seguinte telegrama de Vossa Excelência, datado de ontem:

> BRASLEG – MÉXICO – 6 – Comunico Vocência Eduardo Ramos promovido primeiro secretário designado servir nessa legação. – REGIS

Agradecendo, cabe-me informar Vossa Excelência de que ainda não me chegou às mãos a comunicação da transferência para Washington do senhor E. L. Chermont, de que tenho apenas notícia particular, razão por que não dei até agora o costumado conhecimento ao Ministério das Relações Exteriores nesta capital.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 03 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 11

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 3 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício a essa seção, n. 10, de 27 de maio último, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que o Congresso Nacional Mexicano encerrou seus trabalhos no dia 31 daquele mesmo mês, depois de ter votado uma nova lei eleitoral pela qual se devem reger as eleições para presidente e vice-presidente da República, convocadas pelo mesmo Congresso para o dia 26 de outubro vindouro; havendo igualmente aprovado as autorizações para o aumento do efetivo do exército a oitenta mil homens e para a realização de um empréstimo de duzentos milhões de pesos mexicanos, equivalentes a vinte milhões de libras.

Este empréstimo, que deve ser aplicado às despesas da pacificação do país e outros gastos urgentes, foi contratado provisoriamente, por intermédio do representante do Banco de Paris e dos Países Baixos, ao tipo de noventa e juros de seis por cento, com um prazo de dez anos, somente pela soma de cento e sessenta milhões; isto porque o governo mexicano já havia acordado com a casa Speyer & Companhia, de Nova York, receber as mesmas *bonds* no valor de quarenta milhões de pesos, em pagamento do empréstimo contraído, há um ano, pela administração passada.

O contrato definitivo será assinado em Paris, dentro de poucos dias, pelo agente financeiro do México em Londres, senhor Luís L. De la Barra e o gerente do referido banco.

Há esperanças de que as mencionadas medidas possam contribuir para fortalecer o governo e facilitar-lhe a difícil tarefa.

Cumpre-me acrescentar, para completar minhas informações anteriores, que é esperado brevemente nesta capital o senhor Alexandre Stalewski, ministro da Rússia, portador da resposta do seu governo à carta de comunicação do presidente Huerta.

Prevaleço-me da oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 07 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 16

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 7 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber hoje o telegrama-circular, que Vossa Excelência se serviu dirigir-me ontem, nestes termos:

> BRASLEG – MÉXICO – CIRCULAR 2. – Para facilidade correspondência rogo Vocência mandar dora em diante numerar telegramas dessa legação. – REGIS

Darei fiel cumprimento à determinação de Vossa Excelência, a quem renovo os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 14 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 17

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 14 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber as fotografias dos senhores presidente da república e ministro das Relações Exteriores, cuja remessa Vossa Excelência se serviu anunciar-me pelo despacho-circular desta série, n. 7, de 18 de abril último, a fim de serem colocadas na chancelaria desta legação.

Agradecendo, cabe-me informar de que foi logo cumprida a ordem de Vossa Excelência, a quem reitero os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

OFÍCIO[10] • 16 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

1ª. Seção / N. 18

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 16 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Conforme já havia anunciado a Vossa Excelência no final do meu ofício reservado à 2ª seção, n. 1, de 17 de maio último, partiu desta capital no dia 11 e de Vera-Cruz no dia 12, o senhor Anselmo Riquelme, ministro do Chile.

Em atenção à sua sempre demonstrada amizade pelo Brasil, às nossas relações pessoais e à série de finezas que me dispensou desde a minha chegada, não quis deixá-lo sair do México sem dar-lhe mais uma prova pública de apreço, além das outras com que tinha repetidas vezes retribuído suas delicadezas, e ofereci-lhe um almoço de vinte talheres, em que tomaram parte vários colegas e amigos comuns da melhor sociedade mexicana.

Prevaleço-me da ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 17 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

Índice: Revolução no México: modificações no gabinete.

2ª Seção / N. 12

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 17 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 11, de 3 do corrente, cabe-me informar Vossa Excelência de que, como desde já há algum tempo se previa, acaba o gabinete do presidente Huerta de passar pelas seguintes modificações: foram aceitas as renúncias

10 Entre o cabeçalho e o vocativo: "Ac. em 4/8/915 D. n. 6".

do senhor general Mondragón do cargo de ministro da Guerra e Marinha e do senhor licenciado Jorge Vera Estañol do de ministro da Instrução Pública e Belas Artes, tendo sido nomeados para substituir o primeiro o general Aureliano Blanquet e para o segundo o engenheiro Manuel Garza Aldape, antes indigitado para a pasta da Agricultura, que ainda não se criou. Foi também nomeado ministro de *Gobernación* (Interior), em substituição do senhor Garcia Granados, que há algumas semanas se demitiu, o doutor Aureliano Urrutia, médico bastante conhecido, afastado da política militante, mas homem de valor e da maior confiança do presidente.

Como Vossa Excelência já sabe, o ministério do presidente Huerta fora indicado pelo general Félix Díaz, de acordo com o pacto chamado da Cidadela, por eles assinado em 18 de fevereiro e que deu fim à revolução na capital. À semelhante situação, que tolhia a completa liberdade de ação individual do presidente Huerta, se atribuía, de uns tempos a esta parte, o malogro da ação governamental no tocante principalmente à pacificação do país, pela divergência de vistas, em vários assuntos, entre o chefe de Estado e seus ministros, e não raro entre estes. Até que a tomada pelos rebeldes das importantes cidades de Matamoros e Zacatecas, causando profunda impressão, desencadeou a tempestade pelas colunas da imprensa, conduzindo à aludida crise. Entre o presidente e o general Félix Díaz foi assinado um termo, dando por findo e cancelado o referido pacto, uma vez que já tinha este preenchido os seus fins, com a convocação das eleições para presidente e vice-presidente em outubro próximo.

Destarte fica o chefe do Estado desembaraçado e apto a escolher livremente os seus auxiliares.

Fala-se que às demissões seguir-se-ão outras, inclusive a já anunciada do ministro das Relações Exteriores, senhor De la Barra, que iria reassumir o seu cargo de governador do Estado do México ou se ausentaria provisoriamente do país, projeto que já levei ao conhecimento de Vossa Excelência, rumorando-se que por algum tempo não teria substituto, tocando ao subsecretário ficar encarregado do despacho.

Se ajuntarmos, ao que acabo de expor, o que tenho observado por mim mesmo e o boato que de algum tempo vem correndo, com bastante insistência, de que o presidente Huerta, para melhor satisfazer seus compromissos de pacificar o país, pretende ir dirigir pessoalmente a campanha contra os revolu-

cionários e os zapatistas, parece-me que se está desenhando uma nova situação em breve futuro, que não se me afigura impossível viesse a concretizar-se da seguinte forma: o afastamento voluntário do presidente general Huerta a fim de ir tomar parte na campanha, sua substituição pelo ministro de Gobernación Urrutia, na falta do ministro das Relações Exteriores e, assim desincompatibilizado, a apresentação da candidatura do mesmo general Huerta, prestigiado pelo êxito que alcançar na campanha.

Do que se for passando informarei a Vossa Excelência, a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 18 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 19

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 18 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos do *Imparcial*, de 11, 12, 13, 16 e 18; do *Diario*, de 11, 12, 17 e 18; do *Mexican Herald*, de 12; do *Independiente*, de 12, 13, 17 e 18; e do *País*, de 12, 13, 17 e 18, todos do corrente mês, contendo notícias da viagem e estadia nos Estados Unidos do senhor ministro Lauro Müller.

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 24 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 5

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 24 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em pacote separado, pelo correio, sob registro, as seguintes publicações oficiais:

− Lista dos Agentes Consulares mexicanos, janeiro de 1913.
− Lista dos Agentes Consulares estrangeiros, janeiro de 1913.
− Boletins Consulares, tomo VII, números 1 a 4, de janeiro, fevereiro, março e abril do corrente ano.

Prevaleço-me da ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 25 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 20

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber o despacho-circular dessa seção, n. 11, de 16 de maio próximo passado, em que Sua Excelência o senhor ministro Lauro Müller se serviu anunciar-me a sua viagem aos Estados Unidos e que durante o seu impedimento temporário Vossa Excelência o substituiria.

Neste mesmo despacho me ordena Sua Excelência que, em conferência com o ministro das Relações Exteriores deste país, lhe dê conhecimento do motivo que determinava sua ausência.

Cabe-me informar Vossa Excelência de que já eu o havia feito, ao entregar pessoalmente a nota em que comuniquei essas

notícias ao senhor De la Barra, cumprindo a determinação de Vossa Excelência em telegrama de 18 de maio, cuja recepção acusei pelo ofício desta série, n. 14, de 24 do mesmo mês.

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 26 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 21

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 26 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar recebido o seguinte telegrama de Vossa Excelência, datado de 10 do corrente:

> BRASLEG – MÉXICO – 7 – Desejando governo rever consolidação diplomática muito agradeceria Vossenhoria dissesse possível urgência em ofício modificações que sua experiência e conhecimento legislações outros países julgam necessárias. – REGIS

Sumamente penhorado, passo a levar ao conhecimento de Vossa Excelência algumas reflexões sugeridas pela atenta leitura da atual consolidação:

> Art. 8, parágrafo 1º – Parece que deveriam ser supressas as palavras "sem o qualificativo de interino", pois em parte alguma os secretários quando substituem os ministros com o caráter de encarregados de negócios, deixam de ser considerados interinos, tanto que cedem o passo aos encarregados de negócios acreditados neste caráter pelos seus governos como chefes de missão, ainda que sejam mais antigos no posto que estes.
>
> Art. 10 – De acordo com a praxe estabelecida nos últimos anos, dever-se-ia acrescentar "nem dos seus vencimentos, em ouro, incluindo a quantia destinada à representação".

Art. 11 – O mesmo acréscimo.

Art. 14 – Penso que este artigo deve ser modificado, porque o fato de deixar de pertencer ao corpo diplomático o empregado que o governo conservar cinco anos em disponibilidade inativa equivale a uma demissão dada pelo governo o que vai de encontro ao art. 28 que dispõe: "Os indivíduos que tiverem servido dez anos em lugares de chefe ou secretário de legação somente poderão ser demitidos por sentença do tribunal competente."

Art. 32 – Julgo que deveria ser mantido este artigo, suprimindo-se as palavras "descontadas as gratificações que se abonarem ao seu substituto e ao desse pelo serviço interino" e não se contando nos seis meses um tempo razoável para as viagens, atentas as diferenças de distâncias, que reduziria para muitos o período de estadia no Brasil. Os seis meses deveriam ser contados da data da chegada ao Brasil à da partida, podendo em compensação o governo exigir que uma parte desse prazo passasse o funcionário no Rio de Janeiro em contato com a Secretaria de Estado.

Art. 34 – Conviria acrescentar que o uso imoderado da tolerância estabelecida por este artigo será passível de admoestação oficial ou disponibilidade, segundo os interesses que possam ser prejudicados com a ausência do funcionário ou a frequência da reincidência.

Arts. 37 e 38 – Seria justo dividir de outro modo os ordenados, gratificações e representações dos enviados extraordinários para evitar diversas consequências, entre as quais a de terem os seus herdeiros uma pensão de montepio inferior às que deixam os primeiros secretários que atingem doze anos de serviço; devendo também as quantias de representação ser avaliadas conforme a carestia da vida, que é conhecida, das diferentes capitais, tendo-se igualmente em vista, como compensação, a longitude, a importância política, as condições de conforto e o grau de civilização dos vários postos; e estabelecendo-se, outrossim, uma quota especial de representação para os funcionários com família, cujos gastos e obrigações sociais são evidentemente muito mais onerosos dos que os dos solteiros.

Semelhantemente, é preciso também não esquecer a circunstância, que se torna igualmente necessário fazer desaparecer, de que em certas legações, como por exemplo, esta, o secretário que atinge doze anos de serviço e cinco de residência na América vem a perceber, quando encarregado de negócios, o mesmo que o ministro que não tiver direito a essa gratificação, ao passo em que outras, como as do Equador e na Colômbia, dá-se o caso ainda

mais frisante de virem a ganhar maior soma, pois os vencimentos marcados para os ministros são de dezoito contos e os secretários nas condições apontadas receberão vinte.

Vem talvez a propósito mencionar que também não me parece que deva continuar a ser mantida a classe de ministros residentes, que não me deixa ver de pronto nenhuma vantagem capaz de contrabalançar o inconveniente de ficar o nosso representante em categoria inferior; tanto mais quanto, para evitar isto, tem sido constante o uso, autorizado por lei, de acreditá-los como enviados extraordinários, o que lhes [*sic*] põe em pé de igualdade com os agentes diplomáticos desta última classe e com igual representação e deveres, mas sem os vencimentos correspondentes.

Art. 40 – Não parece que haja razão para dar a um segundo secretário menos do que se dá a um primeiro, pois no exercício das funções de encarregado de negócios, chefes de missão, ainda que temporariamente, perdem o seu caráter de primeiro ou segundo secretário e assumem, com o cargo interino, iguais obrigações burocráticas e sociais.

Art. 42 – Seria razoável estabelecer diferença entre as condições dos funcionários postos em disponibilidade sem culpa sua e os que o forem em virtude de uma falta cometida, devendo competir àqueles os seus vencimentos integrais, incluindo a quantia de representação, ainda que em moeda do país, e aos últimos os vencimentos marcados pelas leis atuais.

Art. 44 – A disponibilidade a pedido deveria dar direito aos vencimentos de disponibilidade inativa.

Art. 45 – Segundo a praxe dos últimos tempos, deve-se dizer "em ouro, incluindo a quantia destinada à representação", em vez de "em moeda corrente do país".

Arts. 46 e 47 – Devem ser alterados no sentido de se pagarem em ouro os vencimentos de licença gozada no Brasil, pois não é de equidade que o funcionário seja pago em ouro quando está em gozo de licença na Europa, por saúde ou a simples passeio, e o seja em papel justamente quando vai ao seu país, sem deixar, aliás, muitas vezes de continuar a fazer certos gastos nos seus postos, como o aluguel de casa, criados para a sua conservação etc. Além disto, longe de tornar mais desvantajosa para o funcionário a ida ao Brasil, parece que se lhe devem facilitar esses ensejos, que lhe permitiriam manter mais ou menos constante e vivo o contato com os homens e as coisas da pátria. Com o regime atual do pagamento em papel, durante as licenças gozadas no Brasil, os vencimentos são muitas vezes absorvidos simplesmente pelas

viagens, de modo que, não tendo recursos pessoais, fica o funcionário, principalmente se tem família, privado de visitar o país e sofrendo as consequências de um forçado desterro, como me aconteceu, quando secretário, durante doze anos.

Art. 50 – Também não parece razoável que o funcionário em viagem fique reduzido ao simples ordenado, pois mesmo em viagem não perde seu caráter representativo e é forçosamente, como todos o sabem por experiência própria, levado a despesas que lhe seriam desnecessárias se viajasse como simples particular, o que o faz desfalcar a ajuda de custo destinada a outros fins.

Art. 52 – Igualmente deve ser modificado, porque não é possível que um funcionário possa partir no mesmo dia em que recebe a comunicação oficial, tendo às vezes onerosos compromissos a satisfazer, como aluguéis de casa, preparos de viagem etc., o que constitui motivos de força maior, que não os devem privar dos meios de subsistência durante o período entre o recebimento da comunicação oficial e o dia da partida.

Art. 55 – Harmonizá-lo com o artigo 50.

Art. 67 e seguintes – Penso que o regime atual de ajudas de custo deve ser modificado de modo mais equitativo, cabendo aos funcionários casados maior quantia que aos solteiros, pois não é de modo algum razoável que um funcionário sozinho para ir, por exemplo, de Paris a Bruxelas ou do Rio de Janeiro a Montevidéu, tenha direito à mesma soma que um outro casado, e às vezes com grande família, para viajar de Buenos Aires ao Japão ou do Peru a São Petersburgo.

Art. 93 – Em bem da rapidez do trabalho e da maior autenticidade poderiam as legações e consulados ser autorizados a fazer o registro da correspondência expedida, em copiadores, por prensa, como o praticam as casas comerciais, em vez de ser feito a mão, com retardo nas repartições de maior trabalho, e sujeito a dessemelhanças de ortografia e outras pequenas diferenças detrimentosas à fidelidade.

Art. 106 – Deve ser dada sanção oficial à prática já corrente de escrever-se a correspondência em máquina e em papel sem pauta, mais adaptado a este gênero de trabalho.

Art. 107, parágrafo 9º – Não parece necessária a ordem de remeterem-se em duplicata os retalhos de jornais, o que além de avolumar a correspondência, não é às vezes fácil de executar, pela dificuldade de obter duplicata do impresso etc. Bastaria mandar-se duplicata dos impressos relativos a assuntos de interesse para

algum outro ministério, ou a este dirigir-se em tais casos a respectiva duplicata.

Art. 111 – Parece útil dar sanção oficial à prática de se não traduzir os impressos nas línguas mais conhecidas entre nós, como francês, inglês, espanhol e italiano.

Arts. 127 e 128 – Devido à maior facilidade de comunicações e, portanto, contínuo contato entre a Secretaria de Estado e as legações, estes artigos e outros idênticos parecem ter caído em desuso.

Além das ideias acima expendidas, afigura-se-me da mais urgente necessidade entrar o nosso governo nas negociações necessárias com as administrações postais dos diferentes países, para envio de sacos ou malas privativas das legações para o ministério e vice-versa, que oferecem maior garantia do que a remessa pelos meios comuns, pelo correio. Ainda há pouco tempo foi esta legação obrigada a reter aqui por longas semanas uma correspondência de importância, por falta de segurança, não somente quanto ao trajeto, como no tocante à inviolabilidade.

São estas as insignificantes ideias que, tanto quanto me permitiu o mau estado da minha saúde neste momento, o desassossego de espírito em que aqui se vive e a urgência desejada, posso de pronto submeter à elevada apreciação de Vossa Excelência, a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[11] • 27 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

Índice: Remessa de boletins oficiais da Secretaria de Estado das Relações Exteriores do México.

2ª Seção / N. 13

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 27 de junho de 1913.

11 No topo da página: "Nota do Archivo Geral: O anexo foi remettido à Biblioteca em (...) de março de 1930. D.R"

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter à Vossa Excelência por este mesmo correio, em pacote separado, sob registro, os boletins oficiais publicados pela Secretaria das Relações Exteriores, n. 5, 6 e 7, correspondentes aos meses de agosto, setembro e outubro de 1912, que completam o tomo XXXIV; e, bem assim, o tomo XXXV, compreendendo os de n. 1, 2-3-4, 5 e 6, publicados em novembro de 1912 e fevereiro, março e abril de 1913.

Nestes boletins salientam-se, como podendo ser de algum interesse para esse ministério, os seguintes assuntos:

No de agosto de 1912 – a notícia sobre a entrega da minha credencial, pág. 194; o tratado de extradição entre o México e a República do Salvador, pág. 196.

No de setembro de 1912 – a mensagem presidencial, lida perante o XXV Congresso da União, pág. 258; as notícias sobre a entrega das credenciais dos ministros do México no Brasil e na Noruega, pág. 297; convenção para a criação de uma repartição internacional para a análise de produtos alimentícios.

No de outubro de 1912 – notícias das recepções do ministro da Bélgica no México e do México em Honduras, págs. 324 e 326; os índices do tomo XXXIV, págs. 378 e 381.

No de fevereiro de 1913 – os textos das renúncias dos senhores presidente Madero, vice-presidente Pino Suárez e do presidente provisório senhor Pedro Lascurain, págs. 66 e 68; recepção do ministro de Cuba, pág. 79; recepção do corpo diplomático, pág. 107; convênio entre o México e a China para o pagamento de uma indenização a esta última, pág. 118; informação sobre a Junta de Jurisconsultos, pág. 123; notícia sobre a XXVIII reunião do Instituto de Direito Internacional, pág. 206.

No de março de 1913 – notas sobre os prejuízos sofridos pelas legações, pág. 226; regras de reciprocidade com a Inglaterra, pág. 228; Lei de Anistia, pág. 239; recepções oficiais dos ministros de França, Itália, Cuba, Japão e Noruega, pág. 279.

No de abril de 1913 – mensagem presidencial, pág. 284; reconhecimento do governo mexicano pelo do Salvador, pág. 319; orçamento do Ministério do Exterior, pág. 328; tratado franco-marroquino, pág. 343; sobre salvas internacionais, pág. 348; circular sobre extradição, pág. 356; acerca da viagem da

canhoneira *Morelos* e sua passagem pelo Brasil, págs. 361 e 366; e finalmente os índices do tomo XXXV.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 28 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 6

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 28 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o retalho anexo do *Diario* de ontem, contendo a curiosa notícia de uma viagem feita por um pombo-correio, que, solto no Rio de Janeiro, chegou sem transtorno ao seu destino, em Pittsburg, no fim de quarenta e oito dias.

Aproveito a ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 29 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 22

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 29 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Coube-me o grande pesar de receber o seguinte telegrama de Vossa Excelência, de hoje:

> OFICIAL – BRASLEG – MÉXICO – CIRCULAR – 3 – Cumpro doloroso dever comunicar falecimento hoje pela madrugada do ex-presidente república senador Campos Salles. Governo decretou luto oficial por oito dias. Rogo comunicar consulados brasileiros desse país. – REGIS

Fiz hoje mesmo as ordenadas comunicações aos vice-consulados nesta capital e em Vera-Cruz; e acrescentei que, acompanhando aquela demonstração de pesar, mandara hastear a meio pau a bandeira desta legação.

Rogo a Vossa Excelência queira aceitar e transmitir a Sua Excelência o senhor presidente da República os meus sinceros pêsames pela deplorável perda de tão eminente brasileiro.

Nos retalhos anexos do *Imparcial*, *Diário*, *Independiente* e *País*, desta mesma data, dignar-se-á Vossa Excelência ver como foi aqui notificado o infausto acontecimento.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[12] • 30 JUN. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 23

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 30 de junho de 1913.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu ofício desta série, n. 19, de 18 de junho próximo findo, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, nos retalhos anexos do *Diario*, de 19, 20, 21, 27 e 29; *Imparcial*, de 20, 22 e 29; *Independiente*, de 20 e 22; *País*, de 20, e *Mexican Herald*, de 28, várias notícias e comentário aqui publi-

12 Intervenção imediatamente abaixo do cabeçalho: "Acc. em desp. 9 a 14-08-913".

cados acerca da viagem do senhor ministro Lauro Müller aos Estados Unidos e dos proveitos que dela se espera no tocante à modificação da chamada "diplomacia do dólar" e às mais cordiais relações entre os Estados Unidos e a América do Sul e Central.

Prevaleço-me da oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 01 JUL. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 14

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 1º de julho de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício n. 12, de 17 de junho último, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que o ministro das Relações Exteriores, senhor De la Barra, ausentou-se por quinze dias, com licença do senhor presidente da república, para ir reassumir o seu cargo de governador do estado do México, do qual há tempos se retirara, também com licença, que agora expirou. Em seu lugar ficou o subsecretário, senhor Carlos Pereyra, como encarregado de despacho.

Dizem que sua excelência voltará ao seu posto no ministério, que deixará em pouco tempo para ausentar-se do país durante o período das eleições.

O general Mondragón, ex-ministro da Guerra, foi mandado em comissão à Bélgica e é voz corrente que o general Félix Díaz, como o primeiro chefe da revolução de fevereiro, e candidato à presidência, irá como embaixador ao Japão para agradecer a vinda da missão especial japonesa durante as festas do centenário do México em 1910.

Como Vossa Excelência vê, vai tomando vulto a suposição

que fiz no final do meu ofício n. 12, apesar das declarações em contrário do ministro de Gobernación, senhor Urrutia.

Destas declarações e da licença do senhor De la Barra tratam os retalhos do *Mexican Herald*, de 19 e 21 de junho.

Quanto a notícias gerais do estado do país, como Vossa Excelência poderá julgar pelo incluso artigo do *Imparcial* de hoje, a situação, apesar dos louváveis esforços do governo, parece piorar de dia a dia no que diz respeito à revolução no norte, que se vai fortalecendo e ganhando terreno de modo evidente, o que se tem traduzido quase diariamente pela tomada de cidades importantes, como Matamoros, Zacatecas e Durango e a derrota sofrida pela expedição militar mandada pelo governo para dominar o estado revoltado de Sonora.

Nestas condições parece cada vez mais difícil a obra da pacificação, a menos que para apressá-la não se apresentem circunstâncias imprevistas. [*sic*]

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 02 JUL. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 24

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 2 de julho de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber hoje o telegrama de Vossa Excelência, desta mesma data, abaixo transcrito, igual a um outro de 29 de junho próximo passado, cuja recepção já acusei pelo meu ofício desta série, n. 22, do mesmo dia 29:

> BRASLEG – MÉXICO – CIRCULAR – 3 – Cumpro doloroso dever comunicar falecimento hoje pela madrugada de ex-presidente república senador Campos Salles. Governo decretou luto oficial por oito dias. Rogo comunicar consulados brasileiros nesse país. – REGIS

Prevaleço-me da ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[13] • 25 JUL. 1913 • AHI 221/01/06

Índice: Distinção honorífica ao dr. Oliveira Botelho. Moléstia do mesmo.

1ª Seção / N. 1 / RESERVADO

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de julho de 1913.

Senhor Ministro,

Conforme Vossa Excelência se dignará ver pelos retalhos anexos do *Independiente* de 16 do mês próximo passado, o ministro da Instrução Pública, senhor Vera Estañol, para me ser agradável, antes de deixar o seu cargo, nomeou o nosso compatriota doutor J. A. de Oliveira Botelho, membro honorário do Instituto Médico Nacional. É este um estabelecimento científico criado especialmente para o estudo da flora mexicana.

Ao mesmo tempo que tenho o prazer de dar a Vossa Excelência tão lisonjeira notícia, cumpre-me, infelizmente, mencionar que o nosso infeliz compatriota, o qual – graças em grande parte, como ele mesmo reconhecia, a meu apoio e amizade, pois o conheço desde os bancos escolares – estava aqui fazendo um bonito papel e dando lustre ao nome do Brasil, chegou novamente a um período agudo da sua conhecida mania de perseguição.

Sabendo dessa sua infelicidade e dos escândalos por ele causados em Cuba, procurei, desde a sua chegada, proceder de modo a pôr em evidência o seu incontestável mérito como operador, facilitando-lhe todos os passos, a fim de que, embria-

13 Intervenção entre a numeração e o cabeçalho: "Acc. o recebimento."

gado pelos triunfos científicos, esquecesse aquela mania e tirasse do espírito toda e qualquer ideia de perseguição neste país.

Com bastante jeito, trabalho e paciência, consegui dominá-lo durante algum tempo, mas tive o desgosto de ver por terra o meu intento, pois, subitamente, quando se achava coberto de aplausos e distinções, como Vossa Excelência terá visto pelos meus ofícios ostensivos a respeito dele, sem que eu nem de leve possa suspeitar por quê, cortou simplesmente suas relações comigo, colocando-me, assim como a outros amigos, entre os quais o professor Jesus Monjarás, a quem só deveria ser gratíssimo, no número dos seus imaginários perseguidores, que, a seu juízo, pretendem envenená-lo, no intuito de satisfazer os ódios de seu irmão, por ordem e paga do governo brasileiro. Nunca se terá visto maior dislate.

Seria longo enumerar a série de suposições e suspeitas, cada qual mais disparatada, de que o pude dissuadir; bem assim vários episódios de alguma gravidade, de cujas consequências tenho podido livrá-lo, entre outros a tentativa de atirar com um revólver contra um companheiro de casa e amigo íntimo, o senhor Steve Seljan, a quem naquele momento acusava de o querer matar, como espião nosso.

Desprezando o que possa haver de ingratidão para comigo, só tenho tido em vista evitar qualquer escândalo público deprimente para o nosso nome; e neste sentido tenho conseguido de várias pessoas, a quem injuriou ou caluniou, e que estavam dispostas a proceder contra ele, que tenham a necessária indulgência para com um enfermo; e até hoje felizmente nada se tem produzido que me leve a tomar qualquer medida enérgica ou desagradável; mesmo porque, quanto às insensatas suposições e acusações, ele mesmo as tem destruído, não só demonstrando-se imediatamente, às pessoas que com ele tratam, como um perfeito desequilibrado, senão também, com a inconsequência própria da enfermidade, fazendo à minha pessoa a lisonjeira referência constante do incluso retalho do *Independiente* de 30 de junho.

O pior é que já começa a ser vítima de seu estado mental e dos procedimentos irregulares que dele dimanam, como Vossa Excelência julgará pelo recorte anexo do *Imparcial* de 3 de julho, em que se dá conta do começo de um processo que contra ele intentaram e que está correndo os seus trâmites. Deste, só tive notícias pelo jornal.

Do que for ocorrendo darei conhecimento a Vossa Exce-

lência, a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 30 JUL. 1913 • AHI 221/01/06

Índice: Revolução no México. Alterações no ministério.

2ª Seção / N. 15

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 30 de julho de 1913.

Senhor Ministro,

Conforme tive a honra de anunciar a Vossa Excelência, em ofício desta série, n. 14, de 1º do corrente, o senhor Francisco L. de la Barra pediu e obteve exoneração do cargo de ministro das Relações Exteriores, partindo hoje para a França no caráter de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do México.

Ontem também seguiu a exercer igual posto na Bélgica o senhor Carlos Pereyra, subsecretário de Estado, que estava interinamente encarregado do despacho, sem aguardar a chegada – em contrário ao que se tinha publicado – do novo ministro das Relações Exteriores, senhor Frederico Gamboa, aqui esperado a 6 de agosto e que exercia o cargo de enviado extraordinário na Bélgica.

Durante este curto intervalo, dirigirá interinamente o Ministério das Relações Exteriores, o senhor Garza Aldape, ministro de Instrução Pública e Belas Artes.

Também deixaram os seus postos os ministros de Fomento e da Fazenda, senhores Robles Gil e Esquivel Obregón, não tendo sido ainda nomeados os seus sucessores, e fala-se com muita insistência na próxima saída dos da Justiça e Comunicações, únicos atuais representantes no governo, do grupo do general Félix Díaz, que por sua vez, como se previa, partiu há dias para o Japão como embaixador mexicano para agradecer a vinda da missão especial japonesa às festas do centenário em 1910.

Estes e outros atos do presidente denotam acentuado plano político que é difícil saber que influência poderá ter para a solução da crise por que atravessa o país e que nestes momentos, chegou ao seu auge, não só política como financeiramente.

Conforme já tenho tido vários ensejos de dizer a Vossa Excelência, tudo parece depender da atitude dos Estados Unidos, a chamado de cujo governo partiu, há duas semanas, o embaixador americano no México, senhor Henry Lane Wilson, a fim de informar sobre a deplorável situação. Para ali já tinham regressado os senhores doutor Hale e Reginaldo del Valle, que aqui estiveram encarregados pessoalmente pelo presidente Woodrow Wilson de estudá-la.

Seria difícil mencionar os inúmeros boatos espalhados pela imprensa acerca de qual será, finalmente, a resolução do governo de Washington, junto a quem, diz-se e parece certo, as potências europeias deram passos para que defina claramente sua política em relação ao México.

O que não se pode desconhecer é que o momento é sumamente crítico e tremendas são as responsabilidades no tocante ao presente e ao futuro deste país.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 30 JUL. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 25

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 30 de julho de 1913.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu ofício desta série, n. 23, de 30 de junho próximo findo, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos anexos do *Independiente*, de

3, 8 e 15 do corrente, contendo as últimas notícias acerca da viagem e estadia do senhor ministro Lauro Müller nos Estados Unidos, e do *Mexican Herald*, de hoje, no qual, a propósito dessa viagem, dá o articulista interessantes e lisonjeiras informações sobre o Brasil.

Permita-me Vossa Excelência acusar aqui o recebimento do despacho circular, dessa seção, n. 14a, de 24 de maio último, que confirma o telegrama de 17 daquele mês sobre o mesmo assunto e a que já me referi em ofício desta série, n. 14 do corrente ano.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 31 JUL. 1913 • AHI 221/01/06

Seção de Protocolo / N. 1

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 31 de julho de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar recebido o despacho dessa seção, n. 1, de 7 de junho último, pelo qual Vossa Excelência se serviu confirmar nos termos seguintes o seu telegrama de 29 de maio, cuja recepção já acusei por ofício a 1ª seção n. 15, de 30 do mesmo mês:

> 6 – Comunico Vocência Eduardo Ramos promovido primeiro secretário designado servir nesta legação.

Em carta particular, teve este colega a delicadeza de prevenir-me que chegará a esta capital no correr do próximo mês de agosto.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[14] • 07 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

4ª Seção/ N. 1
Reservado

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 7 de agosto de 1913

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar o telegrama cifrado que permiti dirigir a Vossa Excelência a 14 do corrente nestes termos:

> EXTERIORES – RIO DE JANEIRO –1– Informado presidente pretende comparecer próxima recepção quinzenal legação. Rogo autorização sacar até trinta libras esterlinas presente casamento sua filha vinte e três corrente. – CARDOSO

E bem assim agradecer muito penhorado a seguinte benévola resposta de Vossa Excelência em telegrama de 18:

> OFICIAL – BRASLEG – MÉXICO – 10 – Pode Vocência sacar libras de acordo seu 1. – REGIS

O presente consistiu numa artística vitrina de mogno, estilo Luís XV, com adornos de bronze e três pinturas à mão, e custou 285 pesos mexicanos ou apenas 27-12-2 libras.

Não só por haver sido particularmente informado pelo chefe do protocolo da projetada visita do presidente Huerta, de que oportunamente falarei, como também por saber que a noiva estava recebendo presentes do corpo diplomático e de pessoas de todas as classes, como Vossa Excelência poderá julgar pela parte da longa lista publicada nos retalhos anexos do *Imparcial* e do *Diario* de 24 de julho, e dadas as relações pessoais com a família, pareceu-me não dever fazer exceção e recorri a Vossa

14 Escrito à mão, entre o cabeçalho e o corpo do texto: "Notícia resumida para o jornal 17.09.13" a lápis.

Excelência por se tratar de uma despesa avultada e de natureza tão especial.

Como a compra de um móvel, que poderia ser para uso da legação, não se me afigurou inconveniente sacar em 24 de julho, pelos meios ordinários, remetendo à delegacia o documento da despesa junto ao recibo cuja terceira via enviei a essa secretaria com o meu ofício ostensivo n.17, de hoje; sem declarar, porém, para que fim fora comprado aquele objeto.

Só há poucos instantes recebi o aviso da delegacia, datado de 19 de julho, de que estava autorizada a entregar-me a quantia de 30-0-0 libras para despesas de caráter reservado. Rogando a Vossa Excelência se sirva desculpar-me de não ter, pelas razões expostas, agido de acordo com este aviso, aproveito a ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 08 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 26

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 8 de agosto de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber, em devido tempo, o telegrama de Vossa Excelência, de 12 de julho próximo passado, nestes termos:

> BRASLEG – MÉXICO – CIRCULAR – 4 – Queira remeter esta secretaria exemplares duplicados legislação que regula diversos serviços Ministério Relações Exteriores desse país. – REGIS

Apesar de minhas diligências desde que recebi a ordem de Vossa Excelência, só por este correio, em dois pacotes separados, sob registro, é-me possível remeter as seguintes publicações:

– Dois exemplares de "Reglamento para el régimen interior de

la Secretaría de Relaciones Exteriores, expedido el 11 de Febrero de 1883".
− Dois exemplares do volume "Guia Diplomática y Consular." 2ª edição oficial de 1902.
− Um exemplar do "Servicio Consular Mexicano – Reglamento".

Acham-se em estudo uma nova lei diplomática e um regulamento de serviço interno da secretaria, que me prometem enviar logo que obtenham a sanção legal, quando não me descuidarei de fazê-los chegar às mãos de Vossa Excelência, a quem reitero os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira, Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 11 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 27

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 11 de agosto de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar recebido, em devido tempo, o seguinte telegrama que Vossa Excelência se serviu dirigir-me a 24 de junho último:

BRASLEG – MÉXICO – 9 – Em outubro do corrente ano deve reunir-se nesta capital o primeiro Congresso Pan-Americano de Odontologia sob a presidência de honra do senhor doutor Lauro Müller. Peço a V. Exa. o obséquio de fazer sentir a esse governo que, conquanto não seja oficial a reunião do congresso em questão, o do Brasil veria com especial agrado a sua representação no mesmo por meio de delegado oficial. – REGIS DE OLIVEIRA

Comuniquei imediatamente o desejo de Vossa Excelência ao senhor De la Barra, então ministro das Relações Exteriores, que me prometeu ouvir ao presidente e dar-me uma pronta resposta. Saiu, porém, alguns dias depois do ministério, sem ter cumprido sua promessa. Ao seu substituto temporário, o subsecretário

Carlos Pereyra falei do assunto e até lhe dei, a seu pedido, um pequeno *memorandum* para ser remetido ao ministro de Instrução Pública, senhor Garza Aldape. Este, com quem me entendi pessoalmente, não só naquela ocasião, como depois que estava interinamente dirigindo o Ministério das Relações Exteriores, prometeu-me fazer sem falta e prontamente a aludida designação. Até agora, porém, não a fez e não penso que a faça, pois deixa hoje a sua pasta da Instrução para ocupar a de Fomento.

Entender-me-ei novamente a respeito do assunto com o atual ministro das Relações Exteriores, senhor Frederico Gamboa, que também hoje toma posse de seu cargo e do que houver informarei em breve Vossa Excelência, a quem reitero os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 12 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 7

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 12 de agosto de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 4, de 26 de maio último, tenho a honra de acusar recebido, em devido tempo, o seguinte telegrama de Vossa Excelência, de 21 de junho:

> BRASLEG – MÉXICO – Resposta telegrama 30 maio. Heynen deve nomear vice-cônsul interino. Pode também nomear vice-cônsules indicados ofício 28 janeiro modelos nomeação pedir consulado Nova York. – REGIS DE OLIVEIRA

Informado por mim do conteúdo deste telegrama, o senhor Carl Heynen, vice-cônsul em exercício de cônsul no México, acaba de remeter-me os inclusos títulos de nomeação, acompanhados dos respectivos selos e assinaturas, em duplicata, dos senhores Friedrich W. Wolf, John Speedie, Jarvas Jeffries e

Wilhelm Andreas Matthiesen, para os cargos de vice-cônsules em Tampico, Tuxpán, Salina-Cruz e México (Distrito Federal).

O senhor W. A. Matthiesen, alemão, de 33 anos de idade, é empregado e representante da casa comercial do mesmo senhor Carl Heynen.

Dos candidatos mencionados no meu ofício de 28 de janeiro e agora nomeados, já dei no dito ofício as necessárias informações. Deles acha-se neste momento ausente do país o senhor Cesar Barthmann, cujo título de nomeação para vice-cônsul em Puerto-México será oportunamente enviado a essa secretaria.

Peço, pois, para as aludidas nomeações a aprovação de Vossa Excelência, a quem reitero os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 13 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 16

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 13 de agosto de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 15, de 30 de julho último, tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que chegou da Bélgica a esta capital e tomou anteontem posse de seu cargo de Ministro das Relações Exteriores, o senhor licenciado Frederico Gamboa, tendo recebido ontem o corpo diplomático para a apresentação de praxe. Estiveram presentes todos os chefes de missão, acompanhados do pessoal das respectivas legações, inclusive o encarregado de negócios dos Estados Unidos.

Também ontem entrou no exercício do seu novo posto de ministro de Fomento o senhor licenciado Manuel Garza Aldape, transferido do ministério da Instrução Pública e Belas Artes, sendo substituído neste pelo deputado licenciado José Maria

Lozano. Para ficar resolvida a tão falada crise ministerial, faltam ainda as nomeações do novo ministro da Fazenda e do da Justiça, no caso de pedir demissão, como se espera, o atual, licenciado Rodolpho Reyes.

Além disto, têm saído do país, a vários pretextos, muitos personagens, que de qualquer forma poderiam tomar atitudes políticas ou incomodar o governo, como os generais Mondragón e Félix Díaz e os senhores De la Barra, Esquivel Obregón, ex-ministro da Fazenda, e outros.

Não se sabe até que ponto poderão tais providências influir na marcha dos negócios públicos ou apressar a pacificação, pois o estado de coisas, não só político, como no tocante às operações militares, não apresenta sintomas de próximo bom resultado, continuando a revolução em pleno vigor, não obstante os últimos êxitos obtidos pelo governo. Ao contrário, neste momento a crise se acentua como em extremo delicada e dificilmente remediável, se não houver muito tato e serenidade de uma parte e grande abnegação e patriotismo de outra.

Como já informei Vossa Excelência, o embaixador americano foi chamado, há algumas semanas, pelo presidente dos Estados Unidos, para dar explicações sobre os acontecimentos do México, e, durante muitos dias estiveram a imprensa e o público em verdadeira febre: a primeira, a publicar toda a espécie de notícias sensacionais e conjecturas acerca do qual seria o procedimento dos Estados Unidos depois dos favoráveis informes do embaixador e, o segundo, perigosamente excitado por não poder chegar ao conhecimento da verdade. Havia a esperança de que fosse reconhecido o presidente Huerta, condição indispensável para a pacificação do país, pois este fato, prestigiando o governo mexicano, tiraria aos rebeldes a coragem e as esperanças, que fundadamente lhes vêm da atitude dos americanos, a cujos interesses, segundo a crença geral, tanto quanto a todos os desvios dos próprios mexicanos, se devem as desgraças que desde 1910 estão caindo sobre este infeliz país.

No auge dessa ansiosa expectativa, chegou a notícia de que fora aceita a exoneração pedida desde março pelo embaixador americano, Lane Wilson, e que o presidente dos Estados Unidos, em vez do desejado reconhecimento do presidente Huerta, resolvera mandar ao México em missão particular muito espe-

cial, como um simples assessor ou conselheiro da embaixada, o senhor John Lind, amigo pessoal e da mais íntima confiança do mesmo presidente. À missão, que se disse de Washington ser toda de paz e para bem do México, atribuem-se na imprensa e em todos os círculos os mais variados intuitos, como o de impor a renúncia do presidente Huerta, fazer propostas para a pacificação, que importam na intervenção dos Estados Unidos nos negócios internos do país, em menosprezo da soberania mexicana, e outros.

Há um alarme geral, que se traduziu imediatamente pela seguinte declaração, em nota do ministro das Relações Exteriores à embaixada americana, que a transmitiu a seu governo:

> Por orden del Señor Presidente de la República, declaro como Encargado de la Secretaría de Relaciones Exteriores, que si el ex--Gobernador Lind, enviado del Sr. Presidente Wilson, no trae sus credenciales en debida forma e con ellas el reconocimiento del Gobierno de la Republica Mexicana, no sera grata su presencia en el país. – El Secretario de Relaciones Manuel Garza Aldape.
>
> (Retalho anexo do *Imparcial* de 7 do corrente).

Tal declaração despertou, incontestavelmente, entusiasmo em todo o país e nesta capital expandiu-se na imprensa por vigorosos artigos e comentários; e, nas ruas, por uma grande manifestação de solidariedade ao presidente Huerta, durante a qual, por severas recomendações do governo e da polícia, não houve demonstrações antiamericanas. Pode-se dizer que, à parte algumas restrições das pessoas mais sensatas quanto à forma rude e porventura precipitada da declaração, a atitude do presidente foi geralmente aplaudida.

Neste ínterim, já havia partido de Washington o enviado americano e não se sabia se diante da posição assumida pelo governo mexicano, continuaria sua viagem ou receberia ordem de regressar do caminho. E é lícito avaliar que tão grande como a emoção do sucedido anteriormente, foi para o público a surpresa de saber que o senhor Lind prosseguiria sua viagem e que o governo de Washington manifestava o desejo de que o do México nada fizesse nem resolvesse antes de conhecer exatamente os fins para que vinha aquele enviado.

Efetivamente desembarcou em Vera-Cruz, de bordo de um navio de guerra americano, o senhor Lind, que, cercado de

todas as atenções e garantias pessoais, por parte das autoridades, chegou anteontem a esta capital, sem que até agora tenha dado a conhecer os seus intuitos, nem procurado aproximar-se do presidente Huerta, que também, por seu lado, não se mostra disposto a recebê-lo, como Vossa Excelência verá pelo retalho anexo do *Diario* de hoje. Verdade seja que se anunciara antes que o senhor Lind só se entenderia com o governo mexicano por intermédio do encarregado de negócios dos Estados Unidos.

É imensa a curiosidade pública e não menor o receio do que possa resultar do provável dessa missão, depois da terminante declaração presidencial.

Confesso que tenho estado bastante apreensivo, o que Vossa Excelência facilmente compreenderá, considerando a melindrosa posição em que me acho aqui, sendo o único representante do país que ainda não reconheceu este governo porque está vago o posto de embaixador americano e estão ausentes os ministros do Chile e de Cuba. Por enquanto, não só devido às minhas boas relações pessoais, senão também à falta de questões importantes entre o Brasil e o México e à pouca influência que pode exercer diretamente o primeiro na política do segundo, a nossa atitude não tem chamado demasiada atenção e seria para lastimar que uma imprudência minha ou qualquer incidente imprevisto viesse pô-la em evidência.

Estando as coisas neste pé, recebi o telegrama cifrado de Vossa Excelência, datado de ontem, a que mais particularmente me referirei, confirmando-o em ofício reservado, depois que obtiver do telégrafo a ratificação que pedi de alguns números errados.

Desde já, porém, seja-me permitido ponderar a Vossa Excelência que, dada a disposição do presidente Huerta, do seu governo, da imprensa e do público, de repelir sem restrições toda e qualquer intervenção estrangeira, mesmo de natureza pacífica ou amistosa, para a solução das suas momentosas e vitais questões internas, e o fato de não se ter ainda manifestado o próprio enviado americano, o correto desempenho da ordem de Vossa Excelência demanda a máxima prudência, oportunidade e tato, que aliás Vossa Excelência mesmo recomendou no seu telegrama. Demais a mais, acaba apenas de tomar posse o novo ministro das Relações Exteriores, recém-chegado e com o qual ainda não tenho a necessária intimidade.

Sem perder, portanto, de vista as conveniências, procurarei com a devida circunspecção dar o mais breve e completo desempenho possível à determinação de Vossa Excelência, a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[15] • 23 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 28

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 23 de agosto de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência, para os fins convenientes, que o primeiro secretário, senhor Eduardo de Lima Passos, chegou ontem a esta capital e assumiu o exercício do seu cargo.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[16] • 25 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 8

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de agosto de 1913.

15 Documento manuscrito.
16 Documento manuscrito.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar recebido o despacho n. 6, de 30 de junho último, da 2ª seção da Diretoria Geral dos Negócios Econômicos e Consulares, pelo qual Vossa Excelência se serviu comunicar-me haver sido, por decreto de 25 daquele mesmo mês, nomeado cônsul nesta capital o sr. Carl Heynen, cuja carta patente foi remetida à Delegacia do Tesouro do Brasil em Londres, a fim de ser ali satisfeito o pagamento do imposto do selo.

O senhor Heynen, avisado disto por aquela repartição, disse-me já ter mandado fazer esse pagamento; e logo que me chegue às mãos a sua carta patente, solicitarei sem demora o necessário exequátur cumprindo a ordem exarada no aludido despacho.

Agradecendo o bom acolhimento que se dignou dar a minha proposta, aproveito a ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[17] • 26 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 17

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 26 de agosto de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício a essa seção, n. 16, de 13 do corrente, tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que para o cargo de ministro da Fazenda, vago pela exoneração, há tempos, do senhor Esquivel Obregón, foi nomeado o senador Henrique Gorostieta, que assumiu o exercício das suas funções.

A fim de substituir o subsecretário de Estado das Relações Exteriores, senhor Carlos Pereyra, que partiu para a Bélgica como ministro do México, foi nomeado o licenciado Leopoldo Rebollas, que também já entrou em exercício.

17 Documento manuscrito.

Ficou, pois, resolvida a tão anunciada crise ministerial, vendo-se o presidente, destarte cercado de pessoas da sua própria confiança e dispostas, segundo se diz, a dedicar-se exclusivamente à administração, ficando a política sob a direção pessoal do mesmo presidente, por intermédio do ministro de Gobernación (Interior).

Era esta uma das condições tidas como necessárias para a resolução dos graves problemas militares, políticos e financeiros que assoberbam o país, absorvendo a atenção dos seus dirigentes e levando o espírito público a um grau de tensão que verdadeiramente não se pode prolongar por muito tempo sem lamentáveis consequências.

Sob o ponto de vista militar, tem tido o governo ultimamente bastante êxito, pela série de derrotas infligidas aos revolucionários do norte e a quase extinção dos fortes agrupamentos zapatistas; o que, porém, não quer dizer que não continuem os primeiros ainda muito poderosos e esperançados na atitude dos Estados Unidos e os segundos, se bem que dispersos, ainda capazes de dar, por largo tempo, árduo trabalho aos seus perseguidores.

O problema político é entretanto o mais sério, dependendo tudo da decisão final de Washington.

Apesar da intransigência que deixou antever o presidente Huerta na sua declaração transcrita no meu ofício n. 16, já as coisas se afiguraram encaminhadas de modo mais prometedor, pois do contrário não teriam tido lugar as conferências particulares do presidente da República e do ministro das Relações Exteriores com o enviado americano Lind, de que tratam os retalhos anexos do *Diario* de 17 e do *Imparcial* de 20; não se haveria chegado a troca de notas entre os dois governos; nem muito menos teria o presidente Woodrow Wilson enviado o expressivo telegrama de pêsames a propósito da terrível explosão de pólvora, que produziu grande número de vítimas, telegrama cujo texto Vossa Excelência encontrará no retalho também anexo do mesmo *Imparcial* de 20.

São completamente desconhecidos os termos e o conteúdo das notas do senhor Lind e da resposta do governo mexicano; mas a crença, fundada em declarações do ministro Gamboa e em notícias de Washington, de que tais documentos eram bastante cordiais, dava algumas esperanças de pronto e eficaz resultado. De anteontem para hoje, porém, as coisas mudaram muito de aspecto e a situação voltou novamente a agravar-se pela súbita

partida esta manhã do enviado Lind, que deu por finda sua missão e o telegrama de Washington anunciando que o presidente Wilson, ao saber disto, resolvera ler perante o Congresso uma mensagem sobre o caso do México e dando conta das suas gestões pacíficas para resolvê-lo.

Nos recortes inclusos do *Mexican Herald* de hoje, encontrará Vossa Excelência notícias mais detalhadas a semelhante respeito.

Como Vossa Excelência pode avaliar pelo que venho dizendo, continua a expectativa pública tanto mais ansiosa quanto do reconhecimento dos Estados Unidos, ou de uma boa solução a seu contento da crise atual, dependia a questão financeira, que está arruinando o país, produzindo o mal-estar das classes médias, a miséria das populares e tolhendo ao governo os meios de ação para a completa pacificação, pois – repito o que tive ensejo de dizer a Vossa Excelência em meu ofício reservado n.1, de 17 de maio deste ano – sem o reconhecimento dos Estados Unidos ou pelo menos o seu franco apoio, não obstante o reconhecimento dos países europeus, será muito difícil, senão impossível, ao governo mexicano chegar aos resultados desejados.

Uma das provas mais evidentes do que avanço é que, apesar de contratado há mais de dois meses, o empréstimo de duzentos milhões de pesos com um sindicato respeitável, não logrou ainda ser colocado, só podendo até agora receber o governo uns sessenta milhões.

Para melhor elucidação da situação remeto, mais, a Vossa Excelência os retalhos do *País* de 14 e 21, em que o articulista demonstra ao senhor Lind que o presidente Huerta é incontestavelmente o presidente legal, quaisquer que sejam os seus erros e os argumentos contra a origem da sua elevação ao cargo, mostrando ao mesmo tempo o absurdo do almejado reconhecimento da beligerância dos revolucionários; e, bem assim outros recortes do *Diario* de 17, *Mexican Herald* de 19 e *Imparcial* de 20, contendo respectivamente uma apreciação sobre a imaginada intervenção do Brasil, da Argentina e do Chile – de acordo com os Estados Unidos – nos negócios do México, e mais outras notícias de interesse.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[18] • 26 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 29

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 26 de agosto de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 25, de 30 de julho próximo findo, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos do *Independiente* de 18, e do *Diario* de 19 do corrente, contendo o primeiro uma notícia telegráfica a respeito da chegada do senhor ministro Lauro Müller ao Rio de Janeiro, de regresso da sua viagem aos Estados Unidos, e o segundo um artigo em que, a propósito dessa viagem, se fazem algumas considerações acerca da doutrina de Monroe.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 27 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 30

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 27 de agosto de 1913.

Senhor Ministro,

Nos retalhos anexos do *Diário* de 17 do corrente, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência a notícia da designação do comodoro Rodríguez Malpica, ex-chefe da

18 Documento manuscrito.

Casa Militar do falecido presidente Madero, para ir ao Brasil em missão que tem por fim estudar a organização e progressos da Marinha de Guerra brasileira, a respeito da qual faz o articulista lisonjeiras referências.

Prevaleço-me da oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[19] • 27 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 2

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 27 de agosto de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas cifrados, ultimamente trocados entre Vossa Excelência e esta legação:

> RIO DE JANEIRO, 12 AGOSTO – BRASLEG .– MÉXICO – 11 – Recomendo a Vocência que em conversa com ministro das Relações Exteriores ou com presidente da República diga com as cautelas necessárias isto: que o governo brasileiro, sem querer influir nem de leve intervir na política mexicana, desejaria ardentemente ver estabelecida a paz interna do país e resolvidas satisfatoriamente as divergências com outros países, principalmente com os Estados Unidos, a fim de que, conciliados seus direitos soberanos com as aspirações pacificadores das nações do continente americano possa o Brasil prontamente reconhecer governo do presidente da república Huerta. Procure fazer recair conversa sobre embaixada Estados Unidos aí e o conselheiro que está adido à mesma, declarando que ao Brasil seria muito agradável que esse governo, prestando atenção às propostas que a referida embaixada lhe fizer, entre em acordo com ela, resolva sem o menor resentimento para ambas as divergências existentes entre os dois países. Assim

19 Documento manuscrito.

> procedendo governo brasileiro não tem outro intuito senão o de, fiel ao seu programa, procurar evitar dissidências entre nações do continente e cooperar ainda uma vez com seus bons ofícios para a confraternização americana. – REGIS
>
> MÉXICO, 15 DE AGOSTO – EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – 2 – Situação demasiadamente tensa porque antes chegada conselheiro americano Lind, presidente da república Huerta, repelindo qualquer interferência assuntos México, declarou nota embaixada imprensa que presença Lind não seria grata caso não trouxesse credenciais ou reconhecimento. Nada ainda transpirou objeto missão. Diplomatas outras nações aqui receberam igual incumbência telegrama 11, cujo conteúdo conversei cautelosamente novo ministro das Relações Exteriores. Respondeu polidamente mas firmemente não poder trocar ideias nem mesmo ouvir-me sobre assunto sem prévio reconhecimento governo brasileiro. Manifestou profunda mágoa governo mexicano persistência República Argentina, Chile principalmente governo brasileiro, tão generoso, em protelar reconhecimento, que traria apoio moral benefício solidariedade latino-americana elogiando procedimento pequenas repúblicas América. Minha posição bastante difícil. – CARDOSO

Pouco tenho a acrescentar ao conteúdo destes telegramas, já havendo em ofício ostensivo a essa seção, n. 17, de ontem, dado conta da situação, que muito se agravou.

Buscava um ensejo favorável para cumprir a determinação de Sua Excelência com a devida prudência, quando fui informado por vários colegas de que eles tinham também recebido iguais incumbências de seus governos, e pelo ministro da Rússia de que ele e outros, sabendo que no dia seguinte ia ser apresentada ao governo mexicano a nota do senhor Lind, já haviam conversado no sentido indicado com o ministro das Relações Exteriores.

À vista disso, fui igualmente procurá-lo a pretexto de lembrar-lhe a designação de um delegado mexicano ao Congresso de Odontologia, de conformidade com os desejos de Vossa Excelência, e depois de falar nisto entabulei – natural e mui cautelosamente – uma conversa, no correr da qual disse-lhe exatamente o determinado por Vossa Excelência.

O fato, portanto, de me ter respondido não poder trocar ideias nem mesmo ouvir-me, não impediu que ficasse sabendo o

que lhe queria eu dizer, e não foi mais do que uma maneira de começar a manifestar-me o ressentimento do seu governo por não terem a Argentina, o Chile e principalmente o Brasil reconhecido o presidente Huerta. Não foi esquecida a circunstância de haver o México acompanhado o Brasil na Conferência da Haya. Acrescentou que os meus colegas já lhe tinham falado nos mesmos termos em virtude de uma solicitação dos Estados Unidos a vinte e um representantes de países estrangeiros em Washington. Que a esses colegas pedira um *memorandum* por escrito e assinado, coisa que não me pedia, em vista da resposta que me dera.

De toda a conversa, ficou-me a crença de estar ele, como o governo mexicano, sob a impressão geral, aqui, de encerrar o nosso procedimento uma espécie de subordinação aos Estados Unidos, impressão de que aliás foi autor o próprio embaixador americano, como tive ensejo de levar ao conhecimento de Vossa Excelência em meus telegramas de 13 de abril, confirmado em ofício desta série, n. 1, de 17 de maio deste ano.

Se bem que tal entrevista se tivesse passado com toda a polidez, repugnava-me deixar perdurar tal impressão no ânimo dos governantes mexicanos; não me animando, porém, sem ordem ou ao menos uma simples insinuação de Vossa Excelência, a dar oficialmente como determinante da nossa atitude outro motivo mais sério, a que adiante me refiro e por si só capaz de justificá-la, mesmo porque se o desse, como ministro, fecharia ao Brasil qualquer saída, no caso em que circunstâncias posteriores aconselhassem uma mudança do seu procedimento atual para com este governo.

Por isso, no dia seguinte, também em conversa muito íntima com o chefe do protocolo, dr. Rodrigues Parra, o qual justamente lastimava que o Brasil ainda não se tivesse resolvido a reconhecer o presidente Huerta, deixei perceber que não duvidava tivessem de alguma forma influído para isto o modo por que se deu a renúncia do presidente Madero, cujas condições por intermédio e sob a garantia do ministro do Chile, não foram cumpridas; e a morte daquele presidente, que se prometeu solenemente tirar a limpo por meio de um inquérito, cujos autos deveriam ser remetidos a todas as legações, o que até agora não se fez, assuntos de que já tratei em ofícios anteriores.

O dr. Parra pareceu impressionado por essa conversa,

tanto que espontaneamente me disse ia falar desses detalhes ao ministro Gamboa, que, recém-chegado, provavelmente não os conhecia. Ficará assim preenchido o meu intuito, sem uma afirmação categórica, a que eu não estava autorizado.

Entretanto, não obstante a melindrosa situação em que me encontro perante este governo, tenho procurado manter o melhor possível as relações de boa cortesia, como Vossa Excelência poderá julgar pela nota em que o novo ministro Gamboa me comunicou a sua tomada de posse e a minha resposta (cópias anexas).

A declaração do ministro das Relações Exteriores, nos recortes anexos do *Imparcial* de hoje, dá uma ideia da gravidade da situação.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]
Cópia

México, 11 de agosto de 1913.

Señor Ministro,

Tengo la honra de informar á Vuestra Señoria que el Señor Presidente de la República, por acuerdo del dia 9 del presente, se há dignado nombrar-me Secretario del Despacho de Relaciones Exteriores. Creo excusado significar á Vuestra Excelencia que me animam los más vivos deseos de continuar las cordiales relaciones que dichosamente unem á México com los Estados Unidos del Brasil, y compláceme anticiparle las seguridades de que no habré de omitir esfuerzo alguno que tienda al estrechamiento, si cabe, de aquellos vinculos. Cónstame, Señor Ministro, que Vuestra Excelencia se halla animado de propósitos idénticos; lo que mucho tiene que facilitar el desempeño de mi cometido. Aprovecho esta oportunidad para ofrecer á Vuestra Excelencia las seguridades de mi muy distinguida consideración.

(Ass.) F. Gamboa

A Su Excelencia el Señor Don José Manuel Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario del Brasil

[*Anexo2*]

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 16 de Agosto de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber ontem a apreciada nota de 11, em que, servindo-se comunicar-me haver sido nomeado secretário da repartição das Relações Exteriores, por decreto do senhor Presidente da República de 9 do corrente, Vossa Excelência manifesta tão gentilmente os vivos desejos que o animam de continuar as cordiais relações que felizmente unem o México e os Estados Unidos do Brasil e assegura que não há de omitir esforço algum que tenda a aumentar aqueles vínculos. Igualmente inspirado pelas mesmas ideias, como Vossa Excelência sabe, agradeço com sumo prazer esta obsequiosa comunicação e as boas disposições de Vossa Excelência, que em harmonia com as minhas muito hão de facilitar a realização dos nossos intuitos. Dando a Vossa Excelência as mais sinceras felicitações pela elevada e merecida prova de confiança que recebeu do senhor Presidente da República, prevaleço-me desta primeira oportunidade para apresentar-lhe, Senhor Ministro, as seguranças da minha mais alta consideração.

(Assinado) J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Licenciado Frederico Gamboa
Ministro das Relações Exteriores

Conforme:
E. de Lima Ramos

❖

OFÍCIO • 27 AGO. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 3

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 27 de agosto de 1913.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu ofício reservado, n. 2, desta seção, tenho a honra de confirmar o seguinte telegrama:

> MÉXICO, 20 AGOSTO – EXTERIORES – RIO – Iniciada correspondência governos americano mexicano assunto missão Lind. Ótima impressão telegrama presidente Estados Unidos condolências explosão pólvora muitas vítimas. Dei pêsames nome governo. Situação mais auspiciosa. – CARDOSO

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 05 SET. 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 9

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 5 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Nos retalhos anexos do *Independiente* de 30 de agosto próximo passado, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o texto do tratado consular celebrado entre o México e o Império Otomano, em 23 de dezembro de 1910, e cujas ratificações só agora foram trocadas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 06 SET. 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 10

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 6 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos do *Mexican Herald*, de 29 de agosto último, contendo um interessante artigo sobre a emigração japonesa em geral e especialmente para o Brasil.

Prevaleço-me da ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 08 SET. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 31

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 8 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar o seguinte telegrama, de ontem, que pela pressa com que foi redigido, em hora tardia, deixou de levar número, que pode ser considerado 4A:

> EXTERIORES – RIO-JANEIRO – Presidente, ministério, corpo diplomático, mais duzentas pessoas compareceram recepção hoje legação. Rogo comunicar imprensa. – CARDOSO.

Nos retalhos anexos do *Imparcial* desta mesma data, encontram-se os pormenores desta festa, que, a julgar pelas demonstrações das pessoas presentes e, por cartas, das que não puderam comparecer em virtude do mau tempo, produziu agradabilíssima impressão em todos os círculos.

Como Vossa Excelência verá, o presidente Huerta, acompanhado da sua família, do seu ministério e altas autoridades,

teve a gentileza de reservar para esse dia tão grato ao Brasil a sua projetada visita, que anunciei a Vossa Excelência em meu telegrama n. 1, de 14 de julho, confirmado pelo ofício reservado à 4ª Seção, n.1, deste ano. Sua Excelência demorou-se por mais de uma hora, parecendo verdadeiramente satisfeito.

Compraz-me sobremodo este fato, pois neste momento difícil parece vir coroar os esforços por mim feitos para manter a cordialidade das relações oficiais e firmar a minha situação pessoal, o que em determinadas circunstâncias nos poderá ser útil.

Aproveito esta oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 08 SET. 1913 • AHI 221/01/06

Índice: Direção da legação de Portugal no México.

2ª Seção / N. 18

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 8 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar a segunda parte do telegrama n. 4 desta legação, de 27 de agosto último, a resposta de Vossa Excelência no de ontem e o último período do meu n. 5 de hoje nestes termos, em cifra:

> EXTERIORES – RIO – (...) Encarregado de negócios Portugal deseja passar-me legação durante licença. Dada atitude governo brasileiro consulto se convém aceder arriscando legação brasileira no México posição estranha quando chegar resposta Portugal reconhecido. – CARDOSO
>
> BRASLEG – MÉXICO – 12 – Recebido seu quatro. Governo português esquerda constitucional (?) acompanhar-nos (?) na questão reconhecimento novo governo mexicano. Pode portanto Vocência encarregar-se legação Portugal aí. – REGIS

EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – ... – Telegrama doze chegou depois partida encarregado de negócios Portugal.– CARDOSO

Efetivamente o senhor Arenas de Lima partira desta capital no dia 3 do corrente, pela manhã, sem me tornar a falar do assunto e deixando-me apenas um cartão de despedida. Ainda assim telegrafei para Havana comunicando-lhe a resposta favorável de Vossa Excelência e dele recebi cordiais agradecimentos, lastimando que sua partida anterior o tivesse privado de realizar o seu desejo.

Cumpre-me acrescentar, que, conforme fui informado, o governo mexicano considera Portugal entre os países que o reconheceram, por haver o encarregado de negócios manifestado tal intenção, alegando apenas como pretexto da demora a circunstância fortuita de se haver extraviado a carta do presidente Huerta. Para sanar isto foi enviada uma duplicata dessa carta, razão da hesitação que manifestei no meu telegrama.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 09 SET. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 19

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 9 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 17, de 26 de agosto último, cumpre-me confirmar a primeira parte do telegrama, em cifra, que tive a honra de passar a Vossa Excelência, em 27 do mesmo mês: "EXTERIORES – RIO JANEIRO – 4 – Situação agravada repentina partida Lind. (...) CARDOSO" e também o telegrama de ontem, igualmente cifrado, assim redigido, com exclusão do último período já confirmado pelo ofício n. 18:

> EXTERIORES – RIO JANEIRO – 5 – Jornal *País* publicou hoje suposta correspondência Rio afirmando depois inquérito incógnito feito aí junto Congresso presidente Ministério das Relações Exteriores nenhuma culpa caber governo brasileiro falta reconhecimento do novo governo porque me deu há vários meses carta branca para reconhecer dando-me exclusiva responsabilidade. Promessa ou declaração amistosa Vossa Excelência esclarecendo minha melindrosa situação mostrando pelo menos desejo poder responder breve carta Huerta seria muito apreciada poderia modificar referência Mensagem do Presidente dezesseis corrente fará acerca atitude governo brasileiro. – CARDOSO

Nos inclusos números do *Diário Oficial* de 7 de agosto, passo às mãos de Vossa Excelência os textos das notas trocadas entre o senhor Lind, agente confidencial americano e o ministro das Relações Exteriores, senhor Federico Gamboa, contendo as propostas do presidente Woodrow Wilson, que foram rejeitadas pelo governo mexicano. A impressão aqui produzida, não se pode esconder, foi de geral aplauso à atitude do governo deste país.

Pareciam rotas as negociações pela súbita partida do senhor Lind; mas faz crer o contrário a interrupção da viagem deste, que até hoje se detém em Vera-Cruz e a ida aos Estados Unidos do senhor Zamacona e Inclán, no caráter, dizem os jornais, de agente confidencial mexicano, o que aliás nega o senhor Gamboa. Neste pé estão as coisas, enquanto por outro lado vai o governo empregando esforços para a pacificação, tanto quanto lhe permitem a disseminação dos revolucionários em guerrilhas e a falta de dinheiro.

Nos retalhos anexos do *Mexican Herald* de 29 de agosto e de ontem, encontrará Vossa Excelência algumas notícias acerca da situação, especialmente sobre a ordem e as providências tomadas pelo governo de Washington para a pronta saída dos americanos, medida aliás por enquanto desnecessária, de que poucos se têm aproveitado e que produziu mau efeito até mesmo entre a colônia americana.

A este respeito há que notar a singular circunstância de haver o governo mexicano dado ordem a todas as autoridades da República para completar as passagens de 1ª classe dos americanos, que se quisessem retirar (aos quais o governo de Washington mandara fornecer de terceira) a fim de que aqueles o fizessem "com o conforto e decência a que estavam habituados."

A correspondência, a que se refere o meu telegrama de ontem, consta do retalho anexo do *País* da mesma data, como do *Diario* de hoje veem-se uns informes, que me parecem conveniente dar de pronto para desmanchar a impressão que a insólita correspondência parece ter causado, pois várias pessoas me falaram do assunto.

Já pela data – não sendo possível que, com a presente irregularidade dos correios, uma carta de agosto pudesse estar no México a 7 de setembro – já por algumas particularidades desse escrito e outras estranhas ao mesmo, tenho fundadas razões para supor que ela não veio do Rio de Janeiro, e sim foi forjada aqui pelo dr. J. A. de Oliveira Botelho que, completamente dominado pela sua mania de perseguição e continuando a supor-me seu inimigo, escolheu este meio para ferir-me pessoalmente, no momento em que eu recebia do governo e da sociedade mexicana a tão significativa prova de simpatia mencionada em meu ofício à 1ª seção, n. 31, de hoje [*sic*].

Como de costume, apesar das minhas recomendações, houve algum acréscimo do repórter do *Diario* na redação desses informes; assim, por exemplo, eu não lhe disse que nutria a convicção de que o governo brasileiro ia reconhecer a do México; bem ao contrário, respondi-lhe que o governo do Brasil, de acordo com a declaração que fez o corpo diplomático aqui na primeira recepção do ministro das Relações Exteriores, era o único juiz da conveniência e oportunidade dessa resolução. Entretanto, mesmo que aquela asserção fosse verdadeira, seria uma impressão minha, que em nada comprometia a atitude de Vossa Excelência, causando em todo o caso boa impressão nesta capital. Não pretendo mais expandir-me a respeito em público e muito menos alimentar discussão pela imprensa, que a delicadeza da situação, nem o próprio decoro da legação permitiriam, reservando-me, porém, para agir com a cautelosa energia que for aconselhada pelos fatos subsequentes, pois prevejo que vai continuar a campanha, porque o dr. Oliveira Botelho foi visto hoje, em seu hotel, por pessoa da minha completa confiança, em pleno trabalho de escrita, que lhe pareceu destinado à imprensa.

A parte do mesmo telegrama referente a uma possível declaração de Vossa Excelência destinada a amenizar a nossa atitude, obedeceu ao desejo de ser agradável ao chefe do protocolo que

com empenho me falou nisto, não sendo impossível que o fizesse por sugestão do senhor Gamboa, o que, aliás, não pude verificar.

Cedi a esse desejo, porque não o considerei exagerado ou impertinente, desde que está de acordo com as ideias de Vossa Excelência, no seu telegrama de 12 de agosto, quando diz: "desejaria ardentemente ver estabelecida a paz interna do país (...) a fim de que (...) possa o Brasil prontamente reconhecer governo do Presidente da República Huerta".

No fundo, portanto, o que pedi não foi mais do que poder repetir oficialmente o que Vossa Excelência já me mandou dizer em conversa particular.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 10 SET. 1913 • AHI 221/01/06

Índice: Revolução no México. Relações com os Estados Unidos. Reconhecimento do novo governo.

2ª Seção / N. 20

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 10 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu ofício desta série n. 19, de ontem, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos anexos do *País* de hoje, contendo um artigo bastante desagradável sobre a atitude do Brasil, da Argentina e do Chile no presente caso do México.

À vista do que expendi no citado ofício, tudo me faz desconfiar que esse artigo, se não foi inspirado pelo autor da correspondência ali mencionada, foi pelo menos sugerido por esta, pois esse assunto não estava até agora em grande evidência.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 12 SET. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 21

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 12 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 20, de 10 do corrente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos, em duplicata, do *Independiente* de hoje, contendo, sob o título "Politica sentimental y politica de interés", um artigo editorial em que se justifica a atitude do Brasil, da Argentina e do Chile no presente caso do México, ficando assim respondido o ataque feito no do *País* do mesmo dia 10, anexo ao meu mencionado ofício.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 13 SET. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 32

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 13 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Cumpre-me acusar recebido o despacho circular da Seção do Protocolo, n. 18, de 13 de junho último, capeando três exemplares do apontamento acerca de algumas modificações nas fórmulas de cortesia estabelecidas pela circular de 4 de dezembro de 1902.

Agradecendo esse obsequiosa remessa e ciente das deliberações nela contidas, que serão devidamente postas em prática por esta legação, tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 14 SET. 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 11

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 14 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar recebido o despacho circular da Diretoria Geral dos Negócios Econômicos e Consulares, n. 24, de 17 de julho último, com o qual Vossa Excelência se serviu remeter a esta legação um exemplar da circular da mesma diretoria, 2ª Seção, n. 20, de 14 de junho deste ano, ao Corpo Consular Brasileiro, sobre as nomeações de vice-cônsules e agentes consulares.

Agradecendo essa obsequiosa remessa, aproveito a ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 15 SET. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 33

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 15 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me aos meus ofícios desta série n. 21 e 26 de junho e 8 de agosto últimos, tenho a honra de acusar recebidos os despachos de Vossa Excelência, da Seção do Protocolo, n. 7 e 8, de 5 de agosto, confirmando os seus telegramas de 9 de junho e 12 de julho, aos quais já dei a devida execução, como consta dos meus acima mencionados ofícios.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 18 SET. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 22

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 18 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício a essa seção, n. 19, de 9 do corrente, tenho a honra de acusar recebido o telegrama em parte cifrado do dia 11, abaixo transcrito, em que Vossa Excelência se serviu responder ao meu de 8:

> BRASLEG – MÉXICO – 13 – Notícia dada jornais é tão destituída senso que não merece a mais ligeira contestação. Vocência sabe que nossa atitude para com o México tem sido sempre a mais amistosa possível. Se ainda não reconhecemos governo general Huerta é porque desejamos agir cautelosa e oportunamente. – REGIS

Agradeço a Vossa Excelência a prontidão e benevolência da resposta, tanto mais quanto pude ter a satisfação de ver reduzida

aos termos mais comedidos possíveis, constantes de tradução abaixo, a referência feita ao caso do não reconhecimento do novo governo por alguns países na mensagem anexa, lida pelo presidente Huerta, a 16 do corrente, por ocasião da abertura do segundo período de sessões do 27º Congresso da União:

> Motivo de surpresa, e ao mesmo tempo de pesar, será igualmente para as honradas câmaras, como o tem sido para o Executivo, o fato de que alguns países com os quais o México está ligado pelos estreitos vínculos do sangue, da língua e dos costumes, não menos que pela identidade de aspirações e destinos, não tenham dado resposta à minha carta. O Executivo ignora as causas que tenham originado essa conduta, porém, certo de que hão de ser mui respeitáveis, abstém-se de averiguá-las e limita-se a levar o resultado delas ao vosso alto conhecimento.

Em rigor, pode-se até considerar o Brasil excluído desse reparo, desde que o documeto se refere "a países com que o México está ligado pelos estreitos vínculos do sangue, de língua e dos costumes.

Como Vossa Excelência se dignará ver do texto da mensagem, a que ajuntei os retalhos do *Imparcial* de ontem contendo a resposta do presidente do Congresso, são os seguintes os países que reconheceram o presidente Huerta, pelo fato de haverem respondido sua carta: Alemanha, Áustria-Hungria, Bélgica, Colômbia, Costa Rica, China, Dinamarca, Equador, França, Guatemala, Haiti, Espanha, Inglaterra, Itália, Japão, Mônaco, Montenegro, Noruega, Portugal, Rússia, Salvador, Sérvia, Suíça, Turquia e Uruguai. Isto vem confirmar o que tive ensejo de informar no tocante à atitude de Portugal no meu ofício desta série, n. 18, de 8 do corrente.

Chama também a atenção na referida mensagem a declaração de que não parece conveniente prorrogar o prazo de seis meses, que terminará em 25 de outubro próximo, excepcionalmente concedido para a permanência de navios de guerra estrangeiros nas águas da república, permanência que, pelas leis mexicanas, em circunstâncias normais não deve ser maior de um mês. Já há notícias de Washington de que tal resolução não será levada em conta pelo presidente Wilson.

Não é menos interessante a ideia da criação de uma comissão formada por homens de negócios e advogados escolhidos entre

os mais notáveis do país, para que, sujeitando-se a princípios gerais de equidade e sem delongas, nem formalidades jurídicas, resolva as reclamações pendentes de estrangeiros prejudicados, residentes no México, sem que entretanto suas resoluções estabeleçam precedentes. Faz notar a mensagem a tal respeito que esta ideia, que o governo mexicano realizará, guiado por sentimentos amistosos para com os povos estrangeiros que ajudam o desenvolvimento da riqueza nacional, ultrapassa as regras aceitas pelas nações quanto à responsabilidade do Estado e deixa a salvo os princípios do direito internacional.

São igualmente dignos de menção os tópicos relativos à criação dos juizados de paz com atribuições mais amplas e dos tribunais para menores; e bem assim os referentes à instrução pública e à percepção das rendas, que excederam bastante às arrecadadas no último exercício, apesar das deploráveis condições do país; não devendo passar desapercebida a parte que se ocupa da reorganização e aumento do exército e do copioso material bélico adquirido ou encomendado pelo governo.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 19 SET. 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 12

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 19 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 5, de 24 de junho último, tenho a honra de remeter em pacote separado, por este mesmo correio, sob registro, as seguintes publicações oficiais:

– "Lista dos Agentes Consulares Estrangeiros", julho, 1913.

– "Boletins Consulares", tomo VIII, números 1 a 3, de maio, junho e julho do corrente ano.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 20 SET. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 23

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 20 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício a essa seção n.13, de 27 de junho último, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, em pacote separado, por este mesmo correio, sob registro, remeto a essa secretaria as seguintes publicações oficiais:

– "La Diplomacia Mexicana", 3º volume.

– "Os boletins oficiais da Secretaria de Relações Exteriores", tomo XXXVI, números 1, 2, e 3, de maio, junho e julho do corrente ano.

Prevaleço-me da oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 22 SET. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 35

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 22 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Cumpre-me passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos anexos do *País* e do *Imparcial* de ontem, contendo telegramas do Rio de Janeiro, em que se noticia, atribuindo-se ao barão de Werther, um roubo de vários documentos relativos à defesa militar do Brasil.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 23 SET. 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 13

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 23 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício a essa seção n. 7, de 12 de agosto último, cabe-me passar às mãos de Vossa Excelência o incluso título de nomeação, acompanhado do respectivo selo e assinatura, em duplicata, do senhor W. C. Barthmann para o cargo de vice-cônsul em Puerto-México, estado de Vera-Cruz.

O sr. Barthmann, que me foi recomendado pelo cônsul Carl Heynen, tem 33 anos de idade, é alemão e representante da Hamburg America Linie.

Pedindo a necessária aprovação para esta nomeação, tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO ‣ 24 SET. 1913 ‣ AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 24

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 24 de setembro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 22, de 18 do corrente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos anexos do *Imparcial* de 22, contendo as declarações do presidente Huerta sobre a realização da eleição presidencial marcada para 25 de outubro e a garantia da imparcialidade do seu governo, declarações muito mais explícitas do que as feitas por ele a tal respeito na mensagem lida a 16 do corrente, por ocasião da abertura das câmaras.

Com as exonerações, há poucos dias, dos senhores Aureliano Urrutia, Rodolfo Reyes e David de la Fuente, dos cargos de ministros de Gobernación, de Justiça e de Comunicações, sobreveio nova crise ministerial, que ainda não foi resolvida.

A situação geral continua grave, não aparecendo novos aspectos que mereçam especiais reparos.

Prevaleço-me da oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Ministro, interino, das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO ‣ 06 OUT. 1913 ‣ AHI 221/01/06

2ª. Seção / N. 25

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 6 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 24, de 24 de setembro findo, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, além dos ministros demissionários mencionados naquele ofício, também deixou o seu cargo de ministro das Relações Exteriores,

o senhor Federico Gamboa, por ter sido escolhido candidato à presidência pelo Partido Católico.

Depois de uma série de transferências, nomeações e demissões dos titulares das diversas pastas, ficou o gabinete assim reconstituído:

Relações Exteriores – licenciado Querido Moheno
Gobernación (Interior) – licenciado Manuel Garza Allape
Justiça – licenciado Enrique Gorostieta
Fomento – licenciado Leopoldo Rebollar
Comunicações – licenciado José María Lozano
Instrução Pública e Belas Artes – licenciado Nemesio García Naranjo
Fazenda – licenciado Adolfo de la Lama
Guerra – general Aurelio Blanquet

Para o cargo de subsecretário das Relações Exteriores foi nomeado o deputado senhor Francisco M. de Olaguibel.

Além do sr. Gamboa, são candidatos à presidência o sr. general Félix Díaz, que para este fim foi pelo presidente da República dispensado do cargo de embaixador especial no Japão e, da comissão em que estava na Europa, o antigo embaixador nos Estados Unidos senhor Manoel Calero e o ex-ministro de Comunicações senhor David de la Fuente.

Seria arriscada qualquer previsão sobre o triunfo de algum destes candidatos e, até mesmo, sobre a validade das eleições e a sua influência para o apaziguamento dos espíritos e a pacificação completa do país. O futuro imediato é uma verdadeira incógnita.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 07 OUT. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 36

Legação dos Estados Unidos do Brasil

México, 7 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Aos 27 do mês de setembro próximo findo, tive a honra de receber o seguinte despacho telegráfico de Vossa Excelência, sob a nota de urgente:

"14 – Queira dizer se já chegou a essa cidade secretário Eduardo Ramos" ao qual, na mesma data, apressei-me a responder nestes termos:

"Ramos chegou 22 agosto."

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 08 OUT. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 37

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 8 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar recebida a circular n. 34, desta série, datada de 4 de agosto último, pela qual Vossa Excelência determina quais os livros que d'ora em diante devem existir no arquivo desta legação, de acordo com o preceituado nos artigos 92, 93, 158 a 164 da Consolidação das Leis, Decretos e Circulares referentes ao Corpo Diplomático.

Ciente dos termos dessa circular, tomarei as providências necessárias para que ela seja cumprida.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 08 OUT. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 26

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 8 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 21, de 12 de setembro próximo findo, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos anexos do *Mexican Herald* e do *Imparcial* de ontem, contendo uma declaração oficial do novo ministro das Relações Exteriores, senhor Querido Moheno, de pleno acordo com o senhor presidente da República, de que o governo mexicano decidiu na véspera ser contrário à dignidade nacional manter ministros mexicanos nos países que, acompanhando a atitude dos Estados Unidos para com o México, não reconheceram o presente governo; e que por esta razão o governo havia ordenado aos ministros mexicanos naqueles países que regressassem ao México, deixando as legações a cargo dos secretários.

Tal declaração, que tem todos os visos de ter sido feita com o fim de angariar popularidade, atendendo ao pouco tempo que falta para as eleições presidenciais, produziu, entretanto, grande impressão em todos os círculos.

Querendo eu agir com a prudência e a calma requeridas pela delicadeza da situação, a fim de não comprometer as relações futuras dos dois países, e não podendo inspirar inteira confiança as notícias aqui publicadas pela imprensa, pedi ao chefe do protocolo, dr. Rodrigues Parra, que indagasse do ministro do Exterior se eram efetivamente suas tais declarações e autênticos os termos estampados nos jornais. De Sua Excelência recebi em resposta o pedido de ir procurá-lo à tardinha, pois preferia falar-me pessoalmente sobre o caso.

Na conferência que tivemos, assegurou-me o senhor Moheno que na sua declaração não se tinha querido referir ao Brasil, porque apesar de não ter reconhecido o presente governo, mantinha aqui o seu representante, ao passo que os outros países Argentina, Chile e Cuba, os haviam retirado. Que o intuito do governo mexicano era tratar a cada país conforme o tratamento que dele recebia e que, por isso, tinha comunicado a essas nações

a retirada dos ministros mexicanos, ao passo que nada comunicaria ao Brasil, para onde voltará o senhor ministro Salado Alvarez, quando terminar a licença em cujo gozo se acha.

Acrescentou que esta licença foi obtida antes da sua administração e que, portanto, essa ausência não cabia na declaração aludida. Agradecendo tais explicações, ponderei que, à vista do anunciado pela imprensa, a ausência do senhor Salado, por licença, continuaria a ser considerada como uma retirada acintosa, como a dos outros ministros, dois dos quais estavam no mesmo caso, e que o que me acabava de dizer em particular não diminuiria o efeito público do referido alvitre, propondo ele então fazer nesse sentido uma nova declaração oficial acerca do Brasil, que, com efeito, foi publicada esta manhã, e que Vossa Excelência encontrará nos inclusos retalhos do *Diario*, *País*, *Imparcial*, *Independiente* e *Mexican Herald* de hoje.

Considerei assim terminado o incidente, que, não obstante a feliz solução, dará a Vossa Excelência ideia da delicadeza e dificuldade da nossa representação aqui, sujeita a estas e outras crises conforme o capricho dos vários ministros que rapidamente se vão sucedendo.

Pensando ter bem agido nessa desagradável emergência, espero que minha ação merecerá a aprovação de Vossa Excelência, a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 10 OUT. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 27

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 10 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar recebido o despacho circular n. 42, desta série, com a data de 13 de agosto último, pelo qual Vossa

Excelência se dignou informar-me que, deseja o governo federal reduzir quanto possível os atritos oriundos da divergência de legislação em matéria de nacionalidade dos filhos de estrangeiros nascidos no Brasil e dos filhos de brasileiros em outros países e recomenda-me que procure oficiosamente conhecer as disposições do governo mexicano a este respeito para o fim de eventualmente firmar com ele um acordo pelo qual se regulem essas questões de nacionalidade.

Não deixarei de dar cumprimento a essa ordem de Vossa Excelência logo que as condições políticas deste país o permitam, sendo que, atualmente, em plena anormalidade e na proximidade das eleições, estou convencido de que de nada serviria dar passos nesse sentido.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 20 OUT. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 38

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 20 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar recebido o despacho circular n. 51, desta série, datado de 18 de agosto último, pelo qual Vossa Excelência se dignou comunicar-me que, de regresso da visita oficial ao governo dos Estados Unidos da América, havia reassumido nesse mesmo dia o cargo de ministro de Estado das Relações Exteriores.

Agradecendo a Vossa Excelência essa comunicação, peço vênia para apresentar-lhe os meus sinceros cumprimentos pelo brilhante sucesso de sua viagem.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 20 OUT. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 39

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 20 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar recebido o despacho circular n. 50, desta série, datado de 18 de agosto último, pelo qual Vossa Excelência se serviu comunicar-me haver nesse mesmo dia deixado a interinidade do cargo de ministro de Estado das Relações Exteriores, continuando no de subsecretário de Estado.

Agradecendo a Vossa Excelência essa obsequiosa comunicação, aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 22 OUT. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 40

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 22 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos anexos do *Imparcial*, de hoje, contendo um telegrama do Rio de Janeiro, da véspera, em que se noticia a chegada do ex-presidente americano, coronel Theodoro Roosevelt e a calorosa recepção que lhe foi feita.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 22 OUT. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 28

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 22 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 26, de 7 do corrente, tenho a honra de confirmar o telegrama cifrado que me coube dirigir a Vossa Excelência no dia 11, nestes termos:

> EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – 8 – Golpe de Estado: presidente dissolvendo câmaras hostis; prendendo muitos deputados; convocando eleições vinte e seis corrente. Revolução poderosa. Situação crítica. – CARDOSO

Como Vossa Excelência verá – pelos retalhos anexos do *Imparcial* de 11, 12 e 13 deste mês – as câmaras, imbuídas de um espírito de caprichosa hostilidade contra o governo do general Huerta, além de terem praticado ultimamente vários atos que embaraçavam, senão impossibilitavam, a ação do Poder Executivo, chegaram ao excesso de ameaçá-lo de ir reunir-se em outra parte, onde encontrassem maiores garantias. Sabido é que, a realizar-se tal transferência da sede de seus trabalhos, seria para as regiões dominadas pelos revolucionários. Diante disso, buscando conjurar a crise e reatar os laços de harmonia entre os dois poderes, mandou o general Huerta à Câmara o ministro do Interior com a incumbência de obter daquela corporação a retirada da sua moção; e, não sendo atendido, declarou dissolvidas as câmaras, indo ao extremo, que lhe pareceu indispensável, de prender cerca de cem deputados. Deu à nação as razões de seu procedimento num manifesto e nos considerandos do decreto de dissolução, pelo qual marcou

novas eleições para deputados e senadores, no mesmo dia designado para a de presidente e vice-presidente, a 26 do corrente. Em decretos posteriores, garantiu o funcionamento do Poder Judiciário, suspendeu as imunidades de que gozavam os deputados e assumiu atribuições do Legislativo no tocante aos ministérios do Interior, da Fazenda e da Guerra. Em virtude disto, já decretou um aumento de 50% nos direitos de importação para fazer face às despesas públicas, uma vez que até hoje não se realizou o almejado empréstimo.

Tal providência vem tornar angustiosas as condições de vida já bastante difíceis.

Criou-se assim um estado de cousas verdadeiramente aflitivo e ameaçador, tanto mais quanto é convicção geral que as próximas eleições, qualquer que seja o seu resultado, não podem trazer uma solução favorável à tremenda crise, porque não é certo que nenhum dos candidatos obtenha o número legal de votos para ser eleito: já porque nenhum deles, mesmo o legalmente eleito, tem probabilidade de ser respeitado pelos revolucionários que, dir-se-ia, pelos seus últimos êxitos militares, estão cada vez mais fortes; já, principalmente, por se não poder saber da futura atitude dos Estados Unidos, cuja intransigência, severamente criticada, cresce, entretanto, dia a dia.

O espírito público – diante dos fatos palpáveis de suposições verossímeis e dos temerosos boatos alimentados pela desorientação geral e que o mantém numa febril impaciência – chegou a um grau de tensão muito parecido ao que predominou nos dias imediatamente anteriores à "Dezena Trágica" de fevereiro, fazendo crer na possível repetição de novas e tristíssimas calamidades.

Devo também mencionar que, dos deputados contra os quais foram descobertas provas de cumplicidade com os revolucionários, alguns já se acham em liberdade, mediante caução, sendo que outros, em maioria, continuam presos, respondendo ao respectivo processo.

Prevaleço-me da oportunidade para ter a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

OFÍCIO • 22 OUT. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 29

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 22 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu ofício desta série n. 26, tenho a honra de confirmar o telegrama cifrado que me coube dirigir a Vossa Excelência no dia 9 do corrente, nestes termos:

> EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – 7 – Novo ministro Exterior declarou anteontem imprensa governo mexicano considerando contrário dignidade nacional conservar ministros nos países que, acompanhando Estados Unidos, não [*o*] reconheceram, deles retiraria seus ministros. Assim procedeu relação Argentina Chile Cuba cujos ministros estão ausentes daqui. Explicou-me e declarou ontem imprensa sendo intuito governo mexicano manter reciprocidade tratamento sua atitude não abrangia Brasil donde não retiraria ministro que voltará depois licença. – CARDOSO

Permita-me Vossa Excelência pedir aqui se sirva mandar pôr no mencionado ofício n.26, a data de 8 de outubro em vez da de 7, que levou, por equívoco.

Aproveito o ensejo para ter a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 27 OUT. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 30

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 27 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber hoje o despacho circular n.

47, de 13 de agosto último, sob o dístico "Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América", em que Vossa Excelência se serviu recomendar-me que eu converse com o ministro das Relações Exteriores para manifestar-lhe que o governo brasileiro desejaria, sem ir de encontro às suas leis, fazer um acordo com o deste país, regulando a condição dos brasileiros naturalizados no México e dos mexicanos naturalizados no Brasil, no caso de estabelecerem nova residência no seu país natal.

Referindo-me ao que tive ensejo de dizer em meu ofício n. 27, desta série, ocupar-me-ei do assunto com todo o afinco, desde que as circunstâncias políticas o permitam, pois neste momento seria baldada e sem continuidade qualquer negociação, dada a instabilidade dos funcionários e absorvidos como se acham os governantes com a crise política e a sucessão presidencial.

Oportunamente, pois, darei em ofício conhecimento minucioso da minha indagação, segundo a determinação de Vossa Excelência, a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 28 OUT. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 31

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 28 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar o recebimento do despacho circular n. 45, de 13 de agosto último, sob o dístico "Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América" em que Vossa Excelência, pelos motivos que levou a bem expender, se serviu recomendar-me que procure saber se o governo mexicano, atendendo à sua e à nossa

legislação, aceitaria com agrado uma proposta do governo brasileiro estabelecendo as bases para ser negociado um acordo literário garantidor dos direitos de autor das obras editadas nos dois países.

Pelas razões expostas no meu ofício desta série n. 30 de ontem, sou obrigado a aguardar oportunidade para tratar do caso e transmitir a esse ministério as informações que me fornecerem, cumprindo assim a determinação de Vossa Excelência, a quem tenho a honra de reiterar os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO · 30 OUT. 1913 · AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 41

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 30 de outubro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 40, de 22 do corrente, cabe-me passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos anexos do *País* de 23, 25 e 26, e do *Imparcial* de 25 e 26, contendo notícias com alguns comentários sobre a viagem e estada no Brasil do ex-presidente americano, coronel Theodore Roosevelt, e bem assim o recorte do *Mexican Herald*, de 7, em que se resume o primeiro discurso por ele pronunciado.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 03 NOV. 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 14

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 3 de novembro de 1913.

Senhor Ministro,

Sinto ter de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que o senhor Armando Deschamps, vice-cônsul do Brasil em Vera-Cruz, que era também deputado ao Congresso do estado do mesmo nome e se achava então no exercício do seu mandato, foi há dias preso com outros colegas nesse caráter e remetido para esta capital, onde foi recolhido à penitenciária.

A pedido da família, por intermédio do agente comercial, senhor Luiz E. Cazaurany, que se achava em exercício no vice-consulado, interveio oficiosamente junto ao subsecretário das Relações Exteriores e ao ministro do Interior, a fim de ver se era possível obter sua liberdade, sob palavra.

Nada consegui, pois alegaram aqueles funcionários que havia contra ele provas de estar envolvido em uma rebelião contra o governo, a favor do general Félix Díaz e que o juíz competente ia decidir sobre a validade ou não dessas provas e da prisão ordenada preventivamente pelo governo.

Efetivamente o juiz a sustentou e está o processo correndo os seus termos; e os acusados empregando os recursos legais para sua defesa e segurança com *habeas-corpus* etc.

Pareceu-me, entretanto, conveniente levar este fato ao conhecimento da Vossa Excelência, para sua deliberação, pelo seguinte telegrama, de hoje:

> EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – 9 – Oficiosamente procurei debalde obter liberdade vice-cônsul Vera-Cruz que como deputado estadual está preso processado crime rebelião. – CARDOSO

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 05 NOV. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 32

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 5 de novembro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 28, de 22 de outubro próximo findo, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os seguintes retalhos de jornais:

–*El Imparcial* de 24 de outubro – Contendo uma declaração do presidente Huerta ao corpo diplomático para isto expressamente convocado por ele, de que lhe constava que nas eleições do dia 26 lhe iam ser dados em diversos Estados votos para presidente e ao ministro da Guerra general Blanquet para vice-presidente, mas que ele não os aceitaria e que, se desses votos resultasse sua eleição, esta seria nula, por inconstitucional.

–*El Imparcial*, de 25 de outubro – Dando conta de uma entrevista do repórter com um peruano, cujo nome cala, acerca do presente caso do México e da atitude da América Latina.

–*El Imparcial*, de 26 de outubro – Estampando o manifesto dos vários candidatos à presidência, em que se comprometeram a respeitar o resultado das eleições e a sustentar o governo atual na hipótese de serem anuladas as mesmas eleições, e bem assim um interessante questionário enviado ao presidente Wilson pelo senhor John W. De Kay, um dos membros mais proeminentes da colônia americana no México, acerca da situação neste país e do procedimento e intenções do governo americano.

–*Mexican Herald*, de 3 de novembro – Contendo, sob o título *Officials convened to pass on the elections*, o resultado da eleição para senadores e deputados no Distrito Federal, para o qual peço a preciosa atenção de Vossa Excelência.

As eleições correram entretanto em perfeita calma em todos os pontos dominados pelo governo, sendo notável a abstenção dos votantes, pois se calcula que apenas cerca de 10% do número total compareceu às urnas. Dos resultados conhecidos e presumidos não parece haver dúvida de que a maioria de votos coube ao general Huerta para presidente e ao general Blanquet para vice-presidente.

Ora, sendo inconstitucional a escolha do primeiro, declarou publicamente o ministro do Exterior, que, dado que as câmaras assim resolvessem quanto a essa eleição e reconhecessem como válida a do general Blanquet, assumiria este a presidência.

Durante uns dias pareceu, pela solenidade da declaração, que seria essa a solução da crise; mas, ou porque, segundo se afirma, o governo de Washington tivesse intimado o do México da sua intenção de não reconhecer nenhum presidente resultante dessas eleições, ou por outros motivos de política interna, o general Blanquet declarou por sua vez que, dada a hipóteses figurada, de modo algum assumiria a presidência.

À vista disto, crê-se que as eleições serão anuladas, continuando o general Huerta como presidente interino como até agora.

Persiste, pois, a crise – mais tremenda e perigosa do que nunca e o espírito público chegou a um extremo de tensão que se torna insuportável. Todos fitam os Estados Unidos, cuja atitude enigmática e prolongadamente indecisa e ameaçadora, combinada com as dificuldades internas pela carestia da vida, a falta de garantias individuais e a carência de recursos pecuniários por parte do governo, faz temer uma próxima catástrofe.

Não devo terminar sem mencionar que o general Félix Díaz, candidato à presidência, que fora ultimamente exonerado, pelo governo, das comissões em que se achava, a fim de poder estar no país no momento das eleições, chegou à Vera-Cruz, onde passou o dia do pleito. Dali, depois de várias peripécias e negociações por parte do governo – quer para que desembarcasse em Tampico em vez de Vera-Cruz, a pretexto de sua segurança individual, quer para que viesse a esta capital, para cujo fim foi àquele porto por duas vezes o secretário particular do ministro da Guerra levando amistoso convite do presidente Huerta – achou melhor refugiar-se num navio de guerra americano, de cujo bordo foi, em pleno mar e por ordem de Washington, transferido para um paquete mercante da mesma nação.

No retalho também anexo do *País* de hoje, encontrará Vossa Excelência o manifesto que de Havana dirigiu o general Félix Díaz aos seus partidários, explicando essa sua maneira de proceder.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 17 NOV. 1913 • AHI 221/01/06

3ª Seção / N. 15

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 17 de novembro de 1913.

Senhor Subsecretário de Estado,

Tive a honra de receber o despacho n. 7, da Diretoria Geral dos Negócios Econômicos e Consulares, datado de 30 de setembro último, pelo qual Vossa Excelência se serviu comunicar-me terem sido aprovadas as nomeações dos srs. Friedrich W. Wolf, John Speedie, Jarvas Jeffries e Wilhelhm A. Mathiesan para vice-cônsules em Tampico, Tuxpán, Salina-Cruz e México.

Dei imediatamente conhecimento desse fato ao sr. Carl Heynen, cônsul do Brasil nesta cidade, para que dele informados os interessados, satisfaçam o pagamento do imposto do selo, depois do que solicitarei do governo mexicano o necessário reconhecimento desses funcionários.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 17 NOV. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 42

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 17 de novembro de 1913.

Senhor Subsecretário de Estado,

Tenho a honra de acusar recebido o despacho n. 2, seção do Arquivo, de 30 de setembro último, pelo qual Vossa Excelência se dignou remeter-me doze exemplares do livro do sr. M. Bernardez, intitulado "Um continente de paz".

Obedecendo à ordem de Vossa Excelência, não deixarei de distribuir particularmente esta publicação aos jornais e homens públicos deste país.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Francisco Regis de Oliveira
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 18 NOV. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 33

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 18 de novembro de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber o despacho circular n. 46, da Diretoria Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos, datado de 13 de agosto último, pelo qual Vossa Excelência, mostrando a margem que a lei n. 2.416 de 28 de junho de 1911 deixa à impunidade dos criminosos de falsificação de moeda e papéis de crédito brasileiros, se serviu recomendar-me que me informe sobre a legislação penal mexicana em matéria de crimes dessa espécie e, ao mesmo tempo, indague sobre as disposições em que eventualmente se acharia o governo desta república para concluir com o brasileiro um acordo especial regulando o processo e julgamento de tais falsificadores, quando não for caso de extradição.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 19 NOV. 1913 • AHI 221/01/06

1ª Seção / N. 43

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 19 de novembro de 1913.

Senhor Ministro,

No retalho incluso em duplicata tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência um telegrama dirigido ao *Imparcial*, relativo ao discurso pronunciado em Buenos Aires pelo sr. Th. Roosevelt relativo à doutrina de Monroe.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 19 NOV. 1913 • AHI 221/01/06

Índice: Revolução no México. Atitude dos Estados Unidos.

2ª Seção / N. 34

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 19 de novembro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 32, de 5 do corrente, tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas cifrados trocados entre esse ministério e a legação a meu cargo:

> RIO DE JANEIRO – 14 NOVEMBRO 1913 – BRASLEG – MÉXICO – NÚMERO 16 – Rogo Vocência trazer-nos sempre ao par situação desse país mandando-nos a respeito notícias minuciosas e

> frequentes. Nosso procedimento nessa questão deve continuar sendo mesmo tem sido desde início, convindo Vocência, sem se imiscuir política interna, siga mais possível acordo Estados Unidos. – EXTERIORES
>
> MÉXICO – 15 NOVEMBRO 1913 – EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – N.10 – Além telegramas fatos culminantes tenho informado minuciosamente todos correios 2ª Seção da Secretaria de Estado das Relações Exteriores 3 a 32; reservados 1 a 3. Rogo dizer se recebidos. Após dissolução da Câmara dos Deputados, presidente da República ordenou aumento exército cento cinquenta mil homens, várias medidas financeiras, declarou corpo diplomático recusaria votos que sabia ia ter para presidente da República assim como presidência efetiva mesmo se novo Congresso o reconhecesse. Todos candidatos prometeram respeitar resultado eleição. Esta foi verdadeira farsa, obtendo ele maioria. Ministro das Relações Exteriores notificando corpo diplomático eleição presidência seria anulada participou permanência Huerta até outra eleição. Lind voltou esta capital mas sem resultado aparente regressou Vera-Cruz onde já estão vários correspondentes guerra e oito navios de guerra americanos além de seis outros portos. Washington não reconhecerá novo Congresso originário mesma farsa eleitoral pede renúncia atual presidente da República sendo escolhido de comum acordo revolucionários sucessor capaz garantir eleições livres. Sessão preparatória hoje Congresso (abertura solene, [*dia*] 20) mostra resistência governo mexicano. Persistindo esta provável Washington permitir revolucionários importação armas mediante garantias. Fatos reais boatos intervenção militar caso extremo produzem aqui pânico. Portugal reconheceu agora, respondendo carta presidente da República. – CARDOSO

Já havendo tratado em ofícios anteriores da maior parte dos assuntos contidos neste telegrama, cabe-me acrescentar que as informações quanto aos desígnios dos Estados Unidos me foram dadas particularmente pelo encarregado de negócios americano; e enviar, por cópia inclusa, a nota do ministro das Relações Exteriores a que aludo no mesmo telegrama.

A situação continua cada vez mais alarmante, agravada agora por uma nova crise ministerial, com a saída do ministro de Gobernación, licenciado Manoel Garza Adalpe, que era incontestavelmente a melhor cabeça do gabinete.

A este respeito deu-se um incidente verdadeiramente singular, pois ao mesmo tempo que se fazia notar pelos jornais a circunstância de que a demissão desse ministro fora imposta pelo presidente Huerta, publicava-se a seguinte estranha dedicatória posta por este num retrato oferecido ao demitido, como Vossa Excelência verá no retalho anexo ao *País* de ontem:

"A meu amigo Garza Adalpe Manoel, o mais firme e mais íntegro dos colaboradores da minha administração e ao civil mais apto para substituir-me na Presidência da República", demonstração que, aliás, não impediu a partida para a Europa do mesmo ex-funcionário em menos de 36 horas!

Isto demonstra a desorientação completa dos dirigentes políticos e a impossibilidade de se tirar qualquer conclusão ou previsão razoável dos acontecimentos diários.

A verdade é que o estado político é um verdadeiro caos, no qual se pode apenas distinguir o delineamento de uma próxima catástrofe.

A obstinação do governo de Washington e as disposições de tenaz resistência do general Huerta, demonstradas por vários atos de mais ou menos relevância – como, por exemplo, a abertura solene do Congresso no dia 20 e a ostensiva mudança do presidente e sua família da casa particular onde habitavam para o Castelo de Chapultepec, onde dão hoje uma recepção – aliadas ao progresso que vão fazendo diariamente os revolucionários que, segundo dizem, rejeitam os acordos com os Estados Unidos e bem assim a presença de tão grande número de navios americanos em águas mexicanas e, finalmente, os boatos alarmantes de próximo bloqueio de Vera-Cruz, de interrupção do caminho de ferro para aquele porto, de intervenção militar americana etc, justificam mais que muito o estado de terror predominante nesta capital, donde saem diariamente inúmeras pessoas, aproximando-se das costas, se as circunstâncias não lhes permitem a saída do país.

Demais, tratando-se de um povo inculto e facilmente excitável, é lícito temer-se uma reação popular contra os estrangeiros, no caso de realizarem-se tão temerosas hipóteses.

Com o que acabo de expor busquei tanto quanto possível dar uma ideia exata do estado do espírito público nesta capital.

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]
Cópia

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores

[*N.*] 3804

México, 8 de noviembre de 1913.

Señor Ministro,

De conformidad con lo dispuesto en el artículo 81 de la Constitución y por falta absoluta del presidente y vicepresidente de la República y del secretario de Estado y del Despacho de Relaciones Exteriores, recayó en el secretario de Estado de Gobernación, general don Victoriano Huerta, quien desde entonces por ministerio de la ley ha desempeñado la presidencia interina; así, de acuerdo con la voluntad del pueblo mexicano formalmente manifestada en el pacto constitucional de 5 de febrero de 1857, quedó establecida la sucesión presidencial interina y la indiscutible legitimidad del actual gobierno.

El Congreso de la Unión y la Corte Suprema de Justicia de la Nación reconocieron solemnemente y sin objeción alguna al nuevo mandatario, funcionando así regularmente los tres poderes por cuyo conducto el pueblo mexicano ejerce la soberanía nacional según lo dispuesto en los artículos 39 y 50 de la misma Constitución.

El programa político del gobierno interino así constituido quedó desde entonces perfectamente definido y concretado a dos fundamentales propósitos: restablecer la paz para que pudieran hacerse elecciones extraordinarias en cumplimiento a lo dispuesto en el citado artículo 81 constitucional, para entregar el poder a quien en las elecciones fuera designado por la voluntad popular, y respetar y hacer respetar la ley.

Consecuente con este programa, el Ejecutivo inició la convocatoria a elecciones procurando que se fijara para su verificación el plazo que estimó prudente tanto para que pudieran realizarse los trabajos preparativos, como que para que la República volviera al orden, profundamente alterado en algunos de los estados de la frontera norte, y alterado también aunque en mucha menor escala en otras entidades federativas.

De acuerdo con la iniciativa del Ejecutivo y en cumplimiento del precepto constitucional citado, el Congreso de la Unión convocó a elecciones extraordinarias, fijando para que tuvieran verificativo el día 26 de octubre último, pues se confiaba en que para entonces se lograría restablecer la paz en toda la República y garantizar la perfección de esas elecciones.

Para cumplir el segundo de sus propósitos, el Ejecutivo se manifestó respetuoso de la soberanía de los otros poderes: pero desgraciadamente una de las cámaras que forman el Legislativo, la de diputados, pretendió invadir en tal forma las funciones del Poder Ejecutivo, se negó en algunos casos a respetar el Judicial y la conducta de algunos de sus miembros que amparados por el fuero constitucional fomentaban públicamente y aún acaudillaban la rebelión armada, llegó a hacer de tal modo imposible la armonía con el Poder Ejecutivo, sin la cual todo gobierno fracasa, que el Presidente de la República hubo de resolverse a disolver la Cámara de Diputados como medida necesaria de salvación de la República, previniendo la anarquía a que de un modo inevitable hubiera llegado, si se hubiera seguido tolerando la rebelión en el seno mismo de uno de los poderes constituidos; y como la Cámara de Senadores no pudiera constitucionalmente funcionar aislada, se declaró disuelto el Congreso. Mas, como nunca ha sido el propósito del Ejecutivo gobernar fuera de la Constitución, cuidó de convocar inmediatamente a elecciones para constituir el nuevo Congreso y solamente asumió entretanto facultades extraordinarias en los ramos de Hacienda, Gobernación y Guerra, en donde eran indispensables, y esto con el compromiso solemne de dar cuenta con el uso que de ellas hiciera al nuevo Congreso, tan pronto como se instalara. Fue también motivo de especial cuidado y atención del gobierno interino respetar y apoyar al Poder Judicial que continuó sin entorpecimiento alguno en su augusta misión de velar por el respeto a las garantías individuales, con lo que se ha

logrado la marcha de la administración pública sin más tropiezos que los que forzosamente trae consigo el estado de guerra interior que aún prevalece en algunos lugares de la república.

Las elecciones de presidente y vicepresidente de la República y de diputados y senadores al Congreso de la Unión han tenido ya verificativo. El Congreso se instalará dentro de breves días y siempre de acuerdo con la Constitución calificará las elecciones de presidente y vicepresidente y hará la declaración que corresponda respecto de su validez o nulidad.

Al aproximarse el día fijado por la convocatoria para ejercer el sufragio, el presidente de la República tuvo conocimiento de que sus numerosos amigos lo postulaban para ocupar la primera magistratura y como, con arreglo al artículo 78 de la Constitución, no podía ser válidamente electo, deseoso de evitar interpretaciones erróneas o malévolas y, ya que no era tiempo de hacer conocer su modo de pensar a los amigos que lo postulaban, hizo la más solemne declaración ante los honorables miembros del cuerpo diplomático acreditado cerca del gobierno de la República, de que los votos que en los comicios se le otorgaron serian nulos y de ningún valor, y que aún en el supuesto, legalmente imposible, de que el nuevo Congreso llegarse a declararlo electo presidente, no aceptaría esa investidura.

Llevado el primer magistrado de su celo patriótico, convocó a todos los candidatos de los diversos partidos políticos contendientes en la lucha electoral y en una ceremonia solemne, en presencia de todos los miembros del gabinete, repitió las declaraciones hechas ante el cuerpo diplomático, requirió a los señores candidatos en nombre de su patriotismo, de que dieron indiscutible prueba, para que manifestaran solemnemente ante la nación que si alguno de ellos resultaba ungido por el voto popular, todos los demás colaborarían leal y patrióticamente, influyendo en el ánimo de sus partidarios, para que fuera respetado y ayudado en sus funciones el presidente electo, fuera cual fuese el partido político que lo apoyara, y así lo hicieron manifestando igualmente al pueblo mexicano que se ninguno de los candidatos obtenía el número de votos válido para ser presidente de la República, todos cooperarían a sostener el gobierno constituido a fin de consultar la voluntad popular en ocasión más propicia,

es decir, cuando la paz de la República permitiera a los ciudadanos emitir libremente y en todas partes su voto.

Hoy, que por las noticias llegadas al gobierno, existe una presunción vehemente de que, en razón de no haber sido posible el regular funcionamiento del número de casillas electorales que exige la ley para que la elección se considere como la verdadera manifestación de la voluntad del pueblo y es de preverse que sea declarada nula dicha elección presidencial, quiere hacer conocer una vez más al país y al mundo entero que, consecuente con su propósito seguirá esforzándose para lograr la pacificación del país, a fin de poder garantizar la absoluta libertad y eficacia de las nuevas elecciones a que habrá de convocar el Congreso, como consecuencia necesaria de aquella declaración.

Igualmente quiere hacer constar una vez más ante propios y extraños que respetuoso de la ley y persuadido de que por virtud de haber estado desempeñando en los momentos de la elección el cargo de presidente de la República, se considera constitucionalmente impedido para ser electo válidamente, para nada tomará en cuenta los votos que en su favor hayan sufragado y cualquiera que pudiera ser la resolución del Congreso no aceptaría en este caso, la Presidencia Constitucional de la república.

Contando, como cuenta el gobierno, con el solemne e importante ofrecimiento de los honorables ciudadanos que figurarón como candidatos a la presidencia y vicepresidencia, quienes representan a todos los partidos políticos de la República, seguro de que reinará la más perfecta armonía entre los tres poderes de la Unión y que los gobiernos del mundo entero sin excepción reconocerán que sólo el actual gobierno puede convocar a elecciones y garantizar su libertad y eficacia, espera poder cumplir con facilidad, en el plazo que el Congreso fije, su sagrado deber de consultar nuevamente la voluntad nacional para consagrar así, por el sufragio del pueblo, al mandatario que definitivamente haya de regir los destinos del país.

De otra manera no llegará a ser posible en mucho tiempo la realización del programa del Ejecutivo: la paz y la ley, único ambiente en que las elecciones podrán ser la expresión de la

verdadera voluntad popular, en que el individuo, lo mismo el nacional que el extranjero, tendrá plenas garantías y en que el desarrollo económico de la República permitirá a todas las clases sociales recoger el fruto de su trabajo y el producto de sus capitales.

Por acuerdo del ciudadano Presidente interino Constitucional de la República, general don Victoriano Huerta y con la aprobación unánime del Consejo de Ministros formado por los señores licenciado Manuel Garza Aldape, licenciado Nemesio García Naranjo, licenciado Leopoldo Rebollas, licenciado José María Lozano, licenciado Adolfo de la Lama, general Aurelio Blanquet y el subsecretario de Justicia, encargado del despacho, licenciado Agustín Garza Galindo, me es altamente honroso, por el honorable conducto de Usted, hacer del conocimiento del dignísimo gobierno que representa esta orientación general de la política del gobierno de la República con el propósito de que todos los países cultos con cuya amistad se honra México le hagan justicia de reconocer que su esfuerzo honrado y patriótico se encamina solamente a procurar el bien y prosperidad de la República Mexicana.

Me complazco en renovar a Vuestra Excelencia, con este motivo, las seguridades de mi muy distinguida consideración.

(assinado) Querido Moheno

A Su Excelencia J. M. Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario del Brasil

Presente.
Conforme:
E. de Lima Ramos

❖

OFÍCIO • 30 NOV. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 35

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 30 de novembro de 1913.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber o seguinte telegrama cifrado, que Vossa Excelência se serviu dirigir-me em 19 do corrente:

> BRASLEG – MÉXICO – NÚMERO 17 – CONFIDENCIAL – *Jornal Commercio* publicou hoje artigo muito severo sobre atual situação México e principalmente sobre general Huerta. Vocência fica avisado de que governo só teve conhecimento desse artigo depois de publicado. – EXTERIORES

Agradecendo esta obsequiosa comunicação, tenho a satisfação de informar Vossa Excelência de que nenhum jornal aqui, que me conste, transcreveu ou mesmo deu notícia do referido artigo, que certamente teria produzido má impressão nos círculos oficiais e no público.

Entretanto, ciente do assunto, estou preparado para atenuar o efeito da publicação, caso ela venha a ser conhecida neste país, onde se tem transcrito com viva satisfação tudo quanto se escreve no estrangeiro favorável ao atual governo ou contra os Estados Unidos.

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[20] • 03 DEZ. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 36

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 3 de dezembro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar o seguinte telegrama cifrado, que me coube dirigir a Vossa Excelência em 19 de novembro:

> EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – 12 – Sei casualmente encarregado de negócios americano instruído não comparecer abertura Con-

20 Intervenção imediatamente abaixo do cabeçalho: "Acusado recebimento em 28 de março de 1914 por despacho n. 3."

> gresso amanhã seis da tarde. Penso inútil imitar ato aberta hostilidade intervenção política interna contrária nosso procedimento anterior. Rogo instruções urgentes. – CARDOSO

É certo que Vossa Excelência em seu telegrama n. 16, de 14 do mês próximo passado, me havia recomendado seguir o mais possível de acordo com os Estados Unidos, sem me imiscuir na política interna deste país; mas não é menos verdade que no mesmo telegrama me declarava em primeiro lugar que o nosso procedimento no caso do México deve continuar a ser o mesmo que tem sido desde o início. Ora, tendo eu conseguido até agora manter a maior cordialidade de relações, apesar de não ter o governo brasileiro reconhecido o general Huerta, e havendo sempre tomado parte em todas as cerimônias e solenidades oficiais, não me pareceu dever mudar de atitude, praticando um ato de hostilidade insolicitado, descortês e desnecessário, não comparecendo desta vez à abertura do Congresso, cuja procedência, por mais fraudulenta que seja, não o é mais que a de todos os Congressos que se têm reunido neste país, há muitas décadas, sem clamores do público mexicano, nem oposição dos Estados Unidos.

Digo desse ato "insolicitado" porque só por simples acaso, no correr de uma conversa particular com o encarregado de negócios americano, senhor O'Shaughnessy, tive conhecimento das suas intenções, baseadas em instruções recebidas de Washington; "descortês" por saber o pesar que a ausência do representante do Brasil causaria ao governo mexicano, que tão cavalheirosamente tem procedido para comigo, não obstante a delicadeza da situação, inclusive a honra excepcional da visita do presidente Huerta e do seu ministério à legação, no dia 7 de setembro, e, finalmente, "desnecessário" porque, no fundo, a minha presença à abertura do parlamento não comprometerá qualquer atitude que Vossa Excelência queira tomar a tal respeito, como meu comparecimento à primeira recepção diplomática do presidente Huerta não forçou o governo brasileiro a reconhecê-lo.

Entretanto, no intuito de proceder com o maior escrúpulo e de completo acordo com o pensamento de Vossa Excelência, pareceu-me bem dirigir-lhe o aludido telegrama.

Folguei de ver, pela falta de resposta, que Vossa Excelência aprovou a minha ideia nele manifestada de ir à mencionada solenidade.

Cabe-me acrescentar que, encontrando-me no mesmo dia, em uma recepção dada pelo presidente e sua senhora no Castello

de Chapultepec, com o encarregado de negócios americano e falando-lhe do assunto, disse-me ele espontaneamente que não havia necessidade alguma de que eu me abstivesse de comparecer, pois as nossas situações não eram idênticas, acrescentando que se estivesse em meu lugar não faltaria. Efetivamente estive presente à abertura do Congresso no dia 20, em companhia, exceto o sr. O'Shaughnessy, de todo o corpo diplomático, inclusive o encarregado de negócios de Cuba, cujo governo também não reconheceu o presidente Huerta. Este leu naquela ocasião a mensagem do costume, de que remeto inclusos dois exemplares.[21]

Como Vossa Excelência verá, limitou-se a justificar o seu ato dissolvendo as câmaras passadas, sem fazer a mais leve alusão à tremenda situação e muito menos à tensão das relações com os Estados Unidos, ao contrário do que todos ansiosamente esperavam.

Desde então tem o Congresso prosseguido regularmente nos seus trabalhos, tendo aprovado ontem os aumentos de impostos e outras medidas financeiras tomadas pelo presidente Huerta durante uma ditadura, mas nada havendo, entretanto, até hoje deliberado sobre a última eleição presidencial, que se esperava fosse o primeiro assunto a ocupar sua atenção. Esta circunstância, junta à da reorganização do ministério, pendente desde a súbita exoneração do ministro do Interior Garza Aldape, poderia fazer crer que a algum resultado se está procurando chegar, para conciliar as disposições do governo mexicano com as insinuações americanas, para o bem do país e a sua pacificação, se a experiência já não tivesse sobejamente demonstrado que é inútil buscar tirar qualquer conclusão dos acontecimento quotidianos.

Por seu lado, o presidente Wilson, como Vossa Excelência estará informado pela embaixada aí e segundo verá do incluso memorando que me deu particularmente o encarregado de negócios americano, não reconhecerá o general Huerta e resolve manter por enquanto uma atitude de mera expectativa, esperando que o general Huerta, sentindo-se desamparado financeira e moralmente, acabe por dar sua renúncia, coisa essa que os Estados Unidos só em último extremo empreenderão conseguir pela força.

Devo acrescentar que o general Huerta não parece absolutamente disposto a entrar na desejada linha de conduta e que os revolucionários do norte vão fazendo progressos diários e dando

21 Publicada em 20 de novembro de 1913.

demonstração de força e número que fazem prever uma dilatada continuação desta deplorável e perigosa situação.

Anunciaram todos os jornais e também me disse o senhor O'Shaughnessy que o presidente Wilson rompeu completamente suas negociações com os revolucionários, que não aceitaram suas condições; mas o que parece evidente é que eles contam com grande elementos do outro lado da fronteira para o recebimento clandestino de armas, munições e até canhões, de que não dispunham antes, como se pode avaliar pela segurança e ousadia com que tomam cidades importantes, como Torreón, Victoria (capital do estado de Tamaulipas) e Cidade Juárez, defendendo-as das baldadas e desesperadas operações das forças federais, que se têm mostrado incapazes de retomá-las, ao mesmo tempo em que vão atacando e ocupando outras praças. Assim é que estão dominando inteiramente o estado de Sonora e grandes extensões de outros, na proporção, segundo dizem, de metade do país.

Também convém mencionar que o "zapatismo", que se havia dado por extinto no estado de Morelos, vizinho ao Distrito Federal, tem recrudescido de modo assustador, repetindo-se diariamente os incêndios de fazendas, ataques de trens etc. É, portanto, muito difícil conjeturar um próximo fim às desgraças deste país.

Não devo deixar também de informar Vossa Excelência de que aqui acaba de chegar um secretário chileno, sr. Antonio B. Agacio, que vem – sem caráter representativo – encarregar-se apenas da guarda do arquivo da legação, substituindo o secretário Vicuña Guerrero, falecido há poucas semanas.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

[J.M. Cardoso de Oliveira]

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]
Cópia

The sole and simple purpose of the United States is the securing of peace and order in the Central American states by

insistence upon the non-interruption and continuity of the processes of self-government.

The peace and development of America is threatened more by usurpations such as occurred in Mexico in February last than by any other one thing. Not only is the development of ordered self-government rendered impossible thereby; but such acts tend entirely to set aside law, to invalidate concessions and contracts, to impair national credit and the whole foundation of commerce, and constantly to jeopardize the lives and fortunes of citizens and foreigners. It being, therefore, the purpose of the government of the United States to defeat and discredit such acts of usurpation, the present policy of that government is entirely to isolate the present Chief Executive in Mexico City and to force him out by so cutting him off from domestic credit, either material or moral, and from foreign aid and sympathy.

The government of the United States will await without irritation or impatience the results of this isolation, in the hope and belief that the ends above mentioned will be accomplished thereby. If the Chief Executive in power in Mexico City at the present time is not forced out by circumstances, it will become the duty of the government of the United States to use forcible means to that end.

Each aggressive or affirmative step in contemplation will be made known to other governments in advance, if it should, unhappily, be found necessary to take active steps against the usurper; but there seems to be no immediate necessity of such action. It is the fixed resolve of the government of the United States that, in so far as it is concerned, there shall be no toleration of such interruptions of civil order. The recurrence of usurpations of this kind will be rendered less likely by each conspicuous instance in which they are presented and the result thereof will be the securing of a state of affairs on this continent by which the peace of America and the unrestrained development of its social and economic relations with the rest of the world will be assured.

The government of the United States will not go beyond this fixed purpose; it will seek to show itself, here as elsewhere, the consistent champion of the open door and it will not permit itself to look for any exclusive or especial advantages for its citizens in Mexico or elsewhere. The government of the United

States, in the meantime, is making the lives and fortunes of the subjects of other governments as much its concern as the lives and fortunes of its own citizens and will make every effort that the circumstances permit to safeguard lives and properties in Mexico.

Conforme:
E. de Lima Ramos

❖

OFÍCIO • 17 DEZ. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 37

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 17 de dezembro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os dois telegramas cifrados, abaixo transcritos que, em cumprimento da ordem contida no de Vossa Excelência n. 16, de 14 do mês próximo passado, me coube dirigir-lhe em 10 e 16 do corrente.

> EXTERIORES – RIO JANEIRO – 12 – Câmara dos Deputados declarou nula eleição presidente convocando nova julho próximo, determinando continuação presidente interino atual. Baldados esforços governo dominar norte retomar cidades importantes, que revolucionários vão rápidos, tomando direção sul, fazem recear triunfo revolução possíveis ataques distúrbios capital. Governo recomendou chefes militares respeito estrangeiros. Diplomatas marcaram seus compatriotas capital lugares concentração fim proteção. Estados Unidos expectativa. – CARDOSO

> EXTERIORES – RIO JANEIRO – 13 – Encerramento do Congresso tendo aprovado atos ditadura concedida presidente durante interregno amplas faculdades Ministério da Fazenda, Ministério do Interior, Ministério da Guerra. Recuperação Torreón repulsa ataque revolucionários contra Tampico prestigiando governo adiam solução. – CARDOSO

A justificação do que informo nestes telegramas encontrará Vossa Excelência em grande parte no que já expus no meu ofício n. 36, de 3 do corrente, com as circunstâncias agravantes da tomada posterior de Chihuahua, único ponto do estado do

mesmo nome que ainda estava sob o domínio do governo e o tremendo ataque ao porto de Tampico.

Diante de tais progressos, acreditou-se muito seriamente durante alguns dias que o triunfo final dos revolucionários e sua chagada a esta capital eram questão de pouco tempo. Isto, aumentando o pânico, determinou as providências tomadas pelos ministros das diversas potências para a proteção dos seus compatriotas; a recomendação oficial do governo aos chefes militares, a que alude o telegrama e outras providências tomadas pelas colônias estrangeiras para a própria defesa, o que, aliás, não impediu a saída desta capital de grande número de pessoas, incluiria a família do próprio presidente Huerta, que se dirigiu a Guadalajara, de onde já regressou. Agora, porém, modificou-se um pouco a intenção com a recuperação pelos federais da cidade de Torreón, assaltada e ocupada pelos rebeldes desde outubro último, cidade que, além de ser o principal centro algodoeiro da república e em cujas cercanias estava por fazer a colheita do algodão avaliada em mais de 35 milhões de pesos, é ao mesmo tempo um ponto estratégico de primeira ordem, pois é por assim dizer o núcleo das linhas férreas que sulcam os estados dominados pela revolução; não influindo menos para a melhora da posição do governo a defesa do porto de Tampico, que por sua vez constitui um dos empórios do comércio de petróleo; assim como também deu-lhe prestígio a aprovação pelas câmaras dos atos da ditadura, acompanhada da confirmação dos poderes do presidente atual e as amplas faculdades que lhe foram por ela concedidas para a pacificação. À vista disto e da inação dos americanos, já o desenlace não poderá ser tão bravo.

Há, entretanto, uma circunstância que, no tocante aos Estados Unidos, poderá talvez precipitá-lo: é o procedimento do chefe revolucionário Francisco Villa, que domina em Chihuahua, onde – por suas arbitrariedades e atos cruéis: confiscação de bens de estrangeiros, fuzilamentos de militares e civis, expulsão de espanhóis ali residentes etc. – tem incorrido na censura do próprio chefe da revolução, Carranza e, principalmente, dos americanos, a cujas admoestações se recusa atender. Ao governo de Washington apresentaram-se várias queixas e pedidos de garantia a favor dos estrangeiros ali, inclusive (segundo dizem os telegramas aqui publicados) do governo de Espanha, como consequência das responsabilidades assumidas pelo presidente Wilson perante as outras nações.

Não devo esquecer de mencionar que, para maior mal deste país, os zapatistas continuam a dar demonstrações de força e audácia, pois ainda anteontem e ontem, em número de dois mil, capitaneados dos seus mais sangrentos cabecilhas, atacaram a povoação de Milpa Alta, a vinte milhas apenas de distância ao sul desta capital, sendo aliás derrotados.

Melhor, porém, do que o que acabo de relatar e de tudo quanto eu pudesse acrescentar acerca da atitude do presidente Wilson perante o caso do México e especialmente da incapacidade do governo e do exército mexicano, aumentado em número e dotado de todas os meios de ação, para dominar a revolta e conseguir a pacificação, darão a Vossa Excelência ideia bastante exata os artigos anexos do *Diário* e do *País* de hoje, para os quais peço a sua preciosa atenção, sob as epígrafes "La obra mas grande de mi reinado" e "El País indica honrada y resueltamente la causa de los últimos fracasos de los Federales".

Entretanto, como particularidade muito notável, no intuito de mostrar o otimismo com que o governo encara este tremendo estado de coisas e a segurança com que espera alcançar o êxito final, passo também às mãos de Vossa Excelência no retalho anexo do *Diário* de 14 do corrente, o texto de uma carta do presidente Huerta ao sr. R. J. Hodel, correspondente da *Frankfurter Zeitung*, respondendo aos quesitos por este formulados acerca da pacificação do país, das causas que o têm retardado e dos meios com que conta o governo para realizá-la.

Prevaleço-me da ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 30 DEZ. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 38

Legação dos Estados Unidos do Brasil

México, 30 de dezembro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos do *País*, de 19 e 22, *Independiente* e *Diario*, de 20, contendo notícias entusiásticas acerca de um manifesto publicado aí pelo senhor Luís Gomes muito favorável ao México e à solidariedade latino-americana, e na repercussão que teve na República de Salvador.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Muller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 30 DEZ. 1913 • AHI 221/01/06

5ª Seção / N. 4

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 30 de dezembro de 1913.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de remeter a Vossa Excelência por este mesmo correio, em partes separadas, sob registro, as seguintes publicações oficiais:

−"Boletim oficial de la Secretaría de Relaciones Exteriores" – Tomo XXXVI – n. 4, 5, 6 correspondentes aos meses de agosto, setembro e outubro do corrente ano.
–"Dirección General de Consulados – Boletim Consular" – Tomo VIII, n. 4 e tomo IX, n. 1 e 2, correspondentes aos meses de agosto, setembro e outubro últimos.
−"Iniciativa de pressupuestos para el año econômico de 1914-15, precedida de uma exposición de motivos."
−"Nota em que se remite a la Câmara de Diputados del Congresso de la Unión la cuenta de la Hacienda Pública Federal correspondiente al año econômico de 1912-13".

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Muller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 31 DEZ. 1913 • AHI 221/01/06

2ª Seção / N. 39

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 31 de dezembro de 1913.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 37, de 17 corrente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos anexos, em duplicata, dos seguintes jornais, todos deste mês, contendo algumas notícias de interesse:

− *El Diario*, de 18, sob o título "Como proteger los Estados Unidos a los extranjeros en México: no me defienda por favor", acerca da atitude dos Estados Unidos no presente caso do México.
− *El País*, de 18, sob a epígrafe "La América Latina debe protestar contra la intromisión en asuntos mexicanos".
– *El Independiente*, de 18, "Patrióticas palabras del general Huerta" e "Reorganización del Ejército Nacional – Como serán divididos los ciento cincuenta mil federales."
− *El Imparcial*, de 19, "La actitud de la prensa europea"; e finalmente
− *El Independiente,* de 26, contendo um artigo sob o título "Una ingeniosa sátira internacional", no qual, na forma de uma suposta carta do general Huerta ao presidente Wilson, se dá uma ideia muito nítida, ainda que invertidamente, da atitude do último para com o primeiro.

Cumpre-me somente acrescentar que a situação militar continua a mesma que descrevi no ofício anterior, sendo que a financeira se agravou, ultimamente, a ponto de ser necessário que o presidente baixasse um decreto facilitando aos

bancos a suspensão de pagamentos e cumprimento de obrigações mercantis, desde há alguns dias até 2 de janeiro próximo; tenderá, entretanto, a melhorar se o governo, como se afirma, vier a receber nos primeiros dias do mês vindouro uma parte do empréstimo desde muito tempo contratado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Muller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

1914

OFÍCIO • 14 JAN. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 1

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 14 de janeiro de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício à 2ª seção, n. 35, de 30 de novembro de 1913, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos do *Diário* de 4 do corrente, contendo uma notícia acerca do protesto feito por alguns mexicanos ausentes do seu país, contra o artigo do *Jornal do Commercio* de 19 de novembro último, referente ao caso do México e ao presidente Huerta, e mais o texto de um telegrama sobre o mesmo assunto mandado de Buenos Aires ao deputado brasileiro Pedro Moacyr.

Devo acrescentar que o referido artigo não foi transcrito nesta capital, sendo essa a única referência que se lhe tem feito até agora.

Prevaleço-me da oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[22] • 14 JAN. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 2

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 14 de janeiro de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me aos meus ofícios à 2ª seção – n. 26, de 8 de outubro, e 39, de 31 de dezembro de 1913 – tenho a honra de

22 Intervenção no topo da página: "Ac[usado] o recebimento em 28 de março de 1914".

confirmar a segunda parte do meu telegrama de 10 do corrente e o conteúdo do de ontem, ambos cifrados, nestes termos:

> EXTERIORES – RIO JANEIRO – 1 – Governo parece firme. Encarregado de negócios americano chamado Vera-Cruz conferenciar Lind após entrevista deste com presidente Estados Unidos. – CARDOSO
>
> EXTERIORES – RIO JANEIRO – 2 – Conforme confidência encarregado de negócios americano nenhuma alteração política Estados Unidos. Depois conferência ministerial, em que ficou resolvida suspensão pagamento interesses dívidas públicas interna, externa [*e*] outras medidas, toda imprensa, baseada informações ontem Ministério das Relações Exteriores, declarou hoje que enviados extraordinários e ministros plenipotenciários mexicanos Brasil, Chile, Cuba que, por resolução Ministério das Relações Exteriores, se tinham licenciado deixando legações secretários, foram mandados aguardar ordens onde estão, sem prejuízo vencimentos, não reassumir postos antes referidas nações reconheçam atual governo mexicano. Aqui nenhum representante República Argentina; Cuba, segundo secretário de legação encarregado de negócios; e Chile secretário, apenas guardando arquivo. Visto novo aspecto questão não obstante nosso prudente cordial procedimento, minha situação, já considerada melindrosa, torna-se difícil sustentar. Rogo instruções. – CARDOSO

Efetivamente, o governo do general Huerta parece firme nos seus propósitos de levar a cabo a obra de pacificação do país, sem atender às sugestões dos Estados Unidos, a julgar pelas medidas que vem tomando diariamente, não só no tocante à reorganização do exército, senão pelas providências – como, por exemplo, a decretação do curso forçado para as notas dos bancos emissores dos estados – com que vai conjurando a ameaçadora crise financeira, chegada agora ao ponto culminante com a suspensão por seis meses do pagamento dos juros da dívida pública; além disto, vencendo tremendas dificuldades, tem obtido ultimamente vários triunfos militares, conseguindo impedir, pelo menos temporariamente, o progresso da revolução; isto, não obstante alguns percalços, como o da caída de Ojinaga em poder dos rebeldes, desastre do qual resultou a internação nos Estados Unidos de cinco generais e mais de 3.000 soldados mexicanos; por outro lado, o presidente Huerta, além dos cumprimentos oficiais do corpo diplomático e das várias instituições públicas,

tem recebido constantemente outras demonstrações de solidariedade, nomeadamente o banquete que lhe foi oferecido há dias no Jockey Club, no qual além dos chefes de missão e dos funcionários de alta categoria, tomaram parte os mais autorizados representantes do comércio, das finanças e da indústria mexicanas.

Como Vossa Excelência verá pelo incluso retalho do *Mexican Herald,* de 2 do corrente, o presidente Huerta levou a sua – quando mais não seja, aparente – confiança no triunfo final da causa que representa a ponto de mandar um expressivo telegrama de felicitações pelo novo ano ao povo americano e ao presidente Wilson. Infelizmente para ele, a resposta – que não foi publicada e de que eu só tive notícia reservada pelo encarregado de negócios americano – longe de corresponder às suas mais secretas esperanças, trazendo-lhe pelo menos uma promessa de reconhecimento, consistiu numa nota do mesmo encarregado de negócios agradecendo ao Ministério das Relações Exteriores as referidas felicitações, retribuindo-as ao povo mexicano e fazendo votos pela prosperidade da República Mexicana.

Demais, na longa conversa que tive ontem com aquele colega, no seu regresso de Vera-Cruz, assegurou-me que nada havia de mudado na política americana; acrescentando que, como já tivera ocasião de dizer particularmente ao próprio general Huerta, este jamais seria reconhecido pelo presidente Wilson.

À vista de tudo isto, a situação, longe de manifestar indícios de próxima solução, promete prolongar-se por tempo indeterminado.

No tocante ao conteúdo do telegrama de ontem, basta para sua justificação a remessa dos retalhos anexos do *Mexican Herald*, *Imparcial*, *Diário*, *Independiente*, *País* e *Nación* da mesma data, contendo as mencionadas notícias.

À vista da declaração oficial do mesmo atual ministro das Relações Exteriores, senhor Querido Moheno, feita em outubro último e a que se refere o meu citado ofício n. 26 – e cuja pouca sinceridade e nenhum valor ficaram agora demonstrados –, foi com verdadeira surpresa que li semelhantes agressivas notícias.

Entretanto, desejando ainda uma vez proceder com a máxima calma e a cordialidade com que aqui sempre me tenho havido, esperei em vão, antes de expedir meu telegrama, que Sua Excelência ou pelo menos o chefe de protocolo, que tem

sido o seu porta-voz em outras circunstâncias, pelas boas relações pessoais que comigo mantém, me desse alguma explicação, corroborando a declaração de outubro, que excluía o Brasil dessa ofensiva medida, a fim de desmentir ou pelo menos atenuar a impressão das aludidas notícias.

Os jornais de hoje nada publicam nesse sentido, de modo que as versões estão completamente corroboradas pelo silêncio do ministério, que ainda mais as agrava, por denotar o seu pleno propósito de as confirmar, ou o pouco caso que faz do mau efeito que tais notícias possam produzir no ânimo da legação aqui ou do governo do Brasil.

No fundo parece predominar o desejo de que elas sejam tomadas no pior sentido, em represália à falta de reconhecimento do atual governo.

É o de que me cumpre informar Vossa Excelência, cuja deliberação aguardo com serenidade e o devido acatamento, aproveitando a ocasião para ter a honra de reiterar-lhe os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 28 JAN. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Econômico-Consulares / N. 1

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 28 de janeiro de 1914.

Senhor Subsecretário de Estado,

Tive a honra de receber o despacho n. 9, desta série, datado de 24 de novembro próximo passado, pelo qual Vossa Excelência se serviu comunicar-me que, tendo sido aprovada a nomeação do sr. W. C. Barthmann para vice-cônsul em Puerto-México, os respectivos

títulos de nomeação e aprovação foram remetidos à Delegacia do Tesouro em Londres para o pagamento do imposto do selo.

Dei imediatamente conhecimento desse fato ao sr. Carl Heynen, cônsul do Brasil nesta cidade, a fim de que o interessado se prontifique a realizar o aludido pagamento, depois do que solicitarei do governo mexicano a necessária autorização para que o sr. W. C. Barthmann entre no exercício de suas funções.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Francisco Regis de Oliveira
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 28 JAN. 1914 • AHI 221/01/07

Índice: Revolução no México. Terminação do incidente relativo à retirada dos ministros mexicanos do Brasil, Chile e Cuba.

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 3

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 28 de janeiro de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 2, de 14 do corrente, tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas, em parte cifrados, trocados entre Vossa Excelência e esta legação em 14 e 15 deste mesmo mês:

> BRASLEG – MÉXICO – NÚMERO 1 – Recebido seu 2. Como anteriormente, procure ministro das Relações Exteriores para saber se é oficial notícia jornal sancionando (?) seu telegrama referido. Caso negativo queira solicitar jornais res[s]alvem caso Brasil como anteriormente fizeram e consta seu ofício vinteseis de sete outubro último. Rogo informar resultado. – EXTERIORES

> EXTERIORES – RIO JANEIRO – 3 – Lamentando indiscrição imprensa, chefe protocolo contou-me confidencialmente Ministério das Relações Exteriores, desejando criar menos rudemente Brasil mesma situação Argentina, Chile, Cuba, aproveitou circunstância licença, esgotada dezembro, Salado, que recusava reassumir, para tolerar continuação ausência até reconhecimento. Diante, porém, minha cortês firme intervenção, ministro das Relações Exteriores prontamente negou fundamento notícias, concordando publicar amanhã desmentido oficial, escrever-me carta mesmo sentido; e em minha presença mandou telegrafar Salado regresse Brasil. – CARDOSO

Ficou assim, pela segunda vez terminado o incidente, o que não quer dizer, dada a inesperada repetição, que haja certeza na ida do sr. Salado Alvarez, e que se não possa reproduzir o fato com a posse de um novo ministro ou ainda mesmo durante a administração do atual, pois como Vossa Excelência terá apreciado por si mesmo, à vista da confidência do chefe do protocolo, a ideia era retirar o ministro mexicano aí acreditado, ainda que sem a mesma ostentação usada para com os outros países no mesmo caso.

Dessa vez a questão apresentou-se sob um aspecto mais sério e cercada de circunstâncias que me fizeram refletir, não tanto na possibilidade de resolvê-la como anteriormente, mas, e principalmente, na conveniência ou não de fazê-lo; razão por que, preferindo pecar pelo excesso de precaução a proceder com precipitação, porventura prejudicial – tanto mais quanto nenhum prejuízo poderia resultar de uma demora de vinte e quatro horas – resolvi comunicar o fato a Vossa Excelência e só agir de acordo com suas instruções.

Efetivamente, além de não ter razões para duvidar do fundamento das notícias (como ficou depois demonstrado), dava-se até então geralmente como certa uma modificação da política dos Estados Unidos e da sua representação aqui, apesar da negativa do encarregado de negócios americano; no mesmo dia chegou ao meu conhecimento muito confidencialmente a notícia, que verifiquei ser certa, de que o secretário chileno, sr. Agacio, que se achava nesta capital encarregado apenas da guarda do arquivo da legação e que muito mais tarde deveria ir assumir a legação do Chile em Washington, recebeu ordem do seu governo de partir imediatamente para ali, levando o arquivo, sem deixar nenhum substituto. Ora, à vista disto, pensei na hipótese de haver talvez em vista

alguma nova combinação internacional e, assim sendo, a retirada do ministro mexicano do Brasil vinha justamente fornecer a Vossa Excelência um motivo plausível para agir livremente acerca da nossa representação no México; ao passo que qualquer intervenção minha poderia dificultar ou impossibilitar essa resolução.

As ordens de Vossa Excelência foram por mim recebidas no dia 14, às sete horas da noite; às oito e meia, a fim de pedir uma audiência do ministro das Relações Exteriores no dia seguinte, tinha eu uma conferência com o chefe do protocolo, a quem mostrei a necessidade de terminar definitivamente, de uma forma ou de outra, tão desagradável assunto, que, pondo em evidência a indecisão do governo mexicano, expunha a legação do Brasil a comentários públicos em detrimento de um decoro, que deve ser intangível; e fiz-lhe ver que no caso de não ser verdadeira a versão da imprensa, era absolutamente indispensável que o ministro das Relações Exteriores a desmentisse de forma a não poder pairar a menor dúvida no espírito público. Foi então que ele me confessou, muito em segredo e na intimidade de amigo, o que tinha havido, mostrando-se, porém, completamente inclinado a remediar o caso, no sentido de sustentar a atitude anterior do governo mexicano, de acordo com a declaração de outubro. Assim deve ter combinado com o ministro das Relações Exteriores, a quem no outro dia encontrei muito bem disposto a resolver tão satisfatoriamente o incidente. A nossa entrevista foi cordialíssima, não obstante a firmeza com que lhe repeti o que havia conversado com o chefe de protocolo; concordou prontamente em fazer a retificação oficial constante dos retalhos anexos do *Imparcial*, *Diário*, *Independiente* e *País* de 16 e *Mexican Herald* de 18, em escrever-me a carta que Vossa Excelência encontrará inclusa por cópia e acompanhada da minha resposta[23]; e ainda mais, mostrando-lhe eu a conveniência, para cortar, como se costuma dizer, o mal pela raiz, de que o sr. Salado Alvarez regressasse a seu posto o mais depressa possível, levantou-se sem me responder e, tocando uma campainha, ordenou espontaneamente ao oficial-maior que se apresentou, telegrafasse àquele ministro, ordenando que regressasse imediatamente a seu posto.

Esperando que Vossa Excelência se dignará aprovar a

23 Não transcrita, por apenas formalizar o relatado acima.

minha maneira de agir nessa emergência, aproveito o ensejo para reiterar-lhe os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 28 JAN. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 4

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 28 de janeiro de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me meu ofício desta série, n. 2, de 14 do corrente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos de jornais contendo as seguintes notícias de interesse, relativas à revolução neste país:

– *El Imparcial,* de 15 – O texto do decreto presidencial da véspera, prorrogando até 31 de março o decreto anterior sobre os dias feriados, durante cujo período têm os bancos a faculdade de não fazer pagamentos, nem cumprir suas obrigações mercantis. Devo dizer que os principais não se têm ainda aproveitado dessa faculdade.

– *El Diário*, de 15 – Um artigo sob o título "Opimos Frutos de la Protección Americana a los Intereses Extranjeros", sobre o que há de contraproducente na atitude dos Estados Unidos para com o México.

– *El Independiente,* de 15 – Acerca de criação de legações mexicanas, dirigidas por ministros residentes no Peru, Bolívia, Colômbia separadas da do Chile.

– *Mexican Herald* e *El Diário,* de ontem – Dando conta da descoberta de uma nova conspiração que deveria estalar nesta capital no dia 1º de fevereiro próximo e das prisões feitas pela polícia.

Não há modificação aparente na situação geral, quer política, quer financeira, quer militar. Entretanto, informou-me uma pessoa fidedigna, que acaba de regressar dos Estados Unidos, onde, segundo me

disse, teve ensejo de conversar duas vezes com o presidente Wilson, que os rebeldes, patrocinados por este, estão ganhando muito mais terreno do que aqui se sabe, sendo quase certo que possam dentro de uns dois meses chegar até esta capital, conseguindo o triunfo final. Acrescentou que para isto já estão assentados todos os planos.

Dou esta notícia pela confiança que me merece o meu informante, cumprindo-me acrescentar que, à parte a quantidade de boatos, cada qual mais alarmante, nada ouvi de outra fonte tendente a justificá-la.

Quanto ao desejado empréstimo, parece agora absolutamente inexequível, depois da suspensão do pagamento da dívida. Como nota curiosa, menciono a circunstância de haver sido tomada e publicada esta medida sem nenhuma ciência do ministro da Fazenda, senhor De la Lama, que se achava em comissão na Europa, junto aos credores e banqueiros europeus, tratando justamente de obter o empréstimo e que por isto mandou pedir, pelo telégrafo, demissão do seu cargo.

Em complemento do retalho de jornal acima referido, noticiando a descoberta de uma nova conspiração, junto remeto a Vossa Excelência um outro do *Mexican Herald* de hoje, desmentindo em grande parte essa notícia e reduzindo-a a mínimas proporções.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[24] • 11 FEV. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 5

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 11 de fevereiro de 1914.

24 Intervenção acima do cabeçalho: "Ac[usado] rec[ebimento] em 28 de março de 1914".

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 4, de 28 de janeiro próximo passado, tenho a honra de confirmar o seguinte telegrama, em parte cifrado, que me coube dirigir a Vossa Excelência em 5 do corrente:

> EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – 4 – Presidente telegrama resposta *International News Service New York* também transmitido vários países declarou não fazia comentário resolução Estados Unidos permitir livre importação armas México; anunciou decreto hoje aumento exército duzentos mil homens; convidou dez repórteres americanos virem presenciar operações militares que considera eficazes pacificação. Péssima impressão resolução Estados Unidos causa prolongação luta. – CARDOSO

Nos retalhos anexos do *Mexican Herald,* de 4, e do *Independiente,* de 5, encontrará Vossa Excelência uma notícia sobre a referida medida tomada pelos Estados Unidos e o texto do telegrama do presidente Huerta.

Alguns repórteres, que responderam aceitando o convite, já se acham em caminho para este país.

Segundo a opinião de pessoas autorizadas, a resolução do presidente Wilson pouca importância tem sob o ponto de vista militar, pois não fez mais do que permitir abertamente o que já se fazia às ocultas, mas o efeito moral foi bastante desfavorável para o governo mexicano pelo prestígio que dá aos revolucionários e a demonstração pública das preferências da Casa Branca.

Como Vossa Excelência terá visto, vai-se desenhando o plano de que lhe dei notícia no final do meu ofício anterior.

Entretanto, o governo mexicano recebeu tal notícia com aparente indiferença, demonstrando o presidente Huerta uma indomável energia e uma calma que só se explica pela cega confiança que tem no êxito final da sua causa.

Nada, porém, do que se vê justifica essa confiança, pois o exército, apesar de aumentado a duzentos mil homens, se tem conservado em atitude defensiva, sem ganhar terreno aos revolucionários, que, verdade seja [*dita*], também nenhum progresso tem feito ultimamente. Tudo faz, portanto, prever que a luta se prolongará ainda por bastante tempo.

É voz geral aqui e parece confirmada pelas notícias de Washington que o governo americano, mediante certas concessões

à Grã-Bretanha quanto ao Canal de Panamá, conseguiu a completa anuência desta à política do presidente Wilson no México; uma circunstância que vem corroborar essa impressão é a chamada a Londres do ministro britânico nesta capital, sir Leonel Carden, que partirá dentro de poucos dias e que, desde que chegou, mostrando-se muito partidário do presidente Huerta, se permitiu algumas referências desfavoráveis àquela política. Como Vossa Excelência já sabe pelo meu ofício à Seção do Protocolo n. 3, de 14 de janeiro último, já desde então se falava na retirada do mencionado ministro e na sua transferência para o Brasil.

Deixo de mencionar, por inúmeros e de discutível fundamento, os boatos temerosos e as conspirações quase diariamente descobertas pela polícia, que coincidindo com o aniversário da "Dezena Trágica", trazem alarmadíssima a população desta capital, já dominada pela péssima impressão produzida aqui e em vários países (a julgar pelas transcrições da imprensa) pela nova atitude de Washington.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[25] • 11 FEV. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 6

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 11 de fevereiro de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o

25 Intervenção no topo da página: "Ac[usado] o rec[ebimento] em 28 de março de 1914, por desp. n. 7".

retalho anexo do *Independiente*, de 9 do corrente, contendo a notícia de um suposto movimento revolucionário no estado da Bahia e da atitude assumida pelo governo federal.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 25 FEV. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Econômico-Consulares / N. 2

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de fevereiro de 1914.

Senhor Ministro,

Havendo falecido o senhor John Speedie, ultimamente nomeado para o cargo de vice-cônsul em Tuxpán, estado de Vera-Cruz, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, acompanhado do respectivo selo e assinatura em duplicata, o título pelo qual o vice-cônsul em exercício de cônsul no México, senhor Carl Heynen, nomeia para exercer aquele cargo o senhor F. Alfred Eckart, mexicano, de 53 anos de idade, banqueiro e pessoa que goza de geral estima na mencionada cidade.

Pedindo a aprovação de Vossa Excelência para esta nomeação, aproveito o ensejo para reiterar-lhe os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[26] • 25 FEV. 1914 • AHI 221/01/07

Índice: Revolução no México. Modificação no gabinete. Várias notícias.

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 7

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de fevereiro de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 5, de 11 do corrente, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que se acabam de efetuar as seguintes modificações no ministério: tendo sido exonerado o ministro de Fomento, o senhor licenciado Leopoldo Rebollar, foi nomeado ministro das Relações Exteriores o senhor licenciado José Lopez Portillo y Rojas, passando o senhor licenciado Querido Moheno para a pasta de Fomento, agora chamada da Indústria e do Comércio, depois da recente criação do novo Ministério da Agricultura e Colonização, compreendendo vários serviços que estavam a cargo daquele, e para o qual foi nomeado o senhor licenciado Eduardo Tamariz. Foi também elevado ao cargo de ministro do Interior (Gobernación) o senhor dr. Ignacio Alcocer, que há muito exercia interinamente o mesmo posto, como subsecretário da referida repartição; finalmente, exerce o cargo de subsecretário das Relações Exteriores o senhor licenciado Roberto Esteva Ruiz, em vez do senhor licenciado Olaguibel, nomeado há pouco procurador-geral da República. Os demais titulares continuam nos seus cargos, conforme consta do meu ofício à 2ª seção, n. 25, de 6 de outubro de 1913.

No dia 21 teve lugar a recepção diplomática de praxe para a apresentação do novo ministro das Relações Exteriores, Portillo y Rojas, cavalheiro de distintas maneiras e que parece competente e criterioso, além de prático em assuntos de administração, graças ao seu tirocínio como governador do estado de Jalisco e outros cargos. No mesmo dia, à tarde, Sua Excelência fez-me a fineza de vir à legação fazer-me uma visita em companhia do chefe de protocolo.

26 Intervenção acima do cabeçalho: "Ac[usado] rec[ebimento] em 30 de abril de 1914 por desp[acho] n. 10".

É deveras surpreendente como o governo mexicano, longe de parecer disposto a ceder aos desejos do presidente Wilson e não obstante o franco apoio dado por este aos revolucionários, continua a exercer a sua ação política e administrativa, em quase todo o território da república, vai criando serviços novos, aumentando as forças militares e tomando medidas financeiras e de outra natureza, como a criação de vários impostos, entre os quais o de exportação sobre o café, recursos que lhe têm permitido ultimamente obter alguns êxitos em vários pontos contra os rebeldes e, em todo caso, deter-lhes momentaneamente os passos, que todos temiam os conduzissem rapidamente até esta capital, depois da permissão pelos Estados Unidos da livre importação de armas.

À parte a depressão do ânimo público cada vez mais crescente e as precauções extraordinárias tomadas pelo governo, como, por exemplo, a ocupação e fortificação de alguns pontos da cidade, inclusive casas particulares, na previsão de algum distúrbio, por ocasião do aniversário da "Dezena Trágica" e da morte do presidente Madero, pode-se dizer que a situação geral do país continua no mesmo estado descrito nos meus ofícios anteriores, prometendo dilatar-se ainda por longo tempo.

O que, porém, se está tornando grandemente interessante é a questão internacional: primeiro, o visível intuito de tirar dela todo o proveito, de que estão dando mostras a Inglaterra, cujo ministro parte hoje para Londres a chamado do seu governo, dizendo-se que de passagem conferenciará com o presidente Wilson; e, principalmente, o Japão que, por intermédio da sua legação e de vários comissionados, a título de estudos, parece estar fazendo aqui um verdadeiro trabalho de sapa, para fins comerciais e políticos, tendentes a fazer jogo junto ao governo americano para forçar a resolução favorável da pendência entre os dois países; segundo, e principalmente, a posição cada vez mais difícil da Casa Branca em face das potências europeias, a troco de cuja passividade contraiu o presidente Wilson o compromisso de proteger-lhes os súditos e interesses diariamente atropelados e sacrificados pelos rebeldes, a quem – por outro lado – ele mesmo está protegendo.

Vem agravar singularmente essa dificuldade o fuzilamento sumário, em Cidade Juárez, do súdito inglês William Benton, atentado este praticado por ordem do cabecilha Francisco Villa,

que ali domina e que se havia comprometido com o governo americano a respeitar a vida e os interesses dos estrangeiros. Isto tem dado lugar a comentários acres, dentro e fora dos dois países e, segundo telegramas de Londres, a reclamação da embaixada britânica em Washington.

Espera-se com ansiedade o resultado da investigação do fato, mandada fazer pelo governo de Washington, a resolução deste depois do que se apurar e a da Inglaterra e demais potências.

A título de informação, passo às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos de diversos periódicos tratando dos seguintes assuntos:

–*El Diário*, de 14 – Um artigo editorial sob o título "Dos Pesos y dos Medidas", criticando o pronto reconhecimento do novo governo revolucionário do Peru pelos Estados Unidos, cujo não reconhecimento do do México se baseou precisamente no fato de o considerarem de origem revolucionária.

–*The Mexican Herald*, de 14 – Sobre os trabalhos dos japoneses, a que já me referi.

–*El Independiente*, de 15 – Acerca dos motivos atribuídos ao governo americano para aquele rápido reconhecimento do governo peruano e as supostas causas das recentes revoluções latino-americanas.

–*El Diário*, de 18 – Texto do decreto de 17, que criou o novo Ministério da Agricultura.

Remeto igualmente a Vossa Excelência as cópias inclusas da correspondência trocada com o novo ministro das Relações Exteriores, por ocasião da sua tomada de posse.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]
Cópia

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores
México, 18 de Febrero de 1914.

Señor Ministro:

Tengo la honra de informar a Vuestra Excelencia que el señor Presidente de la República, por acuerdo de esta fecha, se ha dignado nombrarme secretario del Despacho de Relaciones Exteriores.

Creo excusado significar a Vuestra Excelencia que me animan los más vivos deseos de continuar las cordiales relaciones que dichosamente unen a México con el Brasil y compláceme anticiparle las seguridades de que no habré de omitir esfuerzo alguno que tienda al estrechamiento, si cabe, de aquellos vínculos.

Cónstame señor ministro que Vuestra Excelencia se halla animado de propósitos idénticos; lo que mucho tiene que facilitar el desempeño de mi cometido.

Aprovecho esta oportunidad para reiterar a Vuestra Excelencia las seguridades de mi muy distinguida consideración.

(ass.) José López Portillo y Rojas

A Su Excelencia el Señor J. M. Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario del Brasil

❖

OFÍCIO • 11 MAR. 1914 • AHI 221/01/07

Índice: Atitude do Brasil, Argentina e do Chile no caso do México. Rejeição de uma suposta mediação destes países. Ministro mexicano no Brasil.

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 9

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 11 de março de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me aos meus ofícios anteriores desta série sobre a revolução neste país e especialmente ao de n. 3, de 28 de janeiro último, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência vários retalhos de jornais contendo notícias de interesse, a saber:

– *El Independiente* e *El Imparcial*, de 25 de fevereiro, em que se afirma ter a Secretaria das Relações Exteriores comunicado à im-

> prensa que o sr. Salado Alvarez, ministro mexicano no Brasil, já havia reassumido o exercício do seu cargo no Rio de Janeiro; ao passo que
> – *El Diário, El Independiente*, *El País* e *The Mexican Herald,* de 6 do corrente, aliás baseando-se em informes da mesma fonte oficial, anunciam que aquele ministro se acha muito doente em Bruxelas, chegando a escrever o *Diário*, que está à beira do sepulcro; o que não parece exato, pois,
> – *El Independiente*, de ontem, publica que, por notícias recebidas na véspera, se sabe que o mesmo ministro se encontra muito melhor e que breve seguirá para o seu destino.

Acerca destas notícias discordantes, tive ensejo de conversar com o novo ministro das Relações Exteriores, senhor Portillo y Rojas, que, lastimando muito a falta de reconhecimento do atual governo mexicano pelo do Brasil, me disse que continuava nas mesmas ideias do seu antecessor quanto à legação no Rio, para aonde ainda não havia voltado o senhor Salado, por se achar enfermo.

Depois disto, tive uma conversa íntima com um alto funcionário do ministério, da minha maior confiança, e por ele soube que havia uma corrente na secretaria muito contrária [*a*] qualquer prova de cordialidade, de espírito conciliador para com países que não reconheceram o atual governo, o que, aliás, explica a não concessão do exequátur para o cônsul nesta capital por mim solicitada, por ordem desse ministério, desde 23 de setembro de 1913; isto e outras particularidades que então soube, como a da inimizade pessoal existente entre o atual ministro e o senhor Salado Alvarez, fortalecem-me no espírito a suposição, que comuniquei a Vossa Excelência no meu mencionado ofício, de que, por um motivo ou por outro, nem o senhor Salado chegará a voltar ao Brasil, nem outro o substituirá antes do reconhecimento.

A prova de que tal suposição não é destituída de fundamento e de como a falta de reconhecimento tem mortificado o governo mexicano, que não perde ensejo de fazer-lhe significativas alusões, ainda que estas importem em desnecessária descortesia para a legação e a minha pessoa, encontrará Vossa Excelência nos retalhos também anexos do *El País, The Mexican Herald*, *El Imparcial*, *El Independiente* e *El Diário*, de 7 deste mês, em que se dá conta da resposta do presidente Huerta que, consultado pelo jornal *Public Ledger*, de Filadélfia, se aceitaria uma mediação das três grandes repúblicas sul-americanas, respondeu que não, por não manter estreitas relações

de amizade com aqueles países que o não reconheceram, o que deu lugar a comentários bastante desagradáveis dos jornais, que lembraram ter o México retirado deles seus representantes. Em circunstâncias semelhantes tem apenas respondido que o México deseja resolver por si mesmo seus negócios internos.

A tal respeito, na conversa com o ministro das Relações Exteriores, este, longe de confirmar o que se dizia – que aquela foi uma resposta impulsiva e irrefletida do presidente Huerta – acentuou a circunstância de ter sido tal resposta dada muito deliberadamente pela sua secretaria, para cujo fim lhe havia o presidente remetido o telegrama.

Vossa Excelência avaliará, com seu alto critério e tão elevada compreensão da representação diplomática, como se vai tornando cada vez mais delicada e sujeita a desagradáveis contingências a posição do ministro do Brasil nesta capital.

Do referido incidente deu conhecimento a V. Exa. a segunda parte do meu telegrama, em parte cifrado, de 7 do corrente, que me cabe confirmar nestes termos:

> EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – 6 – Consultado pelo *Public Ledger* jornal Filadélfia se aceitaria mediação Brasil Argentina Chile solução divergências México Estados Unidos, presidente da República intermédio Ministério das Relações Exteriores respondeu negativamente, alegando não manter estreitas relações de amizade de referidas nações que o não reconheceram. – CARDOSO

Igualmente anexos, chegarão às mãos de Vossa Excelência retalhos do *El Diário* e do *País* de 9 deste mês, em que um jornalista chileno de passagem por esta capital dá explicação do não reconhecimento do governo mexicano pelos do Brasil, da Argentina e do Chile, alegando terem estas repúblicas feito um pacto para não reconhecerem governos de origem revolucionária, [bem] como, ao mesmo tempo, põe em evidência o sentimento de simpatia que existe nos três países para com o México. É esta uma publicação anódina e que passa à categoria de outras tantas imaginárias notícias, a que ninguém dá importância.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Sr. Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 11 MAR. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 10

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 11 de março de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 7, de 25 de fevereiro próximo findo, tenho a honra de confirmar o seguinte telegrama em parte cifrado, que me coube dirigir a Vossa Excelência em 27 do mesmo mês:

> EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – 5 – A propósito fuzilamento súdito inglês ordem revolucionário Villa, assunto pendente investigação Estados Unidos devido reclamação Inglaterra, presidente dirigiu memorando Casa Branca em que, sem referir-se reconhecimento, chama atenção atrocidades falta garantias estrangeiros parte rebeldes contrastando proteção dada governo; salienta deploráveis consequências livre importação armas auxílios dinheiro fornecidos revolução que dificultam esforços governo, reivindica direito esperar Casa Branca nome humanidade colabore pacificação. Vossa Excelência julgará se adequada alguma palavra amistosa Brasil Casa Branca. – CARDOSO

Nas cópias anexas dignar-se-á Vossa Excelência ler a nota que me dirigiu o Ministério das Relações Exteriores, contendo o texto do mencionado memorando e bem assim a em que lhe acusei recebimento desse documento.

Foi muito boa a impressão causada em vários círculos, inclusive o diplomático, pelos termos do memorando, a que até agora não deu o governo americano resposta alguma.

Entretanto, a situação continua como descrevi no ofício anterior, não tendo havido nenhum progresso importante, nem por parte do governo, nem dos rebeldes; merece apenas especial menção o projeto, em estudo, da criação de um banco do governo, projeto que não se vê com bons olhos e cuja mera

possibilidade de realização, dadas as condições financeiras do governo e do país, que não lhe podem garantir a estabilidade, nem lhe fazer inspirar confiança, já se traduziu por uma considerável baixa do câmbio; e também a ordem do presidente Huerta aos chefes dos diferentes corpos de exército para que comecem imediatamente um movimento geral de ofensiva contra os revolucionários, recomendando-lhes ao mesmo tempo todo o respeito e garantias aos nacionais e estrangeiros.

É para notar que, por decreto de 4 do corrente, foram criados como postos superiores ao de general de divisão, que era até agora o mais elevado, os de generais de corpos de exército, em número de dez em tempo de paz e os de generais de exército, superiores aos anteriores, em número de cinco. Para um destes últimos já foi promovido o general Porfírio Díaz, que o aceitou, mas continuará licenciado na Europa. Para outro, falava-se na promoção do próprio general Huerta que, neste posto, dizia-se iria pôr-se à frente da campanha, passando a presidência ao ministro das Relações Exteriores, rumor este que foi desmentido.

São também interessantes as declarações feitas pelo presidente Huerta aos repórteres estrangeiros que aqui se acham, a seu convite, acerca das condições do país e dos meios com que conta para a sua pacificação, declarações estampadas nos retalhos anexos do *Diário* de 6 deste mês.

Prevaleço-me da oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Sr. Dr. Lauro Muller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores
México, 26 de febrero de 1914.

Señor Ministro:

Para conocimiento de Vuestra Excelencia tengo la honra de transcribirle el siguiente memorándum que el gobierno mexicano

ha enviado al de los Estados Unidos con motivo del asesinato del súbdito inglés William S. Benton por el rebelde Francisco Villa:

> La noticia que ha dado la prensa acerca del asesinato del súbdito inglés William S. Benton, perpetrado por Francisco Villa, está confirmada plenamente por los informes oficiales que ha recibido el gobierno, de los funcionarios consulares residentes en las ciudades de los Estados Unidos fronterizas con México.
>
> De estos informes resulta que William S. Benton, nativo de Aberdeenshire, Escocia, propietario del rancho denominado "Los Remedios", al oeste de Chihuahua, pasó a Ciudad Juárez para conferenciar con Francisco Villa a fin de impedir la confiscación de la expresada finca rústica, y los daños que en ella se causaban por los partidarios del mismo Villa. Hablase también del fusilamiento de otros extranjeros, llevada al cabo por el mismo rebelde.
>
> Acontecimientos tan deplorables como los de que se trata, reprobados por la sociedad internacional, ponen de relieve la necesidad de adoptar medidas enérgicas y prontas, que les fijen el límite que los acontecimientos de la humanidad civilizada reclaman.
>
> El gobierno de México, interesado directo en estas cuestiones, ha hecho y sigue haciendo los esfuerzos que están a su alcance, para reprimir, por medio de las armas, los movimientos revolucionarios que, en las regiones de que se trata, han logrado prevalecer; y está dispuesto, aún acosta de mayores sacrificios, a contrariar la acción de cabecillas que, con pretexto de planes políticos, cometan delitos atroces.
>
> Pero la obra civilizadora que, bajo este aspecto, se propone el gobierno llevar a cabo, tropieza con serias dificultades, en virtud de que los rebeldes reciben elementos pecuniarios y armas del exterior de la república.
>
> La derogación por el gobierno de los Estados Unidos, del decreto que impedía la exportación de armas y el suministro de otros auxilios, con destino a los rebeldes del norte, coloca a éstos en situación favorable para seguir cometiendo atentados, e impide el gobierno constituido reprimir tan pronta y enérgicamente como lo deseara, tales desmanes.
>
> Este mismo gobierno, sin discutir el derecho que puede tener el de los Estados Unidos de América para observar la política que más le interese en sus relaciones con México, cree llegada la vez de hacer observar al repetido gobierno del país vecino, que los rebeldes mencionados, en todas las regiones de que logran adueñarse lejos de procurar el estabelecimiento de algunas, por lo menos, de las

instituciones que caracterizan cualquier funcionamiento gobernamental, dan muestras palpables de sus tendencias anárquicas, y de su absoluta falta de respeto a todos los intereses que la moral y la justicia internacionales imponen a los pueblos civilizados.

Por otra parte, el gobierno constituido no solamente dicta medidas eficaces, dentro de su posibilidad, para procurar la sumisión de los rebeldes y restablecer las instituciones sociales y constitucionales en los territorios actualmente substraídos a su acción, sino que, en todas las poblaciones en donde ejerce poder, da completas garantías a los intereses y personas de nacionales y extranjeros.

Desde este punto de vista, es de creer que el gobierno de los Estados Unidos no pondrá en duda la razón que asiste al de México para esperar la colaboración de aquél en una obra en que se encuentran comprometidos los intereses de la civilización, y para aguardar asimismo, fije su atención en las graves consecuencias que se derivan de la derogación del decreto que prohibió, hasta hace poco tiempo, la exportación de armas y el suministro de auxilios a los rebeldes del norte.

Este gobierno cree cumplir con un alto deber humanitario y con sus funciones de representante de un Estado que forma parte de la sociedad internacional al solicitar, por medio de esta nota, la detenida reflexión del gobierno del país vecino, que forma parte igualmente de la sociedad de los Estados, sobre las tristes consecuencias que ha traído ya, y seguirá trayendo consigo el facilitar medios para que se armen y pertrechen los rebeldes, que no respetan vidas, honras ni haciendas.

Aprovecho esta oportunidad para reiterar a Vuestra Excelencia las seguridades de mi muy distinguida consideración.

(Ass.) José Lopez Portillo y Rojas

A Su Excelencia J. M. Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario del Brasil.

Conforme:
E. de Lima Ramos

❖

OFÍCIO • 11 MAR. 1914 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Diplomáticos da América / N. 11

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 11 de março de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os textos dos telegramas seguintes recebidos da embaixada do Brasil em Washington e bem assim a primeira parte do que me coube dirigir a Vossa Excelência acerca das últimas ocorrências no Rio de Janeiro:

WASHINGTON – MARÇO 5 – Ministro das Relações Exteriores deseja nossas legações tranquilizem os que porventura se alarmarem com telegramas dos correspondentes de jornais sobre ocorrências no Rio. Ignoro quais sejam essas ocorrências. – GAMA

WASHINGTON – MARÇO 6 – Ordem governo transmito circular dois: "Certos elementos oposicionistas, supondo contar apoio classes armadas têm procurado ultimamente dar à situação política desta capital um caráter revolucionário. Ontem a propósito duma reunião no Clube Militar houve nas suas expansões de desacato ao governo da parte de diversos mais exaltados entre os quais alguns militares reformados. Para impedir perturbação ordem pública e tranquilizar opinião que começava se alarmar suposição ocorressem fatos mais gravidade governo decretou estado sítio até fim corrente mês, fazendo prender principais agitadores. Forças terra e mar postas prontidão mantêm-se mais perfeita observância ordem governo. Situação atualmente é de completa calma, tendo cidade feição uma tranquilidade habitual, tanto comercial quanto socialmente. Exteriores". – GAMA

WASHINGTON – MARÇO 7 – CIRCULAR 3 – Tranquilidade continua completa sendo situação cidade perfeitamente normal. Inexato haja qualquer perturbação outros estados além Ceará. Censura telegráfica e prontidão forças são consequências inseparáveis sítio, entretanto além dos telegramas cifrados corpo diplomático, governo permitiu bancos e grandes estabelecimentos comerciais continuarem telegrafar cifra. Nenhuma prisão nova além das feitas nas primeiras horas de comprometidos, incidente que motivou decretação sítio. – GAMA

WASHINGTON – MARÇO 9 – Ordem governo transmito: "Tudo tranquilo. Presidente que esteve todos estes dias aqui subiu hoje Petrópolis onde se acha família. Exteriores." – GAMA

EXTERIORES – 7 DE MARÇO – RIO DE JANEIRO – 6 – Tranquilizei público acordo telegramas embaixada do Brasil em Washington. – CARDOSO

Nos retalhos anexos do Diário, de 6 e 7; Independiente, de 6 e 7; Imparcial, de 6, 7 e 8; Mexican Herald, de 6 e 7; e País, de 7 e 8, servir-se-á Vossa Excelência ver as notícias exageradas e alarmantes aqui publicadas a esse respeito e as declarações que em conversa com os "repórteres", que me procuraram, fiz para reduzi-las às suas limitadas proporções.

Como de costume, estão bastante adulteradas e em alguns pontos confusas e inexatas, mas em todo o caso produziram seu efeito, pois o assunto já desapareceu das colunas dos jornais. Por exemplo, não neguei que tivesse sido decretado o estado de sítio no seu verdadeiro sentido e sim no sentido em que aqui geralmente se toma de considerar uma cidade em estado de sítio como verdadeiramente sitiada pelos inimigos e em risco de cair sob o seu poder. E assim por diante.

Rogo Vossa Excelência queira aceitar e transmitir a Sua Excelência o Senhor Presidente da República as cordiais congratulações minhas e do primeiro secretário, sr. E. de Lima Ramos, pelo pronto restabelecimento da ordem em nosso país e aproveito a ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[27] • 11 MAR. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 12

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 11 de março de 1914.

Senhor Ministro,

27 Intervenção no topo da página: "Ac[usado] rec[ebimento] em 24 de abril de 1914".

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos do *País* de 27 de fevereiro último, contendo um telegrama do Rio de Janeiro, datado da véspera, em que se noticia que Vossa Excelência se tinha recusado a informar acerca da veracidade do boato de que os governos do Brasil, da Argentina e dos Estados Unidos se haviam unido para pesar sobre as outras repúblicas sul-americanas nos casos de divergências entre elas.

No mesmo telegrama alude-se à impressão desfavorável causada por tais boatos à imprensa do Rio de Janeiro.

Prevaleço-me do ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[28] • 25 MAR. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 13

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de março de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me aos meus ofícios desta série, n. 9 e 10, de 11 do corrente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os retalhos dos seguintes jornais, para o primeiro dos quais peço com o devido acatamento a sua preciosa atenção, contendo notícias interessantes sobre a situação deste país, que continua praticamente a mesma anteriormente descrita:

> – *The Mexican Herald*, de hoje, em que se resume a conferência feita em Detroit, nos Estados Unidos, pelo senhor Henry Lane Wilson, ex-embaixador americano no México em cujo correr ele ainda uma vez afirma indiscretamente o que aqui se passou na mais íntima confidência, isto é, que, a seu pedido, os governos do

28 Intervenção no topo da página: "Ac[usado] rec[ecebimento] em 14 de maio de 1914 por desp. n. 13".

Brasil e do Chile concordaram em agir conjuntamente na questão do reconhecimento do atual governo mexicano, e, o que é mais, fazendo tal afirmação de maneira que nos coloca em situação subalterna. Deste assunto tratei longamente em meu ofício reservado à 2ª seção n. 1, de 17 de maio de 1913.

– *El País,* de 12 – Um telegrama de Buenos Aires em que se define a atitude da República Argentina para com o México, em cujos negócios internos não deseja imiscuir-se.

– *El Imparcial*, de 12 – Declarações do ministro da Fazenda, repudiando o projeto da criação de um Banco Nacional de emissão, que tanta oposição havia encontrado.

– *El Imparcial,* de 16 – Notícia e texto do decreto de 13 de março deste ano sobre a reorganização de vários serviços do exército e seu aumento de 200 a 250 mil homens.

– *El País*, de 16 – Resolução presidencial de que todos os empregados do governo recebam instrução militar obrigatória, devendo as senhoras filiar-se às sociedades da Cruz Branca e da Cruz Vermelha. A tal respeito, devo acrescentar que os ministros de estado foram considerados como generais de brigada, devendo usar permanentemente, não o uniforme, mas, na lapela, um distintivo do seu grau militar. Menciono simplesmente, como nota ilustrativa e de cor local, a circunstância de – quando passeava um destes dias passados pelo bosque de Chapultapec, com dois ministros que levavam seus respectivos distintivos – haver o presidente Huerta desconhecido e se recusado a atender a um terceiro, que desejava falar-lhe sobre negócios públicos, mas que não ostentava aquele distintivo.

– *El País*, de 19 – Notícia de uma junta de pessoas notáveis de todas as classes convocada pelo presidente Huerta a fim de pedir-lhes que o auxiliassem na tarefa de pacificação, a começar por lhe fornecerem os animais necessários à tração de vários canhões que estão a chegar de França.

Como já disse a Vossa Excelência, em outro ofício desta mesma data, parece haver agora alguns vagos indícios de melhor vontade dos Estados Unidos, a julgar pelas notícias de Washington e por uma conferência que tiveram em Vera-Cruz o agente confidencial americano Lind e o ministro das Relações Exteriores, Portillo y Rojas, conferência que este último qualifica de simples encontro de cortesia, mas a que se liga grande importância.

É opinião geral que tudo dependerá da sorte das armas na

cidade de Torreón, prestes a ser atacada pelo chefe revolucionário Villa, que se mostra seguro de conquistá-la novamente, ao passo que a gente do governo a considera inexpugnável.

Há, portanto, de ambos os lados, o maior empenho em vencer e ansiosa expectativa pública.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[29] • 25 MAR. 1914 • AHI 221/01/07

Índice: Convite do governo americano ao México relativo aos trabalhos da Conferência da Paz em Haia.

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 16

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de março de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, nas cópias inclusas, as notas trocadas entre o Ministério das Relações Exteriores deste país e a legação a meu cargo, acerca da correspondência ultimamente havida entre o governo dos Estados Unidos da América e o do México relativa à proposta do primeiro, aceita pelo segundo, para que se encarregue ao Conselho Administrativo do Tribunal Permanente de Arbitramento na Haia os trabalhos preparatórios da Terceira Conferência Internacional da Paz.

O governo mexicano dá a este ato do americano o caráter de um reconhecimento indireto do presidente Huerta e assim o tem declarado autorizadamente a imprensa; a sua resolução de

29 Intervenção acima do cabeçalho: "Ac[usado] o rec[ebimento] em 3-7-1914 por desp. n. 15".

remeter cópias a todas as legações obedeceu ao desejo de que, não só fosse essa a interpretação dada também pelos representantes estrangeiros nas suas respectivas respostas, senão também que remetessem a correspondência aos seus governos para que estes assim ajuízem o incidente.

Como Vossa Excelência se servirá ver, a minha nota de 16 de março nada contém de que se possa coligir qualquer opinião sobre o assunto.

Efetivamente, parece estar havendo da parte do presidente Wilson alguma mudança em sentido conciliador para com o governo mexicano, coincidindo isto com uma solene declaração feita em um banquete pelo ministro da Comunicação, senhor Lozano, e comentada mesmo fora do país, de que o presidente Huerta é completamente inocente da morte do presidente Madero, que deve ser atribuída aos mesmos rancores que roubaram a vida ao deputado Gustavo Madero, irmão daquele, o que equivale a acusar claramente do odioso atentado o general Félix Díaz e especialmente o general Mondragón, braço direito do chefe revolucionário na Cidadela e, por sua imposição, primeiro ministro da Guerra do general Huerta.

Nos retalhos anexos do *Imparcial*, de 15 e 21 do corrente, encontrará Vossa Excelência um trecho do referido brinde e os comentários feitos pelo *Matin* de Paris.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]
Cópia

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores
México, 14 de Marzo de 1914.

Señor Ministro:

Tengo la honra de remitir a Vuestra Excelencia copia de la

nota en que su señoría el encargado de negocios de los Estados Unidos de América transmitió la invitación hecha por el señor presidente Woodrow Wilson al gobierno constitucional interino de los Estados Unidos Mexicanos, que rige el señor general don Victoriano Huerta, para que haya un acuerdo entre ambos gobiernos y se encomienden al consejo administrativo del Tribunal Permanente de Arbitraje en la Haya los trabajos preparatorios de la 3ª Conferencia Internacional de la Paz.

Remito a Vuestra Excelencia asimismo, copia de la respuesta que dio el gobierno de los Estados Unidos Mexicanos.

Me permito llamar la atención de Vuestra Excelencia sobre los términos de ambas notas para que de ellos infiera las consecuencias a que se prestan conforme a los principios de derecho internacional.

Aprovecho la oportunidad para renovar a Vuestra Excelencia las seguridades de mi muy distinguida consideración.

(ass.) José Lopez Portillo y Rojas

A Su Excelencia el Señor J.M. Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario del Brasil

[*Anexo 2*]
Traducción

Embajada de los Estados Unidos de América
México, febrero 17 de 1914.

Señor Ministro:

En el acta final de la segunda Conferencia de Paz celebrada en el Haya en 1917, se recomendó a las potencias la celebración de una tercera Conferencia de Paz dentro de un período correspondiente al transcurrido desde la conferencia anterior, y en fecha que se fijara de común acuerdo entre las mismas potencias, y se llamó la atención sobre la necesidad de preparar el programa para la tercera conferencia con anticipación suficiente para normar el curso de las deliberaciones de la conferencia con la debida regularidad.

Con el fin de llenar este objeto, en el acta final se declaró, además, que sería de desearse que con dos años de anticipación a la fecha probable de la reunión los gobiernos encargaran a una comisión preparadora la labor de recoger las diversas proposiciones que pudieran presentarse a la conferencia, de averiguar los asuntos que fuera oportuno incluir en una reglamentación internacional y de preparar el programa para dicha conferencia. Asimismo se propuso que se encargara a esta comisión el trabajo de formular el sistema de organización y de procedimientos.

Con fecha 10 de junio de 1912 el presidente de los Estados Unidos nombró una comisión consultiva a fin de que tomara en cuenta las proposiciones para el programa de la próxima conferencia.

La mencionada comisión rindió ya un informe preliminar detallado. Sin embargo, los gobiernos interesados no han dado paso alguno para el nombramiento de la comisión preparadora internacional prescrita por el acta final de la última conferencia. Habiendo esta recomendado a las potencias que la tercera conferencia se celebre dentro de un término de ocho años, lo que haría que la reunión cayera en el año de 1915, queda un año y medio, para llevar a cabo la preparación del programa. Este es un término mucho más largo que el que se consideró bastante para la preparación de los programas de la primera y segunda conferencia.

Con el fin de facilitar el estudio y la preparación del programa para la próxima conferencia, el presidente de los Estados Unidos me ordena que inmediatamente proponga yo al gobierno de V. E. que las labores de la comisión preparadora internacional se confíen al Consejo Administrativo del Tribunal Permanente de Arbitraje en El Haya, el cual está integrado por el ministro de Relaciones Exteriores de los Países Bajos y los representantes diplomáticos de las potencias contratantes acreditadas cerca de El Haya.

A este consejo puede fácil y propiamente encomendarse la labor de preparación de la conferencia. El lugar donde se reúne no deja nada que desear desde el punto de vista de la comodidad, y, además el encargar dicho trabajo a un cuerpo competente que ya existe, daría por resultado un notable ahorro tanto de tiempo como de gastos. Se el personal del consejo pareciera demasiado

numeroso para la eficaz ejecución de esta tarea en detalle, tal dificultad podría desde luego zanjarse nombrando subcomisiones para tratar asuntos determinados.

Aprovecho la oportunidad para reiterar a V. Exa. las seguridades de mi alta consideración.

(Firmado) Nelson O'Shaughnessy
Encargado de Negocios

A Su Excelencia Querido Moheno
Ministro de Relaciones Exteriores
del Gobierno Provisional de México

❖

OFÍCIO • 25 MAR. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 17

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 25 de março de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 11, de 11 do corrente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, a título de informação para o histórico do caso, os retalhos anexos do *Diário,* de 11 e 13; do *Independiente,* de 11 e 13; do *Imparcial,* de 12; e do *País,* de 11, contendo as últimas notícias aqui publicadas sobre os recentes distúrbios no Rio de Janeiro.

Prevaleço-me da oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 08 ABR. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N.18

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 8 de abril de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 17, de 25 de março último, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que no dia 1º do corrente se abriu, com a solenidade do costume, o segundo período de sessões [...] do 26º Congresso Mexicano. Por esta ocasião leu o presidente Huerta a mensagem cujo texto em duplicata Vossa Excelência se dignará ver nos retalhos anexos do *Diário Oficial*, do mesmo dia.

Neste documento faz-se uma ligeira referência aos países que não reconheceram o atual governo, acrescentando-se, entretanto que nenhum deles interrompeu a marcha dos negócios correntes. O que mais chamou a atenção foi à peroração a que o presidente Huerta deu muita ênfase, lendo-a de pé e com ele todos os presentes, na qual declarou que não só ele, como os membros do parlamento deveriam estar dispostos a sacrificar-se, se assim fosse necessário à pacificação do país. Não se pode saber, porém, qual o verdadeiro alcance dessa declaração.

Ao mesmo tempo, passo às mãos de Vossa Excelência os seguintes retalhos de jornais com as últimas notícias mais interessantes, às quais acrescento as de haver sido nomeado o general Huerta, por decreto legislativo, votado unanimemente pela Câmara, para um dos dois postos de general de exército ultimamente criados, sendo para o outro promovido o general Porfirio Díaz de ter o governo conseguido realizar um empréstimo interno de quarenta e cinco milhões de pesos.

São estes os jornais aludidos:

– *El Imparcial*, de 31 de março – sobre a colocação dos títulos desse empréstimo; o restabelecimento do serviço da dívida pública, que havia sido suspenso; o programa financeiro do ministro da Fazenda; o aumento do orçamento de guerra.

– *El Diario*, de 31 de março – sobre os mesmos assuntos e a abolição do imposto adicional de 50% nos direitos de importação.

Até este momento não há notícia certa do que se passou em

Torreón, atacada pelos revolucionários sob o mando de Francisco Villa e desesperadamente defendida pelas forças federais ali concentradas em grande número: há quem garanta a queda daquela praça desde alguns dias, ao passo que a gente do governo se mostra otimista, de modo que o que mais se pode supor é que não houve ainda um resultado definitivo para nenhum dos contendores.

Quanto ao mais a situação continua no mesmo pé anteriormente descrito.

Em cópias anexas, servir-se-á Vossa Excelência ler uma nota em que o ministro das Relações Exteriores, em nome do presidente Huerta, nega a autenticidade de alguns telegramas, que lhe constava iam ser publicados como dirigidos por aquele ao presidente dos Estados Unidos e ao secretário de Estado, Bryan, e bem assim a minha resposta acusando o recebimento dessa nota.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores
México, 2 de abril de 1914.

Señor Ministro:

Habiendo llegado a conocimiento del gobierno mexicano que tratan de hacerse aparecer como procedentes del señor Presidente de la República telegramas dirigidos al señor presidente Wilson y á su secretario de Estado, señor Bryan, en términos que por sí solos demostrarían que son apócrifos y mal intencionados, el mismo señor presidente Huerta, por conducto de esta secretaría ha declarado solemnemente que ni el gobierno de la República, ni el mismo, han dirigido telegrama alguno a los dos expresados altos funcionarios, a excepción únicamente, del que con motivo de la felicitación de año nuevo dirigió al primero.

Tengo el honor de comunicarlo a Vuestra Excelencia, por si hubieren llegado a su conocimiento las especies falsas a que arriba hago referencia.

Aprovecho esta oportunidad para renovar a Vuestra Excelencia las seguridades de mi muy distinguida consideración.

(Ass) José Lopez Portillo y Rojas

A Su Excelencia el Señor J. M. Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario del Brasil
Presente.

[*Anexo 2*]

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 3 de abril de 1914.

Senhor Ministro,

Tive a honra de receber a atenciosa nota de ontem pela qual Vossa Excelência se serviu prevenir-me de que não são autênticos alguns telegramas que, consta ao governo mexicano, tratam de publicar como dirigidos ao presidente dos Estados Unidos da América a ao subsecretario de Estado, Bryan, pelo presidente Huerta e que este por intermédio dessa secretaría declarou que nem ele nem o governo mexicano dirigiram telegrama algum àqueles altos funcionários exceto, unicamente, um de felicitações pelo ano novo endereçado ao primeiro.

Inteirado dessa obsequiosa comunicação, aproveito a ocasião para reiterar a Vossa Excelência, senhor ministro, as seguranças da minha mais alta consideração.

(Ass.) J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor
Licenciado D. José López Portillo y Rojas
Ministro das Relações Exteriores

Conforme:
E. de Lima Ramos

❖

OFÍCIO • 22 ABR. 1914 • AHI 221/01/07

Índice: Revolução no México. Incidentes em Tampico. Relações com os Estados Unidos.

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 19

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 22 de abril de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série, n. 18, de 8 do corrente, tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que me coube dirigir a Vossa Excelência anteontem e ontem, tendo razões para crer ser mais prudente fazê-lo em parte na própria cifra:

> EXTERIORES – RIO JANEIRO – 8 – Prisão marinheiros americanos Tampico e neutralização deste porto pelos americanos produziram incidentes diplomáticos suma gravidade. Governo mexicano reclamou contra neutralização, soltou marinheiros, deu explicações razoáveis, porém discordou ultimato salva de vinte e um tiros bandeira americana. Acedeu salva mútua mas mediante protocolo assinado ambas partes. Casa Branca repeliu condição. Iminente declaração de guerra. 21851 – 14445 – 17074. 8983 – 18922 – 9546 – 24722 – 21125 – 16645 – 26810 – 8890. Provável retirada encarregado de negócios. Americanos já ordenados a partir. 14852 – 3534 – 8969 – 17082 – 13657 – 8702. Rogo instruções urgentes e faculdade proceder como necessário segurança pessoal. – CARDOSO

> EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – 9 – Ministério das Relações Exteriores informando legação incidente Tampico, pede comunicar Vossa Excelência governo mexicano disposto repelir pela força ataques esquadra americana. Ministro das Relações Exteriores disse-me confidencialmente rompimento hostilidades Vera-Cruz. Encarregado de negócios americano, confirmando, declarou-me próxima partida perguntou-me 19116 – 8934 – 16155 deixando ou não 8363. Respondi-lhe pediria ordens Vossa Excelência. – CARDOSO

Justificando a expedição destes telegramas, passo às mãos de Vossa Excelência nas cópias anexas, a correspondência trocada entre o Ministério das Relações Exteriores e

esta legação sobre os referidos incidentes e bem assim os retalhos anexos do *Imparcial* de 17, 20 e 21 do corrente acerca dos mesmos assuntos.

Por óbvias razões, abstenho-me de fazer comentários sobre o caso e a situação em geral, que é da mais extrema gravidade e, por consequência, prenhe de perigos e apreensões.

Tenho a honra de reiterar a Vossa Excelência os protestos minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]
Cópia

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores
México, 20 de abril de 1914.

Señor Ministro:

El estado de las relaciones de este Gobierno con el de los Estados Unidos de América es muy delicado en los actuales momentos.

Con motivo de los incidentes ocurridos en Tampico, de que dio cuenta el día de hoy la prensa periódica, y respecto de los cuales ha publicado el *Diario Oficial* de esta misma fecha las notas diplomáticas relativas, el gobierno de los Estados Unidos Mexicanos llegó a aceptar la proposición del de los Estados Unidos de América acerca de que, en el puerto de referencia, se hiciesen saludos recíprocos a las banderas de los dos países; esto es primeramente por las baterías mexicanas de la playa a la bandera americana, y en seguida por los cañones del barco de guerra *Dolphin*, de la armada del país vecino, a la bandera de México.

En esta forma, quedaba arreglada la diferencia, sin menoscabo del honor de los dos Estados; y faltaba solamente firmar, según las prácticas diplomáticas el protocolo respectivo, o, al menos, hacer constar por escrito, con un cambio de notas, el arreglo estipulado.

Pero el señor presidente Wilson comunico instrucciones a su señoría Nelson O'Shaughnessy, encargado de negocios *ad interim* de los Estados Unidos de América en México, en sentido de que se rehusarse a firmar cualquier documento, que se pudiera estimar como un reconocimiento del gobierno que preside el señor general don Victoriano Huerta.

A la vez se intentó por el señor presidente Wilson que, en un plazo perentorio, aceptase el gobierno de México incondicionalmente la pretensión del gobierno de los Estados Unidos de América, relativa a los honores a su bandera.

Es de llamar la atención esta actitud del señor presidente Wilson, especialmente porque, sin duda alguna, el mismo valor jurídico-político, en cuanto al reconocimiento del gobierno del señor presidente Huerta, tiene y debe tener el arreglo celebrado verbalmente sobre el saludo recíproco de las banderas de los dos Estados, que el documento escrito en que se hiciese constar dicho arreglo.

Esta cancillería no tiene, por ahora, el propósito de poner en conocimiento de los demás miembros de la sociedad internacional, todos los motivos de queja que los Estados Unidos Mexicanos pueden formular contra los Estados Unidos de América; y se reserva a hacerlo en otra oportunidad.

Hoy por hoy, le basta con exponer lo que antecede, y enviar a Vuestra Excelencia el *Diario Oficial*, en que se han publicado los documentos relativos a los incidentes de Tampico.

De manera muy particular, por acuerdo del señor ministro de Relaciones Exteriores, tengo la honra de manifestar a Vuestra Excelencia, para que se sirva hacerlo saber a su gobierno, que, como se anuncia el envio de algunas escuadras americanas a los puertos mexicanos, este gobierno está dispuesto a rechazar, por medio de la fuerza, cualquier ataque de las escuadras mencionadas.

Aprovecho esta oportunidad para renovar a Vuestra Excelencia las seguridades de mi muy distinguida consideración.

(Ass.) R. Esteva Ruiz

A Su Excelencia J. M. Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario del Brasil
Presente

[*Anexo 2*]
Cópia

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 21 de abril de 1914.

Senhor Subsecretário de Estado,

Tenho a honra de acusar recebida hoje a atenciosa nota de ontem, pela qual Vossa Excelência, servindo-se informar esta legação do estado das relações ente o governo mexicano e o dos Estados Unidos da América por motivo das ocorrências em Tampico, remete um número do *Diário Oficial* do mesmo dia, onde se encontra a correspondência diplomática trocada a tal respeito e pede-me comunicar a meu governo que, como se anuncia a chegada de algumas esquadras americanas a portos mexicanos, o governo mexicano está disposto a repelir pela força qualquer ataque das mencionadas esquadras.

Agradecendo essa obsequiosa remessa, em virtude da qual fiz hoje mesmo a desejada comunicação ao meu governo, aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência as seguranças da minha mais alta consideração.

(Ass.) J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Licenciado D. R. Esteva Ruiz
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo 3*]

Mexico, April 20th 1914.

Acting under the instructions of his government, the chargé d'affaires of the United States of America has the honor to inform the honorable chiefs of diplomatic missions accredited to Mexico as follows:

That the president of the United States is greatly disappointed at the failure of general Victoriano Huerta to make a willing and speedy reparation for the insult of the sailors of the U.S. Navy at the port of Tampico, the arrest of the mail orderly of the U.S.S. *Minnesota* at Vera-Cruz, aggravating still further this

offense. Believing, however, that general Huerta would, after reflection, accede to admiral Mayo's reasonable demand, some time has been allowed to elapse, but the assumption is that the forbearance of his government has been misinterpreted. In view of all the circumstances, the request for a simultaneous salute is as much without justice as was the arrest of the U.S. sailor's and the consideration of further delay is impossible. The chargé d'affaires of the United States of America, therefore, informed the *de facto* government of Mexico that, unless the intention to comply with the demand of admiral Mayo be announced by 6 o'clock p.m. of Sunday April 19, the president of the United States would submit the matter to Congress on Monday April 20th for the consideration of such action as would be deemed appropriate for the enforcement of the respect due to the flag of the United States.

However, should general Huerta reconsider his attitude and decide to comply with the demand of the government of the United States, the details of the salute to the American flag should be arranged with admiral Mayo directly, but if on the contrary should general Huerta continue to maintain an uncompromising attitude in the premises after 6 o'clock p.m. of Sunday April 19th, the chargé d'affaires of the United States of America should inform foreign representatives in Mexico City thereof, and also instruct the consuls of the United States in Mexico to inform American citizens residing within their respective districts of the purport of this telegram, reminding them at the same time of the advice given by the president of the United States on August 27th 1913 that they should withdraw from the Republic of Mexico until such time as order shall be re-established.

The chargé d'affaires most respectfully requests the honorable chiefs of the missions to be good enough to acknowledge that this has been brought to their esteemed attention by signing this circular.

Conforme:
E. de Lima Ramos

❖

OFÍCIO • 06 MAIO 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 20

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 6 de maio de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, nos anexos sob n. 1 e 2, cópia dos telegramas que me foram dirigidos por esse ministério até esta data e dos que me coube dirigir a Vossa Excelência até 4 do corrente, ainda não confirmados.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexos*]

– 22 de abril de 1914 – N. 3 – Vocência está autorizado proceder como julgar necessário sua segurança e de todo pessoal sacando o que for preciso para despesas extraordinárias e de transportes. – EXTERIORES

– 28 de abril de 1914 – Recebido seu n. 12. Mande sempre que possível notícias. Continuamos agindo com ardor e fé restabelecimento paz no continente. – EXTERIORES

– 29 de abril de 1914 – Embaixador Gama diz sem notícias suas. Nós também. – EXTERIORES

– 22 de abril – EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – N. 10 – Ministério das Relações Exteriores nota corpo diplomático, alegando infração artigo 22 tratado de amizade 48, protesta ocupação militar americanos Vera-Cruz sem declaração de guerra antes solução incidentes diplomáticos pendentes última proposta mexicana. Governo amplas faculdades Congresso disposto continuar resistência ocupação, deu passaportes encarregado de negócios americano, retirou seu Estados Unidos, concedeu anistia

revolucionários, prometeu proteger estrangeiros. Demonstrações populares, não obstante esforços acalmá-las, resultando assassinato dois estrangeiros. Militarizados caminhos de ferro, suspensos trens ordinários. Agradeço penhorado telegrama três. – CARDOSO

– 23 de abril de 1914 – EXTERIORES – RIO JANEIRO – N. 11 – Penhorado prova confiança Casa Branca mas encarregado de negócios americano, tendo recebido passaportes desde ontem, partiu esta noite, já tendo deixado interesses guarda env[iado] extr[aordinário] e ministro plenip[otenciá]rio Inglaterra. Assumi comuniquei embaixada do Brasil em Washington. – CARDOSO

– 27 de abril de 1914 – EXTERIORES – RIO JANEIRO – N. 12 – Mediação bem aceita governo público. Tendo recebido instruções secretário de Estado americano intermédio embaixada do Brasil em Washington, assumi interesses americanos. – (ass.) CARDOSO

– 29 de abril de 1914 – EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – N. 13 – Surpreendeu-me telegrama Vocência hoje porque me correspondo diariamente com embaixada do Brasil em Washington. Apesar dificuldades criadas env[iad]o extr[aordinário] e ministro plenip[otenciário] Inglaterra estou trabalhando eficazmente mediação interesses americanos em correspondência direta com Bryan que autorizou todos os gastos. Pergunto deseja notícias minuciosas estes assuntos ou basta mandá-las Washington. Pedirei embaixada informe Vocência minuciosamente correio enquanto houver dificuldade aqui para isso. Honduras comunicou-me aderiu mediação penso outros países farão o mesmo. – (ass.) CARDOSO

– 4 de maio de 1914 – EXTERIORES – RIO JANEIRO – N. 14 – Felicito presidente da República Vocência bom termo tarefa preliminar mediação. Formidável excesso trabalho dia noite sem pessoal bastante impede-me informar Vocência minuciosamente correio telégrafo. Informo diariamente embaixada do Brasil em Washington. Apesar cercado dificuldades todo gênero continuo obtendo ótimos resultados contento mediadores colônia americana governo americano mexicano. Consegui salvar vida obter liberdade dr. Ryan amigo pessoal presidente Estados Unidos e Bryan, apesar acusado espionagem com provas. Restritamente confidencial seguinte: sem perder esperança considero incerto êxito final mediação se não houver logo renúncia voluntária, solução que se busca, com extrema prudência absoluta discrição. – CARDOSO

❖

OFÍCIO • 06 MAIO 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 21

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 6 de maio de 1914.

Senhor Ministro,

Nos anexos inclusos tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência retalhos de jornais mexicanos, contendo notícias de interesse:

– *Imparcial,* de 24 de abril último – contendo uma falsa notícia sobre o bombardeio pela esquadra americana do couraçado espanhol *Carlos V*, em que se incita o povo ao extermínio dos americanos.

– *Imparcial,* de 8 do mesmo mês – sobre um projeto do governo mexicano relativo a uma nova divisão territorial da república.

– *Imparcial* e *País,* de 1º de maio – relativos às negociações das potências mediadoras.

– *Imparcial,* de 1º do corrente – sobre a visita a esta legação de uma comissão dos americanos residentes em México.

– *Imparcial,* de 3 do corrente – sobre a demissão do ministro das Relações Exteriores.

– *Imparcial*, de 4 do corrente – sobre as medidas aqui tomadas para a repatriação dos americanos.

– *Imparcial,* de 5 do corrente – sobre o dr. Ryan, a quem me refiro no meu telegrama n. 14.

– *Imparcial,* 2 retalhos de 5 deste mês – dos quais um é relativo ao serviço postal com os Estados Unidos e outro aos enviados do governo mexicano em Washington.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor. Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 06 JUL. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 22

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 6 de julho de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência cópia das notas trocadas entre esta legação e a Secretaria das Relações Exteriores do México, relativamente à assinatura do protocolo que põe termo ao conflito entre os Estados Unidos e México, resultado dos trabalhos da Conferência de Niagara Falls.

Junto, encontrará também Vossa Excelência retalhos do *Imparcial*, de 5 do corrente, contendo além da nota do subsecretário das Relações Exteriores, uma carta que me foi dirigida pelo sr. senador Sebastião Camacho, pessoa que pelos seus longos serviços em posições oficiais, pode ser considerada altamente representativa do que de mais respeitável há no elemento dirigente deste país.

Dentre as cartas de felicitações que recebi, destaca-se a que me foi enviada pelo sr. M. Adatci, ministro do Japão nesta capital, que também em cópia anexa tenho a honra de levar a conhecimento de Vossa Excelência.

Congratulando-me mui calorosamente com Vossa Excelência pelo feliz êxito dos trabalhos da mediação, aproveito o ensejo para reiterar-lhe os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]
Cópia

N. 58

México, 3 de Julio de 1914.

Señor Ministro,

Tengo la honra de poner en conocimiento de Vuestra Excelencia que ha sido firmado por los delegados nombrados al efecto, y como resultado de las negociaciones iniciadas por las potencias mediadoras, el protocolo que pone término al conflicto que surgió entre los Estados Unidos Mexicanos y los Estados Unidos de América.

Al suplicar a Vuestra Excelencia dé a conocer lo que antecede al gobierno que tan dignamente representa, aprovecho la oportunidad para renovarle las seguridades de mi muy distinguida consideración.

R. Esteva Ruiz

A Su Excelencia J. M. Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario del Brasil
Presente

Conforme:
E. de Lima Ramos

[*Anexo 2*]
Cópia

N. 182

6 de Julio 1914.

Señor Subsecretario,

Tuve la honra de recibir la atenta nota de Vuestra Excelencia, n. 58, de 3 de los corrientes, en la cual se sirvió comunicarme que fue firmado por los señores delegados nombrados al efecto, y como resultado de las negociaciones iniciadas por las potencias mediadoras, el protocolo que pone término al conflicto que surgió entre los Estados Unidos Mexicanos y los Estados Unidos de América.

En esta misma fecha comunico lo que antecede a mi gobierno, cumpliendo así los deseos expresados en la nota de referencia.

Rogando a Vuestra Excelencia se sirva aceptar para sí y tener la bondad de transcribirlo al señor presidente general Huerta mis más sinceras congratulaciones por tan feliz acontecimiento.

Aprovecho esta oportunidad para reiterar a Vuestra Excelencia las seguridades de mi alta consideración.

(ass.) J. M. Cardoso de Oliveira

A Su Excelencia el Señor Licenciado
Don Roberto A. Esteva Ruiz
Subsecretario de Relaciones Exteriores
Presente

Conforme:
E. de Lima Ramos

[*Anexo 3*]
Cópia

N. 84

3 de Julio 1914.

Señor Ministro,

En nombre del señor presidente constitucional interino, y en mío propio, tengo la honra de transmitir a Vuestra Excelencia los agradecimientos del gobierno y pueblo mexicanos, por la valiosa y eficaz cooperación que prestó Vuestra Excelencia en el arreglo pacífico del conflicto surgido entre los Estados Unidos Mexicanos y los Estados Unidos de América.

Aprovecho la oportunidad para renovar a Vuestra Excelencia las seguridades de mi muy distinguida consideración.

R. Esteva Ruiz

A Su Excelencia J. M. Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario del Brasil
Presente

Conforme:
E. de Lima Ramos

[*Anexo 4*]
Cópia

N. 183

México, 6 de Julio 1914.

Señor Subsecretario,

Tuve la honra de recibir la muy apreciada nota de Vuestra Excelencia n. 84, del día 3 de los corrientes, en la cual en nombre del señor presidente Huerta y en el suyo se sirvió bondadosamente expresarme el agradecimiento del gobierno y pueblo mexicano por mi escasa cooperación en el arreglo pacífico del conflicto surgido entre los Estados Unidos Mexicanos y los Estados Unidos de América.

Dando a Vuestra Excelencia y por su amable intermedio, al señor presidente Huerta y al pueblo mexicano, mi más cumplidas gracias por esa delicada atención, aprovecho esta oportunidad para reiterar a Vuestra Excelencia las seguridades de mi alta consideración.

(ass.) J. M. Cardoso de Oliveira

A Su Excelencia el Señor Licenciado
Don Roberto A. Esteva Ruiz
Subsecretario de Relaciones Exteriores
Presente

Conforme:
E. de Lima Ramos

[*Anexo 5*]
Cópia

Legación del Japón
México, D.F.
Le 5 Juillet - soir.

Mon cher collégue et ami,

Alité depuis une semaine, je prends ma plume pour la première fois, pour vous présenter mes plus vifs sentiments de félicitations à l'occasion de la si heureuse issue de votre médiation, désormais historique.

J'espère que, poursuivant le même chemin de conciliation, vous arriverez bientôt a nous donner la paix dans l'interieur du Mexique. Ce n'est pas le rôle naturel de la diplomatie; mais je suis sûr que votre prestige singulièrement grandi pourra y contribuer beaucoup.

Dès que le médecin me premettra de sortir je me donnerai le plus grand plaisir de me rendre chez vous; et en attendant, je vous prie, mon cher collègue et ami, de me rappeler au gracieux souvenir de Madame de Oliveira, et de croire à tous mes sentiments de sincère dévouement.

(assinado) M. Adatci

Conforme:
E. de Lima Ramos

❖

OFÍCIO • 09 JUL. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 23

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 9 de julho de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os dois números inclusos do *Diário Oficial* desde país, de 9 do corrente, contendo a exposição feita no dia 8 perante a Câmara dos Deputados, pelo subsecretário das Relações Exteriores, senhor Esteva Ruiz, acerca do conflito entre México e os Estados Unidos da América, e dos trabalhos da mediação do Brasil, Argentina e Chile que o resolveram, incluindo o texto do protocolo para tal fim firmado em Niagara Falls.

Como Vossa Excelência se servirá ver, além dos agradecimentos aos mediadores, o subsecretário teve a bondade de assim exprimir-se a meu respeito:

> Los Estados Unidos encomendaron sus archivos y la protección de sus nacionales, primeramente a S. M. Britannica, más tarde al

> gobierno de los Estados Unidos del Brasil, quien designó para el desempeño de la misión respectiva al ecxm. señor J. M. Cardoso de Oliveira, que ha observado una actitud prudente y conciliadora en todos los asuntos que ha negociado.

É-me tanto mais grata essa referência quanto por seu lado o governo americano tem-me por várias vezes manifestado a satisfação pela atividade e felizes resultados da minha gestão, como, por exemplo, ao agradecer-me do modo seguinte as felicitações que lhe enviara pelo 4 de julho:

> With high appreciation of your valuable services in representation of American interests in Mexico I beg you, Sir, to accept the grateful thanks of the president as well as my own and those of American people for the courteous message of congratulations which you were so good as to send on the anniversary of our independence.
> (assinado) W. J. Bryan, Secretary of States of the United States

Consciente, sem falsa modéstia, de haver merecido tais manifestações dos dois governos, entre os quais tenho realmente buscado estabelecer – tanto quanto me tem permitido a delicadeza da situação – um traço, senão de estima, pelo menos de profícua boa vontade, julgo de meu dever levá-las ao conhecimento desse ministério, não para fazer alarde de serviços meus, mas simplesmente para que Vossa Excelência fique ciente do desempenho dado pelo representante do Brasil à melindrosa incumbência de representar aqui os interesses americanos, em tão angustiosos momentos para este país.

Aproveito a ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 11 JUL. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Econômico-Consulares / N. 6

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México 11 de julho de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que a Secretaria das Relações Exteriores deste país acaba de comunicar-me que o senhor Wilhelm A. Mathiesen foi reconhecido no caráter de vice-cônsul do Brasil nesta cidade, para substituir o senhor Carl Heynen durante os impedimentos.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[30] • 21 JUL. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 24

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 21 de julho de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os telegramas seguintes, cifrados, que me coube dirigir a Vossa Excelência em 10, 15 e 17 do corrente:

> – 23 – Carbajal nomeado hoje ministro das Relações Exteriores para ficar presidente provisório pela renúncia presidente da República talvez amanhã. Secretário das Relações Exteriores Esteva

30 Intervenção acima do cabeçalho: "Ac[usado] em 14-9-1914, desp. 16".

> Ruiz parte amanhã Brasil, Argentina, Chile missão especial agradecer mediação. – CARDOSO
>
> – 24 – Esta tarde renuncia presidente da República, assumindo Carbajal presidência provisória, animado melhores intenções pacificação. Convém insistir Estados Unidos seu reconhecimento imediato. – CARDOSO
>
> – 25 – General Huerta telegrafou-me transmitir presidente da República seguinte: "Ayer 15 renuncié Presidencia República dejando mi lugar licenciado Francisco Carbajal. Al tener honor avisarlo V.E. me permito manera más respetuosa se sirva impartir su amistad y ayuda nuevo gobierno República. Soy con todo respeto de V.E. atento servidor – V. Huerta." Telegrama despedida fez-me igual pedido. Hoje corpo diplomático compareceu recepção oficial ao novo presidente, que, respondendo decano, mostrou melhores intenções pacificação, declarando sua pessoa não seria obstáculo. – CARDOSO

Aqui transcrevo em sua íntegra o telegrama do general Huerta, a que me referi:

> Respetuosamente me permito suplicar a Usted se sirva transmitir á S. E. el Sr. Presidente el siguiente mensaje: Ayer, 15, à las 5 p.m., renuncié la Presidencia de la República dejando en mi lugar al lic. Francisco Cabajal y Gual. Al tener el honor de avisarlo à V. E. me permito de la manera mas respetuosa se sirva impartir su amistad y ayuda al nuevo gobierno de la República. Soy con todo respeto de V. E. atento servidor. V. HUERTA.

Nos retalhos anexos do *Imparcial* de 16 do corrente servir-se-á Vossa Excelência ver o texto da renúncia do presidente Huerta e, nos do mesmo jornal de 18, os textos do discurso do sr. Bernardo Cologan, ministro de Espanha e decano temporário, e da resposta do presidente Carbajal.

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 23, de 9 do corrente, em que tratei do modo por que tenho procurado agir aqui a contento dos governos do México e dos Estados Unidos, tenho a satisfação de transcrever um telegrama do próprio general Huerta que no dia 16 mo mandou de Orizaba, onde se deteve uns instantes, em sua viagem para Puerto-México, onde depois se embarcou num navio de guerra alemão, *Dresden,* para a Jamaica:

> Deseando dejar en completa libertad de acción al nuevo gobierno

> de la República, salí de esa capital sin tener el honor de ir a ofrecer a V. E. mis respetos. Hoy lo saludo y le suplico que como buen amigo que es Ud. del país se sirva otorgar toda su confianza al nuevo gobierno. Respetuosamente, V. HUERTA.

A este amável telegrama dei imediatamente a seguinte resposta:

> Señor general don Victoriano Huerta – Apresúrome a expresar mis sinceros agradecimientos por el telegrama de V. E. a mi tan bondadosamente dirigido y por el que se sirvió enviar para transmitir a mi gobierno, lo que haré con sumo placer. Aprovecho la ocasión para reiterar a V. E. mis cordiales agradecimientos por todas las finezas con que me honró durante su administración y hago votos los más ardientes por el feliz viaje de V. E. y su estimable familia, a la que yo y la mía mandamos nuestros sinceros recuerdos.

Aproveito a ocasião para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[31] • 26 JUL. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 25

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 26 de julho de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, por cópia inclusa, a resposta que acabo de receber do secretário de Estado americano, senhor W. J. Bryan, à comunicação que lhe fiz, relativamente à organização do trabalho nesta legação, necessitada pela guarda dos interesses americanos, que me foi confiada. Na dita comunicação também lhe dava conta das despesas feitas

31 Intervenção acima do cabeçalho: "Ac[usado] em 14-9-914, por desp[acho] n. 17".

durante o período mais espinhoso da minha gestão e das providências que tomei, as quais foram plenamente aprovadas pelo Departamento de Estado de Washington, como Vossa Excelência se dignará verificar.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]
Copy

Department of State
Washington
July 1, 1914.
N. 1552

Sir,

I have the honor to acknowledge the receipt of your n. 1, of June 12, in which you describe the manner in which you have organized the business of the American embassy at Mexico City, and inquire whether your arrangements meet with the Department's approval.

In reply I beg to say that the Department approves and commends the excellent manner in which you have handled the affairs of the embassy, thanks you for your able judgment, and requests that you will be so good as to convey the thanks of the Department to your faithful assistants for their effective cooperation, and also to the Continental Mexican Rubber Company and Messrs. Mohler and DeGress for the assistance rendered in the use of their automobiles.

Accept, Sir, the renewed assurances of my highest consideration.

W. J. Bryan

Señor Don J. M. Cardoso de Oliveira
Envoy Extraordinary and Minister Plenipotentiary of Brazil,
in charge of the American Embassy
Mexico City

OFÍCIO[32] • 17 AGO. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 26

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 17 de agosto de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que me coube dirigir a Vossa Excelência:

> 23 de julho – cifrado – 26 – Falhando reconhecimento do novo governo, formulei, de perfeito acordo presidente, sugeri mediadores novo plano pacificação, que, modificado vai servir base imediatas negociações entre delegados governo [*e*] revolucionários mediante armistício, garantias todos. Não obstante diários ataques forças Zapata arrabaldes capital, perigo revolta exército, espero breve feliz terminação meus trabalhos conciliadores.
>
> 7 de agosto – cifrado – 27 – Fracasso negociações, exigindo revolucionários entrega incondicional poder. Exército sem garantias vida disposto defender-se. Revolucionários próximos capital. Esforço-me evitar combates dentro cidade manter ordem meio neutralização polícia.
>
> 11 de agosto – cifrado – 28 – Trabalhando firme pacificação como intermediário oficioso conferenciei ontem telégrafo Carranza, com quem tratarei hoje pessoalmente acampamento general Obregón, onde vou arranjar detalhes ocupação pacífica capital, retirando-se federais aguardar fora decisão final seu respeito. Espero evitar sangue violências.
>
> 12 de agosto – cifrado – 29 – confidencial – Em consequência combinação feita por mim com Carranza hoje acampamento para ocupação pacífica capital, presidente Carbajal, que entrega poder chefe polícia pede asilo legação desde amanhã. Rogo resposta urgente e para gastos extraordinários usarei autorização telegrama 22 abril.
>
> 13 de agosto – cifrado – 30 – Verificando durante árdua conferência Carranza impossível arranjo com Carbajal, precisei para salvar situação encontrar fórmula intermédia felizmente aceita. Conforme este novo plano, Carbajal dissolveu ontem noite governo, deixando capital entregue governador distrito, Itúrbide, que é também

32 Intervenção acima do cabeçalho: "Ac[usado] rec[ebimento] por desp. n.19 de 16 de outubro de 1914".

chefe [de] polícia, preferindo porém retirar-se ontem mesmo Vera-Cruz com gabinete. Itúrbide assinou com general constitucionalista Obregón acordo relativo entrega capital, manutenção ordem, garantias legações, habitantes etc. Mesmo tempo estabeleci contato Obregón e representante Exército Federal fim combinarem detalhes ocupação, evacuação federais, evitando atrito. Minha ideia foi que, sendo agora Itúrbide mais alta autoridade capital, acordo firmado por ele e Obregón pode com boa vontade servir reconhecimento quando oportuno, segundo protocolo Niágara. Assim também sugeri Casa Branca. Posso assegurar que aquiescência Carranza assinatura tal acordo foi unanimemente considerada verdadeiro êxito. Creio tudo terminará bem dentro poucos dias.

13 DE AGOSTO – 31 – A propósito solução pacífica Bryan telegrafou-me "Very much gratified at your success accept hearty congratulations".

14 DE AGOSTO – 32 – Bryan telegrafou-me: "From details you give we feel sure you have made best arrangements possible under circumstances. Congratulate you most cordially. People United States and foreigners in Mexico will feel greatly relieved when agreement is carried out and peaceful transfer government made. Please present our compliments both Carranza and governor district. Say we trust this will be beginning era peace, prosperity progress Mexico".

15 DE AGOSTO – 33 – Bryan telegrafou-me: "Received agreement satisfactory. Peaceful transfer power is assured. President appreciates ability with which you have handled this matter. Again accept our thanks".

Em resposta ao meu telegrama n. 29, Vossa Excelência se dignou dirigir-me o seguinte despacho telegráfico, que muito agradeço:

17 DE AGOSTO – N. 5 – Nos termos seu telegrama pode dar asilo e fazer gastos necessários.

Nos retalhos anexos em duplicata, encontrará Vossa Excelência os acordos a que me referi no telegrama n. 30 e também o manifesto do general R. Velasco relativo à dissolução do Exército Federal.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[33] • 08 SET. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 27

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 8 de setembro de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar o seguinte telegrama, que me coube dirigir a Vossa Excelência em 24 de agosto próximo findo:

> EXTERIORES – RIO JANEIRO – CONFIDENCIAL – 34 – Situação duvidosa causa violações propriedade, liberdade individual, dificuldades financeiras e divisões revolucionários. Carranza assumiu Poder Executivo sem caráter definido. Supressão todas legações, consulados mexicanos inclusive Brasil, a cujo ministro mandarão instruções. Pretendiam ignorar corpo diplomático estrangeiro aqui que reconheceu Huerta. Graças minha intervenção não deram passaportes ministro inglês, mas pediram sua partida, realizada ontem. Obtive Carranza hoje notificar corpo diplomático estrangeiro sua tomada poder e entrar relações exceto ministro Guatemala, cuja partida brevemente, como do russo, deixar-me-á decano. Partiram também ministros Espanha, Alemanha e restantes Itália, Bélgica, Áustria, Japão, Salvador pediram instruções seus governos. – CARDOSO

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

33 Intervenção acima do cabeçalho: "Acus[ado] o recebimento por despacho n. 22, de 24 de novembro 1914."

OFÍCIO • 23 SET. 1914 • AHI 221/01/07

Índice: Telegramas sobre a revolução no México.

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 28

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 23 de setembro de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas, que me coube dirigir a Vossa Excelência em 15 e 16 do mês corrente:

EXTERIORES – RIO JANEIRO – 35 – Ministro das Relações Exteriores declarou-me Salado peça-lhe diretamente autorização desejada. Licenciado Jesús Urueta partirá como enviado especial sem caráter propriamente diplomático Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai fim guardar arquivos legações, levando carta pessoal Carranza para presidentes até nomeação env[iado] extr[aordinário] e ministro plenipotenciário depois reconhecimento. Continua situação descrita meu 34: ministérios dirigidos subsecretários ou primeiros-oficiais agravada pela intenção exigirem evacuação imediata Vera-Cruz já mencionada ao comissário americano Fuller, que regressou Washington sem resultado apreciável. Falaram-me também disto e do reconhecimento, aconselhando eu prudência esforçarem-se convenção chefes militares convocada primeiro outubro proclame presidente da república provisório com gabinete formal, restabelecimento tribunais para facilitar reconhecimento e possível evacuação. Persistindo exigência como meio, talvez, forçar união revolucionários, ainda difícil e Casa Branca recusando, haverá novo conflito deploráveis consequências.

SUBSECRETÁRIO EXTERIORES – RIO JANEIRO – Casa Branca resolveu desocupar Vera-Cruz, o que melhorará a situação. Dizem será reconhecido presidente provisório escolhido convenção primeiro outubro.

Respondo:

SUBSECRETÁRIO – 8 – Nenhum decreto confiscação, mas ocupação militar prédios, muitos habitados, proprietários obrigados deixá-los, assim como tomada automóveis, cavalos etc., alguns pertencentes estrangeiros. Ministério das Relações Exteriores afirmou-me são medidas temporárias. Todos funcionários públicos Huerta

demitidos: alguns foragidos, outros presos. Família mencionada perfeitamente bem.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[34] • 23 SET. 1914 • AHI 221/01/07
Índice: Revolução no México.

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 29

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 23 de setembro de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas, que me coube dirigir a Vossa Excelência em 20, 21 e 23 do corrente mês:

EXTERIORES – RIO JANEIRO – 37 – Legação brasileira no México violada ontem oficiais exército uniformizados que apesar oposição criados, polícia, guarda, forçaram entrada, pesquisando jardim, dependências, fim tomar automóveis. Reclamei energicamente autoridades superiores, exigindo punição culpados, completa satisfação, que prometeram. Peço instruções para caso falharem promessas. Continua extorsão, inclusive cavalos de três enviados extraordinários e ministros plenipotenciários.

EXTERIORES – RIO JANEIRO – N. 38 – Encarregado Ministério das Relações Exteriores visita oficialmente deu-me seu nome e de Carranza completas satisfações, confirmando promessa punição culpados, manifestando desejos nada mais perturbe nossas relações amistosas.

34 Intervenção acima do cabeçalho: "Desp[acho] n. 20, de 10 de novembro de 1914".

EXTERIORES – RIO JANEIRO – N. 39 – Legação brasileira única violada porque cavalos dos diplomatas belga, francês, austríaco, inglês foram tomados duma cocheira inglesa. Sendo eu enviado extraordinário e ministro plenipotenciário maior prestígio, a quem todos recorrem inclusive colegas, e dado apreço franca reprovação autoridades superiores, atribuo violação somente impotência destas reprimir completa anarquia, conter violências subordinados bárbaros, ignorantes. Desde maio – pedido Elguero, delegado Niágara, patrocinado embaixada Brasil Washington – aceitei sua casa junto legação, onde instalei provisoriamente chancelaria, fim protegê-la. Recusa entregá-la revolucionários, diárias reclamações americanos espoliados, minha ação geral, desde princípio moderadora mas firme, desagrada exaltados. Possível novos dissabores, não obstante boa vontade governo impedi-los, principalmente depois evacuação Vera-Cruz e porque notícias confidenciais hoje fazem prever fracasso convenção, recomeço lutas entre chefes revolucionários. Parece prudente contentar-me satisfações mencionadas meu [*telegrama*] ontem, ainda que impunidade culpados, como é provável.

EXTERIORES – RIO JANEIRO – N. 41 – (1ª parte) Agradeço Vocência 11. Nota Ministério das Relações Exteriores confirmou satisfações mas, por ora, nenhuma punição. – CARDOSO

Nada tenho a acrescentar ao exposto nestes telegramas, limitando-me a passar às mãos de Vossa Excelência as inclusas cópias das notas trocadas entre esta legação e o Ministério das Relações Exteriores.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]
Cópia
N. 275

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 20 de Septiembre de 1914.

Señor Oficial Mayor,

Con referencia a nuestra conferencia de ayer en la noche en el Palacio Nacional, tengo el honor de confirmarlo para conocimiento de la Secretaría de su digno cargo y para que se sirva hacerlo saber al sr. Venustiano Carranza, Primer Jefe del Ejército Constitucionalista, encargado del Poder Ejecutivo, que ayer tarde, un grupo de ocho o nueve jefes y oficiales del Ejército Constitucionalista, con sus uniformes, y un paisano, tripulando dos automóviles Fiat, sin número, se presentaron en frente de los edificios de esta legación y la parte donde tengo mi residencia oficial, donde se ostentan la bandera y el escudo de armas del Brasil, y penetraron en la finca, forzando al gendarme de guardia, pues a pesar de haberle preguntado a dicho gendarme quien vivía en la casa y haberles este contestado que la ocupa el ministro del Brasil, los referidos militares insistieron en que se les dejara pasar, y al negarse el gendarme a acceder a ello, lo empujaron, abriendo la verja de fierro que da a la calle, penetrando así por la fuerza, hasta el fondo del jardín, que catearon en busca de automóviles con el fin de decomisarlos. Después, trataron de entrar a la propia cancillería, al lado, impidiéndoselos el portero con toda resolución, mas al ver que frente a la legación estaba un automóvil propiedad absoluta de un alto empleado de la misma, trataron de llevárselo, no obstante las protestas del mismo portero y de la guardia, no habiendo desistido de su propósito, hasta que salió el dueño del automóvil, quien se opuso rotundamente a que se lo llevaran y protestó contra tamaño abuso y atropello. Todo lo anterior ocurrió de las 6 a las 6 y 15 minutos de la tarde de ayer.

Para facilitar las pesquisas acerca de los autores de esta violación, tengo el honor de comunicarle los siguiente informes: que el coche Fiat gris, uno de los que tripulaban los militares referidos, se encierra en la casa de don Ignacio de la Torre, a la entrada del Paseo de la Reforma, cuyo coche fue extraído de la casa del señor Jesús Pliego, quien vivía en el número 19 de la Calle de Rosales y que el *chauffer* que condujo a esta legación dicho coche se llama Jesús Posar, y probablemente se encuentra en la misma casa donde se guarda dicho automóvil; interrogando a este *chauffer*, se podría saber fácilmente quienes

son las personas que ocupaban los coches que vinieron ayer a la legación.

Como tuve ocasión de expresar ayer a Usted, cuando oficialmente hice la protesta formal acerca de este incalificable atentado contra mi carácter diplomático, el respeto a las dos naciones que ahora represento y la indiscutible inviolabilidad de mi legación, no solamente de la parte que ocupa la cancillería, sino también la de mi residencia oficial, exigen con la más grande urgencia el castigo de los culpables, una completa satisfacción a mi país e a los Estados Unidos de América, y a la persona de su representante, como Usted tan prontamente comprendió ser necesario y prometió hacerlo. Esperándolas, pido también a Usted, y por su amable intersección, al primer jefe del Ejército Constitucionalista encargado del Poder Ejecutivo, que se sirvan tomar, cuanto antes, las medidas que consideren necesarias para la completa y eficaz garantía de los dos predios ocupados por la legación del Brasil, Calle de Londres, 102 y 104, para cancillería y residencia oficial, y el respeto absoluto para todo lo que en ellos se encuentran, a fin de evitar la repetición de graves incidentes de esta naturaleza, que producirían incalculables consecuencias en detrimento de las buenas relaciones existentes entre México y los dos países que represento.

Reitero las seguridades de mi distinguida consideración.

(Firmado) J. .M. Cardoso de Oliveira

Al Señor Licenciado Don Isidro Fabela
Oficial Mayor
Encargado del Despacho de la
Secretaría de Relaciones Exteriores
Presente

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 2*]
Cópia

Secretaría de Relaciones Exteriores
México, DF
23 de Septiembre de 1914.

N. 277

Señor Ministro,

Con verdadera pena he recibido la atenta nota de Su Excelencia, fechada el 20 del actual, por la que se sirve ratificar la protesta que verbalmente me presentó en el Palacio Nacional el citado día, con motivo de la violación perpetrada en el recinto de la legación de Brasil por algunos oficiales constitucionalistas y un paisano, al penetrar al citado edificio en busca de automóviles a pesar de las protestas del gendarme apostado allí para garantía del mismo.

Señor Ministro: Su Excelencia personalmente pudo convencerse de la extrañeza y de la mortificación graves que me produjeron los hechos que Su Excelencia se sirvió referirme; y por fortuna, estimo que la atingencia demostrada por mi parte como encargado de la Secretaría de Relaciones Exteriores, por solucionar este asunto satisfactoriamente, quitará a Su Excelencia toda duda respecto al interés que toma el gobierno de México en todos los asuntos que se refieren a actos de nuestros soldados o nuestros ciudadanos que signifiquen un atentado a las personas, intereses o instituciones extranjeras y muy especialmente cuando se trata de países amigos como los que Su Excelencia representa tan dignamente en estos momentos de nuestra República.

A Su Excelencia consta el celo y la energía con que traté este asunto con el señor general don Jacinto Treviño, oficial mayor, encargado de la Secretaría de Guerra y Marina, y pudo Su Excelencia cerciorarse también de que el mismo señor general Treviño, dando a la reclamación citada, a importancia que realmente tiene, dio órdenes inmediatamente para que se buscara desde luego a los autores del atentado cometido en la legación del Brasil, para que fueran merecidamente castigados.

Solo me resta, Señor Ministro, expresar a Su Excelencia en nombre del ciudadano primer Jefe del Ejército Constitucionalista encargado del Poder Ejecutivo y ante el mío propio, la más sincera pena por los hechos acontecidos, así como rogarle acepte una satisfacción cumplida por los lamentables hechos sucedidos para que se sirva transmitirla a los gobiernos del Brasil y de los Estados Unidos de Norte-América.

Reitero a Su Excelencia el propósito que anima al gobierno actual de México para que esta clase de hechos no se repita, a cuyo efecto ya se castigan con toda energía a los culpables de cualquiera violación a la inviolabilidad reconocida a las legaciones y personas e intereses de los representantes extranjeros y se cumplan estrictamente todas las disposiciones que respecto a garantías individuales existen en nuestro país.

En la seguridad, Señor Ministro, de que este incidente de ninguna manera será imputado sino a personas incultas, que no han tenido conocimiento pleno de la trascendencia de sus actos, y no a los altos funcionarios del gobierno que desean cada día más estrechar los lazos de amistad y concordia existentes actualmente entre los países de Brasil, Estados Unidos y México, le reitero las seguridades de mi muy distinguida consideración.

El O. M. Encargado del Despacho
(Firmado) Isidro Fabela

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

❖

OFÍCIO • 21 OUT. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 30

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 21 de outubro de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar o recebimento do despacho n. 18, de 29 de setembro último, dessa seção, no qual Vossa Excelência se serviu transmitir-me cópia da nota do embaixador americano de 4 do mesmo mês, contendo os agradecimentos do seu governo por minha ação em favor do cônsul americano em Saltillo, Sr. J. R. Silliman, quando esteve preso por ordem do general Joaquin Maass.

Agradecendo a Vossa Excelência essa obsequiosa comunicação,

aproveito o ensejo para apresentar, Senhor Ministro, os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[35] • 06 NOV. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 31

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 6 de novembro de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar a última parte do telegrama que me coube dirigir a Vossa Excelência em 2 do corrente, sob o n. 44, nos seguintes termos:

> EXTERIORES – RIO JANEIRO – 44 – Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário Bélgica partiu ontem, virtude intimação prazo 24 horas sair país, motivo notas violentas altercação com encarregado Ministério das Relações Exteriores baldados bons ofícios meus, outros colegas. – CARDOSO

Nos retalhos anexos do *El Liberal*, de 1 e 2 do corrente, Vossa Excelência se servirá ler as aludidas nota e a resposta do senhor Isidro Fabela, encarregado do Ministério das Relações Exteriores e bem assim o precedente invocado para justificar a medida tomada contra o senhor Paul May, ministro plenipotenciário da Bélgica.

Embora as notas estejam escritas em linguagem um tanto violenta, nada autoriza o procedimento tomado contra aquele diplomata e que, certamente, produzirá no estrangeiro o mesmo péssimo efeito que aqui produziu nos meios mais cultos.

35 Intervenção acima do cabeçalho: "Ac[usado] o rec[ebimento] em 13-1-915, pelo desp[acho] n. 2"

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protesto da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[36] • 06 NOV. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 32

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 6 de novembro de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício desta série n. 28, de 23 de setembro último, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência nos inclusos retalhos do *El Liberal*, de 31 de outubro próximo findo, a correspondência trocada entre as autoridades mexicanas e o governo dos Estados Unidos acerca da evacuação do porto de Vera-Cruz.

Dessa leitura Vossa Excelência se servirá ver que o governo americano apresentou, entre outras, condições para a desocupação daquele porto: que não fossem cobrados novos direitos por mercadorias que já ali haviam pago e que não fossem molestadas as pessoas que tivessem servido, em cargos públicos, às autoridades americanas, nem tampouco os refugiados políticos que ali se encontrassem por ocasião da entrada das forças constitucionalistas.

O senhor V. Carranza, primeiro chefe encarregado do Poder Executivo, submeteu esse pedido do governo de Washington à convenção militar reunida em Aguascalientes, a qual opinou pelo seu deferimento. Apesar disso, as garantias solicitadas não foram concedidas sendo, pelo contrário, exigida a fixação de uma data para a evacuação.

36 Intervenção acima do cabeçalho: "Ac[usado] o rec[ebimento] em 13 de janeiro de 1915 pelo desp[acho] n. 1".

A essa exigência, respondeu o governo americano que entrava nos seus planos protelar a partida das forças que se acham em território mexicano e que, tão depressa fossem concedidas as garantias pedidas, seria essa levada a efeito.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[37] • 28 NOV. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 33

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 28 de novembro de 1914.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao meu ofício desta série n. 32, de 6 do corrente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência os inclusos retalhos do *El Pueblo*, de 12 deste mês e, nas cópias anexas, o complemento da correspondência trocada entre esta legação e o Ministério das Relações Exteriores acerca da desocupação pelas forças armadas americanas do porto de Vera-Cruz.

Igualmente cabe-me confirmar o seguinte telegrama que dirigi à Vossa Excelência no dia 14:

> N. 46 – Após laboriosas negociações havendo eu conseguido Carranza dar garantias pedidas Estados Unidos quanto nada sofrerem mexicanos que serviram durante ocupação e não cobrarem novamente impostos pagos autoridades americanas, Casa Branca resolveu evacuar Vera-Cruz 23 corrente. Congratulo-me presidente Vocência feliz coroamento mediação.

Efetivamente no dia fixado partiram as últimas tropas de ocupação, ficando desse modo definitivamente terminado o

37 Intervenção acima do cabeçalho. "Ac[usado] em 18-3-915, desp[acho] n. 4".

conflito entre os Estados Unidos e o México, originado do incidente de Tampico.

Tenho a honra de renovar a Vossa Excelência as congratulações por tão importante acontecimento e os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]

Legação dos Estados Unidos do Brasil

EL MINISTRO DEL BRASIL presenta sus cumplimientos al señor licenciado Isidro Fabela, oficial mayor, encargado del Despacho de la Secretaría de Relaciones Exteriores, y tiene el honor de transcribirle el siguiente mensaje de fecha 1º del corriente, que acaba de recibir del Departamento de Estado, en Washington:

> Puede Usted decir al secretario interino de Relaciones Exteriores que el telegrama de este Departamento de fecha 15 de septiembre al cual él se refiere, expresamente manifiesta que el Presidente está haciendo los arreglos necesarios para retirar las tropas americanas de Veracruz y que el mensaje del Departamento de fecha 22 de septiembre fue suplementario de los arreglos que estaban bajo consideración según su propio telegrama de septiembre 15. Este gobierno está dispuesto para proceder en cualquier tiempo a la evacuación de Veracruz, pero en vista del hecho de que ha dado promesas de obtener garantías para los ciudadanos mexicanos que fueron inducidos por el general Funston para ayudar en la administración de la Aduana y en los asuntos municipales de Veracruz, se considera moralmente obligado a cumplir sus promesas. Lo mismo es aplicable a las promesas hechas a los comerciantes, con relación al cobro de dobles derechos sobre las mercancías que hayan entrado por el puerto de Veracruz. Todos los detalles relativos a los arreglos para la propuesta evacuación de Veracruz, hace tiempo están terminados, con excepción de las garantías que se pidieron al general Carranza. Este Departamento de Estado entiende que el general Carranza

> refirió estos asuntos a la convención de Aguascalientes y, en vista del hecho de que la convención dio una respuesta favorable a las solicitudes del Departamento, esperaba que no habría causa para mayor demora por parte del general Carranza. El Departamento no considera que el manifiesto del general Aguilar es la resultante de sus peticiones, puesto que el gobierno central de México podría sentirse justificado en repudiar la garantías prometidas por el general Aguilar. El general Carranza ni siquiera ha dado su aprobación o que consideraría como obligatorias las garantías prometidas por el general Aguilar en su manifiesto de septiembre 22. Puede Ud. asegurar al secretario interino de Relaciones Exteriores que este gobierno no está dispuesto a demorar la evacuación de Veracruz, y que, tan pronto como el general Carranza dé seguridades definitivas, de acuerdo con las peticiones contenidas en el mensaje del Departamento de fecha 22 de septiembre, se fijará la fecha para la evacuación sin mayor demora. (Firmado) Roberto Lansing (Secretario interino)

Para mayor claridad, tengo [*sic*] el gusto de acompañar copia del texto inglés del referido mensaje y aprovecha la oportunidad para reiterarle las seguridades de su distinguida consideración.

México, noviembre 2 de 1914.

Al Señor Licenciado Don Isidro Fabela
Presente

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 2*]

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, noviembre 14, 1914.

[*N. 389*]

Señor Oficial Mayor:

Tengo el honor de transcribir a Usted el siguiente mensaje que acabo de recibir del Departamento de Estado de los Estados Unidos de América:

> Habiendo el general Carranza, así como la convención en Aguascalientes, dado la garantías y las seguridades que este gobierno pidió, la administración está dispuesta a retirar de Veracruz las tropas de los Estados Unidos el lunes 23 de noviembre. Todas las personas por cuya seguridad personal se había hecho responsable este gobierno, han salido de dicha ciudad. Los ministros del culto y las monjas que se habían refugiado en la misma y por cuya seguridad existían temores, está ya en camino para este país.

Suplico a Usted se sirva comunicar lo anterior al señor don Venustiano Carranza, aceptando mis congratulaciones y las seguridades de mi distinguida consideración.

(Firmado) J. M. Cardoso de Oliveira

Al Señor Licenciado Don Isidro Fabela
Oficial Mayor
Encargado del Despacho de la Secretaría de Relaciones Exteriores
Presente

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 3*]

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores
México, 14 noviembre de 1914.

N. 181

Señor Ministro:

Tuve la honra de recibir la atenta nota de Vuestra Excelencia número 389, fechada de hoy, en que se ha servido transcribir un mensaje dirigido a Vuestra Excelencia por el señor secretario de Estado de los Estados Unidos de América, que expresa la resolución del gobierno americano de retirar, al lunes 23 del corriente mes, las tropas estacionadas en el puerto de Veracruz, por considerar aquel gobierno satisfactorias las seguridades que el Primer Jefe de Ejército Constitucionalista encargado del Poder Ejecutivo

de la Unión, y la Junta Militar reunida en la ciudad de Aguascalientes han ofrecido para las personas que pudieran necesitarlas.

Me es grato manifestar a Vuestra Excelencia, en respuesta, que ya me apresuro a poner en conocimiento del Primer Jefe, señor Carranza, la noticia que Vuestra Excelencia se sirve transmitirme, y que, a no dudarlo, será acogida por este alto funcionario con el mayor beneplácito; y me complace agradecer con toda cordialidad el acierto y eficacia con que Vuestra Excelencia ha tenido a bien conducir ante el gobierno de los Estados Unidos de América las negociaciones emprendidas por esta cancillería, con el amigable propósito que hoy alcanza éxito tan placentero.

Agradezco igualmente a Vuestra Excelencia las congratulaciones que se sirve expresar por el resultado obtenido, y aprovecho una vez más la ocasión, para reiterarle las seguridades de mi consideración muy distinguida.

P. el oficial mayor, Encargado del Despacho
El jefe del departamento de Asuntos Internacionales
en funciones de oficial mayor
(Firmado) M. Dávalos

A Su Excelencia el Señor J. M. Cardoso de Oliveira
Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario del Brasil
Encargado de los intereses de los Estados Unidos de América
Presente

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Godilho

[*Anexo 4*]
Cópia

TELEGRAMA

CARDOSO DE OLIVEIRA – ENVIADO EXTRAORDINARIO Y MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DEL BRASIL Y ENCARGADO DE LOS INTERESES AMERICANOS EN MÉXICO – LEGACIÓN DE BRASIL – Señor Ministro, fue honroso y satisfactorio para mi, recibir la atenta nota de Su Excelencia fechada ayer por la que me participa para conocimiento del C. Primer Jefe del Ejército Constitucionalista encargado del

Poder Ejecutivo de este país, que la Secretaría de Estado de los EE.UU. manifiesta a este gobierno que el dia 23 del presente será evacuado el puerto de Veracruz por la fuerzas americanas. Al expresar a Su Excelencia que el C. Venustiano Carranza Ejecutivo de la República, quedo debidamente enterado de tal resolución, me es honroso ratificarle lo manifestado en notas anteriores de esta secretaría que el gral. Cándido Aguilar, gobernador y comandante militar del estado de Veracruz tiene facultades del Ejecutivo para recibir al puerto y que ya da sus disposiciones relativas para recibirlo. El C. Primer Jefe Sr. Carranza me encarga haga a Su Excelencia presentes nuestros sinceros agradecimientos por la participación amistosa que ha tomado en este asunto que tanto interesa al gobierno y al pueblo mexicano. Felicito al señor ministro por la parte que a Su Excelencia corresponde en la resolución de este caso internacional, agradeciéndole sinceramente sus cordiales felicitaciones que en lo que valen estimo. Le reitero las seguridades de mi muy distinguida consideración. – EL O.M. E. DEL D. – ISIDRO FABELA

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

❖

OFÍCIO • 01 DEZ. 1914 • AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 34

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 1 de dezembro de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que me coube dirigir a Vossa Excelência em 29 de setembro, 3, 11, 21, 22 e 25 de novembro:

N. 41 – Não obstante meu ardente desejo ausentar-me quanto antes, rogo confiar meu critério para preparar escolher momento oportuno saída pois, se precipitada, causaria alarma, destruindo brilhante figura Brasil aqui, além poder desapontar Estados Unidos, com quem já me estou entendendo amigável, jeitosamente para entregar interesses a um agente americano, como já

parece ser tempo. Desastroso nosso prestígio que encarregassem outra legação, sendo então preferível que nosso encarregado negócios continuasse com eles, ainda que por isso não pudesse apagar-se então completamente como Vocência deseja. Ramos afetado altitude pronto viagem pede permissão partir Madri 12 outubro. Poderia acreditar Gordilho esperado sábado próximo, que recém-chegado, passaria mais desapercebido. Dentro bondosa autorização residir seis meses qualquer país vencimentos integrais ouro, rogo tolere vá Brasil particularmente mesmas condições, pois a chamado oficial, vencimento papel insuficiente manutenção grande família. Para despesas utilizarei autorização telegrama 22 de abril. Rogo resposta urgente todos pontos.

N. 44 – Ainda continuo aqui instâncias Estados Unidos até melhorar situação complicada perigosa. Convenção nomeou general Eulalio Gutierrez presidente provisional devendo assumir 20 corrente. Carranza só concorda se Villa, Zapata também voltarem vida privada o que parece difícil. Temem-se tropelias tropas Carranza caso obrigadas abandonar capital.

N. 45 – Presidente provisional mencionado meu 44 nomeado convenção, por vinte dias sujeito confirmação fim prazo prestou juramento Aguascalientes onde esta nomeou ministro Guerra. Carranza apoiado [mui]tos chefes alegando exorbitantes atribuições convenção convocada por ele recusa entregar governo; retirou-se Córdova com encarregado Ministério das Relações Exteriores vários funcionários levando documentos mais importantes providenciando manutenção poder. Decano solicitado pelo Ministério das Relações Exteriores informar corpo diplomático trate negócios correntes chefe protocolo e importantes telégrafo Ministério das Relações Exteriores o que indica abandono capital. Correspondência telegráfica trocada pretendentes dificulta acordo, prevendo-se nova luta dois governos resultado duvidoso porque delegados todos militares prometeram sustentar decisões convenção inclusive partidários Carranza, que por seu lado fim dissolvê-la ordenou todos apresentarem-se capital sob pena perda postos. Rogo instruções caso presidente provisional comunique posse corpo diplomático.

N. 47- Fracassada paz Carranza resolveu evacuar capital pretexto estratégia deixando-a propositalmente sem proteção à mercê zapatistas e desordens. Todas autoridades partiram Córdova. Correio telégrafo nacionais fechados, caminhos de ferro interrompidos,

cabo ameaçado suspensão: [en]fim, isolamento completo. Carranza convidou com insistência corpo diplomático mudar-se Córdova ou Orizaba, mais tarde Vera-Cruz, onde pretende estabelecer sua sede, alegando não responsabilizar-se nossa segurança aqui. Corpo diplomático recusou unanimemente convite, que implicaria parcialidade, reconhecimento facção Carranza, covardia abandonar colônias. Atendimento insistência solicitações corpo diplomático estrangeiros nacionais obtive chefes militares aqui promessa formal permanência para garantias até adversários poderem assumir mesma responsabilidade cabendo Brasil ainda uma vez salvação cidade premeditadas tropelias.

N. 48 – General Lucio Blanco cumprindo promessa salvadora assumiu governo cidade nomeou provisoriamente autoridades locais necessárias manutenção ordem. Corpo diplomático informado chefe protocolo decreto Carranza fechando Ministério das Relações Exteriores, o que implica rompimento das relações com corpo diplomático. Casa Branca sugere, para proteção americanos fora capital, dirigir-me Villa ou Gutierrez, presidente eleito convenção. Salvo instruções especiais Vocência, procederei como for oportuno.

N. 49 – Faltando promessa e sem tomar nenhuma providência ordem, general Blanco abandonou cidade mercê zapatistas, que já ocupavam arredores imediatos. Obter garantias gerais mandei ali comissão encabeçada hábil, eficazmente Gordilho, conferenciar principais chefes. Corpo diplomático reunido permanentemente legação contribuiu comigo inspirar confiança população evitar desordens apesar entrada zapatistas. Hoje esperadas primeiras forças Villa. Apesar medidas já tomadas ocupantes para governo cidade, situação continua indecisa [*é*] muito perigosa.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[38] • 01 DEZ. 1914 • AHI 221/01/07

Secretaria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 35

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 1 de dezembro de 1914.

Senhor Ministro,

Referindo-me ao meu ofício n. 34, desta data e série, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, por cópia inclusa, a correspondência telegráfica trocada em 20 de novembro próximo findo, entre o encarregado da Secretaria das Relações Exteriores e o decano do corpo diplomático, acerca da transladação do mesmo para a cidade de Córdova.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexos*]
Cópia

(1) CÓRDOBA – NOVIEMBRE 20 DE 1914 – Señor Terrones – Manifieste Usted al H. cuerpo diplomático, por acuerdo del c[iudadano] primer jefe que debido a las operaciones militares que las necesidades actuales exigen es posible que sea evacuada por nuestras fuerzas la Ciudad de México. En vista de esta circunstancia sería conveniente se trasladaran a esta ciudad, para su seguridad personal y además para que sus gestiones diplomáticas sean más fáciles y efectivas que a efecto de evitarse posibles dificultades sería conveniente su salida de esa capital para esta ciudad. Que tengan a bien darme su resolución para dictar las órdenes necesarias para su transporte con todas las garantías consiguientes. – FABELA

(2) – CÓRDOBA – NOVIEMBRE 20 DE 1914 – Señor Nervo – En lo particular exprese usted al cuerpo diplomático la conveniencia de que se traslade a esta ciudad o a Orisaba donde tendrían mejores

38 Intervenção acima do cabeçalho: "Ac[usado] em 18-3-915 desp[acho] n. 5" .

comodidades estando a una hora de camino de esta. Particularmente manifiésteles Usted que una vez que las fuerzas americanas evacúen el puerto de Veracruz, en esta ciudad se instalará provisionalmente el gobierno. Encarezco a Usted y al sr. Terrones, que privadamente hagan lo que esté de su parte para que salga cuanto antes el cuerpo diplomático, pues estamos obligados a no exponerlo a posibles peligros por los acontecimientos que puedan desarrollarse en México. Al salir el cuerpo diplomático, Usted y los demás empleados, por su seguridad personal, si desean seguir prestando sus servicios al gobierno, deben acompañar a los señores diplomáticos, en la inteligencia de que se les pondría un tren con una suficiente escolta y gozarían acá de toda clase de garantías. Todo eso es personal. Esperando su resolución – I. FABELA

(3) – CÓRDOBA – NOVIEMBRE 20 DE 1914 – Señor Nervo – Desde luego puede Usted decirles que en caso de que se abandonara la capital el general en jefe lo notificará oficialmente a la ciudad para que todos los que se crean inseguros tengan tiempo de salir. Lo que parece indispensable es que los representantes diplomáticos salgan de esa por lo que pudiera suceder y en esta pueden hablar con el señor Carranza y conmigo para lo cual tienen tiempo sea cual fuere la resolución del general en jefe respecto a México. Usted comprenderá que un atentado a un diplomático podría ser para nosotros de graves consecuencias. – I. FABELA

(4) – MÉXICO – NOVIEMBRE 20 DE 1914 – Señor lic[enciado] Isidro Fabela – El cuerpo diplomático piensa que no puede abandonar la capital porque esa medida causaría mucha alarma a las colonias extranjeras y les traería grandes perjuicios, pues les privaría de la mayor y más inmediata vigilancia que aquí tiene de los intereses de sus connacionales. Agradece atentamente la marcada atención que se le distingue, y espera de los buenos propósitos del señor Carranza que no omitirá medio alguno para dar a esta ciudad y especialmente al cuerpo diplomático y consular, lo mismo que a sus colonias, todas las garantías que le corresponden por el derecho de gentes. – CUERPO DIPLOMÁTICO

(5) – CÓRDOBA –NOVIEMBRE 20 DE 1914 – Señor Nervo – Sírvase Usted manifestar a los honorables señores diplomáticos que me es muy grato saludarlos con toda atención y que mientras en la capital de la República existan fuerzas constitucionalistas, ellos, el cuerpo consular y sus connacionales pueden estar seguros de que gozarán toda clase de garantías. – I. FABELA

(6) – méxico – noviembre 20 de 1914 – córdoba – Señor licenciado Isidro Fabela – Los señores ministros de Guatemala y el Brasil, retornan a Ud. sus saludos muy atentamente, y manifiestan con pena que su respuesta no es todo lo satisfactorio que ellos desean, porque no es bastante que se les ofrezcan garantías mientras hay en México fuerzas constitucionalistas, pues que éstas se pueden retirar en cualquier momento de acuerdo con las órdenes que reciban. Creen preciso, por tanto, que se ordene la permanencia en la Capital de las fuerzas que sean necesario para la conservación del orden y la protección que tanto ellos como sus nacionales tienen el derecho de esperar. – nervo

(7) – córdoba – noviembre 20 de 1914 – Señor Nervo – Sírvase expresar a los señores ministros del Brasil y Guatemala que dice el primer jefe que en la posibilidad de que las necesidades de la guerra exigieran la evacuación de la capital de la República, creyó de su deber darles oportuno aviso de esa probabilidad como le ha hecho por mi conducto. Presente Usted nuevamente, a los señores ministros, mis muy afectuosos saludos. – fabela

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

❖

OFÍCIO[39] · 09 DEZ. 1914 · AHI 221/01/07

Diretoria-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América
N. 36

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 9 de dezembro de 1914.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar o último telegrama que me coube dirigir a Vossa Excelência em 7 do corrente, sob n. 50, nestes termos:

> Depois de vários dias administração zapatista, surpreendentemente moderada [*e*] respeitosa vida, propriedades, à parte alguns casos isolados prontamente punidos, presidente Gutierrez eleito convenção assumiu governo sustentado Villa [*e*] Zapata nomeou

39 Intervenção acima do cabeçalho: "Ac[usado] pelo desp[acho] n. 3, em 18-1-1915".

> ministério outras autoridades. Renasce confiança possível pacificação. Ontem entraram tropas Villa [*e*] Zapata completa ordem. – CARDOSO

Devo acrescentar que até esta data não foram ainda definitivamente designados os ministros das Relações Exteriores e de Gobernación, de modo que o corpo diplomático se está dirigindo diretamente às diferentes autoridades de quem dependem os diversos assuntos e pelas quais está sendo tratado e atendido com as devidas considerações.

Ampliando agora as informações contidas em meus telegramas 46 a 49, já confirmados em ofício anterior, tenho o prazer de mencionar que no dia da entrada dos zapatistas, não podendo eu sair da legação, onde estavam reunidos o corpo diplomático e outras pessoas, e onde minha presença era absolutamente necessária para as diferentes providências que a cada momento tinha que tomar para a segurança da cidade, expressamente deixada pelos carrancistas sem a mínima proteção, organizei uma comissão composta de dois americanos – os srs. Carlos Parker e S. F. Fuller e do senhor Carlos Gordilho, secretário da legação – para ir, em meu nome, entender-se com os zapatistas nos arredores da cidade e deles obterem a entrada pacífica e a manutenção da ordem. À vista do desempenho desta incumbência por parte do senhor Gordilho, com inteligência, dedicação e coragem, que muito recomendo à atenção de Vossa Excelência, e por outro lado das boas intenções dos zapatistas, tive a satisfação de ver conseguido o meu intento, com o aplauso de toda a população ainda uma vez grata ao Brasil.

Efetivamente, além de entrarem em boa ordem, as autoridades zapatistas comportaram-se de modo muito louvável, mostrando moderação e acerto em todos os seus atos, não tendo havido a lamentar a senão casos isolados de roubos ou violências cometidos por grupos irresponsáveis e que foram prontamente punidos.

Depois de alguns dias, chegou o presidente Gutierrez, eleito pela convenção e pacificamente tomou posse do governo, nomeando outras autoridades que até esta data vão procedendo bem.

No domingo último, entraram cerca de cinquenta mil homens dos generais Villa e Zapata, na melhor ordem e cujo desfile impressionou favoravelmente a população pelo bom aspecto e ideia de força bem organizada que a todos deu. Na mesma tarde

voltaram para seus quartéis nos arredores da cidade, de onde – sob o comando pessoal dos seus dois generais em chefe – devem partir hoje para o sul a combater contra os carrancistas.

A comissão permanente da convenção aqui reunida agora já convocou novamente para 1º de janeiro, a fim de ratificar os poderes do presidente Gutierrez e realizar as reformas revolucionárias.

Renasce a confiança pública nesta capital, que vai tomando seu aspecto normal de tranquilidade e bem-estar. Para bem impressionar a sociedade neste sentido dei, no dia 5, uma recepção em minha casa, que foi muito apreciada e extraordinariamente concorrida por todos os elementos sociais há tanto tempo privados de diversões desse gênero.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

1915

OFÍCIO • 15 FEV. 1915 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 1

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 15 de fevereiro de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que me coube dirigir a Vossa Excelência, em 8 e 10 do corrente mês:

> N. 7 – Oficiais ordem Carranza tentaram hoje dar busca legação espanhola fim prender agente confidencial espanhol que supunham ali oculto. Oposição ministro sustou violência.
>
> N. 8 – Ineficazes tentativas *modus vivendi* minhas e por intermédio Estados Unidos, que estão completamente desprestigiados, tanto que depois delas Carranza mandou ontem noite ordem expulsão dentro vinte e quatro horas ministro Espanha que partirá amanhã. Crise chegou auge. Corpo diplomático reúne-se meio-dia deliberar.

Efetivamente ao meio dia de 10 do corrente o corpo diplomático reuniu-se sob a presidência do sr. Paul Lefaivre, ministro de França que acaba de reassumir o seu posto e que é atualmente o decano. Nessa reunião discutiu-se a conveniência de enviar ao sr. Carranza uma nota coletiva de protesto, não tendo sido possível chegar a um acordo.

Na madrugada de 11 do corrente partiu para Vera-Cruz o senhor José Caro, ministro de Espanha, em companhia do secretário e do adido da legação, deixando o arquivo aos cuidados do cônsul.

Nos inclusos retalhos de *La Prensa,* de 12 e 15, Vossa Excelência se servirá ler a notícia dessa partida e a justificação dada pelo subsecretário das Relações Exteriores sobre o procedimento do sr. Carranza contra aquele diplomata.

É esta a terceira expulsão de representantes estrangeiros levada a efeito pelas atuais autoridades constitucionalistas; esse fato repercutiu consideravelmente aqui e nos Estados Unidos e deixa claramente entrever a possibilidade de se repetir.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO · 15 FEV. 1915 · AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 2

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México 15 de fevereiro de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que me coube dirigir a Vossa Excelência em 16, 17, 27 e 29 de janeiro último.

N. 1 – Situação desesperada ruptura chefes desorientação completa impossível qualquer solução pacífica. Presidente provisional seu governo abandonou cidade evacuada zapatistas, villistas prestes nova ocupação. Carranza cheio ódio ideias vinganças especialmente corpo diplomático porque se recusou acompanhá-lo Córdoba. Preveem-se próximos atentados. Desprestígio Estados Unidos aqui torna sua representação cada vez mais difícil penosa.

N. 2 – Suspensa evacuação capital. Presidente Convenção investido Executivo enquanto escolhe novo presidente provisional. Villa esperado hoje trinta mil homens sustentar convenção partir capital impedir ocupação Carranza.

N. 4 – Convenção presidente república suas autoridades. Tropas Villa Zapata abandonaram capital não podendo resistir avanço constitucionalistas, esperados hoje. Cidade cuidados municipalidade. Anarquia completa todo país causa cisões diferentes grupos qualquer incapaz constituir governo estável. Talvez próximo momento cumprir ordem Vocência ausentar-me usando para [as] despesas autorização 22 de abril.

N. 5 – Nome Carranza, general Obregón ocupou assumiu comando militar capital.

Até esta data continua a ocupação por parte das forças constitucionalistas apesar dos repetidos ataques dos zapatistas que estão entrincheirados nos arrabaldes da cidade.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 15 FEV. 1915 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 3

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 15 de fevereiro de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, a título de informação sobre os sentimentos das autoridades constitucionalistas para com o corpo diplomático, na inclusa cópia (não tendo sido possível obter o número do jornal), um artigo publicado no *El Pueblo* de Vera-Cruz sob a assinatura do engenheiro Félix F. Palavicini, subsecretário de Instrução Pública do governo do sr. Carranza, tendo por título "La Diplomacia de los Obeliscos".

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

Si damos créditos a los cablegramas del conflicto europeo, habrá que asombrarse del salvajismo cruento con que los civilizados del viejo mundo se hacen la guerra, y nosotros, los que tenemos redivivo el culto al dios Huitzilopoztli, que hemos conquistado la poco envidiable fama de sanguinarios, estamos resultando unas blancas palomas delante de los cultos procedimientos teutones en Bélgica y en Francia.

Lo original de nuestra situación, considerados allende el océano como países semisalvajes, es que siempre se nos exige pureza administrativa, respeto de vidas y haciendas, indemnizaciones por daños y perjuicios de la guerra y en cada caso y día por día, los extranjeros se consideran autorizados para reclamar por un buey muerto, por un caballo perdido o por un cristal roto.

Los diplomáticos extranjeros han sostenido siempre el criterio, de que este país es un país de negocios, para enriquecerse, para lucrar y que ellos no necesitan saber ni el origen ni la legalidad de los gobiernos; que al extranjero no le importa enterarse de cuando haya régimen constitucional y cuando no.

Al día siguiente de muerto Madero, los diplomáticos fueron a estrechar las manos de Victoriano Huerta, que estaban todavía húmedas por la sangre de su víctima, y los magnates europeos, contestaban la carta autógrafa del usurpador con la fórmula protocolaria: "Grande y buen amigo".

Los señores diplomáticos muestranse siempre cuidadosos de sus nacionales, están decididos a apoyarlos con energía, a defenderlos con entereza, a conservar sus intereses, a salvaguardar sus vidas, pero... siempre que para ello no tengan los mismos señores diplomáticos necesidad de abandonar el calor confortable del hogar, el mullido piso de las alfombras, el rápido girar de los automóviles por el Bosque de Chapultepec, el té de las cinco, la cena del club y el champagne de los postres.

Así como para los extranjeros, no hay nada mexicano: ni leyes, ni gobierno, ni ciudadanos; para los diplomáticos, no hay capital si ésta no es la Ciudad de México con sus palacios, sus calles asfaltadas, sus paseos y sus fiestas.

Al referirnos, comenzando este artículo, a las crueldades de la guerra europea, al citar aquella política de provocación, de

rapiña, de verdadera locura que ha hecho implacable la campaña y originado una espantosa matanza humana, han sido con el propósito, no de justificar nuestra situación nacional, pero sí de explicarla.

Ahora, toda leyenda de sangre, toda visión de exterminio y muerte a nuestro territorio referente, es enano, es diminuto, es atómico, en parangón con el trágico espectáculo de los combates en la vieja y culta Europa; pero si Poincaré y sus ministros pueden abandonar por razones militares París, y siguen siendo el gobierno francés, en cambio, el encargado de nuestro Poder Ejecutivo al abandonar la Ciudad de México, pierde, según el concepto diplomático, su condición de autoridad nacional, y los honorables señores representantes concurren afanosos, discretos y exquisitos, a presentar los homenajes de sus dorados uniformes, los saludos de sus manos enguantadas y las mieles de su estereotipado lenguaje protocolario, ante no importa quién, que ocupe un sitial en el antiguo Palacio de los Virreyes.

Los honorables señores diplomáticos juzgan que la zona de sus atribuciones no puede ir más allá del asfalto de las calles metropolitanas, ni su acción ejercitarse sino en el salón de embajadores del Palacio Nacional; no importa que en el derecho de los pueblos, se apliquen otras leyes y se sigan otras costumbres; no importa que en nuestra historia nacional, haya antecedentes significando que la Ciudad de México no es nada en la balanza de nuestra política general; no importa que el buen sentido aconseje aceptar como mejor responsable, al más autorizado y consciente, si éste no reside en la Ciudad de México, si no desayuna en la vajilla de Maximiliano, si no habita el alcázar de Chapultepec.

Ahora bien, la situación que se avecina, dará lugar a posiciones originales; pronto, muy pronto tal vez, las fuerzas constitucionalistas ocuparán la Ciudad de México, guarnición nuestra dará seguridad a los habitantes pacíficos, un comandante militar gobernará la plaza, y entonces, el gobierno de la República continuará estando en el lugar donde esté el señor don Venustiano Carranza, primer jefe del Ejército Constitucionalista, encargado del Poder Ejecutivo de la Unión y jefe de la revolución.

Cuando este caso llegue, tendrán los honorables señores diplomáticos que buscar al gobernante donde éste se encuentre,

si es que quieren conservar su representación extranjera, ya que el señor secretario de Relaciones acompañará al c[iudadano] primer jefe, como todo el gabinete.

Los diplomáticos extranjeros se convencerán de que los obeliscos y los monumentos metropolitanos, no son el gobierno; sabrán distinguir entre las piedras labradas da arte colonial que sustentan y forman nuestro arcaico palacio y la personalidad de los que se alojan en aquel histórico edificio.

Tenemos esperanza de que de esta manera sufra alguna transformación la diplomacia de los obeliscos.

Félix F. Palavicini

Confere:
Carlos Alberto Moniz G[ordilho]

❖

OFÍCIO • 15 MAR. 1915 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 4

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 15 de março de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que me coube dirigir a Vossa Excelência em 4 e 8 de fevereiro último:

> N. 6 – Carranza transferiu capital Vera-Cruz fechando aqui todas repartições, inclusive Ministério das Relações Exteriores, reduzindo Cidade México insignificante categoria capital novo estado formado território Distrito Federal propósito humilhar forçar transferência Vera-Cruz corpo diplomático, cuja existência pretende ignorar a ponto não mandar-nos nenhuma notificação. Neste sentido ministro Instrução Pública escreveu assinado artigo insultuoso constituindo verdadeiro desafio. Transferência corpo diplomático importaria reconhecimento Carranza angariando ódio represálias outros contendores. Diplomatas Inglaterra França Espanha Áustria Alemanha Itália Guatemala Japão Chile Salvador Cuba [*e*] outros telegrafaram seus governos mostrando provável

necessidade próxima retirada todas legações deixando interesses cuidados cônsules ou agentes confidenciais junto cada chefe como já faz Estados Unidos [*em*] territórios não dominados governo central e pedindo autorização prévia para tal eventualidade. Informei Casa Branca e trato ainda obter *modus vivendi*.

N. 7 – Casa Branca perfeito acordo ideia retirada corpo diplomático pediu-me levar também agente confidencial americano empregados arquivo embaixada. Salvador partiu ontem Cuba amanhã vários colegas igualmente autorizados seus governos outros esperam resposta fim resolvermos definitivamente segundo circunstâncias. Esforço-me ainda evitar tal extremo, caso impossível sairei também com secretário arquivo. Rogo ideias Vocência.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 15 MAR. 1915 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 5

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 15 de março de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar o seguinte telegrama que me coube dirigir a Vossa Excelência em 3 do corrente:

N. 9 – A título de informação comunico que diplomatas França Alemanha Áustria Inglaterra Japão Suécia Bélgica Itália e outros telegrafaram seus governos pouco mais ou menos neste sentido: "Situação agravada dia a dia causa incitações pela imprensa comandante militar ao povo para saqueio e atentados contra estrangeiros pondo iminente perigo vida propriedades colônias e corpo diplomático. Como idéia partida ficou suspensa por desejo

> Casa Branca intermédio ministro Brasil deixo critério Vossa Excelência julgar oportunidade perguntar governo americano que é responsável situação atual México até que ponto está disposto assumir responsabilidade do que puder acontecer estrangeiros corpo diplomático.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 15 MAR. 1915 • AHI 221/01/07

Índice: Revolução no México. Nota enviada pelo governo americano.

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 6

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 15 de março de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que me coube dirigir a Vossa Excelência em 7 e 10 do corrente mês:

> N. 10 – Situação não pode ser pior como Vocência oportunamente verá pelas cópias meus telegramas Casa Branca que embaixada remeterá correio. À vista disto e provavelmente cedendo pressão governos europeus, por sugestão seus representantes aqui, Casa Branca mandou-me instruções hoje entregar general Obregón, comandante militar principal responsável horrível situação cidade, uma nota onde depois recapitular todos males, demonstrar premeditadamente culpabilidade seus autores e declarar Casa Branca não pode tolerar por mais tempo semelhante estado coisas, termina assim: "O governo dos Estados Unidos tornará general Obregón e general Carranza pessoalmente responsáveis.

> Tendo tomado esta determinação com a maior firmeza, o governo dos Estados Unidos adotará tais medidas que sejam eficientes para chamar a contas os que são pessoalmente responsáveis pelo que puder acontecer. Igual intimação feita Carranza Vera-Cruz."
>
> N. 11- Retificação meu 10 – "... mandou-me instruções hoje entregar general Obregón comandante militar principal responsável horrível situação cidade," [...] "contas os que são pessoalmente responsáveis pelo que puder acontecer. Igual intimação feita Carranza Vera-Cruz." Último período leia-se "relutância" em vez de "firmeza". Termos fortes nota, vagamente conhecidos público, produziram excelente efeito esperando-se contribua melhorar situação. Encarregado negócios Inglaterra comunicou-me confidencialmente seguintes informações secretas recebidas sua embaixada Estados Unidos: "Presidente Estados Unidos disse amigo confiança está perfeitamente informado situação México e resolvido fazer que sua nota Carranza seja obedecida. Ao desejo que supõe ter colônia americana aqui está resolvido não intervir em larga escala mas admite que se forem cometidos muitos excessos nesta cidade Estados Unidos serão provavelmente forçados intervir. Cruzador Tacoma mandado Vera-Cruz."

Tendo corrido na cidade como verídicas e sido afirmadas em lugares públicos várias versões de supostas notas enviadas pelo governo americano, algumas contendo termos insultuosos, devidamente autorizado pelo mesmo governo mandei publicar a única nota entregue ao general Álvaro Obregón: a que se refere o meu telegrama n. 10 de 7 do corrente, hoje confirmado, e que Vossa Excelência se servirá ler no incluso retalho do *Mexican Herald* de 14 do corrente.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 10 ABR. 1915 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 7

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 10 de abril de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência a título de informação sobre a atual situação política deste país, a inclusa cópia de um artigo do *El Día*, da Havana, de 17 de fevereiro último.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

[*Anexo*]

ARTÍCULO DEL PERIÓDICO *EL DÍA* DE LA HAVANA,
DEL 17 DE FEBRERO DE 1915.

La revolución en México continúa siendo la nota sensacional por excelencia, lo es más que la misma guerra europea; ésta, con todo su volumen y aún con todos sus horrores, está dentro de ciertos cánones o reglas de la guerra, pero lo México se sale de todos los moldes de lo normal; no es la revolución ni siquiera el convulsionismo o la anarquía, es el *delirium tremens*. México hace el efecto de una nación que se ha vuelto loca y anda suelta por las calles, (por las calles por donde andan las naciones). "¡Hay que sujétala!" Es ya un grito general "¡Hay que sujetar al loco suelto!".

Es horrible, espantoso lo que pasa en México, con decir que apaga, que ahoga lo de la guerra europea, como será el foco? Ya cada día peor, cada día alcanza proporciones más gigantescas, parece que ya no puede hacer más y es cada vez más. Todo en la naturaleza y en la vida tiene sus límites, todo, hasta lo extraordinario, hasta lo excepcional, todo, hasta la tempestad. Ya lo tienen también y es natural que lo tengan las

tempestades humanas, pero lo de México no tiene límites; las aguas suben sin cesar, y no cabe prever hasta donde llegarán. El huracán tiene sus límites, sopla el viento, derriba árboles, tala los campos, arremete contra los edificios, ruge, silba, parece que todo lo va a destruir, pero mirando el barómetro sabe uno qué hay un grado más haya del cual no pasará. Lo de México es un huracán del cual mirando el barómetro que marca las tempestades humanas, dice uno: "¡Ah, de allí no pasará, llegó a su grado máximo!"… Y pasa, y sigue pasando, y vuelve uno a clamar: "¡Ahora sí que no pasa, no puede pasar!" Y pasa sin embargo. Es una inundación cuyas aguas no se acaban nunca: parece (para México) el diluvio universal. No ha de haber allí títere con cabeza ni piedra sobre piedra. Van a tener que construir una arca de Noé y meter allí un mexicano y una mexicana, y un par de animales de cada clase, para que se salven las rasas y las especies. ¡Las especies indígenas!

¡Vaya una manera de pelear y de matarse-los unos a los otros! Vaya una manera de fusilar! ¡Siete gobiernos!, ¡Siete presidentes! Cada uno con sus tropas, sin ley ni roque, campando por sus respetos, peleando, imponiendo tributos, saqueando a todo bicho viviente y fusilando a los contrarios. Es el vértigo de la locura rabiosa. México "se ha disparado". Y cada vez peor, el barómetro sigue bajando: ¡ya no se sabe que hacer!, ¡Es cada vez peor!, ¡Y hasta deponen y embargan a los ministros extranjeros! Nada menos que el ministro español al de la raza, al de la sangre que mezclada con la india, lleva en sus arterias. "Pues lo mandaron a "evacuar", y no dándole pasaportes ni declarándole "persona non grata", no en cualquier otra de las formas que el derecho internacional o las práticas de cancillería ofrecen o aceptan, si no dándole veinte y cuatro horas para salir del país. Y el ministro que sabe como las gasta el hojalatero, no dejó correr el plazo y puso pies en polvorosa. Y ahora dice Carranza, (que fue quien hizo esta barrabasada) que el expulsado diplomático español no era tal ministro, pues España no había reconocido su gobierno y no tenía porqué reconocerlo él. Pero si hay siete gobiernos (cada uno con sus tropas fusilando) y varios generales más que tienden a proclamarse presidentes. ¿Cómo van las naciones a acreditar a un representante diplomático, con el personal de la legación correspondiente, cerca de cada uno

de esos gobiernos? Y además, Villa, por ejemplo, consideraría como enemigo al representante de una nación cerca de Carranza, y vice-versa, ¿Siete vice versas, porque hay siete gobiernos constituídos? Y entonces los fusilaban cuando embarcan y hacen "evacuar" a los diplomáticos neutrales, (acreditados en México), (no cerca de ningún caudillo), ¿Qué harían con los diplomáticos que ejercieren sus funciones cerca de los contrarios? Ya lo dice Carranza en su explicación: "El ministro español puede darse por satisfecho, puesto que pude y debí fusilarlo". Y agrega que si solo lo embarcó, fue por cortesía a los españoles. ¡Vaya una cortesía! ¡Ponerlo a uno de patitas en la calle! Pero es muy mexicano. Ellos no dicen "lo vamos a matar", sino "le vamos a hacer daño", cuando cae un hombre muerto, el matador dice: "Ah; ¿Le hice daño?" Despedirles es un acto de cortesía. ¡Siete presidentes, siete gobiernos, siete gabinetes!!! ¡Cuarenta y dos secretarios de despacho! y todos cobrando rentas e impuestos, estableciendo contribuciones de guerra (cada uno por su parte) adueñándose de la propiedad particular, emitiendo cada gobierno papel-moneda que los demás no reconocen. ¡Y todos peleando, todos fusilando! Lo de fusilar es un *sport* al gusto nacional. Lo del disgusto con el ministro de España fue porque no le entregó a un español "villista" para pasarlo por las armas. ¿Impedirles que fusilen? ¿Quitarles el plato favorito? ¡Ah entonces se enfurecen, mueren de rabia, siete presidentes con siete gobiernos, cada uno con sus tropas, todos fusilando, peleando, saqueando! ¿Pero eso que es? pues es…lo indescriptible.

Veamos lo que dice un extranjero testigo presencial de aquellos cuadros, (género realista puro):

> La Revuelta Mexicana, tiene vida especial, sello propio, que la hacen inconfundible con cualquier otra de nuestra época. Francisco I. Madero derrotó a Porfirio Díaz, Huerta derrocó a Madero, Carranza a Huerta, Eulalio Gutiérrez a Zapata, Carranza a Villa, Villarreal a Pablo González, Obregón a Villa, Angeles derrocó nuevamente a Obregón, etc. ¿Pero es acaso una revolución? Políticos, pedestres o caudillejos de escaso prestigio, profesionales sin clientela, forman el aparato corteza de la situación, en el fondo hierve la más absoluta anarquía. Cada jefecito de cuadrilla (y legión), roba, incendia, viola, y asesina por su cuenta, sin someterse a nadie ni a nada. Al sentir las fieras que la jaula

> estaba abierta, se han desparramado por el país arrancando con todo archivo, juzgados, cárceles, escuelas, casas consistoriales, ferrocarriles, puentes, haciendas, fábricas, y en una palabra todo destruído bajo la mano del rebelde criminal sustraído a toda disciplina, a toda autoridad, aun a la débil y transitoria organización en el campo revolucionario."

Describe luego la "entrada" de Carranza, (presidente n. 2) capital donde ya antes había estado Zapata, (presidente n. 1) y después Villa (también presidente, n. 3) Eulalio Gutiérrez (n. 4) Villarreal (n. 5) y Obregón (n. 6) y ahora marcha sobre la capital el general Angeles, para proclamarse también presidente, n. 7. Los presidentes numerados con las sillas, pero veamos la entrada del presidente Carranza, que es el menor de todos (Cómo serán los demás). Habrá de decirse como aquel abogado al juez: "de los asesores de 'Vuesencia' el mejor malo 'se llamaba Malo'", la entrada de Carranza en la capital de la república acompañado de una soldadesca soez, reclutada entre los más miserables y abyectos del pueblo mexicano, y dirigidos por una caterva de ambiciosos vulgares, desprovisto de ideales y capaces de todas las perversiones, fue un espectáculo aterrador para toda la población. En los dos o tres primeros días comenzaron los flamantes generales del Ejército Libertador del Norte a hacer de las suyas. Todas las casas de la capital de aspecto elegante fueron ocupadas por oficiales carrancistas, arrojando de ellas a sus moradores. El mismo Carranza, todo un jefe erigido presidente de la República arrojó de su casa, que es una de las más elegantes de la ciudad de México, a la señora Vda. de Martínez del Río. A un compatriota nuestro, D. J. Barrio y Aglada, casado con una hermana de la señora Vda. Martínez del Rio y que vivía en la misma casa le obligaron también a salir de ella. Luego, al marcharse, la familia de Carranza se llevó un piano magnífico, un cuadro de gran valor artístico, vajillas y otros objetos de valor; otras casa de las más confortables fueron convertidas en cuarteles y en ellas libraban todas las noches orgías los jefezuelos llevando allí mujeres licenciosas a las que regalaban muebles y otros enseres. La mayor parte de las casas ocupadas por esas turbas, quedaron vacías y destrozadas; casi todos los automóviles particulares fueron arrebatados a sus dueños y

ocupados por soldados groseros y mesalinas, ofreciendo el espectáculo más repugnante, y ahuyentando de todas partes a las familias decentes.

No queremos seguir copiando, a eso conduce la política de los grupos cada uno con su corte de adeptos fulanistas, el asalto del poder para enriquecerse a toda costa. Llevanse hasta los pianos, mesalinas en automóvil, orgías y placer; México está en el último período, y Dios quiera que a otras que no son México, no pueda, por ciertos síntomas y analogías primarias, como la loca del cuento, aquella nación decirles:

"Miren que así empecé yo….que esa es la enfermedad…

Conforme:
Carlos Alberto Muniz Gordilho

❖

OFÍCIO • 10 ABR. 1915 • AHI 221/01/07

Seção de Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 8

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 10 de abril de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que me coube dirigir a Vossa Excelência em 11 e 29 de março último:

> N. 12 – Cidade evacuada sem desordens graças nota americana que frustrou planos.
>
> N. 14 – (...) De perfeito acordo atual presidente desejo geral esforço-me obter acordo facções neutralização caminho de ferro Vera-Cruz e Distrito Federal fim melhores garantias suavização péssimas condições vida. Situação política piora estando eminente saída convenção presidente para norte nova ocupação Carranza cuja resposta nota americana constitui insulto Estados Unidos hostilidade corpo diplomático inclusive eu.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 10 ABR. 1915 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 9

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México 10 de abril de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que me coube dirigir a Vossa Excelência em 11 e 29 de março e 1º do corrente sobre o assassinato de um cidadão americano, sr. John B. McManus pelas forças zapatistas ao ocuparem pela segunda vez a cidade do México:

> N. 13 – Zapatistas ocuparam cidade mantendo ordem pública mas cometendo vários excessos subúrbios inclusive saqueio assassinato um americano conhecido o que levantou grande celeuma colônia capaz precipitar intervenção.
>
> N. 14 – Contento Estados Unidos consegui resolver caso assassinato americano meu treze obtendo expressão pesar indenização cento e sessenta mil pesos antes mesmo finalização processo culpados.
>
> N. 15 – Agradecendo solução caso meu quatorze departamento de Estado diz: "Cumprimentamos seu êxito mais uma prova sua capacidade eficácia".

Igualmente passo às mãos de Vossa Excelência a inclusa cópia da correspondência trocada entre esta legação e a Secretaria das Relações Exteriores relativa à punição dos autores de semelhante atentado e ao pedido de indenização que em nome do governo americano fiz para a viúva e filhos menores do sr. McManus.

Tive a satisfação de ver atendida a minha reclamação de uma indenização de cento e sessenta mil pesos mexicanos ($160.000) excedendo a expectativa do governo de Washington que me havia apenas sugerido a quantia de oitenta mil pesos ($80.000) e a contento da parte interessada conforme Vossa Excelência se servirá ver dos telegramas do sr. Bryan e da carta da senhora McManus (inclusos cópia).

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]
Tradução

Embaixada dos Estados Unidos da América
Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1914.

O encarregado de negócios *ad interim* dos Estados Unidos da América tem a honra de apresentar os seus respeitos a Sua Excelência o Senhor Ministro das Relações Exteriores do Brasil e, de acordo com as instruções do seu governo, transmite a fim de ser submetida à consideração de Sua Excelência, a cópia de um memorando do secretário de Estado dos Estados Unidos, datado de 31 de janeiro de 1914, com [*sic*] sobre a política do governo dos Estados Unidos relativamente à atual situação no México.

J.B.W.

MEMORANDO

Embaixada dos Estados Unidos da América
31 de janeiro de 1914.

Ninguém a não ser o México pode agora regular os seus negócios. A retirada de todo apoio moral ou material externo é o primeiro passo indispensável para uma solução interna. De diversas fontes consideradas dignas de confiança o governo dos Estados Unidos tem recebido informações que o convencem que há mais esperanças de paz, de segurança de propriedade e de breve pagamento das obrigações estrangeiras se o mesmo for entregue às forças agora ali combatentes do que se fosse efetuada na capital do México uma alteração no seu pessoal dirigente. Não existem influências

na capital do México com que se possa contar para fazer alguma coisa mais do que tratar de perniciosamente fortalecer o egoísmo oligárquico e interesses militares sendo evidente que o resto do país permaneceria à mercê de constantes guerras e dispendiosa pilhagem do norte. O presidente está tão plenamente convencido disto, que, depois de ter acompanhado durante meses e estudado acuradamente a situação, é de opinião de não haver justificação para manter uma atitude dúbia, em matéria de neutralidade, com relações aos beligerantes, e pretende, portanto, levantar quanto antes a proibição de exportação de armas e munições dos Estados Unidos para o México. Uma solução imposta por uma guerra civil, das mais encarniçadas, é uma coisa terrível, porém isso deve acontecer agora, malgrado nosso, a menos que alguma potência estranha entendesse varrer todo o México com as suas tropas, o que daria lugar a uma situação ainda mais precária.

Retirando a proibição de exportar armas e munição para o México, o governo dos Estados Unidos coloca-se e entende colocar-se na mesma posição de outras nações cujos cidadãos tiveram sempre a mais completa liberdade de comerciar com o México. O governo dos Estados Unidos julga essencial para a solução satisfatória das suas próprias dificuldades que o México seja tratado como qualquer nação o seria no caso de uma guerra civil tão desastrosa. A situação em que o México está atualmente, impossibilitando-o de satisfazer as suas obrigações financeiras, não cria novos ou excepcionais direitos internacionais; e, mais prontamente poderá ele satisfazer essas obrigações e reassumir inteiramente as suas responsabilidades internacionais se conseguir resolver por si os seus próprios negócios, quer pela força, quer pela razão.

[*Anexo 2*]

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 13 de março de 1915.

N. 451

Señor Jefe del Departamento de Asuntos Internacionales:
Tengo el honor de remitir, con la presente, copia de una

carta que con fecha 11 del corriente dirigí al señor general Amador Salazar, comandante militar de la plaza, relativa al asesinato del ciudadano americano John B. McManus, cuya carta contiene los datos que esta legación ha podido obtener con respecto a los hechos acontecidos. Me permito suplicar a Usted muy atentamente, que en virtud de instrucciones telegráficas que he recibido del Departamento de Estado en Washington, se ordene una averiguación inmediata para depurar responsabilidades, y aplicar el condigno castigo a los que resulten culpables, y que así mismo se tramite a la mayor brevedad posible, la manera de dar una indemnización a la familia del finado, la cual está compuesta de su viuda y cuatro hijos de tierna edad.

Aprovecho la oportunidad, para protestar a Usted, las seguridades de mi distinguida consideración y particular aprecio.

(Firmado) J. M. Cardoso de Oliveira

Al Señor Licenciado Don Ismael Palafox
Jefe del Departamento de Asuntos Internacionales
Encargado del Despacho de la Secretaría de Relaciones Exteriores
por ausencia del Subsecretario
Presente

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 3*]

Legación de los Estados Unidos del Brasil
México, 11 de marzo de 1915.

Sr. General D. Amador Salazar
Comandante Militar de la Plaza
Presente

Muy estimado Señor General:

De acuerdo con nuestra conversación, tengo la honra de comunicar a Usted los datos relativos al asunto de la muerte del ciudadano

americano J. B. McManus. En la mañana de hoy, como a las 9, un grupo de zapatistas se presentó en el establo de dicho señor, situado en la calzada de San Antonio Abad y forzaron la puerta de la entrada a la casa del referido señor, después de haber roto los sellos que del consulado de Brasil se habían colocado en dichas puertas y sin respeto ninguno a la bandera americana que había en dicha casa. Después el señor McManus fue muerto por las tropas en la azotea de su casa habiéndose después entregado al saqueo de dicha casa. Como este hecho constituye un grave acto que mucho puede perjudicar su causa, dado el carácter de ciudadano americano y lo bien conocido que era dicho señor en esta capital, ruego a Usted se sirva proceder a la inmediata investigación y castigo de los culpables, lo más pronto posible, a fin de atenuar hasta donde sea posible el mal efecto que este atentado produjo ante la colonia americana y el mismo gobierno de los Estados Unidos de América y del de la República del Brasil por la violación de los sellos de su consulado.

Seguro de que Usted tomará todo el interés que el asunto requiere, me es muy grato reiterarle las seguridades de mi distinguida consideración.

(Firmado) J. M. Cardoso de Oliveira
Ministro del Brasil
Encargado de los interesses americanos

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 4*]

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores
México, 20 de marzo de 1915.

N. 331bis

Al tener conocimiento por la manifestación verbal que se sirvió hacerme Su Excelencia de que no llegó a su poder mi nota n. 331 de fecha 16 del corriente, me permito el honor de repetirla a continuación.

México, 16 de marzo de 1915.

En respuesta a la atenta nota de V. E. número 451 de fecha 13 del actual, relativa al homicidio del ciudadano americano John B. McManus, tengo el honor de dar a V. E. las gracias por el envio de la copia de la carta que se sirvió dirigir al señor gral. Amador Salazar.

Me es satisfactorio hacer saber a V. E., que, cual se digna solicitarlo se ha ordenado ya que se practique una averiguación escrupulosa inmediatamente para definir responsabilidades y aplicar con todo acierto el castigo a él que, o a los que, resulten responsables por el homicidio. A la vez debo manifestar a V. E. lo mucho que deploramos este funesto acontecimiento que el pueblo y gobierno mexicano han sabido con profunda pena; tanto para el hecho en sí, cuanto por tratarse de un ciudadano americano, pues conocida es la grande simpatía que se tiene en México a los c[iudadanos] norte americanos que tan bien han sabido confraternizar con nosotros.

No nos es desconocida la obligación moral de hacer menos triste la situación de la sra. vda. y menores hijos del aludido sr. McManus y por ello debo hacer presente a V. E. la buena disposición en que el gobierno está de ayudarles pecuniariamente por medio de una donación que esté en armonía con las necesidades de los perjudicados.

Aprovecho la oportunidad, para protestar a V. E. las seguridades de mi distinguida consideración y particular aprecio.

El Oficial Mayor
Encargado del Despacho
(Firmado) Ismael Palafox

A Su Excelencia el Sr. Ministro del Brasil
Encargado de los Intereses de los Estados Unidos de Norte América
Presente

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 5*]

Legación dos Estados Unidos do Brasil
México, 22 de Marzo de 1915.

N. 456

Señor Jefe del Departamento de Asuntos Internacionales:

Hónrame participar a Usted que ha sido recibida su atenta nota n. 331bis, de fecha 20 del corriente, relativa al homicidio del ciudadano americano John B. McManus.

Al agradecer a Usted las frases de condolencia que se sirvió manifestar, me es muy grato informar a Usted que por la vía telegráfica doy cuenta al Departamento de Estado en Washington del contenido de la citada nota.

Aprovecho la oportunidad para reiterar a Usted las seguridades de mi distinguida consideración.

(Firmado) J. M. Cardoso de Oliveira

Al Señor Licenciado Don Ismael Palafox
Jefe del Departamento de Asuntos Internacionales
Encargado del Despacho por ausencia del Subsecretario
Presente

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 6*]

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores
México, 26 de Marzo de 1915.

N. 406

Contrayéndome a las notas que Su Excelencia se ha servido pasar a esta secretaría con motivo de la muerte del c[iudadano] americano John. B. McManus y a las diversas entrevistas que hemos tenido con motivo de tan lamentable asunto, me es honroso comunicarle: que el c[iudadano] presidente de la Soberana Convención Revolucionaria encargado del Poder Ejecutivo, deplorando una vez más el desgraciado aconteci-

miento que privó de la vida al señor John B. McManus y teniendo en consideración que las aflictivas condiciones de la viuda del señor McManus exigen imperiosamente una ayuda inmediata que mitigue su justísima pena; que lo inusitado y doloroso del caso justifican que el gobierno obre de una manera espontánea, pronta y eficaz a fin de patentizar el respeto que le merecen la vida e intereses de los extranjeros; y que, por último, las condiciones anormales por que atraviesa la república son del todo inadecuadas para que los interesados puedan reclamar en otra forma sus derechos; ha tenido a bien acordar. Que sin que esta resolución pueda servir de precedente en ningún caso, ya sea idéntico o similar, se suministre a la señora viuda e hijos del finado c[iudadano] americano John B. McManus, la cantidad de ($160.000,00) ciento sesenta mil pesos como total compensación del perjuicio material que se les haya causado por la muerte violenta de fue víctima el repetido señor McManus, cantidad que se entregará a la viuda previa su expresa conformidad de renunciar por sí y por sus menores hijos las acciones a que creyera tener derecho con este motivo, manifestada por digno conducto de Su Excelencia.

A efecto de ministrar la cantidad repetida se han librado ya las órdenes relativas y desde luego está a su disposición, sirviéndose decirme si la señora la acepta bajo las bases indicadas para hacer desde luego la entrega, con súplica a Su Excelencia de que se digne ser el intermediario en ella.

Todo esto sin perjuicio de que se continúe la averiguación penal e imponer el debido castigo a el que o a los que resulten responsables. Me es en extremo grato reiterarle las seguridades de mi distinguida consideración y aprecio.

(Firmado) Ismael Palafox
Oficial Mayor Encargado del Despacho

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 7*]

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 29 de marzo de 1915.

N. 461

Señor Jefe del Departamento de Asuntos Internacionales:

Me es honroso acusar recibo de su muy atenta nota n. 406, de fecha 26 del que cursa, relativa al pago de la compensación que está dispuesto a hacer el señor presidente de la Soberana Convención encargado del Poder Ejecutivo, a la señora vda. e hijos menores del ciudadano americano John B. McManus, por la muerte violenta de éste.

En contestación, deseo hacerle presente en nombre del gobierno de los Estados Unidos de América, que tengo el honor de representar aquí, así como en el del la señora viuda e hijos de McManus y el mío proprio, los sinceros agradecimientos que tenemos para el señor presidente de la Convención encargado del Poder Ejecutivo, por la prontitud, liberalidad y eficacia con que se ha llegado al arreglo satisfactorio de este asunto.

Según el contenido de su apreciable nota, comuniqué a la señora McManus, los deseos de ese gobierno respecto a que manifestase su expresa conformidad en cuanto a la cantidad, y de renunciar por sí y sus menores hijos, las acciones a que creyera tener derecho con este motivo; en contestación, tengo el honor de transcribir a U[ste]d la respuesta de dicha señora que es de tenor siguiente:

México, df. 29 de marzo de 1915.

Señor J. M. Cardoso de Oliveira,
Ministro del Brasil, Encargado de los intereses americanos
Presente

Señor Ministro:

En contestación a su atenta fechada el 29 del corriente, relativa a la indemnización de $160.00,00, que el gobierno mexicano está dispuesto a pagar por los perjuicios materiales que hayamos sufrido con motivo de la muerte violenta de mi esposo el sr. John B. McManus, tengo el gusto de manifestar a Ud. que siempre que el referido pago sea efectuado durante el día de hoy, y que el mismo se haga en billetes de circulación forzosa, por la presente acepto dicha indemnización a mi nombre y al mis menos hijos prefiriendo que el referido pago se haga en la forma de un cheque a mi favor, expedido por el

gobierno de la República. En caso de verificarse el referido pago en esta fecha, por la presente considero que la cantidad de $160.000,00, la recibo como total indemnización del perjuicio material que nos haya causado por la muerte violenta de que fue víctima el señor mi esposo, renunciando por mí, y a nombre de mis menores hijos, las acciones a que pudiere tener derecho con este motivo.

Sin otro particular, quedo de Usted, muy atentamente.

(Firmado) Ruth G. Wood,
Vda. de McManus

(Firmado) Testigo: D. A. McAuliffe
(Firmado) Testigo: S. F. Fuller

Aprovecho la oportunidad para reiterar a Usted con este motivo, las seguridades de mi distinguida consideración y particular aprecio.

(Firmado) J. M. Cardoso de Oliveira

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 8*]

March, 30th. 1915.

The Hon. J. M. Cardoso de Oliveira
Legación de Brasil
Calle Londres n. 102

My dear Mr. Minister:

I wish to thank you for the great kindness which you have shown me during the past eighteen days by securing in so short a time the liberal indemnity from Mexican government which was deposited to my account this morning.

No one can realize the anxiety from which this relieves me, left as I was without adequate support for my four small children.

You have accomplished what seemed to all Americans an impossibility, and I have no words in which to express my gratitude.

With sincerest wishes for the welfare of you and yours.

I remain

Most cordially

(Signed) Ruth W. McManus

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 9*]

WASHINGTON – APRIL 1ST. 1915 – 605 – DUBMY– We are very much gratified to learn that the McManus case has been satisfactory settled and the money paid. We compliment you upon the success that you have achieved in this matter. It is an additional evidence of your capacity and efficiency. – W. J. BRYAN

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 10*]

WASHINGTON – APRIL 2ND, 1915 – BRAZILIAN MINISTER – MEXICO CITY – 608 – FOBGY – YOUR 472 DURMI AND YOUR 476 DURLY – Kindly advise Department exact amount of indemnity paid and circumstances of payment. Please accept Departments sincere thanks for your invaluable services McManus case. They add largely to great obligation under which you have placed this government. Department glad to learn that as was to be expected Mrs. McManus properly appreciates your services. General Garza's treatment of case has been very gratifying to the department. Please [d]o inform him. – W. J. BRYAN

Conforme:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

OFÍCIO • 27 ABR. 1915 • AHI 221/01/07

Seção do Protocolo / N. 2

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 27 de abril de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência os textos abaixo transcritos dos telegramas que nesta data recebi do senhor presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson e do secretário de Estado W. J. Bryan e bem assim das respostas que lhes dei:

WASHINGTON, 27 DE ABRIL DE 1915. – BRAZILIAN MINISTER – MÉXICO – A year ago you were kind enough to accede to this government request that you act as its diplomatic representative in Mexico and I cannot allow this anniversary to pass without expressing my cordial appreciation of your generosity in adding so largely to the cares of office and of the efficient manner in which you have under the most trying circumstances more than risen to the exacting requirements of this representation. I am repeating this telegram to your government and thanking it for permitting you to thus act for the United States. – (SIGNED) WOODROW WILSON , PRESIDENT OF THE UNITED STATES

WASHINGTON, 27 DE ABRIL DE 1915. – BRAZILIAN MINISTER IN MEXICO – I join the president in congratulations and thanks. This year during which you have been kind enough to give this nation diplomatic representation in Mexico City has been an exceedingly trying one. You have met every requirement and been equal to every emergency. We feel under great obligation to you and your government for the services which you have so generously and efficiently rendered. – (SIGNED) W. J. BRYAN

MÉXICO, 27 DE ABRIL DE 1915. – SECSTATE – WASHINGTON – Kindly convey following message: His Excellency, Woodrow Wilson, President of the United States. I feel deeply thankful and proud of Your Excellency's generous appreciation of some services which only earnest devotedness greatly helped by good chance has given me the pleasure to render to Americans here. The honor with which your Excellency favored me by sending

> your telegram is therefore more to be taken as an additional demonstration of your great kindness. – J. M. CARDOSO DE OLIVEIRA, BRAZILIAN MINISTER
>
> MÉXICO, 27 DE ABRIL DE 1915. – SECSTATE – WASHINGTON – Although your have accustomed me to frequent demonstrations of your kindness and shown higher appreciation of my services than they really deserved none of your demonstrations touched me so deeply as your telegram of today. Kindly accept my sincere thanks and believe in my earnest desire to always please you and your government. – J. M. CARDOSO DE OLIVEIRA, BRAZILIAN MINISTER

Confirmo igualmente o seguinte telegrama que tive a honra de dirigir a Vossa Excelência hoje:

> 17 – Bryan telegrafou-me: Faço meus [*os*] agradecimentos [*e*] congratulações presidente. Ano decorrido excessivamente difícil. Vocência manifestou-se altura necessidades todas emergências. Devemos grandes obrigações Vocência [*e*] seu governo [*por*] serviços tão generosa [*e*] eficazmente prestados.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 28 ABR. 1915 • AHI 221/01/07

Seção do Protocolo / N. 3

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México 28 de abril de 1915.

Senhor Subsecretário de Estado,

Tenho a honra de acusar recebido o seguinte telegrama de Vossa Excelência datado de ontem:

> Tenho honra comunicar Vocência que Sua Excelência senhor ministro Lauro Müller partiu ontem a fim visitar oficialmente governos repúblicas Uruguai Argentina Chile e que na sua ausência ficarei encarregado gerência deste ministério. – FREDERICO AFFONSO CARVALHO

Agradecendo essa comunicação faço votos pelo feliz êxito da viagem do ministro dr. Lauro Müller e peço vênia para congratular-me com Vossa Excelência, a quem reitero os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Frederico Affonso de Carvalho
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores
Encarregado do expediente do Ministério das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 01 JUN. 1915 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Econômico-Consulares / N. 1

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México 1 de junho de 1915.

Senhor Subsecretário de Estado,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas trocados entre esse ministério e a legação a meu cargo:

> RIO, 21 DE MAIO DE 1915. – BRASLEG – MÉXICO – NÚMERO 3. Rogo informar telégrafo funcionamento consulados nesse país. – EXTERIORES

> MÉXICO, 26 DE MAIO DE 1915 – EXTERIORES – RIO DE JANEIRO – Respondo 3. Heynen cônsul México, ainda sem exequátur, pediu exoneração março 1914 por ser agente vapores rogo conservá-lo porto considerando nula minha resposta Fontoura. Mathiessen vice-cônsul reconhecido dirigindo consulado ausência Heynen. Deschamps vice-cônsul Vera-Cruz. Cazaurang agente comercial. Não funcionam ainda Wolf, Barthmann, Jeffries vice-cônsules respectivamente Tampico, Puerto-México, Tuxpán falta reconhe-

cimento e Eckard proposto Salina-Cruz dois primeiros empregados agencias vapores. – CARDOSO

Cabe-me agora explicar as minhas informações, lembrando que o senhor Carlos Heynen, que era vice-cônsul na Cidade do México e Distrito Federal, devidamente reconhecido, foi por proposta minha, em ofício n. 2 de 28 de janeiro de 1913 à 3ª seção, nomeado cônsul nesta mesma cidade, com jurisdição em todo país na vaga do falecido senhor Othon Theil.

Por despacho n. 6, de 30 de junho de 1913, 3ª seção, remetendo a sua carta patente, ordenou-me esse ministério que solicitasse seu exequátur, o que fiz imediatamente. Enquanto se esperava essa formalidade, o senhor Heynen, que dirigia o consulado em sua qualidade de vice-cônsul, nomeou os senhores Friedrich W. Wolf, vice-cônsul em Tampico; John Speedie, vice-cônsul em Tuxpán; Cesar Barthmann, vice-cônsul em Puerto-México; Jarvas Jeffries, vice-cônsul em Salina-Cruz.

Por proposta minha, em ofício n. 7 de 12 de agosto de 1913, foi nomeado vice-cônsul nesta cidade o senhor W. Mathiessen, nomeação aprovada conforme despacho n. 15 de 17 de novembro do mesmo ano.

As nomeações dos vice-cônsules foram aprovadas por Vossa Excelência conforme o despacho n. 7, de 30 de setembro de 1913, com o qual me foram remetidos os respectivos títulos de aprovação que ficaram esperando a solução que daria o governo do general Huerta ao pedido de exequátur mencionado.

Assim estavam as coisas quando, em março do ano passado, constando ao senhor Heynen que a nova Lei de Orçamento proibia que os cônsules honorários fossem ao mesmo tempo agentes de companhias de vapores, o que era o seu caso, ofereceu sua exoneração, o que comuniquei a Vossa Excelência por ofício n. 3, de 11 de março de 1914, desta série, no qual propus a nomeação do senhor Antônio Carneiro Fontoura para substituí-lo, caso fosse aceito o pedido de exoneração.

Como não houve resolução de Vossa Excelência, conhecida aqui, continuou o senhor Heynen dirigindo o consulado como vice-cônsul, tendo eu, à vista do exposto, retirado o pedido de exequátur. Por necessidade do serviço dos interesses americanos, partindo o senhor Heynen para Nova York, solicitei do governo de fato de então que autorizasse o senhor Mathiessen, nomeado

vice-cônsul e aprovado por Vossa Excelência, a funcionar, o que está fazendo até agora com muita inteligência e eficácia, tendo a seu cargo os interesses consulares americanos.

Por falecimento do senhor John Speedie, que havia sido nomeado vice-cônsul em Tuxpán, propus para substituí-lo o senhor Alfredo Eckard, em ofício n. 2, de 25 de fevereiro do ano passado, a cujo respeito ainda não tive conhecimento da resolução de Vossa Excelência.

Como parece que não foi posta em execução a disposição orçamentária que levou o senhor Heynen a oferecer sua exoneração – disposição que, aliás, não foi reproduzida no orçamento vigente – pedi a Vossa Excelência considerasse sem efeito o pedido de exoneração aludido e, em qualquer hipótese, a proposta de nomeação do senhor Fontoura, que tenho profundo pesar de informar, pelo seu ulterior procedimento, surpreendentemente, contrário ao que eu havia informado, não mais merece aquela consideração. Se necessário, farei outra proposta.

Dos nomeados vice-cônsules, os senhores F. W. Wolf e Cesar Barthmann, como disse em meu telegrama, são empregados de alta categoria de agências de vapores cujos diretores substituem, em suas ausências.

Em Vera-Cruz funcionam os vice-cônsules e agente comercial senhores Armando Deschamps e Luis Casaurang, respectivamente.

Rogo a Vossa Excelência se sirva mandar-me suas ordens sobre todos estes pontos, para minha orientação, quando houver um governo estabelecido.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Frederico Affonso de Carvalho
Subsecretário de Estado das Relações Exteriores
Encarregado do expediente do Ministério das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 12 JUN. 1915 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 10

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 12 de junho de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que me coube dirigir a Vossa Excelência em 3, 4 e 10 do corrente mês:

> 19 – Entreguei governo intimação presidente Estados Unidos numerosos chefes revolucionários unirem-se terminar revolução remediar anarquia males inclusive fome, formar governo estável suscetível reconhecimento demais nações e ameaçando apoiar moralmente pessoa ou grupo capaz disto se atuais chefes incapazes. Declara solenemente se revolucionários não solucionarem suas divergências dentro prazo muito curto governo americano será obrigado decidir que meios empregar para ajudar México salvar-se e servir seu povo.
>
> 20 – Governo aqui aceitando insinuação Estados Unidos começou trabalhos união revolucionários. Ignoro atitude outras facções.
>
> 21 – Em vez probabilidade união sugerida Estados Unidos convenção depôs presidente nomeou Lagos Chazaro criou comissão salvação pública punir inimigos revolução além confiscação bens feitas. Por seu lado Carranza não respondeu convite ex-presidente unirem-se espera ocupar cidade semana próxima.

Nas cópias anexas, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência o original inglês e a tradução da nota enviada pelo presidente Woodrow Wilson a que me refiro no telegrama sob n. 19, acima confirmado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

[*Anexo*]

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 3 de junio de 1915.

N. 508

Señor Oficial Mayor:

Tengo el honor de comunicar a Usted, en su lenguaje original para mayor fidelidad, el siguiente telegrama que acabo de recibir del gobierno de Washington, rogándole tenga la bondad de transmitirlo al señor general Roque Gonzáles Garza, presidente de la Convención, encargado del Poder Ejecutivo, para su conocimiento y para que se sirva hacerlo saber a quien corresponda:

Washington, June 2nd, 1915.

Brazilian Minister
Mexico

You will please lay before the Mexico City authorities, for their information, the following public statement just issued by the president:

PRESIDENT'S STATEMENT

For more than two years, revolutionary conditions have existed in Mexico; the purpose of the revolution was to rid Mexico of men who ignored the Constitution of the Republic and used their power in contempt of the rights of its people and, with these purposes, the people of the United States instinctively and generously sympathized, but the leaders of the revolution, in the very hour of their success, have disagreed and turned their arms against one another. All professing the same objects, they are, nevertheless, unable or unwilling to cooperate; a central authority at Mexico City is no sooner set up, than it is undermined and its authority denied by those who were expected to support it. Mexico is, apparently, no nearer a solution of her tragically trouble than she was when the revolution was first kindled and she has been swept by civil war as if by fire; her crops are destroyed; her fields lie unseeded; her work cattle are confiscated for the use of the armed factions; her people flee to the mountains to escape being drawn into unavailing bloodshed and no man seems to see or lead the way to peace and settled order. There is no proper protection

either for her own citizen or for the citizens of other nations resident and at work within her territory. Mexico is starving and without a government. In these circumstances, the people and government of the United States cannot stand indifferently by and do nothing to serve their neighbor. They want nothing for themselves in Mexico, least of all do they desire to settle her affairs for her or claim any right to do so, but neither do they wish to see utter ruin come upon her and they deem it their duty, as friends and neighbors, to lend any aid they properly can, to any instrumentality which promises to be effective in bringing about a settlement which will embody the real objects of the revolution, constitutional government and the rights of the people. Patriotic Mexicans are sick at heart and cry out for peace and for every self--sacrifice that may be necessary to procure it. Their people cry out for food and will presently hate, as much as they fear, every man in their country or out of it, who stands between them and their daily bread. It is time, therefore, that the government of the United States should frankly state the policy which in these extraordinary circumstances it becomes its duty to adopt. It must presently do what it has not hitherto done or felt at liberty to do: lend its active moral support to some man or group of men, if such may be found, who can rally the suffering people of Mexico to their support, in an effort to ignore, if they cannot unite, the warring factions of the country; return to the Constitution of the Republic so long in abeyance and set up a government at Mexico City, which the great powers of the world can recognize and deal with; a government with whom the program of the revolution will be a business and not merely a platform. I, therefore, publicly and very solemnly call upon the leaders of faction in Mexico to act promptly for the relief and redemption of their prostrated country. I feel it to be my duty to tell them that if they cannot accommodate their differences and unite for this great purpose, within a very short time, this government will be constrained to decide what means should be employed by the United States, in order to help Mexico save herself and serve her people.

June 2nd 1915.

Woodrow Wilson

Adjunto encontrará Usted la traducción española del referido documento.[40]

Pidiéndole atentamente se sirva honrarme con el acuse de recibo de esta nota, aprovecho la oportunidad para reiterarle las seguridades de mi distinguida consideración y particular aprecio.

(Firmado) J. M. Cardoso de Oliveira

Al Señor Licenciado D. Ismael Palafox
Oficial Mayor
Encargado del Despacho de Relaciones Exteriores
Presente

Confere:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

❖

OFÍCIO[41] • 14 JUN. 1915 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 11

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 14 de junho de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de acusar o recebimento do seguinte telegrama que me foi transmitido pela embaixada do Brasil em Washington:

> CIRCULAR 2 – Comunico que acordo plenos poderes e instruções recebidas do Presidente da República assinei dia vinte e cindo maio findo em Baires com senhores doutor José Luis Maratureministro Relações Exteriores República Argentina e doutor Alexandre Lyra ministro Relações Exteriores Chile tratado para facilitar solução amigável questões que no futuro possam surgir entre os três países ou dois quaisquer deles, no desejo de afirmar naquele momento inteligência cordial que comunhão ideias e interesses criou entre Brasil Argentina Chile e consolidar relações

40 Tradução não transcrita.
41 Intervenção marginal, à esquerda do vocativo: "Tratado do ABC".

> estreita amizade que ligam três países, conjurando possibilidade conflitos violentos no futuro, e de acordo com desígnios concórdia e paz que inspiram sua política internacional e com firme propósito cooperar para que se torne cada vez mais sólida confraternidade repúblicas americanas. Mantendo os atuais tratados de arbitramento, pacto ora assinado determina que as questões que estavam excetuadas do arbitramento por não poderem ser formuladas juridicamente ou por entenderem como preceitos constitucionais dos países, sejam submetidas ao exame e parecer, dentro de um ano em cada caso, de uma comissão permanente composta de um delegado de cada um dos três países que se reunirá em Montevidéu. – LAURO MÜLLER

Nos retalhos anexos do *Mexican Herald* de 13 do corrente Vossa Excelência se servirá de ver a publicação que diz desse telegrama que causou excelente impressão nos meios cultos dessa capital e entre o corpo diplomático. Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência as felicitações que me coube dirigir-lhe no dia 12 por telégrafo.

Tenho a honra de renovar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Doutor Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 16 JUN. 1915 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 12

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México 16 de junho de 1915.

Senhor Ministro,

Em aditamento ao ofício n. 10 desta série, de 12 corrente, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência, nas inclusas cópias, a resposta do governo convencionalista ao apelo feito pelo presidente Woodrow Wilson aos diversos chefes revolucionários para unirem-se em um prazo muito curto sob pena dos

Estados Unidos serem obrigados a decidir que meios empregar para salvar este país.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estados das Relações Exteriores

[*Anexo 1*]

República Mexicana
Secretaría de Relaciones Exteriores
México, Junio 3 de 1915.

N. 509

En vista de la atenta nota de Usted fechada hoy mismo, en la que, por encargo del señor W. J. Bryan, secretario del Departamento de Estado del gobierno de Washington, se sirve comunicar a esta cancillería para conocimiento del ciudadano general Roque González Garza, presidente de la Soberana Convención Revolucionaria encargado del Poder Ejecutivo, las declaraciones que públicamente ha hecho el excelentísimo señor Woodrow Wilson, presidente de los Estados Unidos de Norte América, respecto de cómo aprecia la situación en que, con motivo de la guerra civil, se encuentra la República Mexicana, tengo el honor de decir a Usted en respuesta:

Que el ciudadano presidente de la Soberana Convención Revolucionaria encargado del Poder Ejecutivo queda bien impuesto del contenido de dicha nota, y que el mismo ha acordado se diga a Usted que muy cordialmente le agradece el noble empeño con que se apresuró a informarle de los sentimientos que, respecto a México, abriga el señor presidente de los Estados Unidos de Norte América, y que se preocupa hondamente por las declaraciones que se sirvió formular con su carácter de amigo y vecino, con el objeto de ayudar al pueblo mexicano a obtener la más ventajosa solución de sus dificultades y trastornos interiores.

Este gobierno estima debidamente el interés que el gobierno y el pueblo americanos han tenido a bien manifestar a favor de

México, y puede Usted indicar al señor W. J. Bryan, que el gobierno convencionista se preocupa desde hace tiempo de estudiar los medios que puedan ser más adecuados para lograr la unificación revolucionaria, y, por consiguiente, la pacificación del país.

Además, el propio ciudadano presidente de la Soberana Convención Revolucionaria encargado del Poder Ejecutivo, manifiesta a Usted por mi conducto, para que se sirva transmitirle al señor secretario Bryan, para la legal y más completa forma en que debe resolverse el trascendental asunto que nos ocupa, ha dispuesto transcribir a la Soberana Convención Revolucionaria, la importante nota de Usted, no sin dejar de manifestar que ha observado con pena que la parte final de dicha nota entraña conceptos que pudieran estar en desacuerdo con la política que hasta la fecha ha venido siguiendo el gobierno de Washington, con beneplácito del gobierno y pueblo mexicanos.

Tan luego como la Soberana Convención Revolucionaria resuelva lo conducente, tendré la honra de informar a Usted sobre el particular.

Dígnese Usted aceptar las reiteradas expresiones de mi más distinguida consideración y particular aprecio.

El Oficial Mayor, encargado del Despacho
(Firmado) Ismael Palafox

A Su Excelencia J. M. Cardoso de Oliveira
Ministro Plenipotenciario del Brasil
Encargado de los Negocios de Norte América

Confere:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

[*Anexo 2*]

México, 15 de Junio de 1915.

N. 1083

Señor Ministro:

Con motivo de las declaraciones que públicamente hizo Su Excelencia el señor presidente Wilson, sobre la política que

seguirá en los asuntos de México, la Soberana Convención Revolucionaria tuvo a bien autorizar al c[iudadano] encargado del Poder Ejecutivo para hacer las siguientes declaraciones conforme a las bases aprobadas por la misma soberana convención, encareciéndole a Usted muy atentamente, que se sirva transmitirlas al gobierno de Washington:

> La revolución, que derrocó a un gobierno emanado del asesinato y la usurpación, y que según declaraciones del presidente Wilson tuvo todas sus simpatías y las del pueblo americano, en la hora precisa del triunfo y cuando se esbozaban tendencias personalistas, que forzosa y necesariamente habrían impedido llevar a cabo las reformas exigidas y realizar los ideales perseguidos, dividiese en tres grandes grupos, cuyas aspiraciones, si bien ofrecían puntos comunes en cuanto a sus finalidades, diferenciabanse y diferencianse muy profundamente por la forma y por los procedimientos de alcanzar estas.
>
> Esta división inesperada para la inmensa mayoría del país, pero inevitable para los que conocían el carácter francamente personalista de una parte principal del grupo director de la facción constitucionalista y las tendencias manifiestamente democráticas de los grupos restantes, dio margen a la idea de congregar en una asamblea a los más importantes elementos de las facciones armadas, a efecto de encontrar una solución armónica a todas sus divergencias y evitar así otra lucha que ensangrentase nuevamente el país.
>
> Tal fue el origen de la Soberana Convención Revolucionaria, cuyas labores iníciales, emprendidas en Aguascalientes, se consagraron exclusivamente a unificar dentro de amplia fórmula democrática, todos los intereses y todas las aspiraciones de los diversos grupos revolucionarios.
>
> Desgraciadamente la fusión no pudo ser completa. Uno de sus grupos, el grupo carrancistas, se negó injustificadamente y no obstante que los miembros de estos grupos habían jurado cumplir los acuerdos de la convención, a respetar el decreto en que se confirió al general Eulalio Gutiérrez el cargo de presidente provisional de la república, y esta negativa originó una nueva guerra, no menos cruel que la emprendida para derribar el régimen de la usurpación huertista.
>
> No obstante la injustificación [*sic*] de la rebeldía carrancista; a pesar de que sus representantes protestaron por su honor obedecer las resoluciones de la convención, no obstante la conducta que contrasta verdaderamente con la actitud mensurada y serena de la

prensa convencionista; no obstante, en fin, inesperadas infidencias, la convención ha persistido en la noble tarea de unificar a todos los elementos revolucionarios, y al efecto y últimamente, pero anterior a la nota que motiva estas declaraciones, se ha hecho un nuevo llamamiento a los principales jefes carrancistas proponiéndoles desde luego concertar un armisticio como base indispensable para llegar a un acuerdo satisfactorio.

No es de creerse, dada la situación angustiosa que atraviesa el país, que el grupo carrancista se obstine en esta ocasión en no acudir al llamado que se le hace; pero si así fuese, si se negara una vez más a escuchar este llamamiento de fraternidad y concordia, quede a dicha facción la responsabilidad histórica, la tremenda responsabilidad histórica de proseguir una guerra fratricida en el pavoroso instante en que la patria exige, como suprema esperanza de vida, la unión de todos aquellos que han sabido morir por verla próspera y libre.

Pero sean cuales fueren los resultados de la labor de unificación emprendida, y en tanto que se llega a esta finalidad, el gobierno convencionista tenderá invariablemente a establecer el imperio de la ley y rehacer el orden constitucional, implantando de antemano todas aquellas reformas a que la revolución aspira, que la convención propone y estudia y a las que el pueblo tiene derecho, y sin las cuales jamás podrá fundarse una paz firme y orgánica.

El hecho de que sea verdaderamente aflictiva y dolorosa la situación que atraviesa el país, no debe sorprender a nadie si se considera que las grandes transformaciones sociales se han efectuado siempre en todos los pueblos por medio de revoluciones violentas y a costa de enormes sacrificios. La lucha es ley de vida y el progreso ha sido invariablemente el resultado del choque de encontradas ideas y de opuestos intereses. Una organización tan defectuosa y corrompida como la que dejó el régimen colonial, perpetuada durante varias centurias y exacerbada por gobiernos despóticos y rapaces, no podía modificarse sin grandes trastornos, sin hondos sacudimientos y sin sangrientas convulsiones. Y así ha sucedido, la revolución que sacude al país desde hace cinco años, que va derribando y destruyendo todos los obstáculos que se oponen a su marcha, era de tal modo necesaria, que sin esta labor demoledora habría sido imposible fundar un orden social basado en la libertad, en la justicia y en una equitativa y más amplia distribución de la riqueza pública. Los daños y perjuicios causados por esta prolongada guerra pierden su importancia, si como es de creerse al término de ella se realizan los ideales

revolucionarios, y se instituye un gobierno en beneficio, no de un grupo, ni de una minoría privilegiada, sino de todas las clases sociales.

El gobierno convencionista no ve ni quiere ver en el fondo de las declaraciones hechas por su excelencia el presidente Wilson, algo más que una advertencia, una insinuación amistosa para estimular a los grupos contendientes a borrar sus disentimientos y encauzarlos en el sentido de las finalidades perseguidas por la revolución.

Ante la declaración de que en el caso de que no podamos los mexicanos arreglar nuestras diferencias dentro de un plazo muy corto, el gobierno de la Unión Americana se vería forzado a decidir que medios deberá emplear para logarlo, el gobierno convencionista no puede comprender cómo el presidente Wilson hace la declaración previa en su misma nota, de que los Estados Unidos no sean ni pretenden tener ningún derecho para resolver los asuntos de México, y a mayor abundamiento el mismo jefe de la nación americana declaró categóricamente en Indianápolis lo siguiente: "Tengo orgullo en pertenecer a una nación poderosa, que dice: Este país, (México), al que nosotros podríamos aplastar, tendrá tanta libertad en sus asuntos, como la que nosotros tenemos; si yo soy fuerte, me avergüenzo de intimar al débil; en proporción con mi fuerza, mi orgullo consiste en mantener esa fuerza libre y no en oprimir con ella a otro pueblo".

Si contrariamente a la interpretación que en sentido más amistoso da el gobierno convencionista a las declaraciones del presidente Wilson, la parte final de éstas significara una negociación de la simpatía instintiva y generosamente demostrada a la revolución mexicana, y significara también presión o amenaza, el gobierno convencionista, aún abrigando la conciencia de su sacrificio, sabría sostener la dignidad del pueblo mexicano.

Por lo demás, seguimos conceptuando que la ideia general del gobierno de los Estados Unidos es ayudarnos amigablemente a terminar esta lucha fratricida, la cual será para el mayor bien de la patria.

El gobierno está dispuesto a procurar por todos los medios compatibles con su dignidad, la fusión de todos los grupos contendientes, a implantar todas las reformas económicas, políticas y sociales perseguidas por la revolución, y a fundar un gobierno fuerte y estable dentro del cual todas las tendencias y todos los intereses legítimos encontrarán amplísima cabida, y gozarán de las garantías que concede nuestra ley fundamental.

Y este proceder que normará invariablemente sus actos, será la

más completa justificación de la conducta de gobierno convencionista, esperando sea debidamente apreciada por todos los gobiernos con quienes cultiva relaciones amistosas.

Junio 14 de 1915.

Francisco Lagos Chazaro

Cumpliendo con lo acordado expresamente por la Soberana Convención Revolucionaria, manifiesto a Usted el cordial agradecimiento de esta honorable asamblea por los buenos oficios de Usted encaminados a resolver dignamente el actual conflicto.

Reitero a Usted por mi parte mi más distinguida consideración y particular aprecio.

(Firmado) Ignacio Borrego

A Su Excelencia J. M. Cardoso de Oliveira
Ministro del Brasil
Encargado de los Intereses Americanos

Presente.
Confere:
Carlos Alberto Moniz Gordilho

❖

OFÍCIO[42] · 05 JUL. 1915 · AHI 221/01/07

Seção da Contabilidade / N. 19

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 5 de julho de 1915.

Senhor Ministro,

Pelas mesmas razões, agora mais agravadas, expendidas no meu ofício n. 4, de 5 de janeiro do corrente ano, desta série, tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Excelência que, utilizando-me da autorização ampla que me foi dada pelo

42 Intervenção, entre a assinatura do remetente e o nome do destinatário: "Ao Senhor F[*ilegível*], pª [*ilegível*]. RH."

telegrama n. 3, de 22 de abril de 1914, saquei nesta data contra a Delegacia do Tesouro do Brasil, em Londres, pela quantia de £ 180.0.0, conforme a inclusa terceira via do respectivo recibo para despesas extraordinárias.

Confiando que, atendendo às condições excepcionais em que aqui me encontro, Vossa Excelência aprovará o meu ato, desde já muito agradeço e aproveito o ensejo para lhe reiterar, Senhor Ministro, os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 19 JUL. 1915 • AHI 221/01/07

Seção de Protocolo / N. 5

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 19 de julho de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas trocados entre esse ministério e a legação a meu cargo:

> RIO, 6 DE JULHO DE 1915 (Recebido em 14 de julho) – Queira dar notícias Elisa T. Pichardo Calle 4ª de Soto 69 ou Calle de Ramon Guzman 43 México.
>
> MÉXICO, 15 DE JULHO DE 1915 – 24 – Senhora Pichardo bem, necessitando mil dólares despesas educação filhas.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO • 20 JUL. 1915 • AHI 221/01/07

Seção dos Negócios Políticos e Diplomáticos da América / N. 13

Legação dos Estados Unidos do Brasil
México, 20 de julho de 1915.

Senhor Ministro,

Tenho a honra de confirmar os seguintes telegramas que me coube dirigir a Vossa Excelência em 11, 18 e 19 do corrente:

> 23 – Depois semanas sofrimento sítio inclusive completa interrupção telégrafo, carrancistas prestes ocupar cidade evacuada adversários.
>
> 26 – Causa aproximação tropas Villa, carrancistas evacuaram novamente cidade ocupada semana passada. Falta[*m*] víveres, extrema dificuldade circulação papel moeda completamente desacreditado situação desesperada.
>
> 27 – Zapatistas senhores cidade, continuando péssima situação.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A Sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

OFÍCIO[43] • 27 AGO. 1915 • AHI 221/01/07

S/N.

Legação dos Estados Unidos do Brasil
Washington, 27 de agosto de 1915.

Senhor Ministro,

De acordo com as ordens em vigor, tenho a honra de passar às mãos de Vossa Excelência as inclusas terceiras vias dos recibos

43 Intervenção, entre a assinatura do remetente e o nome do destinatário, grafada com lápis azul: "Ministro no México."

remetidos à Delegacia do Tesouro do Brasil em Londres, referentes aos meus vencimentos e aos do segundo secretário senhor Carlos Alberto Moniz Gordilho no mês de julho próximo findo e, bem assim, ao pagamento dos telegramas expedidos nos meses de julho e agosto e ao das despesas de viagens minhas e do secretário Gordilho, autorizadas por esse ministério, em telegramas de 3 e 6 do corrente.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha respeitosa consideração.

J. M. Cardoso de Oliveira

A sua Excelência o Senhor Dr. Lauro Müller
Ministro de Estado das Relações Exteriores

❖

México, terra altaneira

Reminiscências
(1912 – 1915)

Apresentação

O relato que se segue foi composto pelo Embaixador Cardoso de Oliveira, ao menos duas décadas depois de acontecidos os fatos que narra, com base em suas anotações e a ajuda de cartas escritas por sua família no período. Trata-se de um dos volumes que compilou para o que denominou "Coleção dos Netos". Na capa, um pequeno texto explanatório:

> Reminiscências... Este é um dos cinco volumes, que me pedistes, formando a vossa coleção, para que, quando fordes grandes, vos façam recordar, perfumadas de saudades, as diversas modalidades do meu espírito.

Na primeira página, o Embaixador Cardoso de Oliveira dedica o trabalho aos mexicanos, com votos de sólida ventura, e a sua própria família que, acompanhando o sofrimento daquele povo, sofreu com ele.

As *Reminiscências* complementam – de um ponto de vista pessoal – a documentação oficial do representante do Brasil no México, que se viu na contingência de assumir a espinhosa tarefa de prestar bons ofícios aos Estados Unidos da América, por

ocasião da ruptura de relações diplomáticas entre aqueles dois países, vizinhos, num dos períodos mais conturbados da história do México.

O relato do Embaixador Cardoso de Oliveira fala por si: passou por um ligeiro trabalho de edição, na intenção de atualizar a ortografia e suprimir referências mais íntimas, dirigidas apenas a seus netos. O interesse do CHDD, e dos pesquisadores que saberão utilizá-lo, se concentra em sua parte substantiva, não obstante as pitadas pitorescas que agrega ao que terá sido uma rotina prolongada e difícil. A narrativa deixa transparecer o fardo daqueles dias sobre toda a população da capital mexicana, naturalmente compartilhado pelos representantes diplomáticos ali remanescentes.

O texto e a imagem que o ilustra foram cedidos por um dos netos a receber a "Coleção" de seu avô materno: o também Embaixador Paulo Pires do Rio, que aprovou o trabalho de edição executado no CHDD e autorizou sua publicação.

MÉXICO, TERRA ALTANEIRA
REMINISCÊNCIAS
1912 – 1915

Embaixador José Manuel Cardoso de Oliveira

Convém Dizer

"C'est ici un livre de bonne foi..."
Les Essais de Montaigne

Poderia começar por aquelas palavras com que o afável escritor abre o seu prólogo, porque se trata realmente de um livro sincero, composto para bem dizer com o coração nas mãos, filho do afeto e da admiração, ditado pela saudade.

Não me propus escrever os anais do México em determinada época, crítica histórica, nem propriamente memórias diplomáticas e, muito menos, estudos psicológicos; mas, simplesmente, sem rigoroso apego à ordem cronológica e primando a espontaneidade, fixar, de um período de minha vida, um punhado de reminiscências de toda espécie. Se foram elas, por vezes, de impressões e peripécias pouco aprazíveis, não me deixaram menos saudades: vivendo-as e recordando-as, parece-me que minha existência, pelo menos naquela quadra, não foi completamente inútil, pois que, sofrendo com quem sofria, pude fazer algum bem.

Para o bom entendimento e apreciação dos episódios e dizeres, tinha, porém, de colocá-los nas cenas onde se deram, ou de onde se originaram, razão pela qual me foi necessário, sem carregar as cores, contar sucintamente, como a arcabouço a que eles se prendessem, os acontecimentos decorridos no México durante minha estada ali. Faço-o – como se verá – sem paixão, nem comentários e, muito menos, parcialidade; narro-os, simplesmente, sem ter em mira as pessoas, de quem não fiz juízos, que alguns fatos pudessem autorizar, respeitando--lhes as opiniões e as ponderosas razões que cada um deve ter tido para agir e salvaguardando-lhes as boas intenções.

E, aliás, sinceramente o digo, lembrar agora os conhecidos episódios, as calamidades que assoberbaram o México e a desordem em que se debateu, capaz de paralisar, senão para sempre, pelo menos por muitas décadas, outra aglomeração menos vigorosa da humanidade, não é, de forma alguma, deprimi-lo. É, ao contrário, exaltá-lo, pois que assim se evidenciam as qualidades fundamentais

daquele grande povo, que – tirando forças do próprio aparente aniquilamento momentâneo – soube tão prestes refundir-se na personalidade jurídica, social e política que ocupa, hoje, o lugar que lhe compete na família internacional: porque, saibam os superficialmente informados, o México não é só aquele teatro de distúrbios sangrentos, mas também o esplêndido cenário de belezas naturais e arquitetônicas de sucessivas civilizações, foco de progresso material, intelectual e artístico, e promissora lavra de uma forte mentalidade nova.

Constrangem sempre as referências a si próprio, mas, neste caso, foram inevitáveis, dado o já explicado escopo do livro. Poderia tê-lo redigido sob pseudônimo, na terceira pessoa ou emprestado a pena a algum suposto secretário particular, fiel e espontâneo cronista dos meus atos; mas, além de ser este um recurso já demasiado puído pelo uso geral, pareceu-me mais leal escrevê-lo como o fiz, sem ilusórios subterfúgios de falsa modéstia. Demais, militou a favor disto uma razão decisiva: sendo estas reminiscências tanto minhas quanto de minha família e tendo-as ouvido os meus netos – a cujo pedido as escrevi – de nossa própria boca, causar-lhes-ia estranheza e a nós vexames, por nos poder diminuir a seus olhos, que as lessem depois sob nome fingido, dando-lhes a falsa impressão de serem ecos de fatos menos verídicos, senão de meras invencionices, de que nos pejássemos de assumir publicamente a responsabilidade. Mais valeria, então, silenciá-las.

Fique-se, entretanto, desde já prevenido de que, sem vaidade ou gabolice, pois que, entre meus defeitos não tem cabida o prurido de exibição, quando falo de mim, ou transcrevo documentos laudatórios, faço-o despreocupadamente, como se me referisse a pessoa estranha, só encarando nela o representante do meu país; e, se alguma glória veio dos meus atos, recaia inteira sobre o Brasil: foi este o meu maior prazer e orgulho único.

Afinal, constituem estas reminiscências, além de aprazimento próprio, um saudoso preito de amizade e respeito ao magnífico país irmão americano, e de carinho à minha família, cuja constante companhia, serenidade e conforto foram o meu maior alento.

Devo dizer, ainda, que de todos os fatos referidos e de outros, que conosco se passaram, possuo no meu arquivo particular provas autênticas cuja transcrição integral, ou simples menção, seria demasiadamente fastidiosa; e, demais, não teriam cabimento em uma obra que não é um relatório oficial, um livro verde – ou de qualquer outra cor – e, sim e principalmente, de recordações que visam menos ao trágico do que ao pitoresco.

❖

Uma última observação: empregando frequentemente a linguagem da primeira pessoa do plural do indicativo, não o faço por adotar o antigo estilo pretensioso que tal autorizava: não, quero referir-me a mim e à minha família, ou a mim e ao leitor ou às pessoas que tenho em mente.

PRIMEIRA PARTE

OBSERVAÇÃO E EXPECTATIVA PRELIMINARES

Conselheiro de legação em Londres e chamado, em 1907, para substituir Domício da Gama, que havia sido designado para outras funções, servi durante o período de cinco anos no gabinete do grande chanceler, o barão do Rio Branco, cuja memória e nome dispensam adjetivos. Ótima oportunidade assim se me deparou para, além dos múltiplos trabalhos normais e do desempenho das funções de introdutor diplomático, aproveitar as maiores facilidades proporcionadas pelo cargo e pela longa permanência no país a fim de realizar, com sua plena aprovação, o meu velho e acariciado projeto de entregar-me, a meu ver bem utilmente, à verdadeira tarefa de beneditino de compor a "Coleção de Tratados" de 1808 até nossos dias, manuscrito de mais de seis mil páginas, que por motivos imprevistos ficou inédito. Disto, a minha nova resolução de escrever e publicar, em 1912, os dois alentados volumes do mesmo gênero (960 páginas impressas) dos "Atos Diplomáticos do Brasil". E, seja dito de passagem, sem a mínima vantagem material extraordinária.

Ainda mais se agravou a já bem árdua tarefa pela circunstância, para mim tão lamentável, da destruição da parte já impressa e de mais de mil páginas do original, pelo incêndio da Tipografia Nacional, na triste madrugada de 15 de setembro de 1911, que me obrigou à penosa e urgente recomposição, enquanto estavam as ideias, por assim dizer, ainda quentes da forja.

Confesso, aliás, o meu desânimo, quando, sem cópia alguma organizada do original reduzido a cinzas, me vi num quarto d'Hotel América, diante de extensa mesa abarrotada de milhares de retalhos de papéis e de provas velhas em completa desordem, tudo em parte destruído ou desfalcado, e de um monte de relatórios, coleções de leis e livros, que, postos uns sobre os outros, iam a uma altura maior que a minha e que eu devia novamente perlustrar e destrinçar página por página. É para registrar, como circunstância salvadora, a minha felicíssima

inspiração de ter ido, na tarde anterior, buscar grande parte do original até o fim, que ainda não estava em composição, para acrescentar o resultado de algumas novas pesquisas. Se assim não fosse, teria sido completa a perda da obra, que provavelmente não me sentiria com forças de refazer de princípio a fim.

Foi assim que me encontrou um bom amigo, redator de conceituado jornal, que, olhando-me consternado, me confessou:

– É uma tarefa quase sobre-humana! E, não se zangue, mas duvido que tenha ânimo e paciência de levá-la a cabo.

E teria sido este o meu principal reativo, se já não mo tivesse aplicado a confiante fleuma de Rio Branco, quando lhe dei parte do ocorrido:

– Foi pena, mas o senhor poderá recompô-la em pouco tempo.

❖

Vêm a propósito esses preliminares, porque, quando nas vésperas da minha partida para o México, onde iria exercer o cargo de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Brasil, fui entregar o livro ao então ministro Lauro Müller, ele, conhecedor de tudo aquilo, manifestou-me o seu apreço nestes bondosos termos:

– Gosto do senhor, sobretudo mais, por ser um grande trabalhador.

E – sem segunda intenção, quero crer – sugeriu-me a hipótese de aposentar-me, pois já tinha o tempo de serviço naquela época exigido, e ficar no Rio de Janeiro encarregando-me de trabalhos semelhantes àquele, que seriam devidamente retribuídos, e lhe pareciam de maior utilidade para o ministério e mais interessantes para mim, do que o desempenho de uma missão diplomática mais ou menos apagada e que se lhe afigurava infrutífera, num país longínquo e nas condições perturbadas e perigosas em que se achava aquele. Era também esta, aliás, a opinião de todos os meus parentes e conhecidos, à exceção do meu venerando e saudoso amigo, doutor Heráclito Graça. Acabou o ministro a conversa perguntando-me:

– Afinal, que horizonte vê o senhor indo agora para o México?

– O que a minha boa estrela me indicar – e, sorrindo, ponderei – tenho estado longo tempo afastado do serviço regular da carreira, em situação geral e erradamente considerada sinecura, apesar de no meu caso ter demonstrado o contrário com os trabalhos que tanto lhe agradaram, tenho dela algumas saudades; e, demais, tenta-me experimentar a encardinação de ministro, cargo que por enquanto só conheço, digamos, em brochura.

Aludia ao fato de já ter sido promovido àquele posto na Colômbia e na Bolívia, continuando, porém, no Rio de Janeiro na comissão em que estava, até completar aquela obra, que o Barão considerava utilíssima e indispensável.

E por ali ficou a conversa. Mais tarde, porém, vieram o tempo e as circunstâncias dar-me razão, como ele próprio comentava.

É, entretanto, bastante curioso observar e considerar que fora o mesmo ministro Lauro Müller quem me tinha removido para o México, pondo para isto sem efeito a minha designação para o Japão, que, ao falecer Rio Branco, estava feita e assinada! Levou-o a isto, dizia, a circunstância de querer mandar, como mandou, exercer o cargo de ministro na Argentina o ex-presidente Campos Salles, em gentil retribuição à vinda do ex-presidente general Roca como ministro daquela república amiga do Brasil; e essa resolução impediu o movimento já feito, em virtude do qual iria eu para o então interessante posto oriental.

DO RIO DE JANEIRO À NOVA YORK

A bordo do *Vasari*, parti para o meu destino, via Nova York, na bela tarde de 17 de julho de 1912, acompanhado de minha mulher e minhas quatro filhas, fiéis companheiras de todas as horas, boas e más, ainda mesmo nas mais enervantes e arriscadas, como bem se aquilatará no correr da leitura.

Minhas breves referências à viagem até à capital mexicana coadunam-se com impressões de peculiaridades descritas em longas cartas, com a espontaneidade, a cor do momento e o

perfume da ingenuidade, por uma de minhas filhas, enviadas aos parentes e de que se fez uma edição particular, muito limitada.

A 27, na ilha de Trinidad, era forte o calor pela manhã, quando desembarcamos em Port of Spain, bonito visto de bordo.

No dia seguinte, Barbados, onde desembarcamos em Bridgetown, mais interessante que Port of Spain. Calor muito forte e pouco mais ou menos como a ilha anterior.

A 5 de agosto, pela manhã, chegada à Nova York. Fomos para o Hotel Astor, um dos melhores de Nova York, que era esplêndido. Tinha doze andares, sendo o nosso apartamento no sexto e olhando para a rua: lá de cima, as pessoas pareciam anõezinhos.

Minha mulher e eu já conhecíamos a grandiosa metrópole, quando da nossa passagem em novembro de 1897, em caminho para Nova Orleans aonde eu ia, como cônsul, instalar o primeiro consulado do Brasil ali.

DE NOVA YORK A VERA-CRUZ

Por estarem interrompidas as comunicações ferroviárias entre os Estados Unidos e o México, dali partimos a 15 de agosto a bordo de um verdadeiro macróbio dos mares, o *Segurança*, carcomido e já muito desconfortável paquete, meu conhecido de vinte e sete anos antes, quando, estudante, nele viajei da Bahia ao Recife.

Havana, no dia 19 à noite: ao findar o jantar, já se avistavam as costas. Quanto sentimos não ter podido visitar detidamente Havana, como merecia, tendo apenas visto por fora a catedral, em que estiveram os restos mortais de Colombo, trazidos em 1795 de São Domingos, onde jaziam desde 1536, tendo sido em 1899 transportados para a Espanha e depostos na catedral de Sevilha. Guardamos, porém, boa recordação do afetuoso agasalho e excelente palestra do amigo, então ali ministro, Luís Guimarães e de sua distinta senhora.

No dia 24 de agosto, desembarcamos afinal em Vera-Cruz, de cujo porto já se avistavam os picos de Orizaba, ornados de neve.

Ali deveríamos tomar o trem da manhã; havendo, porém, chegado tarde demais para isto, ficou combinado com as autoridades

mexicanas, que nos receberam e encheram de atenções, que subiríamos pelo da manhã seguinte, por ser arriscado aproveitar o da tarde e viajar de noite por causa dos frequentes ataques aos trens e depredações causadas pelos rebeldes naquela zona. Dos últimos e dos mais tremendos, ainda recentes, já tínhamos tido notícias desde Nova York, nas vésperas da nossa partida.

E, acompanhados por aquelas amáveis pessoas, fomos visitar a cidade. Tinham tomado cômodos para nós no Hotel Terminal, que faz parte da estação do mesmo nome; e, depois de ligeira refeição, fomos dar uma volta de carro pela cidade. Interessante, mas triste, como em geral as cidades provincianas, por falta de movimento: bom calçamento, várias igrejas, regulares as ruas principais e excelente edifício dos telégrafos e correios. E, no campo, mui curiosos montes de areia movediça. Fazia grande calor.

❖

Para retribuir as atenções dos nossos novos amigos, convidei-os a jantar e, antes de sair para o passeio, encomendara um bom cardápio em que figurava salada de frutas:

– De frutas?!... Mas, fique descansado, que as saladas são as especialidades da casa, afirmara-me o gerente.

E ainda me recordo do mau momento que passamos, quando, acompanhando o assado, apresentou-se aquela mistura de ótimas frutas, em grande terrina, como se fosse uma legítima salada de pepinos, temperada com azeite, vinagre *et reliqua*...

Pronto, porém, dissipou-se o aborrecimento, vendo-a saboreada, gabada e repetida pelos convivas, como "o principal prato do jantar, sem desfazer dos mais"! Durante a refeição e na tertúlia que se lhe seguiu, fomos melhor informados dos reais perigos que oferecia naquela ocasião o trajeto entre Vera-Cruz e a capital mexicana, o que certamente contribuiu para passarmos uma das mais incômodas noites de insônia de que temos lembrança, tanto quanto o excessivo calor que nos obrigou a deitar sobre o arame dos enxergões. Agravava ainda mais a situação a companhia de insaciáveis mosquitos, pulgas e outros

pequeninos mas ferozes hóspedes das camas, que provavelmente jamais haviam provado sangue brasileiro. De mais a mais, em boa convivência com alguns morcegos, que amavelmente procuravam servir de ventiladores com o barulhento bater das longas asas.

MONTANHAS ACIMA

Na manhã seguinte, ainda mais alarmados ficamos, quando, chegando à estação, ali encontramos para acompanhar-nos uma escolta de vinte e cinco soldados armados até os dentes, comandados por jovem e galhardo oficial.

A este perguntei se as condições eram tais que realmente aconselhavam aquela medida; e o bom militar, depois de momentos de significativo silêncio, durante os quais cofiava nervosamente o basto bigode, assim pretendeu tranquilizar-nos:

– Senhor Ministro, tem *Usted* aqui 26 homens dispostos a morrer em sua defesa e na de sua nobre família.

– Muito lhe agradeço, Senhor Oficial, a dedicação, mas Deus nos guarde de termos ocasião de pô-la à prova; só desejo que o único líquido vermelho a derramar-se durante o trajeto seja algum bom vinho do país.

❖

De modo que, extenuados de cansaço e sob aquelas péssimas impressões, começamos a garimpar pelas montanhas, desde o nível do mar até a altura de 2.400 metros em que está situada a capital, atravessando assim durante o pequeno período de doze horas diferentes altitudes e climas respectivos, com suas variegadas vegetações.

Dentro em pouco, porém, começava a dissipar-se a inquietação em que partíramos, já pela não ocorrência de incidente algum desagradável nos trechos considerados mais perigosos, já pelo encanto proporcionado pelo majestoso das soberbas montanhas com seus picos eternamente coroados de neve, a vastidão, verdura e beleza dos lindos panoramas e a grandiosidade das obras de engenharia; e não menos por termos escapado das

torturas da *puna*, o incomodíssimo mal das alturas que, fatal para algumas pessoas, em outras causa tonteiras, ansiedade, síncopes e hemorragias nasais e auriculares; e, segundo ainda me afirmaram, até pelos cantos dos olhos e das unhas!

E fomos esquecendo os temores pelo esplendor da viagem.

A CIDADE DOS PALÁCIOS

À boca da noite, chegamos à capital mexicana, justamente chamada a cidade dos palácios e sede da primavera eterna, recebidos pelo chefe do protocolo e pelo bom colega e amigo Epaminondas Chermont, até então encarregado de negócios, e sua carinhosa senhora, de cuja agradável convivência e sólida amizade guardamos gratíssima recordação.

Hospedamo-nos no confortável Hotel Lascurain, na Avenida dos Homens Ilustres, de propriedade, seja dito de passagem, do então ministro das Relações Exteriores do mesmo nome, que por isso o frequentava assiduamente, começando daí as nossas excelentes relações.

Em frente à grande alameda, imenso quadrilátero ajardinado, com árvores altíssimas e soberbamente frondosas, e plantas e flores de várias espécies: a um canto, para as classes cultas e então ainda em construção em mármore, magnífico teatro, que, em vez de pano de boca, teria uma espécie de vitral ou parede inteiriça de mosaico, representando típica paisagem mexicana. Ao passo que o próprio jardim era o teatro das classes populares, pois que ali, além de concertos pelas bandas militares em elegantes coretos, se lhe celebravam as festas tão características, inclusive as pitorescas e alegres feiras, durante duas semanas, para a comemoração do dia de Finados, que no México não era uma data de luto e desolação, mas, ao contrário, de alegria, danças, bródios e folguedos junto aos túmulos e nas praças e ruas.

Vendiam-se nas barraquinhas interessantes objetos fabricados pelos índios, alguns de delicadeza incrível; e pratos da cozinha nacional. As corridas de touros à espanhola eram o mais apreciado divertimento, para o qual dispunha a capital da maior

praça de touros do mundo, podendo conter 20.000 espectadores. O que, porém, mais chamava a atenção dos estrangeiros naquelas feiras eram os brinquedos para as crianças: caixõezinhos de defunto, carrinhos de enterros (*los enterritos*) e, o que é ainda mais estranho, caveirinhas e tíbias de açúcar, gulosamente consumidos. Familiarizavam-se, assim, desde pequenos, com a ideia da morte, donde o seu destemor.

❖

Um rápido passeio de automóvel nos deu uma visão de cidade magnífica, servida por bem sortido comércio à americana para a completa satisfação dos mais exigentes. Ruas perfeitamente calçadas, sobressaindo as de São Francisco – a Rua do Ouvidor mexicana, porém muito mais larga – e a de 5 de Maio, paralela, ambas brilhantemente iluminadas, que conduziam à espaçosa Plaza Maior, onde perto da majestosa e opulenta catedral, construída sobre os alicerces do antigo templo dos astecas, se ostenta o enorme Palácio Nacional, ocupando um lado inteiro da praça, edificado nos tempos coloniais por uma planta que, de Espanha, segundo me contaram, era destinada a outra colônia e que lá foi parar por engano.

Dali partiam, duas vezes por semana, os deliciosos corsos de ricos automóveis e carruagens, que se faziam por aquelas ruas, pela Avenida Juárez, que ladeia a alameda acima falada e pelo célebre Paseo de la Reforma, bem semelhante ao de Palermo em Buenos Aires ou aos Campos Elísios em Paris, até o soberbo e extenso Bosque de Chapultepec, que nada fica a dever ao Bois de Boulogne parisiense, nem aos Bois de La Cambre de Bruxelas. Encima-o, em ótima perspectiva, o castelo do mesmo nome, residência que foi do imperador Maximiliano e continuou a ser dos chefes de Estado. Vaidosamente o policiavam os garbosos cavaleiros da Guarda Presidencial.

Pelas suas sombreadas e deleitosas alamedas – a dos Sábios, a dos Poetas etc. – por entre a profusão de exemplares da sua portentosa vegetação, entre os quais os seculares *ahuehuetes* tão gigantescos que só vários homens de mãos dadas poderiam

rodear-lhes os troncos, fazíamos os nossos passeios e deles até hoje nos lembramos com saudades.

A cada canto da cidade, qualquer coisa de interessante a ver: além do importante Museu de Pinturas, por exemplo, a pia onde se batizou São Filipe na igreja do mesmo nome e, no museu, o famoso Calendário Asteca, verdadeiro monumento circular de pedra esculpida, e a Pedra do Sacrifício, como aquele, retirados das ruínas do templo respectivo e sobre a qual se faziam os sacrifícios humanos, que chegavam a atingir às vezes a muitos milhares de vítimas por ano em holocausto ao Deus da guerra, de nome (tome fôlego) Huitzilopochtli!

Não esqueçamos de dizer que sobre o terreno frouxo da cidade – pois que é construída sobre um antigo lago secado e aterrado, razão pela qual não lhe produzem os terremotos ainda maiores danos – os mais pesados edifícios já se iam bastante afundando e requerendo frequentes reparações; nem se olvide a Rua de Revillagigedo. Muito importante? Não, nada tinha de notável, exceto a peculiar circunstância de ter sido, durante o domínio espanhol, rasgada no espaço de uma noite, demolindo-se para isso as numerosas casas necessárias, por ordem do vice-rei daquele nome, simplesmente para poupar-lhe uma volta que teria de dar na manhã seguinte quando fosse à missa. Vê-se assim que o nosso grande prefeito Passos teve bons predecessores.

❖

Da considerável cultura espiritual e artística mexicana, muito pouco, infelizmente, havia naquela perturbada época para razoável apreciação e desafogo, podendo assim de pronto mencionar raras apresentações teatrais; o interessante e valioso Museu de Pinturas, já aludido, onde, sobressaindo entre as companheiras nacionais, figurava a tela magnífica de "Galiléu" do celebrado artista mexicano Felix Parra. Apontemos ainda um velho cinema da moda, que só por esta circunstância se recomendava; e um outro, ótimo, moderno, o *Salón Rojo*, com duas elegantes salas de exibição, dispostas de modo que só a parte em que se estendia a tela para a projeção ficava na

necessária escuridão, sendo que as bancadas se conservavam tão iluminadas pela luz do dia ou a artificial que podiam os espectadores ler comodamente os seus programas e jornais. Tinha, demais, salas de restaurantes e de concertos que funcionavam concomitantemente.

Eis marcadas as minhas saudosas impressões da antiga Tenochtitlán, onde imperou Cuauhtemoco, hoje México, a soberba "cidade dos palácios", onde reinaram outros.

ACLIMATAÇÃO E INSTALAÇÃO

Durante cerca de três meses, pagamos, principalmente eu, duros tributos de aclimatação, mormente pelo contínuo cansaço e o embaraço da respiração ao menor esforço, além da extrema e inquietante facilidade com que mortificante e perigosamente nos resfriávamos. Basta dizer que de uma simples ida à estação à noite, a fim de despedir-me de um amigo que partia, reinando, aliás, boas condições atmosféricas, me resultou um acesso de febre de 40 graus, que me pôs de cama, delirando.

Lembro-me bem: na manhã seguinte, naquele estado, como que em agradável sonho, cria-me de regresso ao Brasil, ouvindo tocar divinamente a *ouverture* do Guarani, e sorria de enlevo, na minha semiconsciência, quando, ao voltarem da igreja duas de minhas filhas, me confirmaram que efetivamente uma banda militar no coreto da grande praça ajardinada, em frente ao hotel, havia executado aquela soberba composição, que, aliás, figurava no programa como sendo da autoria de "C. Gomez, maestro mexicano". Por várias vezes tive ensejo de retificar essa errônea suposição, dando o seu a seu dono.

Já desanimávamos de vencer as inconveniências do clima e da altura, chegando até a pensar em, a conselho médico, ausentar-me com licença, quando – inexplicavelmente e como por encanto – cessaram, até o fim da nossa estada, todos aqueles maus fenômenos com a simples mudança do hotel para uma esplêndida vivenda, na 6ª de Londres, n. 104 (sexto quarteirão da Rua de Londres n. 104, esquina da Rua de Genebra).

Era um magnífico palacete dentro de amplo terreno, com

imponentes fachadas, tanto para o lado da rua quanto para o fundo sobre o bonito jardim e o delicioso gramado à inglesa, em que minhas filhas faziam os seus pequenos desportes, e laterais sobre o parque em torno, onde, além de todas as dependências – garagem, cocheiras, cavalariças, depósitos, viveiros etc. –, havia pequeno e lindo lago sombreado, lugar predileto para as costuras e horas de leitura ou de repouso da família. Dentro, a começar pelo grande vestíbulo com elegante escadaria, tudo era espaçoso e comodíssimo: no andar térreo, sala de espera, biblioteca, salões de visita e de jantar, gabinetes, varandas e dependências usuais; no entressolo, um apartamento completo para hóspedes; no primeiro andar, sala da chancelaria e quarto do arquivo, com escada independente para a biblioteca, e os magníficos quartos de dormir e de vestir, duas grandes salas de banho com toda a aparelhagem, inclusive duchas quentes e frias, além da vasta sala de almoço e de estudo das crianças, comunicando com a copa por um ascensor.

Ligado à casa um torreão ou pavilhão quadrado com entrada independente e que se elevava até acima do prédio, havendo nele um amplo salão com janelas para todos os lados, do qual falarei ainda mais tarde; e em vez de telhados, terraços abrangendo todo o tamanho do prédio, onde se erigiam outras duas vastas salas de estudo, jogos e recreios, inclusive ginástica, e bem aparelhada lavanderia. Das diversas outras comodidades, menciono a profusão de armários embutidos nas paredes por toda parte da casa, e as ligações telefônicas dos cômodos do segundo andar entre si e com as dependências, e a morada do porteiro no jardim.

Era propriedade de rico negociante de sedas, suíço, Deuchler, que caprichosamente a construíra para sua própria moradia; mas é preciso dizer que não era aquela uma única na cidade; havia, ao contrário, muitas igualmente notáveis.

❖

Com aquele bem estar regozijaram-se igualmente o nosso dedicado médico e saudoso amigo, doutor Jesús Monjarás e sua carinhosa família, cuja companhia foi sempre para nós tão preciosa.

Homem de grande coração, fundou Monjarás e mantinha – à sua custa e de amigos, entre os quais tive o prazer de alistar-me – uma instituição deveras interessante e proveitosa: uma espécie de asilo ou hospedaria gratuita, modesta mas com todas as condições higiênicas, para os pequenos vendedores de jornais e outros pobres meninos vagabundos, que andavam dormindo pelas praças e sobre as calçadas, pervertidos por vícios e más companhias.

Ali entravam espontaneamente à noite, sem que ninguém lhes indagasse da procedência, nem dos nomes e costumes, com a única obrigação de tomar um banho, durante o qual lavava-se-lhes rapidamente a roupa secava-se em estufas. Serviam-lhes depois sadia refeição, tudo gratuitamente, indo logo após, os que assim queriam, dormir em asseadas camas; e havendo para os que o preferiam, antes de se agasalhar, uma sala de recreio com livros ilustrados, revistas apropriadas etc., além de alguns jogos divertidos, sob as vistas de pessoa idônea que lhes dava explicações e lhes respondia quaisquer perguntas que fizessem. Pela manhã lá se iam também livremente, quase sempre para voltar acompanhados de outros infelizes. Por fim já eram centenas os que por ali tinham passado e melhorado suas ideias e hábitos, indo ocupar pequenos empregos que se lhes arranjavam, ou aprender em oficinas que se prestavam a aceitá-los, meios honestos de ganhar a vida.

Pode-se, pois, avaliar com que emoção e aplauso vim a ver, por feliz coincidência, realizada no Rio de Janeiro, pela nobreza de alma, espontânea iniciativa e admirável atividade pessoal de uma tão alta e caridosa dama, d. Darci Vargas, uma generosíssima obra semelhante àquela – a "Casa do Pequeno Jornaleiro" – e em tais proporções que excedam as dos mais arrojados sonhos do meu amigo Monjarás!

Não passamos em branco, que – a fim de que não faltasse nenhum dos efes-e-erres àquela penosa aclimatação – fomos, a 19 de novembro, pouco depois, portanto da chegada, batizados ou vacinados contra os terremotos tão frequentes no México: naquela memorável manhã, sentimo-nos sacudidos, como simples petecas ou bolas de formidável bilhar, pelos choques de um dos mais tremendos terremotos ali havidos, cuja duração foi apenas

de 24 minutos (*excusez du peu*!). Durante esse interminável período tremeu ininterruptamente toda a cidade, enquanto a intervalos irregulares vieram uns oito ou dez terríveis abalos embatê-la como um navio sem governo em plena tempestade; aumentado o terror pelo desmoronamento de paredes e queda de móveis, o abrir e fechar das portas, das bandas das janelas e dos armários, o violento balancear dos lustres e os consequentes alaridos, gritos de socorro e devastações de toda a espécie. No grande jardim fronteiro ao hotel, onde ainda estávamos, batiam as grandes árvores umas contra as outras, farfalhando estrondosamente como fantásticos leques em diabólico movimento.

❖

Já no gozo de boa saúde, confortavelmente instalados, inclusive a chancelaria no mesmo prédio e já havendo entregue as minhas credenciais, pouco tempo depois da chegada, ao presidente Madero, e regularmente relacionados, encetamos com maior atividade o nosso convívio social, abrindo os salões da legação às festas e recepções habituais, pois, não obstante a revolução que se desenvolvia ativamente no país, continuava a capital em paz, apesar de haverem partido para a Europa e os Estados Unidos muitas das principais famílias.

Quanto ao pessoal, sucedera em agosto de 1913, ao secretário Chermont o bom colega e amigo Lima Ramos; mais tarde, em outubro de 1914, substituído pelo não menos prezado secretário Carlos Gordilho, ambos meus leais companheiros, sendo o último, quem, nos mais duros momentos, me ficou ao lado até o fim.

❖

Quanto à colônia brasileira, era ali apenas composta por A. Carneiro de Fontoura, casado com gentilíssima senhora mexicana, de quem, além das boas relações pessoais, tive de patrocinar com feliz êxito, uma reclamação por prejuízos causados a sua interessante fábrica de carvão artificial e, outra, quanto à recuperação de um automóvel; e pela família Maristani, cuja senhora, além de outras

prendas, era perita pianista, que muitas vezes nos deliciou com a execução de músicas brasileiras e trechos de óperas, entre as quais a "Mignon", predileta do marido.

De outro, lembro-me de pequeno episódio, que o fez encavacar, aliás, por mera culpa sua: não acreditando na minha resposta negativa, que tomou "por muita amabilidade minha", à consulta que me tinha feito alguns dias antes, se era preciso pôr casaca para ir às recepções da legação à tarde, mandou fazer expressamente aquele traje, envergando o qual ficou enfiadíssimo [*sic*] ao verificar que realmente era o único assim paramentado.

Também deu-nos, ainda que passageiramente, o prazer da sua convivência o meu companheiro de infância e bom amigo, dr. J. de Oliveira Botelho, quando foi ao México de visita e, apresentado por mim e pelo seu colega e amigo dr. Monjarás, seu antigo companheiro de conferências científicas na Europa, introduziu nos meios clínicos mexicanos a operação do pneumotórax, que praticava com perícia consumada e admirável elegância, tanto assim que chegaram a confiar-lhe a direção de importante enfermaria, onde realizou curas verdadeiramente maravilhosas, quando mais não fosse, nos seus efeitos imediatos. Um dos operados, pobre vidraceiro absolutamente desenganado e nas últimas, tanto que com o seu próprio consentimento, foi o que deram para a primeira experiência, vi eu depois de um mês voltar lampeiro às suas ocupações habituais e subir e descer escadas, o que é muito dizer, naquela altitude!

Chegou o dr. Botelho a fundar um sanatório, que teve de fechar, em vista da impropriedade das condições do país naquele momento para tal empreendimento.

E, aliás, digo-o reconhecidamente, voltando ao Rio de Janeiro não esqueceu o companheiro e assim se exprimiu pela *Ordem* de 6 de agosto de 1915:

> Desde que falo à culta e independente imprensa de minha Pátria, sinto-me na obrigação de pôr em alto relevo os grandes serviços prestados ao Brasil por seu ministro plenipotenciário no México o exmo. sr. dr. J. M. Cardoso de Oliveira, que no momento atual é o diplomata que maiores serviços tem prestado à

> nação. Basta ponderar-se que o dr. Cardoso de Oliveira tem assistido aos bombardeios da capital mexicana e à entrada e saída de exércitos vitoriosos e derrotados, tendo tido a sua vida em perigo e a de sua distinta família em numerosas ocasiões.
> Quando o general Carranza entrou vitorioso pela primeira vez na capital do México, depois da retirada do general Huerta, foi o dr. Cardoso de Oliveira quem foi ao encontro do general vencedor, às portas da cidade, para pedir garantias de vida, de honra e de propriedade para os vencidos e os habitantes do México em geral. O dr. Cardoso de Oliveira, como encarregado de negócios, que é, da república dos Estados Unidos da América do Norte, tem praticado prodígios de habilidade para garantir os altos interesses americanos na república mexicana, a cada instante ameaçados por gregos e troianos.

AMBIENTE

O movimento revolucionário que avassalou o México, depois de longuíssimo período de paz e prosperidade, sob o governo de Porfirio Díaz, iniciou-se, pode-se dizer, em fins de 1910, quando – com um programa cujos pontos principais eram o princípio da não reeleição do presidente (para evitar o que se estava dando: a perpetuação do mesmo magistrado no poder) e o da melhor distribuição das terras – apareceu na cena política do seu país o dr. Francisco I. Madero, advogando aquelas ideias.

A força da propaganda, os enormes prejuízos causados pelo bom êxito das operações militares da revolução (por ele dirigida e que já ganhara grande prestígio, principalmente nos estados de Chihuahua, Sonora e Durango), o alarma em que vivia toda a nação e, sobretudo, o temor de uma suposta intervenção dos Estados Unidos, que, como precaução para a defesa dos seus interesses, haviam em março de 1911 mobilizado parte do seu exército na fronteira, contribuíram grandemente para o acordo, realizado em maio, entre os chefes revoltosos, representados pelo dr. Vasques Gomez e, por parte do governo, pelo dr. Francisco Carbajal, membro do Supremo Tribunal de Justiça.

Assinado, porém, um armistício e iniciadas as negociações

de paz, mostrou-se Gomez intransigente, exigindo a renúncia do presidente Porfirio Díaz e a do vice-presidente, impossibilitando assim as negociações.

Publicou então o presidente Díaz um manifesto em que declarou: "retirar-se-ia do poder quando sua consciência lhe dissesse que, retirando-se, não entregaria o país à anarquia; e mais, que o faria na forma decorosa que convinha à nação". Conhecida a promessa do presidente e no momento em que os interessados combinavam novos meios para a reabertura das negociações de paz, alguns revolucionários mais exaltados atacaram a guarda avançada do governo, seguindo-se o violento assalto à Cidade Juárez, sua defesa pelas forças federais e, finalmente, a vitória dos revolucionários, que se apoderaram da praça, fazendo prisioneira a guarnição.

Anulou, assim, tal acontecimento a boa impressão causada pelo manifesto do presidente Díaz e reviveu a possibilidade de graves complicações e hostilidades aos estrangeiros residentes no México, pela suposição de que o seu auxílio, principalmente dos americanos, não era estranho ao bom êxito da revolução.

De tal forma corporizou-se esse receio que levou o corpo diplomático a ocupar-se seriamente das medidas a tomar para a proteção dos seus nacionais e a oferecer a sua mediação, que não foi aceita pelo governo, convencido como estava de que chegaria a uma solução favorável com seus próprios recursos.

Entretanto, assim não se verificou, tendo, ao contrário, imperiosas razões, entre as quais seu deprimente estado de saúde, levado o presidente Díaz a renunciar o seu alto posto, em 11 de maio de 1911, após 35 anos de exercício, assim como o vice-presidente Ramon Corrali. Passou o primeiro o seu cargo ao licenciado Francisco de la Barra, ministro das Relações Exteriores, que tomou posse no dia seguinte, após haverem as câmaras aceitado a renúncia do seu antecessor.

A 27 de maio, reuniu-se o corpo diplomático para os cumprimentos de praxe; sendo para notar que o presidente Díaz já havia partido na véspera para Vera-Cruz, de onde seguiu para a Europa, não sem que o trem especial que o conduzia deixasse de ser atacado pelos revoltosos nas imediações de Oriental. Segundo

me informaram, deixara no Tesouro um saldo de cerca de oitenta e seis milhões de pesos em ouro.

❖

De conformidade com os compromissos tomados por De la Barra, presidente provisório, realizou-se no dia 15 de outubro a eleição definitiva para os cargos de presidente e vice-presidente, sendo que a retirada da candidatura do general Bernardo Reyes e a atitude do governo concorreram para que as eleições primárias do dia 1º do mesmo mês de efetuassem em boa ordem em todo o território da república. Como era de esperar, recebeu Francisco I. Madero, chefe da revolução, a quase totalidade dos votos, cabendo a José Maria Pino Suárez a maioria dos votos para o de vice-presidente, e empossaram-se dos seus cargos com as formalidades do estilo, a 6 de novembro.

Assim restabeleceu-se o governo normal, ainda que vários estados continuassem em plena ebulição política, porque, não obstante haverem De la Barra e Madero procurado por todos os meios suasórios restabelecer completamente a paz, não tardaram a manifestar-se descontentamentos, mormente pela alegada falta de imediato cumprimento das promessas de Madero durante a sua propaganda.

Tal estado de coisas deu incremento à nova revolução que irrompera contra ele, chefiada ao norte pelo general Pascual Orozco, que se passara para os dissidentes, e, ao sul, no estado de Morelos, pelo caudilho Emiliano Zapata, devendo-se mencionar que ambos tinham sido sustentáculos da revolução que elevara Madero ao poder.

Esgotados os meios pacíficos e decretada a lei marcial em vários estados, teve o governo de proceder com todo o rigor no sentido do restabelecimento da ordem no país, publicando a imprensa da época notícias pormenorizadas de verdadeiras batalhas entre forças legais e revoltosas, assaltos, saqueios e ataques a trens, incêndios e devastações, que alarmavam cada vez mais o espírito público e avolumavam os boatos da possibilidade de intervenção estrangeira.

Ainda mais se agravaram as coisas com a completa submissão aos revoltosos da cidade e do estado de Chihuahua;

e, não obstante a proibição de exportação de armas e munições de guerra para os mesmos revoltosos, votada pelo Congresso dos Estados Unidos, ia a revolução seguindo a sua marcha e tendendo a progredir, pois os lugares e estados até pouco antes isentos do espírito de revolta já lhe estavam começando a prestar apoio. Basta citar, como um exemplo, entre muitos, dos meios a que recorriam os combatentes, o fato do ataque a um trem em Tucumán, a 110 milhas da capital, quando foram cruelmente trucidados 36 soldados de que se compunha a escolta e uns 20 passageiros, entre os quais dois representantes de jornais estrangeiros.

Além do mais, não haviam dado o resultado esperado as operações militares empreendidas no norte para a captura de Orozco, chefe da revolução, que, logrando escapar ao cerco em que o puseram as forças federais, sob o comando supremo do general Vitoriano Huerta, continuou a dirigir com vantagem suas empresas militares contra o governo. De modo que, apesar de alguns bons êxitos parciais e da aplicação nas regiões revoltadas de uma lei de suspensão de garantias que permitia o fuzilamento dos que eram encontrados em armas contra o governo, este não se mostrava capaz de dominar a situação. Aliás, compreende-se a sua dificuldade de conseguir de pronto vencer os revolucionários, desde que eles já então se não se encontravam constituídos em exércitos, contra os quais se pudessem dar verdadeiras batalhas, mas em grupos de guerrilhas, disseminados em vastas extensões de territórios montanhosos, de cujas comunicações e esconderijos eram perfeitos conhecedores. Assim, apareciam num ponto, onde cometiam tropelias, para fugir quando atacados pelas forças federais e ir exercer em outra parte sua ação devastadora.

Faliram também as esperanças de que fosse geralmente aceita pelos revolucionários do norte e pelos zapatistas no sul, a anistia oferecida pelo governo, antes de pôr em execução a citada lei de suspensão de garantias. Do mesmo modo tinham também falhado as negociações entabuladas anteriormente com os primeiros.

Por outro lado, era tal o receio de uma intervenção americana – em que insistentemente se falava – que o ministro

das Relações Exteriores, Lascurain, achou necessário declarar oficialmente que tinha garantias do governo de Washington de que não haveria intervenção, se bem que recomendasse este último a cessação daquele estado de coisas. Demais, havia aquele governo, ao contrário, permitido a passagem de tropas mexicanas pelo território dos Estados Unidos, a fim de operar no estado de Sonora, então invadido pelos revolucionários. Solicitara o presidente Madero essa permissão, autorizado pelo Senado, para isso devidamente convocado.

Tal era a situação política do México quando ali cheguei, a 26 de agosto de 1912.

PARA IR-ME ACOSTUMANDO

Não havendo numerosa colônia brasileira, nem interesses a defender, dediquei-me a estudar cuidadosamente a situação e as suas possíveis consequências, informando de tudo o governo brasileiro, e, bem assim, a conhecer os homens e as coisas do país e estabelecer relações no mundo político, militar e social, formando deste modo um bom cabedal de dados e conhecimentos, que me foram posteriormente da maior utilidade no desempenho da tarefa com que tive de arcar.

Iam-se desenrolando os fatos na tela política, sem que o notável otimismo do governo conseguisse diminuir-lhes a gravidade, até que irrompeu subitamente em Vera-Cruz o levante do general Felix Díaz, sobrinho do ex-presidente do mesmo apelido, movimento que a princípio se acreditou geralmente seria de temerosas proporções, tratando-se de um militar de preparo, segundo se dizia, com largas relações e influência no exército, além do prestígio que lhe dava o parentesco.

Esperava-se, portanto, que o surto tomasse tamanho vulto que o governo fosse impotente para dominá-lo. Demais, também se afirmava em todos os círculos que o general revoltado contava com promessas de adesão de grande parte do exército e que, por seus adeptos, conseguiria apoio bastante para causar ao mesmo tempo um pronunciamento na capital, a fim de depor o presidente Madero.

Tudo, porém, falhou, porque as prontas providências tomadas pelo governo e, sobretudo, a fidelidade e a disciplina do Exército Federal, mostraram logo àquele general que ele só podia contar com um batalhão, com cuja conivência tomara Vera-Cruz, relevando notar que parte deste, no momento mais crítico, recusou obedecer-lhe. Nestas condições, não foi difícil às forças federais, sob o comando do general Beltran, recuperar a praça, depois de um combate de poucas horas, e aprisionar o chefe revoltoso e seus companheiros.

Estavam então no porto alguns navios de guerra estrangeiros para a eventual proteção dos seus nacionais e não combatentes; mas naturalmente mantiveram-se inativos, tendo dos americanos desembarcado médicos e ambulâncias para o tratamento dos feridos de ambas as parcialidades.

Submetido a Conselho de Guerra, foi Felix Díaz condenado à morte, mas o Supremo Tribunal, em virtude do apropriado recurso interposto, suspendeu a execução da pena, o que permitiu ao condenado ser transferido pouco depois para uma das prisões da cidade do México, onde também se achava recolhido o já mencionado general Reyes, que por sua vez capitaneara um movimento revolucionário anterior. Constituiu isto, no conceito de muita gente imparcial, um verdadeiro erro político, de consequências facilmente presumíveis.

❖

Assim se desenrolaram os fatos até fevereiro de 1913, quando era de tal modo tensa e delicada a situação política e tão exaltadas mostravam-se as paixões e chegara o ânimo público a tamanha excitação e desassossego, que tudo demonstrava, ao mais desatento, se estarem preparando novos e graves acontecimentos, para não falar da grande oposição que, com desusada veemência, se fazia sentir na imprensa.

Entretanto, é para notar como verdadeiramente inexplicável, que no dia 19 de fevereiro, recebendo o presidente Madero todo o corpo diplomático, que o fora cumprimentar pelo seu aniversário natalício, assegurou em entusiástico discurso poder anunciar-lhe que

dentro de oito dias estaria completamente pacificado o México! E recebeu de todos, inclusive de mim, como se poderia imaginar, as mais sinceras e calorosas felicitações.

Houve na mesma noite um esplêndido banquete de quinhentos talheres a que assistimos minha mulher e eu, como todos os colegas e senhoras do corpo diplomático, ostentando-se magnificente baixela de prata, a que não faltavam pratos de ouro, e servido numa imensa galeria, que por estar em obras tinha todo o teto e as paredes literalmente cobertas de preciosas flores, cujo perfume, pela profusão estonteava!

Completou a festa nababesca magnífico concerto, em que tomou parte uma gentil irmã do presidente, admirável cantora que em nada desmereceu ao lado dos profissionais da excelente companhia lírica que ali se achava, entre os quais me lembro do tenor Bonci e do barítono Scotti.

Mas, desgraçadamente para Madero, foi aquele o último lampejo da sua estrela, pois, precisamente oito dias depois, não vieram as delícias da sua anunciada pacificação, mas, ao contrário, os tristes acontecimentos que em seguida se relatam.

DEZENA TRÁGICA

Efetivamente na madrugada de 9 de fevereiro, obedecendo a planos previamente combinados, os aspirantes da Escola de Tlalpan, reunidos a outras tropas, entraram sublevados na capital e, desarmando os policiais que encontravam pelo caminho, foram às prisões onde se achavam os generais Felix Díaz e Bernardo Reyes, que soltos por eles, se puseram ambos à testa dos novos revolucionários. Foi por estes prontamente tomado o Palácio Nacional, sede do governo; retomado, porém, pouco depois pelas forças legais, após breve combate durante o qual perdeu a vida o general Reyes.

Retrocedeu então Felix Díaz e foi com suas tropas atacar a Cidadela, espécie de arsenal fortificado, situado dentro da cidade, que continha uma fábrica de armas e depósitos de canhões, fuzis e copiosas munições do governo. Sem que transpirasse ao certo como o conseguiu, tomou-a em 25 minutos, depois de breve

tiroteio, ficando assim em posição superior à do governo e desde logo considerada inexpugnável.

Entrementes, o presidente Madero, avisado nas primeiras horas do dia, deixara sua residência no castelo de Chapultepec, que domina o bosque do mesmo nome nos arredores imediatos da cidade, dando mostras de assombrosa energia e coragem, e guardado apenas por alunos da Escola Militar, atravessara toda a cidade e achava-se no seu posto no Palácio Nacional, rodeado dos ministros e das altas autoridades militares que lhe ficaram fiéis.

Manteve-se assim a situação até à tarde, sendo infrutíferas as negociações entre as duas partes para chegar-se a um acordo, pois, ao passo que os revolucionários exigiam a renúncia do presidente, este firmemente a recusava.

Foram também baldadas as discretas gestões do corpo diplomático junto ao governo e ao general Díaz, não só para impedir o anunciado bombardeio da cidade durante o combate entre a Cidadela e o Palácio Nacional, como para que nesse caso se limitassem as linhas de fogo, de maneira que fossem respeitadas as legações e, bem assim, os bairros estrangeiros e os não combatentes em geral. Tratou também o corpo diplomático de obter que ambas as partes contribuíssem para a manutenção da ordem e a proteção das legações, o que também não teve bom êxito, porque o governo, interrogado pelo embaixador americano, Henry Lane Wilson, decano, respondeu apenas que faria o que fosse possível.

Por outro lado, Díaz mandara nesse ínterim, por um emissário, comunicar ao corpo diplomático estar senhor da situação, pretendendo até que, no intuito de evitar derramamento de sangue, obtivéssemos a renúncia do presidente Madero; mas acabou por declarar, pelo mesmo canal, não poder assumir a responsabilidade da manutenção da ordem, por ter tropas apenas para a sua defesa e não poder contar com uma severa disciplina.

Repeliu, é claro, o corpo diplomático, por unanimidade, a ideia de intervir na política interna do país, como o seria aconselhar o presidente no sentido desejado e ao general Díaz respondeu o decano, em nome de todos nós, tornando-o pessoalmente responsável pelo que pudesse acontecer. Isto porque se sabia e

foi confirmado pelo referido emissário, que, tendo aquele general convidado o governo a agir com ele na manutenção da ordem, mandara o presidente Madero o chefe da polícia, major Figueroa, que propôs continuasse aquela força neutral para o fim aludido. Díaz não concordou e, desrespeitando as leis da guerra, fê-lo prisioneiro e assim o conservou até o fim.

Convém dizer que as forças policiais, quer de infantaria quer de cavalaria, se tinham passado em grande parte para os revolucionários, estando o resto desarmado pelos aspirantes ou chamado a combater nas fileiras do governo, de maneira que a bela capital ficou, absolutamente, sem a mínima vigilância e as legações sem a menor proteção! Naquela mesma noite de 9, entregou Madero o comando supremo ao general Vitoriano Huerta, de quem já falamos como chefe das forças governistas no norte do país.

❖

Assim, mantidas as posições do governo e dos rebeldes, e no meio do maior pânico da população, para a qual o próprio recurso da retirada era muito arriscado, infestados como estavam os arredores da cidade de zapatistas e bandidos que a ninguém obedeciam, rompeu no dia 11 sem prévio aviso e prolongou-se pelos seguintes, quase ininterrupto, o combate nas ruas, principalmente entre o Palácio Nacional e a Cidadela. Constituía isto um desacertado bombardeio de toda a cidade, sem respeito a ninguém e a coisa alguma, pois as granadas, as balas de tiro rápido, de metralhadoras e fuzilaria, choviam por toda parte e em várias direções, causando – quer pela má pontaria, quer pelas posições das baterias e das forças de ambas as parcialidades – deploráveis estragos e tantas perdas de vida, que até se viu o tétrico espetáculo de queimarem-se cadáveres amontoados pelas ruas, por não ter sido possível obter tréguas para enterrá-los! Além disso, andavam soldados de ambas as filiações dispersos ou em magotes a caçarem-se uns aos outros, quais verdadeiros loucos, causando estragos às propriedades e matando transeuntes inofensivos.

Eu mesmo, graças a Deus e à minha prudência, escapei de ser vítima de um desses desatinados: voltava de uma reunião diplo-

mática na embaixada americana, pouco distante, cosendo-me às paredes, como todos os raros transeuntes, quando, já bem perto de casa, me surgiu em frente um desses *valientes*, bastante embriagado, que, depois de apontar-me sua arma, baixou-a providencialmente, para oferecer-me um gole de uma garrafa de bebida "porque queria *antes* dar-me coragem".

Naquele angustioso transe, valeu-me, felizmente, a minha boa estrela, inspirando-me os gestos calmos e as palavras próprias a convencê-lo de que "era muito melhor que bebesse ele à minha saúde, sendo eu um estrangeiro amigo, um brasileiro, que muito admirava a sua bravura e a de todos os mexicanos". E enquanto ele saboreava a bebida, pude recolher-me à casa de que já distava só poucos passos. Era então ainda mais arriscado andar de automóvel pelo meio das ruas.

Abstenho-me de procurar dar idéia, pálida embora, do que foram as torturas de espírito naquela terrível quadra, já não falando dos incômodos materiais pela carência de gêneros alimentícios e as dificuldades de obtê-los, da angústia de todos aqueles dez dias e noites, de todas as horas, de todos os minutos, mormente das senhoras, a julgar por minha mulher e filhas, cuja única distração eram os comentários sobre os próprios terríveis acontecimentos e as possibilidades dos perigos que nos envolviam! E dizer-se que tudo aquilo se estava passando sob um céu clemente, todo azul, e deliciosa temperatura, convidando os homens ao amor e à vida, em vez de se estraçalharem como feras bravias, qual se o lema diabólico fosse: "Odiai-vos uns aos outros"!

E ponderar-se, agora, que aquelas cenas podem hoje ser consideradas como simples brinquedos de crianças comparadas às mais vastas e muito piores bárbaras tragédias de igual jaez, que em outros teatros onde menos se poderiam esperar, não tardaram muito em vir oprimir e horrorizar o mundo!

Nenhuma bandeira ou legação foi respeitada. A da Bélgica, cujo pavilhão ficou completamente crivado de balas, sofreu tanto que o ministro May foi obrigado a refugiar-se na legação da Alemanha, onde também se achava o da Noruega, Michael Lie; por idênticos motivos transferiu-se o de Cuba, Márquez Sterling, para outro ponto

da cidade; o encarregado de negócios de Portugal, Arenas de Lima, cuja chancelaria recebeu várias descargas, refugiou-se na legação da Áustria; a da Grã-Bretanha esteve ameaçada de ser invadida para dali retirarem De la Barra, que nela se asilara; na calçada da legação da Espanha, como na de outras e de casas particulares, à sombra de suas bandeiras, foram verdadeiramente caçados vários soldados, cujos corpos ali ficaram sobre as calçadas durante horas.

Indo eu de visita a uma delas, quando as circunstâncias permitiram, veio-me ao encontro, à entrada, a senhora C. em tal estado nervoso, que completamente desvairada exclamava:

– Estou morta, Senhor Ministro, estou morta! Não me fala, que estou morta!

– Compreendo perfeitamente, minha querida Senhora: é a vista destes pobres cadáveres por tanto tempo que a está pondo neste estado de espírito.

– Não, Senhor Ministro, estou morta! – e chorava convulsivamente.

– Tenha calma – prossegui, procurando a melhor maneira de aquietá-la. – Se a senhora está morta, então eu estou cego e louco, porque estou a falar-lhe para lhe dizer que justamente acabo de interessar-me para que estes corpos sejam prontamente retirados. E veja como estou no meu juízo e disposto a saborear o excelente chocolate que me estão oferecendo e que não se toma melhor do que em sua casa.

Acertei no alvo: foi água na fervura.

– Eu mesma o preparo... por uma... receita de... família – concordou a boa senhora por entre restos de soluços. E foi por ali além... E assim desviou-se a conversa, por ter predominado a vaidade de dona de casa sobre os terrores de pouco antes. Aliás, devia aquela alta dama estar afeita a cenas desse gênero, porque de seu bom marido se dizia, por brincadeira, que tinha o micróbio das revoluções, pois assistira na China ao movimento dos *boxers*; na Colômbia, a uma das mais sangrentas; e, pouco depois de chegar ao México, à de 1910, a primeira da série.

Mas, prosseguindo no penoso relato: a legação do Brasil, cuja fachada olhava a alguma distância para o Paseo de La

Reforma, foi atingida por umas trinta balas, só as que puderam ser verificadas, nos andares superiores e em toda a frente, em consequência de inúmeras descargas de fuzilaria e metralhadoras disparadas na sua direção, durante os tiroteios entre os indivíduos que, do seu lado, atiravam contra as forças naquele *paseo*, e estas que, com verdadeira fúria, vinham em perseguição daqueles. Tudo isto nos obrigava, como a toda a gente, a refugiar-nos muito incomodamente, durante horas do dia e da noite, nos subterrâneos da casa, para escapar às balas que a atingiam: uma delas, atravessando a porta da entrada, viera encravar-se na parede do vestíbulo, poucos centímetros acima da cabeça de minha mulher ali sentada num sofá; outra, cruzando o quarto de vestir, o corredor e o meu quarto de dormir, passou no primeiro raspando a porta do armário ao pé do qual eu estivera um momento antes a fechá-lo; outra varou um pequeno quarto escuro de fotografia, quando nele me achava; e ainda outra, atravessando a chancelaria por uma vidraça, passou por cima da minha cabeça a pouca distância e, atravessando uma dependência do arquivo e o quarto contíguo, por cima das camas onde dormiam minhas filhas, foi encravar-se nas roupas de um armário no quarto de banho ao fundo. E paremos aqui.

❖

Foi nesta dura ocasião que, a instâncias do meu colega e bom amigo H. Riquelme, ministro do Chile, passamos a residir, temporariamente, em um apartamento de que ele dispunha, acima do seu, no Hotel de Genebra, muito mais abrigado do que os nossos cômodos em casa. Um dos lados do hotel defrontava-se com um dos da legação na rua de Genebra, bastando, pois, atravessar a rua para vir à chancelaria. Militava, demais, a circunstância de poder o hotel ser defendido, em caso de necessidade, por uma guarda voluntária de americanos ali residentes ou nos prédios circunvizinhos. Os dias, entretanto, passava-os eu na chancelaria, para onde vinha, procurando evitar o perigo das balas dispersas e aproveitando os momentos lúcidos dos combatentes para atravessar a largura da rua.

Deu-se naquele apartamento um episódio que nos causou não pequeno susto: as forças postadas, como já vimos, no Paseo de La Reforma, haviam mandado prevenir os moradores fronteiros, nas nossas ruas, que se abstivessem de aparecer nos terraços em cima dos edifícios, de onde lhes eram algumas vezes disparados tiros, sob pena de serem imediatamente alvejados e, por isso, houve vários ferimentos de simples curiosos. Estando uma tarde nos nossos cômodos no hotel, mais ou menos protegidos contra os violentos bombardeios e no momento em que acabava de arrebentar uma granada perto do teto envidraçado do grande vestíbulo, para onde davam as frentes dos apartamentos, ouvimos ao fundo, junto à escada de serviço, que do andar térreo ia aos terraços em cima do prédio, angustiosos gritos do ministro do Chile no seu apartamento:

– Jesus! Socorro! Remédios!

Corremos aterrados ao seu encontro, crendo-o atingido por algum estilhaço da granada, mas, felizmente, durou pouco o grande susto, porque o encontramos simplesmente a chamar em altos brados as suas três criadas daqueles nomes, que imprudentemente e contra as suas ordens, tinham subido ao terraço. E, ressabiadas, vimos descer as três Marias: de Jesus, do Socorro e dos Remédios!

❖

Lembro-me tanto das arriscadas excursões em automóvel do nosso amigo Riquelme a Tacubaia, nos arredores da cidade, quando ia à compra de mantimentos especiais, principalmente de legumes, para o seu regime dietético, mais ou menos igual ao meu, e de lá trazia-nos as melhores frutas que encontrava, o que na ocasião constituía verdadeiro regalo!

E não era pequena a imprudência, porque poderia acontecer-lhe igual incidente ao que se dera com os ministros da Grã-Bretanha e da Espanha, e já não sei que outro colega, se não foi ele próprio, surpreendidos – em plena rua, dentro de um automóvel – por súbito e cerrado fogo, que os impedia tanto de prosseguir, como de retroceder, recuaram prudente quanto podiam para o fundo acolchoado do carro e, só depois de muitos minutos, que lhes

pareceram uma eternidade, de palidez, copioso suor e silêncio tumular, se ouviu a voz sumida do inglês:

– *What an unconfortable situation!*

Felizmente, para aumentar-lhe o cuidado, não trazia consigo a linda jandaia Pepita, que, quando em casa e até diante das visitas, não lhe deixava o ombro, pousando sobre uma toalha dobrada para proteger-lhe os trajes contra as bicadas e outras intempestivas carícias. Coisas do fleumático mr. Strong, que sob tanta bonomia escondia uma clara inteligência, caráter firme e tanto bom senso.

Para ver se podiam ser evitados maiores perigos para a legação e o seu pessoal, dirigi uma carta ao ministro do Exterior, Lascurain, que delicada, mas ineficazmente, respondeu apenas lastimando que a legação estivesse na linha de fogo. Não havia remédio, tínhamos de nos garantir com os nossos próprios recursos e, à pronta e decidida gestão do ministro do Chile e minha, deveu-se naquela ocasião não terem ficado arruinados o hotel, a legação e uma parte do bairro, pois protestamos energicamente e conseguimos fazer retirar uma bateria de cinco peças de artilharia que se viera postar à esquina e que, se começasse a disparar, teria atraído para ali o fogo da Cidadela com as consequências apontadas.

❖

Nestas tormentosas condições viveu a população até o dia 18 de fevereiro, atordoada pelo contínuo estampido dos canhões de grosso calibre, o enervante estralejar das metralhadoras e o percuciente silvo das balas; sem luz nas ruas e sem comunicações, e passando fome, pois todas as linhas e meios de transporte se interromperam desde o primeiro dia; sem jornais, cujas tipografias foram incendiadas umas, outras fechadas pelo governo; sem correio nem telefone, também em grande parte interrompido e já lutando com a falta de víveres e a carestia dos existentes. Na Avenida dos Insurgentes, um pobre vendeiro, que nos momentos menos desfavoráveis, procurava servir os seus fregueses passando algumas mercadorias e recebendo as importâncias por pequeno postigo

na porta fechada, perdeu, levada por uma bala, a mão que por ali introduzira! Como a um pobre velho estrangeiro fora arrancada a cabeça, que rápida, mas imprudentemente, passara por uma fresta da janela para abelhudar o que estava acontecendo na rua!

Ainda mais aumentaram o desânimo e o pavor de todos as notícias de que os próprios militares encarregados da defesa da cidade desanimavam de poder dominar os revoltosos na Cidadela e a de que o embaixador americano, Henry Wilson, falava no possível desembarque em Vera-Cruz de marinheiros do seu país para virem à capital proteger a embaixada e as legações, o que seria mais uma carga de perigoso combustível na fogueira.

Nesta emergência, dirigiu-se o ministro do Exterior Lascurain ao Senado e, em sessão secreta, expôs-lhe a extrema gravidade da situação e a necessidade urgente de tomar-se uma resolução adequada. Por unanimidade e proposta, aliás, de um senador madeirista, resolveu o Senado mandar numerosa comissão pedir ao presidente Madero a sua renúncia e a do vice-presidente, mas, chegando ao palácio, teve o dissabor de não ser recebida por ele, que recusava heróica e inflexivelmente abandonar o seu posto, não obstante a tentativa do Senador e, segundo se acrescentava, surdo às sugestões de seus próprios ministros e de várias personalidades, entre as quais se apontavam o embaixador americano e alguns diplomatas europeus que o procuravam exclusivamente em seus nomes pessoais. Igual inêxito teve uma segunda comissão de nove senadores, que conseguiu falar-lhe, depois de se ter entendido com o general Huerta no mesmo sentido.

Tal foi a crise, cuja duração ficou conhecida na história mexicana pela significativa qualificação de "Dezena Trágica", e que só pelo imprevisto poderia ser resolvida. Para mostrar o pânico em que viveu o público naquela horrorosa quadra, disse o *Mexican Herald*, em nota amena, depois de tudo passado, que estava já muito mais calmo o espírito público, tanto que qualquer transeunte, ao ouvir arrebentar um pneumático de automóvel, só saltava dez metros.

❖

O IMPREVISTO

E veio o imprevisto: foi o golpe de estado de 18 de fevereiro, quando, achando-se o presidente Madero em conselho com os seus ministros, no Palácio Nacional, de onde não saíra desde o primeiro dia da crise, foi preso pelo general Blanquet, por ordem do general Vitoriano Huerta. Era este, como vimos, o chefe das forças do governo. Houve um tiroteio, durante o qual perderam a vida dois oficiais e um paisano, irmão do ministro do Interior. Assumiu o general Huerta o governo militar, de acordo com os seus colegas, exceto o general Felipe Ángeles e poucos outros, por isso aprisionados, ficando, como eles, o presidente Madero e o vice-presidente Pino Suárez, presos no palácio com sentinelas à vista.

O deputado Gustavo Madero, irmão do chefe da nação e a quem os desafetos atribuíam nefasta influência sobre aquele, foi também preso, poucas horas depois, maltratado e sumariamente fuzilado durante a noite, na Cidadela, ao mesmo tempo – e nunca se soube o motivo – que o intendente do palácio, Bassó. Ambos, conforme constou no momento, morreram corajosamente e o último, como exprimira o desejo, de cabeça levantada, fitando as estrelas... Pobre homem!

Cometeram-se então, como sói acontecer em tais situações, injustificáveis violências, e os mais exaltados, que sempre há em tais momentos, chegaram ao extremo de incendiar a casa de Madero e de matar-lhe o cavalo!

❖

Pela tarde do mesmo dia 18, reuniu-se o corpo diplomático para tomar conhecimento da nota que lhe mandara o general Huerta, comunicando que, para evitar maior derramamento de sangue e levado somente por motivos de patriotismo, tinha aprisionado o presidente e o vice-presidente, prometendo garantir a ordem e os interesses nacionais e estrangeiros, e empregar todos os esforços para a pacificação completa do país; pedia, mais, ao embaixador americano, decano, que desse conhecimento disso ao governo dos Estados Unidos e ao general Félix Díaz.

Deliberou o corpo diplomático responder apenas que ficara inteirado da notícia, ao passo que o embaixador, em seu nome pessoal, resolveu sugerir, em nota separada, que o governo militar chefiado pelo general Huerta se submetesse ao Poder Legislativo para resolução do novo estado de coisas e comunicou o fato ao general revoltoso, aliás, antes mesmo do pedido de Huerta.

Além disto, sempre em seu nome pessoal, convidou aquele e o general Huerta para terem uma conferência na embaixada naquela mesma noite, durante a qual foi assinado por ambos, depois de se abraçarem estreitamente, um acordo em que ficou pactuado que Huerta assumiria o cargo de presidente provisório, devendo legalizar-se a situação dentro de setenta e duas horas. Ficou também, pelo mesmo documento, organizado o ministério composto de pessoas indicadas por Félix Díaz, entre as quais Francisco de la Barra, como ministro das Relações Exteriores, e ministro da Guerra o general Manuel Mondragón, que foi o principal companheiro revoltoso.

Daquela memorável noite guardo indelevelmente o seguinte episódio, pela tremenda emoção que nos causou, à família, aos amigos e a mim: fôramos, o ministro do Chile e eu, à embaixada americana, onde, com o ministro de Cuba, tivemos ocasião de assistir, como simples espectadores, ao ato acima descrito, quando de repente se ouviu formidável tiroteio, correrias e toques de corneta, chegando-nos a notícia, que nos estarreceu, de que estava sendo atacado o Hotel de Genebra, onde se achava minha família. Não funcionavam os telefones e era impossível qualquer comunicação com aquele estabelecimento, de modo que, só depois de um terrível quarto de hora, viemos a saber que se tratava apenas de um grande distúrbio muito perto dali, na Avenida dos Insurgentes, pelo encontro de forças adversárias, que ignoravam, ou desrespeitaram, a trégua que se havia convencionado para ter lugar a conferência dos dois chefes.

Cheguei em seguida ao hotel, onde felizmente encontrei todos em paz, mas ainda abalados, convalescentes de igual susto, porque lá, ao contrário, correra como certa a notícia de que fora um ataque à embaixada americana, onde eu me encontrava, Calculem-se as inúteis angústias!

No dia seguinte, 19, o presidente Madero, que, apesar de preso, ainda recusava renunciar, cedeu afinal diante do irremediável e firmou a sua renúncia, juntamente com o vice-presidente Pino Suárez. Quis a princípio deixá-la em mão do ministro do Chile, Riquelme, seu amigo particular, ali presente, mas, para evitar visíveis melindres do seu ministro do Exterior, Lascurain, confiou-lha sob a condição de só entregá-la a quem de direito, depois que ele, Madero, e sua família estivessem a bordo de um navio de guerra estrangeiro em Vera-Cruz, para onde desejava partir naquela mesma noite.

Assim, em junta diplomática, nos contou aquele bom colega, tendo--se combinado que a viagem se faria em companhia deste mesmo ministro Riquelme, do de Cuba, Márquez Sterling, que em nome do seu governo oferecera a Madero a canhoneira *Cuba* para transportá-lo a Havana, e do encarregado de negócios do Japão, Horigoutchi, em cuja legação se fora asilar a família Madero, que eu também acompanharia à estação, procurando-se dar-lhe toda a segurança e conforto. Assim, ainda mais, se firmaram as minhas boas relações com os dois últimos desde Petrópolis.

Tudo assim combinado com as autoridades competentes, por intermédio e sob a garantia do ministro do Chile, a quem, não esqueçamos, tivera Madero primeira e prudentemente a ideia de confiar o depósito da sua renúncia, preparamo-nos todos com o maior sigilo para a partida naquela mesma noite; e entre 9 e 10 horas fomos com a senhora Madero e os demais membros da família ocupar o trem especial, que se achava sob pressão na estação de Buena-Vista. Ali, até às 2 horas da madrugada de 20, confortamos a senhora, que debalde esperava ansiosamente seu marido... até que, afinal, nos foi comunicado que não se realizaria a viagem naquela noite e, desapontados, acompanhamos todos a família desolada até a legação do Japão.

O ministro de Cuba, que tinha ido ao Palácio Nacional buscar Madero, ali preso, pernoitou com ele, cujo estado de espírito se pode imaginar, de inquieto e nervoso!

❖

Ao mesmo tempo em que as coisas assim se passavam no tocante à viagem, haviam-se reunido as câmaras e a elas foram, inexplicavelmente, apresentadas as renúncias do presidente Madero e do vice-presidente, pelo ministro do Exterior, Lascurain, trabalhado, é de crer, por motivos extremamente poderosos, que não vieram a público, chegando-se até a supor ameaças de morte!

Aceitas as renúncias pelas câmaras, tomou posse do cargo de presidente provisório da república, conforme a Constituição, o mesmo Lascurain, por ser o ministro das Relações Exteriores, a quem competia a sucessão, e logo em seguida nomeou para o cargo de ministro de Gobernación (ministro do Interior) o general Vitoriano Huerta, e renunciou por sua vez ao cargo de presidente. Aceita imediatamente pelas Câmaras esta segunda renúncia e achando-se vago o cargo de ministro do Exterior, competia a substituição, sempre conforme a lei, ao de Gobernación, general Huerta, que no mesmo instante prestou o respectivo compromisso e assumiu o exercício do posto de presidente provisório! Tudo isto se passou em cerca de uma hora, durante a qual teve a república três presidentes!

LEMBRANDO AS TRAGÉDIAS GREGAS

Correndo na manhã seguinte, com muita insistência, boatos de que Madero seria fuzilado e manifestando sua família grande temor, quando fui visitá-la às primeiras horas, eu – que, como todos em casa, havia passado uma horrível noite insônia, qual se pode imaginar – resolvi, de modo próprio e para cumprir um alto dever de humanidade, interceder junto ao general Huerta para que fosse poupada a vida do prisioneiro indefeso. Mandando-me entrar sem cerimônia no seu gabinete de trabalho, àquela hora matutina, recebeu-me afavelmente, enquanto tomava o seu café e se lhe pensava pequena ferida que recebera num pé, durante um dos combates.

Ouvindo-me com toda a atenção, respondeu-me agradecendo tê-lo procurado, para poder assegurar-me, com o pedido de que informasse os meus colegas, que nenhuma medida violenta seria tomada contra Madero; demais, afirmou que as providências

assentadas garantiam ao ex-presidente ali no palácio maior proteção do que em qualquer outra parte; que se tinha resolvido por sua própria segurança não o deixar partir para Vera-Cruz, por temerem-se ataques ao trem ou outras complicações; e, por fim, que deveria reunir-se naquela mesma tarde o novo gabinete, que talvez resolvesse fazer ao ex-presidente um processo, provavelmente sem outra consequência senão a de poder-se conservá-lo detido até que as coisas serenassem.

Tendo-me em seguida permitido ver Madero, como lhe pedi, fui visitá-lo na sala em que se achava preso no andar térreo, onde o confortei o melhor que pude, contando-lhe a minha conversa com Huerta e as garantias que me dera. Saí, porém, muito impressionado pelos temores por ele manifestados quanto à segurança da sua vida e os seus carinhosos cuidados pela família; expressou-me, ainda, o seu vivo desejo de partir para Vera-Cruz, correndo todos os alegados riscos, que a seu ver não existiam. Creio ter sido uma das últimas, senão a última pessoa que falou com o infortunado presidente, porque não tardou em expedir-se a ordem da sua incomunicabilidade, tanto que, se bem lembro, dizia-se no momento, nem à sua senhora consentiram vê-lo! Dali fui novamente visitar a família, em cujo benefício, como no dele, continuei a trabalhar discretamente.

É para notar, como extraordinária e expressiva coincidência, que, sem combinação prévia e não sabendo, creio, o passo que eu havia dado, separadamente agiram, da mesma forma, ouvindo de Huerta idênticas asseverações o embaixador americano, os ministros da Alemanha, Espanha, Grã-Bretanha, Chile e Cuba, e o encarregado de negócios do Japão.

❖

Na tarde do mesmo dia 20, tendo o embaixador americano uma nota para ser transmitida ao corpo diplomático em que o general Huerta comunicava o receberia em audiência solene de cumprimentos no dia seguinte, 21, convocou todos os chefes de missão para deliberarem sobre o caso. E ficou resolvido por grande maioria que o corpo diplomático comparecesse, ainda

mesmo sem instruções especiais dos seus governos, a exemplo do que se passara quando renunciou o presidente Porfirio Díaz, desde que o governo do general Huerta estava formado mediante os trâmites legais, não competindo ao corpo diplomático entrar na apreciação dos fatos. Isto, não obstante haver o ministro do Chile referido o que se passara a respeito da renúncia de Madero e das condições em que ele a dera. Não faltaram também observações de alguns colegas e minhas, ponderando sobre a desigualdade dos dois casos, porque o presidente Porfirio Díaz, que renunciara espontaneamente, já não se achava na capital quando o presidente provisório De la Barra recebeu o corpo diplomático em audiência solene, ao passo que o presidente Madero ainda ali se encontrava, preso no mesmo palácio a que teríamos de comparecer, para saudar o general que o depusera...

Prevaleceu, porém, como já ficou dito, a opinião da maioria e à recepção estiverem presentes: o embaixador americano, Henry Lane Wilson, que pronunciou o discurso usual, os ministros da Espanha, Cólogan; Noruega, Michael Lie; Guatemala, Juan Ortega; Chile, H. Riquelme; Grã-Bretanha, Strong; Bélgica, P. May; Cuba, Márquez Sterling; Brasil e Salvador; e os encarregados de negócios do Japão, Horigoutchi; da França, Ayguesparse; da China, C. P. Woo; da Áustria-Hungria, G. de Pottere e Honduras, deixando de assistir o ministro da Alemanha, alte. Von Hintz, por doente e o encarregado de negócios de Portugal, Arenas de Lima, ausente. Convém observar que o corpo diplomático se foi pouco a pouco modificando, já pelo afastamento ou ausência temporária de uns, já pela substituição de outros, razão pela qual se mencionam algumas vezes no correr da narrativa nomes diferentes como representantes dos países acima.

❖

No dia 22, decidiu o novo gabinete, presidido por Huerta, processar Madero e Pino Suárez, que, alegando-se maior segurança e comodidade (?), seriam transferidos naquela mesma noite para a penitenciária!

Houve à tarde uma grande recepção na embaixada americana,

durante a qual chamou a atenção e foi muito comentada a longa palestra entre o general Huerta e o embaixador.

E na lutuosa manhã de 23, acordou a cidade para estarrecer-se com a notícia publicada em todos os jornais, segundo a versão oficial, de que os dois prisioneiros haviam sido mortos ao tentar evadir-se, durante um ataque feito contra os automóveis que os transportavam para a penitenciária, por um grupo de pessoas armadas no intuito de libertá-los.

Foi de verdadeiro horror, mesclado de indignação, a impressão produzida no país e no estrangeiro pela tremenda tragédia, cuja causa e particularidades, evidentemente, não vieram completas ao pleno conhecimento público... Apressou-se o ministro das Relações Exteriores a negar qualquer participação oficial neste execrando episódio e a prometer uma averiguação completa para o justo castigo dos culpados, bem como a fornecer à embaixada e às legações cópias de todo o inquérito, o que jamais se realizou.

Declarou logo pela imprensa o embaixador americano Henry Wilson aceitar a versão oficial, em falta de melhor informação, ao passo que o ministro de Cuba, Márquez Sterling, desgostoso com os acontecimentos, em que tão de perto tomara nobremente parte, foi sem demora chamado pelo seu governo e partiu a bordo do vaso de guerra *Cuba*, levando em sua companhia a viúva Madero e vários membros da família.

No seu livro "Los últimos dias de Madero", publicado pouco tempo depois, relatou aquele digno diplomata, minuciosamente, todos os incidentes e particularidades daquela triste época, inclusive a piedosa gestão da senhora Madero junto ao mesmo embaixador americano, cuja eficaz proteção fora implorar para obter a liberdade de seu idolatrado esposo, numa penosa conferência de que dará ideia o seguinte trecho:

O embaixador:

– Vosso marido não sabia governar; jamais pediu nem quis escutar meu conselho!

.....

Prolonga-se o brusco diálogo e não acha o sr. Wilson ao

menos uma palavra suave, branda, consoladora. Ele, pedir a liberdade do sr. Madero, interessar-se por Pino Suárez? Huerta fará o que convier! Ele, embaixador, mostra-se inexorável.

A senhora Madero:

– Outros ministros, seus colegas, esforçam-se por evitar uma catástrofe: o do Chile, o do Brasil e o de Cuba...

Sr. Wilson, sorrindo com crueldade e martelando cada palavra:

– Não... têm... influência...

Seria o caso de perguntar-se-lhe: – Se assim pensava, por que não interpôs a sua, que seria decisiva, como pedia a mísera senhora?!

Conservaram-se na expectativa os demais representantes diplomáticos, não havendo, realmente, base até então para estabelecer-se outra teoria segura sobre o lamentabilíssimo caso, pois os próprios cadáveres estavam tão envolvidos em tiras e pensos que mal se lhes viam os rostos, não se podendo, portanto, conhecer os locais nem a natureza dos ferimentos... Teriam razão os desafetos malévolos da nova situação, que murmuravam terem sido os corpos assim adrede preparados? A verdade é que a respeito da tragédia continuaram a fervilhar os mais trágicos e repugnantes boatos...

❖

Mostrava-se, neste ínterim, o governo do general Huerta esperançado de conseguir em pouco tempo a pacificação completa do país, pela submissão de todos os revolucionários e cabecilhas zapatistas, e para tal empregava ingentes esforços. Enquanto isso e à proporção que se passavam os dias e diminuía de intensidade a terrível impressão causada pela morte de Madero, ia-se firmando no seio do corpo diplomático, principalmente dos seus membros europeus, que tinham importantíssimos interesses a defender, a opinião de que aquele doloroso fato de ordem interna, quaisquer que fossem os culpados, em nada devia influir nas relações a estabelecer com o novo governo, constituído,

como foi, salvando-se os trâmites e formalidades legais e estando aceito pelos demais poderes do país.

E, assim sendo, realizou-se a 3 de março a primeira recepção diplomática do ministro das Relações Exteriores, adiada de 24 de fevereiro, por sugestão do ministro da Grã-Bretanha. Compareceram, sem exceção, todos os representantes diplomáticos e nesta ocasião o embaixador americano, de acordo com os colegas, fez-lhe para salvaguardar os escrúpulos de alguns, entre os quais eu, a seguinte declaração: "O corpo diplomático entrou de fato em comunicação com o governo, reservando, porém, os seus respectivos governos o privilégio de reconhecer formalmente o governo provisório quando lhes parecer oportuno."

Além de uma visita oficial que me fez no mesmo dia, o ministro do Exterior De la Barra transmitiu-me espontaneamente, por nota de 22 de fevereiro, o pesar do seu governo pelos estragos sofridos pela legação do Brasil, dando, assim, satisfação à minha reclamação feita ao seu antecessor e, em outra de 28, declarou que sua secretaria tinha especial interesse em mandar repará-los pela Diretoria das Obras Públicas. Como os demais colegas no mesmo caso, declinei o oferecimento, agradecendo. Estava eu, pois, em excelente situação junto aos novos governantes, sem que, por isso, me tivesse esquecido dos meus deveres de cortesia, amizade e humanidade para com os vencidos, especialmente o presidente Madero e sua família.

❖

Entretanto, prosseguiam também ativamente os trabalhos do presidente Huerta e do seu gabinete, no sentido do reconhecimento do seu governo pelas potências mundiais, principalmente pelos Estados Unidos, e da pacificação do país por meio de uma lei de anistia, diversas negociações e operações militares. Encontravam, porém, as maiores dificuldades, porque, se é verdade que alguns dos opositores ao presidente Madero, como o general Orozco e outros, tinham aceito a ascensão de Huerta, muitos outros, ao contrário, como o caudilho Zapata, no sul, não o reconheciam. Já se havia também corporizado, no norte, uma nova e franca revolução

contra ele, pelos dissidentes, sob a chefia do senador Venustiano Carranza, e do caudilho Francisco Villa mais conhecido por *Pancho* Villa, sendo que os dois últimos pugnavam de acordo, cabendo a Carranza a chefia do movimento, provavelmente pelo fato de ser ele o governador do estado de Chihuahua.

Assim, tudo se complicou singularmente, o que, entretanto, não impediu que o governo de Huerta fosse sendo reconhecido, com pequenos intervalos por todos os países europeus e americanos representados no México, faltando apenas os Estados Unidos, Brasil, Chile e Cuba. Não havia mais ali nenhum representante da República Argentina, já tinha saído o de Cuba, retirou-se em junho de 1913 o ministro do Chile e foi chamado em julho do mesmo ano, para não mais voltar, como se verá, o embaixador americano.

Contava-se na ocasião, como verídico, que tanto ou mais do que outros motivos de toda ordem, contribuiu para a rigorosa abstenção e consequente atitude do presidente Wilson o fato de, profundamente comovido pelo veemente relato que lhe fez, banhada em lágrimas e coberta de rigoroso luto, a viúva Madero, na audiência que dele obteve, ter o bondoso magistrado deixado cair dos lábios:

– Jamais reconhecerei aquele governo!

SITUAÇÃO DELICADA – PEQUENAS EXCURSÕES

Pelo que se acaba de narrar, ficara eu, como ministro do Brasil, na delicadíssima posição de único representante de país estrangeiro que não havia reconhecido a nova ordem de coisas.

Não foi esta, porém, uma atitude impensada, como não parece ter havido descuido administrativo; obedeceu, tudo leva a crer, à decisão tomada para significar que o fato de não haver o Brasil reconhecido o presidente Huerta, não implicava a diminuição da estima pelo país amigo e desinteresse pelas dificuldades por que estava passando. Demais, a confiança com que o governo brasileiro me distinguia, como seu representante, e as informações que ia recebendo quanto ao bom êxito da minha ação oficiosa e o satisfatório acolhimento que me faziam os novos governantes e a sociedade mexicana, davam-lhe a certeza de poder

prolongar-se sem maiores inconvenientes a posição em que eu me achava, de modo a permitir mais tarde – se as circunstâncias o exigissem, como os fatos vieram demonstrar – a sua ação discreta e amiga para ajudar o México a aplainar as dificuldades que o estado e a gravidade da situação política já, desde então, principalmente com os Estados Unidos, eram de pressagiar.

Vem a propósito dizer, ainda no tocante ao reconhecimento, que diante das primeiras e lacônicas informações telegráficas e da atitude das potências europeias e americanas, e bem assim da que se presumia seria a dos Estados Unidos, devida às gestões favoráveis do embaixador americano e, portanto, para não quebrar a solidariedade da política continental americana, não se teria, provavelmente, o governo do Brasil especializado em ser o único a não reconhecer o novo estado de coisas no México e neste sentido eu próprio, a princípio, opinei e recebi adequadas instruções. Antes, porém, de dar este passo diplomático, recebeu nosso governo informações mais completas, que só retardadas lhe chegaram ao conhecimento, por deficiências do serviço postal e pelo desencontro causado em virtude da viagem do nosso ministro do Exterior, Lauro Müller, em visita aos Estados Unidos, e dada a atitude da nova administração americana, que acabava de inaugurar-se pela posse do presidente Woodrow Wilson, que recusou terminantemente aquele reconhecimento e, bem assim, a abstenção da Argentina, do Chile e de Cuba, resolveu, tendo sempre em vista, como de costume, sua mais estreita harmonia com os dois primeiros, manter-se na prudente posição acima indicada.

Cabia-me, portanto, a árdua e delicada tarefa de suavizar a má impressão produzida nos círculos mexicanos pelo papel do Brasil e do seu representante oficial no México e pelo inêxito dos muitos e variados esforços empregados para o reconhecimento do governo de Huerta pelo governo brasileiro; e assim o fiz, interpondo o procedimento pessoal apropriado, correto, discreto e ameno. Como resultado, basta mencionar a distinção com que éramos tratados na capital mexicana, minha família e eu, e, sobretudo, a visita que fez à legação do Brasil e a mim, como bem frisou, o presidente Huerta acompanhado do seu ministério e da sua família, vencendo as inclemências de uma tarde tempestuosíssima, quando ali se comemorava com grande

festa a data da nossa independência, a 7 de setembro; e mais, o fato de haver-se conservado no Rio de Janeiro o ministro do México, quando foram retirados os seus representantes na Argentina e no Chile.

❖

É, porém, tempo de mencionar que, em virtude da oposição americana e do consequente malogro de um empréstimo de duzentos milhões de pesos para os trabalhos de pacificação, e mais as dificuldades de todo o gênero que assoberbavam a administração de Huerta, este – apesar dos inauditos esforços que empregava para manter-se – foi-se enfraquecendo pouco a pouco, já pela série de derrotas militares, como as de Matamoros, Zacatecas e Ojinagas e principalmente de Torreón, já pelas exigências da sua própria posição, que o fizeram dia a dia tornar mais dura a sua ação governamental. Seria longo enumerar todos os dissabores que o levaram, de recurso em recurso, até a adoção do infrutífero plano de concentração de forças em Morelos, qual fora adotada em Cuba, como meio de extinguir o zapatismo ali dominante.

Para exemplo da instabilidade do governo e da falta de coesão política, não vale a pena referir, por enfadonhas, as mui frequentes crises ministeriais ou modificações no gabinete, bastando citar como mais interessantes para o corpo diplomático, a série de ministros das Relações Exteriores ou de subsecretários, durante os dezessete meses da administração de Huerta, que tornava difíceis as gestões sobre qualquer assunto. De fato, não era raro que, iniciadas ou quase terminadas com um, tinham de ser novamente entabuladas desde o princípio com o seu sucessor, para às vezes tornarem a começar com o seguinte; eis a série: De la Barra, (subsecretário) Carlos Pereira, Garza Aldape, Frederico Gamboa, Querido Moheno, Portillo y Rojas, e o subsecretário Esteva Ruiz.

❖

Como por tudo se está vendo, era então a minha atitude pública de observação e expectativa, e não fossem as perigosas condições, pelos distúrbios reinantes, poderíamos, minha família e eu, ter aproveitado para percorrer o México em pitorescas excursões,

além do útil estudo que eu certamente faria dos seus vastíssimos recursos e possibilidades de intercâmbio com o Brasil.

Tinham, porém, determinado os nossos fados que daquele formoso país só nos seria dado conhecer as belezas da capital, privando-nos de apreciar as dos outros pontos do território, inclusive, os interessantíssimos vestígios históricos e imponentes ruínas e monumentos, que disseminados aqui e ali, ainda demonstram o que foram as suas antiquíssimas civilizações, como as ruínas de Mitla, as maravilhosas pirâmides, entre as quais as do Sol e da Lua, consideradas as duas maiores montanhas artificiais da América, e assim por diante.

Isto, para não nos arriscarmos ao que aconteceu, por exemplo, ao ministro do Japão, que de visita a um navio de guerra da sua nação, ancorado em um porto do Pacífico, ficou durante semanas detido, em meio do trajeto, em Guadalajara, quando regressava, não obstante as facilidades que lhe procuram dar os combatentes.

Assim, limitávamos as nossas excursões aos arrabaldes mais próximos: Popotla, célebre por ainda ali existir a já bem carcomida e bem escorada *Arbol de la Noche Triste*, uma espécie de cipreste *ahuehuete*, gigante, símbolo do luto e da tristeza, sob cuja copa, na noite de 1º de julho de 1520, chorou Fernando Cortéz a sua derrota e retirada de Tenochtitlán, nome antigo da capital do México; o pitoresco San Angel Inn, aonde tantas vezes fomos a convescotes com amigos; e Coyoacan, onde ainda se via o velho palácio de Cortéz; ali Cuauhtemoc ou Guatemotzin ou ainda Montezuma Segundo, que foi o último imperador asteca do México, destronado e posto vivo a assar sobre uma grelha, recusou-se a revelar onde se encontravam o ouro e os tesouros ambicionados pelos conquistadores. E ao seu secretário Tetlepanquetzal, que, nas ânsias da morte pelo mesmo meio, lhe suplicava consentisse que revelasse a existência e o esconderijo dos tesouros, exprobrou:

– E eu? Pensas que estou em um leito de rosas?

E morreram impenetráveis, vingando-se pelo silêncio!

❖

Um pouco mais longe, só visitamos a soberba e riquíssima Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, a padroeira do México com seu velho altar de prata maciça e outras riquezas incalculáveis; ali se encontra o manto do campônio Juan Diego, índio depois batizado, no qual, segundo a lenda, está milagrosamente estampado o retrato ou imagem da Virgem, de feitura e tintas que nunca puderam ser explicadas; manto aquele que também Ela encheu de rosas jamais vistas naqueles áridos terrenos, quando lhe apareceu pedindo fosse ali edificada sua igreja e querendo dar-lhe uma prova da autenticidade do fato para mostrar ao bispo.

Apraz-me igualmente lembrar as agradáveis tardes de recreio no Country Club, na excelente companhia de bons amigos, entre os quais Monjarás e sua querida família, tanto quanto os longos e frequentes passeios de automóvel a Tlalpan, por uma extensa estrada, otimamente arborizada, a cuja bela perspectiva dominava o vulto de imponente vulcão longínquo!

❖

Merece, por fim, ser especialmente recordada a excursão a Xochimilco, antiquíssimo e mui curioso lago, pitoresco e tudo o que pode haver de mais original, talvez único no mundo, ao lado da povoação do mesmo nome, coalhado de pequenas ilhas flutuantes, cobertas de verdura e de flores lindíssimas – *chinampas* – presas ao fundo pelas sólidas raízes das plantas e apenas separadas umas das outras por estreitíssimos canais. Percorrendo-os em pequenas embarcações e abrindo os braços tocam-se as margens de ambos os lados de que se podem colher as viçosas vegetações. Dali vão as mais bonitas flores para os mercados do México.

É inútil procurar por palavras descrever o encanto de tudo aquilo, sob um céu azul de que nos coube a sorte de gozar naquela inolvidável tarde de sonho! Mas, para isto, foi preciso que o amável ministro da Guerra de então mandasse reforçar com cem praças, levando até metralhadoras, a guarnição daquela aldeia, frequentemente atacada pelos revolucionários zapatistas das montanhas circunvizinhas à cata de gêneros alimentícios e de munições.

Foram deliciosas as impressões daquele passeio, fazendo-nos esquecer a justa inquietação, mas... Retiramo-nos a tempo, porque mal dali partiu o trem trazendo de regresso o reforço e o nosso automóvel entrava, pouco adiante, na estrada que conduz à capital mexicana, já se ouviam estrondear os tiros de um novo ataque daqueles revolucionários ao perseguido lugarejo! Tão audazes se foram tornando que, por vezes, traziam suas tropelias até quase às portas da capital, onde ressoavam os estampidos das armas.

AMONTOAM-SE PESADAS NUVENS

Desde bastante tempo, como já se disse, havia Huerta entabulado com os revolucionários negociações de paz que talvez pudessem ter sido levadas a bom termo, não fossem as circunstâncias seguintes: estimulados cada vez mais pela franca oposição do governo de Washington e pela política por este adotada de "vigilante expectativa", e esperançados do almejado reconhecimento da sua beligerância, cobravam eles dia a dia maior ânimo e ganhavam forças e terreno. Além disto, não era raro que forças completamente apetrechadas do exército organizado por Huerta e por ele mandadas atacar seus adversários, para estes se bandeassem. Tudo isso quando as necessidades da guerra, a falta de boa disciplina em todas as forças, de um lado e do outro, os interesses subalternos de uns e as desmesuradas ambições de vários, estavam causando em todo o país a completa desorganização e o depauperamento de todas as suas forças vitais e elementos de riquezas, para não falar nos incalculáveis danos a nacionais e estrangeiros.

❖

Neste comenos, tinham sido afastadas do país, sob vários pretextos, todas as pessoas que, por qualquer forma, pudessem tomar atitudes políticas ou incomodar o governo, como o general Felix Díaz, depois de se ter dado como cumpridas as estipulações do seu pacto de fevereiro com Huerta; o licenciado Rodolfo Reyes; o ministro da Guerra general Mondragón, que teve por sucessor o general Blanquet; De la Barra, depois de ter renunciado a sua

candidatura à presidência da República; Esquivel Obregón, que fora ministro da Fazenda, e tantos outros.

Aliás, antes de prosseguir, seja dito em abono de Huerta, que não foram só os seus adversários e inimigos declarados que tiveram essa sorte; mas, também, alguns dos seus próprios amigos, quando tal mereciam, como se verá do seguinte episódio:

Por ocasião de grandes triunfos do notável toureiro espanhol Gaona, se bem me recordo, deram-lhe um almoço no pitoresco restaurante do bosque de Chapultepec, depois do qual se formou ao ar livre numeroso grupo dos convidados para a indispensável fotografia. À frente de todos, colocou o fotógrafo, o toureiro e o presidente Huerta, que se dignara tomar parte na festa; na fileira atrás dele achava-se um dos seus colaboradores e amigo bem em evidência naquele momento, a quem, justa ou injustamente, eram atribuídas as maiores arbitrariedades e tenebrosos feitos, entre os quais, o misterioso desaparecimento de estimado político, que, contra aviso seu em contrário, pronunciara violento discurso de oposição, e de quem se dizia – custa crer – por isso extirpara, ou mandara extirpar, a língua! O fato é que se eclipsou aquele infeliz ao sair de um banquete em casa da senhora S., dama distinta, benquista e riquíssima, que por sua jovialidade e brilhantes festas era conhecida, sem nenhum sentido pejorativo, por "Viúva Alegre". Muito a entristeceu e desgostou aquela triste circunstância, que deu causa a disparatados boatos; entre estes, muito mais tarde, o de ter-se encontrado o corpo do desaparecido enterrado à socapa num dos arrabaldes da cidade.

Mas, voltando à cena do bosque, qual não foi a surpresa, para não dizer o escândalo, quando Huerta, sempre jovial, ainda nos momentos mais críticos, ao ver aquele seu amigo atrás dele, tomou-o gentilmente pela mão, com o mais amável dos sorrisos, colocou-o em evidência junto ao toureiro e recuou, maliciando:

– Na frente devem ficar os dois matadores; eu passo para o segundo plano!

Veio, assim, a público nesse dia, a desgraça em que caíra aquele desalmado, que pouco depois partia, exilado.

❖

Prosseguindo, era muito problemática a influência das medidas, de que acima falamos, sobre a marcha dos negócios públicos ou sobre os meios empreendidos para apressar a pacificação, pois o estado de coisas, não só político, como no tocante às operações militares, não apresentava então, em agosto de 1913, sintomas de próximo bom resultado, continuando ao contrário a revolução em pleno vigor, não obstante alguns triunfos obtidos pelo governo.

Naquele momento, acentuava-se a crise como em extremo delicada e dificilmente remediável, se não houvesse muito tato e serenidade de uma parte e grande abnegação da outra.

Como já se referiu, fora o embaixador americano chamado, havia algumas semanas, pelo presidente Wilson para dar explicações sobre os acontecimentos do México e acerca de sua atitude; e, durante muitos dias, estiveram a imprensa e o público em verdadeira febre, publicando-se toda a espécie de notícias sensacionais e conjecturas sobre qual seria o procedimento do governo americano, depois das informações do embaixador que, criam os interessados, seriam favoráveis a Huerta. Nutriam os governistas a esperança de o ver reconhecido, condição que consideravam indispensável para a pacificação do país, pois no seu entender, este fato – que provavelmente acarretaria o reconhecimento pelo Brasil, Argentina e Chile –, prestigiando o governo, tiraria aos revolucionários as esperanças e a coragem.

Mas, em vez disto, rebentou a notícia de que fora aceita a exoneração pedida pelo embaixador, desde o mês de março, e que o presidente Wilson, em vez do desejado reconhecimento, resolveu mandar ao México mr. Lind, em missão particular muito especial, como um simples assessor ou conselheiro da embaixada, então a cargo do encarregado de negócios, Nelson O'Shaughnessy. E, não obstante a afirmação de Washington de que aquela missão era toda de paz e para o bem do México e da sua pacificação, tão desejada por todos, houve alarma geral, que imediatamente se traduziu pela seguinte declaração, em nota do então encarregado do Ministério das Relações Exteriores, Garza Aldape, à embaixada americana, que a transmitiu ao seu governo:

> Por ordem do Senhor Presidente da República, declaro, como Encarregado da Secretaria das Relações Exteriores, que se o ex-governador Lind, enviado do Senhor Presidente Wilson não trouxer

> suas credenciais em devida forma e com elas o reconhecimento do Governo da República Mexicana, não será grata sua presença no país.

Nesse ínterim, já havia, porém, partido de Washington mr. Lind e, quando se conjecturava se, diante da atitude do governo mexicano, continuaria ele na sua viagem ou receberia ordem de regressar, soube--se com surpresa que não a interromperia e que o governo americano manifestava o desejo de que o México nada fizesse, nem resolvesse, antes de conhecer exatamente a que fins ia aquele seu representante.

Efetivamente, desembarcou em Vera-Cruz de bordo de um navio de guerra americano e, cercado de todas as atenções e garantias pessoais por parte das autoridades, chegou mr. Lind à capital a 11 de agosto de 1913. Como é natural, não vieram a público todas as particularidades dessa delicada missão secreta que, ao contrário do que a todos se afigurava a princípio e apesar da intransigência manifestada na declaração acima transcrita, pode agir, ainda que sem resultado, pois do contrário não se teriam realizado as conferências particulares do general Huerta e do ministro das Relações Exteriores, já então Frederico Gamboa, com o emissário americano; não se haveria chegado à troca de notas entre os últimos; nem muito menos teria o presidente Wilson enviado durante as negociações expressivo telegrama de pêsames a propósito de uma terrível explosão de pólvora ou dinamite na capital do México, que causou grande número de vítimas.

Achávamo-nos pela manhã ainda nos nossos quartos de dormir, minha família e eu, quando nossa casa, aliás, solidamente construída, tremeu desde os alicerces, fazendo-nos crer, no primeiro instante, em algum dos costumados violentos terremotos. Estes e outros sustos e motivos de excitação não nos faltavam, com demasiada frequência, pondo-nos – como a toda gente – num estado de espírito que exigia dos nervos mais do que eles podiam razoavelmente dar, o que foi assim pitorescamente definido, pelo velho policial de guarda à legação.

– Senhor Ministro, já não se acha graça na comida que se come, no *pulque* que se bebe, nem no sono que se dorme!

Eram, então, completamente desconhecidos os termos das referidas notas e a crença, fundada em declarações do ministro Gamboa e em notícias de Washington de que tais documentos eram bastante cordiais, deu esperança de pronto e feliz resultado; mas, de repente, tudo se agravou pela súbita partida, no dia 26, do enviado Lind, que deu por finda a sua missão e por um telegrama de Washington, comunicando que o presidente Wilson, ao saber disto, decidira ler perante o Congresso americano uma mensagem sobre o caso do México, dando conta do malogro das suas gestões pacíficas para resolvê-lo.

Releva notar que, a pedido do governo americano, por intermédio do corpo diplomático em Washington, todos os representantes estrangeiros no México, inclusive eu, receberam de seus governos e trataram de desempenhá-las com o devido tato, instruções para que, de maneira oficiosa e discreta, buscassem facilitar as negociações de Lind, tendentes à pacificação do país, sem intervir, é claro, na política interna, tendo-se em vista somente conciliar os direitos soberanos do México com as aspirações de paz de todas as nações ali representadas. Para mim, foi tal incumbência particularmente difícil pela posição delicada em que me achava perante o governo de Huerta, não o tendo reconhecido.

Nada disto, entretanto, obstou a que fosse recusada a sugestão de Washington, que, como se veio depois a saber pela publicação das notas trocadas, indicava como meio de pacificação e como base para o apoio moral e financeiro dos Estados Unidos, a renúncia do general Huerta e a convocação de eleições para a escolha de um presidente constitucional efetivo, que não fosse ele.

Como bem se pode imaginar, mais e mais complicou-se a situação, porquanto de uma boa solução da crise das relações entre os dois países, dependia, já ficou dito, a questão financeira extraordinariamente difícil, que, por seu lado, a par da revolução, estava arruinando a nação e produzindo o mal estar das classes médias e a miséria das populares.

❖

Neste ínterim, iam tomando os acontecimentos caráter cada vez mais tenebroso, e estuavam mil boatos alarmantes e garantidos como verdadeiros, causando no espírito público tantos estragos quantos os produzidos pela revolução nos campos e nas cidades. Para amostra, cito apenas um deles:

Estava colocado, acima da janela principal do Palácio Nacional, o histórico "Sino da Liberdade", aquele mesmo que, às onze horas da noite de 15 de setembro de 1810, fora tocado pelo cura Miguel Hidalgo, na aldeia de Dolores, estado de Guanajuato, chamando às armas os cidadãos para o início do movimento da independência do México do domínio espanhol.

Todos os anos, naquele mesmo dia e hora, o presidente da república, rodeado pelos seus ministros e altas autoridades, além de inúmeros convidados, assomava ao balcão, tangia vigorosamente o sino e dava os vivas de praxe, longa e entusiasticamente correspondidos por formidável massa de povo que atopetava literalmente a imensa praça em frente ao palácio, donde se espalhava pela cidade em efusivas demonstrações.

Muitos dias antes e principalmente desde a véspera, em cartas anônimas, que recebíamos, corriam com a maior insistência e, por várias circunstâncias, com visos de verdade, o boato de que seria naquela ocasião dinamitada aquela parte do palácio.

Fôramos, minha mulher e eu, como todo o corpo diplomático, convidados, conforme o costume, a assistir das janelas, com o presidente, à característica solenidade e a tomar parte na festa que se lhe seguia; e já estávamos em ponto de sair para este fim, quando veio visitar-nos, bastante excitado, um dos nossos melhores amigos mexicanos, aliás, habitualmente calmo, bem relacionado com as autoridades policiais, para pedir-nos encarecidamente não comparecêssemos à cerimônia, porque estava fidedignamente informado de que, efetivamente, senão aquele atentado, algo de grave se iria passar.

Ora, tendo Huerta comparecido amavelmente, a 7 de setembro, à festa comemorativa da nossa independência, como já se contou, pareceu-nos correto e indispensável não faltar à do México. E, ainda que um tanto impressionados, fomos cumprir

nosso dever... Assistimos a tudo e o nosso único desconforto foi pensar constantemente na inútil inquietação das nossas filhas, que tinham ficado aos cuidados da governante e daquele nosso bom amigo. E, assim, iam-se martelando milhares de boatos.

Por isso mesmo que Huerta, como o seu governo, me tratava pessoalmente do mesmo modo que a qualquer dos outros diplomatas que o tinham reconhecido, eu me constituía na obrigação de corresponder-lhe da mesma maneira, dentro das restrições exigidas pela minha delicada situação; tanto assim que, como os demais colegas, assisti ao casamento de sua filha, a quem, aliás, autorizado pelo governo brasileiro, ofereci valioso presente.

AUMENTA A PRESSÃO DO AR

Nas condições descritas, enquanto ia o governo empregando esforços para a pacificação, tanto quanto lhe permitia a disseminação dos revolucionários poderosos em grande extensão do país e a falta de dinheiro, assumiam as relações com os Estados Unidos, que se conservavam sempre em "vigilante expectativa", aspecto pressagiador de lamentável desenlace, tanto que desde então julgou necessário o governo de Washington expedir ordem e tomar providências para a pronta saída dos americanos do território mexicano, sendo que a maioria deles não julgou oportuno cumpri-la. Encarta-se aqui a singular circunstância de haver o governo do general Huerta dado por sua vez ordem às autoridades da república mexicana para completarem os preços das passagens de primeira classe dos americanos que quisessem retirar-se (aos quais o governo de Washington mandara dar de terceira), "a fim de que aqueles viajassem com o conforto e decência a que estavam acostumados".

Além disto, na mensagem lida por Huerta a 16 de setembro, por ocasião da abertura do Congresso, chamou muito a atenção a sua declaração de que não parecia conveniente prorrogar o prazo de seis meses, que terminava em 25 de outubro, especialmente concedido para a permanência de navios de guerra estrangeiros em águas da república, permanência que pelas leis mexicanas não devia em circunstâncias normais ser maior de que um mês. Vi-

savam-se, assim, indiscutivelmente os navios americanos; mas, já havia notícias de Washington de que tal resolução não seria levada em conta, por isso que ali não se reconhecia a autoridade do general Huerta.

Para completar a visão desse período, é conveniente mencionar a largos traços alguns dos incidentes e episódios de que ele foi tão fértil: avulta o que diz respeito às câmaras, que já imbuídas de um espírito de grande hostilidade contra o governo, além de terem praticado vários atos que lhe embaraçavam a ação, senão a impossibilitavam, chegaram a ameaçá-lo, por uma moção, de irem reunir-se em outra parte. Sabido era que, a realizar-se a transferência da sede dos seus trabalhos, seria para regiões dominadas pelos revolucionários, cada vez mais fortes, porque às adesões aos seus naturais progressos, ajuntou-se a facilidade que desde algum tempo lhes dava a livre exportação de armas para o México, já permitida pelos Estados Unidos.

Buscando baldamente conjurar a crise, mandou Huerta às câmaras o seu ministro do Interior levar as explicações que lhe pareceram necessárias e obter a retirada da moção; e, não sendo atendido, deu o seu segundo golpe de estado, em outubro de 1913, dissolvendo o Congresso e chegando ao extremo de prender cerca de cem deputados!

Marcou nova eleição para deputados e senadores no dia 26 do mesmo mês, dia também designado para a de presidente e de vice-presidente; e em decretos posteriores, garantiu o funcionamento do Poder Judiciário, mas suspendeu as imunidades dos deputados e senadores, assumindo ele atribuições do Poder Legislativo no tocante às atividades dos ministérios do Interior, da Fazenda e da Guerra; e para começar, decretou um aumento de 50% nos direitos de importação, o que veio tornar mais angustiosas as condições de vida já extremamente difíceis.

Tudo isto agravou sobremaneira a situação política, tanto mais quanto era convicção geral que as eleições, quaisquer que fossem os seus resultados, não poderiam solucionar favoravelmente a crise, pois que nenhum dos candidatos, general Felix Díaz, Frederico Gamboa e outros, ainda que eleitos, seria

aceito pelos revolucionários.

Entretanto, realizam-se as eleições em perfeita calma, mas somente nos pontos dominados pelo governo, sendo notável a abstenção de votantes; pois apenas cerca de 10% do número total compareceu às urnas. A maioria dos votos para presidente teve-a, como era de supor-se, o general Huerta, que aliás tinha previamente convocado uma reunião do corpo diplomático para anunciar-lhe esse provável resultado, ainda que, por inconstitucional, não tivesse apresentado a sua candidatura; acrescentou, entretanto, que pela mesma razão não poderia aceitar a presidência. E à vista disto, declarou publicamente o ministro do Exterior que se as câmaras reconhecessem válida a eleição do ministro da Guerra, general Blanquet para vice-presidente, que este assumiria o poder.

Durante uns dias pareceu, pela solenidade da declaração, que seria esta a solução da crise; mas, ou porque, segundo se afirmava, tivesse o governo de Washington avisado o do México da sua intenção de não reconhecer nenhum presidente resultante de semelhantes eleições, nem nenhum ato do novo Congresso delas oriundo, ou pelos cada vez maiores progressos da revolução, ou, finalmente, por motivos de ordem interna, declarou o general Blanquet que não assumiria a presidência. Foram, portanto, anuladas as duas escolhas, e continuou no poder o general Huerta, como presidente provisório.

❖

São, também, dignas de menção, entre outras medidas extraordinárias, a da suspensão dos pagamentos da dívida pública e a decretação do curso forçado para as notas dos bancos emissores do Estado, ao passo que, no tocante à revolução se pode lembrar o conhecido episódio da morte do súdito inglês Benton, por ordem, dizia-se, do caudilho revolucionário Pancho Villa, além de outros fatos que, tornando cada vez mais tensa a situação política, como a militar, levaram o corpo diplomático, em previsão de possíveis distúrbios na capital, a combinar um plano de concentração dos estrangeiros em certos e determinados pontos para a sua defesa e proteção. Tais circunstâncias impeliram Huerta

a dirigir, em fevereiro de 1914, ao governo americano, a propósito do rumoroso caso Benton, pendente de investigação pelos Estados Unidos, devida à reclamação da Grã-Bretanha, um memorando alegando falta de garantias para os estrangeiros por parte dos revolucionários, em contraste com a proteção que ele, Huerta procurava dar-lhes; e a dificuldade que lhe criava a livre exportação de armas para os seus adversários e reivindicando, ao mesmo tempo, o direito de esperar que o governo de Washington, em nome da humanidade, colaborasse na obra da pacificação do México.

E, por fim, diante dos obstáculos que o acabrunhavam, deixou antever o âmago das suas graves preocupações e qual seria a sua linha de conduta ulterior, quando, abrindo o novo Congresso a 1º de fevereiro de 1914, leu de pé, assim como todos os presentes e com muita ênfase, a peroração na qual declarou, que não só ele, como os membros do parlamento deveriam estar dispostos a sacrificar-se, se assim fosse necessário, pela pacificação do país.

❖

Já desde algum tempo vinha-se discutindo na imprensa a atitude do Brasil, da Argentina e do Chile para com o México: uns, criminando-os pelo não reconhecimento do governo de Huerta; outros, por suposta indiferença diante dos males que afligiam o país; alguns, finalmente, para o que discretamente concorri, justificando-lhes o procedimento. Chegou-se até a aventar prematuramente a idéia de uma ação amiga das três repúblicas; ideia, aliás, que foi então repelida por Huerta, quando perguntado a tal respeito pelo *Public Ledger*, jornal de Filadélfia, alegando então não haver estreitas relações de amizade com os referidos países, que não o reconheceram.

Era, porém, certo que dessas preocupações do público e da imprensa, e das íntimas conversações com os meus colegas, transparecia claramente a idéia de que, nos difíceis transes por que atravessava o país, eram olhadas as três repúblicas irmãs como elementos amigos eficazes que no momento dado teriam de aparecer como o *Deus ex machina* no cenário político do México. Assim deve sempre ter pensado o governo brasileiro e assim pelo menos o interpretei, tanto que não obstante compre-

ender e salientar aos seus olhos a delicadeza da minha situação, e estando seriamente enfermo pela agravação de antigos e habituais padecimentos de saúde, que exigiam, a conselho médico, ausentar-me, em gozo de férias legais, para regiões de menor altitude, preferi desistir daquela vantagem e vigilantemente aguardar no meu posto os acontecimentos.

Sem falsa modéstia, penso até hoje no que me foi preciso de equilíbrio e paciência para manter-me respeitado e benquisto, como me sentia, naquela melindrosa situação, aplainando mansamente o terreno, ou, pelo menos, não lhe ajuntando pedregulhos, para o deslizar da situação que se desenhava no horizonte.

QUEBRA-SE UM ELO

Marchavam febrilmente os acontecimentos e não tardou em explodir em Tampico a temerosa mina: a projetada neutralização deste porto mexicano pelo governo de Washington e o desrespeito naquele mesmo porto, por parte das forças federais do país, à bandeira dos Estados Unidos, seguida da prisão de alguns marinheiros americanos, criaram incidente de suma gravidade. O governo do general Huerta reclamou contra a ideia da neutralização de uma parte do território nacional por uma potência estrangeira; soltou os marinheiros, dando as explicações pedidas, porém discordou em aceitar as condições do ultimato de dar uma salva de vinte e um tiros à bandeira daquela nação. Concordou, todavia, mais tarde em salvarem-se mutuamente as bandeiras dos dois países, assim: primeiro, pela bateria de terra, a americana, e, em seguida, pelo navio de guerra dos Estados Unidos *Dolphin*, a mexicana. Isto, porém, mediante um protocolo assinado por ambas as partes, conforme comunicou ao corpo diplomático, em nota de 20 de abril, em que, por outro lado, se mostrava disposto a repelir pela força qualquer ataque da esquadra americana.

Mandou, porém, o governo de Washington instruções ao seu encarregado de negócios, Nelson O'Shaughnessy, para que recusasse firmar qualquer documento que se pudesse

considerar como um reconhecimento do governo do general Huerta; e marcou um prazo peremptório para que este desse a satisfação exigida à bandeira dos Estados Unidos. E, à falta de cumprimento de tal condição, seguiu-se, em 21 de abril, a ocupação de Vera-Cruz pelas forças americanas desembarcadas dos navios ali estacionados, após breve combate com perdas para ambos os lados, que terminou com a retirada das tropas federais mexicanas para os arredores da cidade.

É fácil imaginar como repercutiu este fato na capital, onde se temia chegassem os americanos em poucos dias e onde se seguiram umas a outras sérias manifestações contra eles, as quais antes de reprimidas, como finalmente o foram, causaram danos materiais e pessoais. Chegaram alguns populares mexicanos mais exaltados a derrubar uma bela estátua de Jorge Washington e a arrastá-la insultuosamente pelas ruas!

Nos meios revolucionários, causou também a ocupação de Vera-Cruz tanta impressão que o seu chefe Venustiano Carranza protestou, por sua vez, contra o ato do governo americano.

Uma das primeiras deliberações do governo do general Huerta foi dar os passaportes e mandar levar a Vera-Cruz, aliás com todas as honras e conforto, o encarregado de negócios O'Shaughnessy, que não tendo recebido a tempo, como alegou depois, as necessárias disposições de seu governo, entregou o arquivo da embaixada e a proteção dos interesses americanos ao ministro da Grã-Bretanha, Lionel Carden, geralmente considerado mais amigo do pessoal de Huerta que simpatizante com os Estados Unidos.

Quebra-se um elo da cadeia pan-americana!

❖

SEGUNDA PARTE

DUPLA TAREFA

PARA-CHOQUE

Tudo o que ficou relatado na primeira parte constitui, por assim dizer, apenas o prólogo da minha odisseia; de agora em diante é que vou propriamente entrar em cena.

À vista da excitação dos ânimos contra os americanos – podendo possivelmente estender-se ao Brasil, que, é bom lembrar, também não havia reconhecido o governo de Huerta – e estando eu ali como seu representante, cada vez em mais singular situação, julguei prudente pedir novas instruções ao ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, que, em telegrama de 22 de abril de 1914, me autorizou a proceder como julgasse necessário à minha segurança e à de todo o pessoal da legação e a sacar, para isso, o que fosse preciso para as despesas extraordinárias e de transporte.

Ainda mesmo, porém, que me tivesse querido aproveitar dessa ampla autorização, pondo cautelosamente a minha segurança pessoal e a de minha família acima de qualquer conveniência de outra ordem, não o poderia ter feito, por haver compreendido por mim próprio e por tudo o que vinha observando, inclusive por íntimas conversas com altos funcionários do Ministério do Exterior do México, com quem tinha estreitas relações particulares, que a minha retirada naquele momento, destruindo a prova de amizade que dera ao México ali ficando até então, seria certamente desastrosa para as futuras relações dos dois países, podendo ser considerada não só pelo governo de Huerta, senão também pela sociedade mexicana, como demonstração de solidariedade do Brasil com a resolução dos Estados Unidos de ocupar Vera-Cruz, com a consequente ruptura de relações e com a possível, e temida, invasão do país.

Além disto, e mesmo que assim não fosse, outra razão mais poderosa ter-me-ia impedido: o telegrama, que no dia seguinte recebi do ministro Lauro Müller, comunicando-me que o governo americano pedira [*para*] deixar o arquivo da sua embaixada no México e os interesses dos cidadãos americanos sob a guarda da legação do Brasil, e que, tendo a isto acedido o governo brasileiro,

me entendesse a tal respeito com o embaixador do Brasil em Washington, meu velho companheiro e amigo de Londres, Berna e Petrópolis, Domício da Gama, ao passo que também este me telegrafou no mesmo sentido. Aos dois respondi no mesmo dia, agradecendo a grande prova de confiança, mas informando de que já havia o encarregado de negócios americano entregado tais interesses ao plenipotenciário britânico.

Julgava terminado o assunto, ficando em completa liberdade de ação para proceder como fosse conveniente, segundo me ditassem as circunstâncias, quando, três dias depois, a 26 do mesmo mês, recebi daquele embaixador em Washington nova comunicação telegráfica de que o governo dos Estados Unidos se entendera com a embaixada britânica naquela capital, no sentido de desfazer a entrega do arquivo e dos interesses americanos no México ao representante da Grã-Bretanha ali, ao mesmo tempo em que o então secretário de Estado americano Bryan também me telegrafou, explicando o equívoco do seu encarregado de negócios e pedindo-me recebesse da legação britânica o arquivo e mais pertences da embaixada, e acrescentando que muito apreciara a boa vontade do governo brasileiro e a minha aquiescência.

Diante desta tão grande prova de confiança ao Brasil e a mim, aliás também de sumo alcance para a política continental americana, de passar daquela grande potência europeia para nós a defesa dos momentosos interesses americanos, nada mais tinha a fazer do que inclinar-me àquele desejo, quaisquer que pudessem ser os novos trabalhos e responsabilidades e a posição de constrangimento em que me punha perante aquele colega. Pude, felizmente, com a devida delicadeza e sem atrito algum, levar a cabo a incumbência.

Assim, a 27 de abril de 1914, assumi e comecei a desempenhar as minhas novas e duplas funções, ainda que, com o meu consentimento, por ele pedido para terminar os arranjos que já havia entabulado para a partida de um trem de refugiados americanos para Vera-Cruz, o ministro Lionel Carden só me fizesse formal entrega a 1º de maio.

❖

Organizada a chancelaria para os novos e trabalhosos encargos, comecei de corpo e alma a minha dupla ação diplomática, observando à risca o mais escrupuloso respeito pela soberania do grande país irmão em que me achava, sem menosprezo, entretanto, das graves responsabilidades, que me pesavam sobre os ombros da representação dos interesses de outro país amigo, que naquele momento ocupava militarmente uma parte do território mexicano. Não só por este ato de hostilidade, como também por todos os precedentes da atitude anterior de Washington para com o general Huerta, tudo fazia temer uma guerra entre os dois países.

Penso que raramente se terá visto um diplomata em mais melindrosa conjuntura! E admira-me ainda, até hoje, como consentiu o governo mexicano que ficasse defendendo os interesses do inimigo de então, precisamente o único ministro que, não o havendo reconhecido, não estava assim com plena autoridade junto a ele para proteger os do seu próprio país! Só o posso razoavelmente atribuir à boa situação pessoal que ali conseguira obter.

Compreendi, portanto, desde logo que a melhor linha de procedimento a seguir naquela delicadíssima emergência era tratar com toda a lealdade e dedicação dos importantíssimos assuntos materiais americanos, sem contudo ofender, nem de leve, os melindres do querido país irmão. Agindo, pois, com a maior cautela, procurei ser um simples mediador, um para-choque entre ambos, suavizando asperezas, solvendo atritos de modo a varrer do horizonte as pesadas nuvens, que a cada instante se iam formando ameaçadoramente. E de como tive a boa fortuna de equilibrar-me naquela linha, deram provas, como se verá em muitas páginas por diante, a satisfação e estima da colônia americana de três mil pessoas, do governo de Washington, dos sucessivos governos mexicanos, de todos os chefes revolucionários e, especialmente, do Ministério das Relações Exteriores daquele país, com o qual, naturalmente, eu mais de perto lidava. Na sua seção do protocolo deram-me até o lisonjeiro apelido, que transpirou em outros círculos, de "ministro mexicano do Brasil no México", amabilidade a que eu jovialmente correspondia com o dizer,

aludindo aos nomes de alguns dos seus funcionários, que o protocolo mexicano era Polido e, entretanto, tinha Nervo para enfrentar as negociações perigosas, mas também tinha Parra para encobrir as asperezas escabrosas. Nervo não era o apreciado poeta, mas sim um irmão.

❖

Para bem se avaliarem as dificuldades de todo o gênero daquele exaustivo período, passo a mencionar dois incidentes que logo de entrada sobrevieram:

Ficou ao serviço dos assuntos americanos um único empregado da embaixada dos Estados Unidos, sem categoria diplomática, D., homem muito inteligente, instruído, de trato agradabilíssimo e não vulgar competência nos assuntos ao seu cuidado, que veio realmente a prestar-me bons serviços, mormente nos primeiros tempos, antes que bem me tivesse inteirado dos múltiplos casos a tratar. Tinha, entretanto, infelizmente, como me preveniram membros proeminentes da colônia, que não viram com bons olhos a sua continuação naqueles serviços, alguns pontos fracos, contra os quais era prudente estar de sobreaviso. Indispusera-se com alguns revolucionários e, depois, com a situação dominante, que por isso o perseguia desde o rompimento de relações com os Estados Unidos, querendo apoderar-se da sua pessoa. Uma tarde, depois de se ter verificado a entrada na chancelaria, sob outro pretexto, de um policial secreto para aquele fim, numeroso grupo de populares, patrocinado por aquele agente e outros, apresentou-se em frente à legação, pedindo ameaçadoramente a sua entrega. É de ver-se que recusei terminantemente: mandei fechar os portões do jardim e as portas e entrada do edifício. E, chegando à janela – tinha na mão um estojo de óculos que, por sinal, foi à distância tomado por um revólver –, declarei peremptoriamente que de maneira alguma consentiria a entrada de quem quer que fosse que tentasse violar a imunidade da legação. E, em vista da atitude cada vez mais temerosa da multidão, telefonei diretamente ao general Huerta, que, valha a verdade, mandou imediatamente numerosa força de

praças de cavalaria dispersar os desordeiros, garantindo-me que não consentiria em nenhum desacato à legação, nem à minha pessoa, ainda que fosse preciso o seu comparecimento pessoal.

Assim serenaram as coisas naquele dia, dando-nos, porém, grande trabalho e susto encontrar depois o D., que tínhamos perdido de vista durante o atropelo e se havia escondido dentro de um guarda-vestidos, de onde o tiramos quase desmaiado de medo e falta de ar... Tremiam-lhe ainda as pernas ao dizer:

– Escapei de boa, Senhor Ministro, e muito lhe agradeço, porque se eles me apanhassem, não seria para dar-me um doce: a estas horas já me teriam despachado... e tinham por quê...

Seria talvez exagero, mas não parou ali o incidente, pois, tendo-se-me fidedignamente informado de que se preparava no ministério uma nota solicitando-me a sua entrega a pretexto de não ter ele categoria diplomática, por ser apenas funcionário da embaixada americana, que já ali não existia, apressei-me em nomeá-lo arquivista da minha chancelaria e fazendo, portanto, parte do seu pessoal. Assim o comuniquei ao Ministério do Exterior mexicano, o que deu fim ao caso, evitando-se penoso incidente com o próprio governo, que viria prejudicar todo o meu trabalho de cordialidade.

Mas, ainda assim, continuou o D. hospedado na minha casa, de onde só ousava sair de automóvel, a meu lado. Passada esta nuvem, outras mais turvas apresentaram-se, mais tarde: tendo tido ocasião de chamá-lo severamente à ordem por um seu procedimento pouco correto e prejudicial à minha ação, respondeu com incrível desplante, de modo a desarmar-me:

– Tem toda a razão, sou um tipo incorrigível, mas, quero-lhe bem e o Senhor tem a generosidade de relevar os meus defeitos, e, já os conhecendo, deles, portanto, não lhe virá mal.

E esta?!... Assim fomos vivendo mais algum tempo, até que me vi forçado, por circunstâncias imperiosas, a dispensar os seus serviços, propondo, porém, simplesmente sua remoção ou a concessão de uma licença, ao governo americano, que tendo lá suas razões, preferiu demiti-lo; e em carta, disse-me o então subsecretário de Estado, Bryan, que não se admirava de eu o ter dispensado, e sim de tê-lo conservado a meu lado por tanto tempo!

Dali foi reunir-se a um grupo de revolucionários do norte, onde

constou depois que morrera... misteriosamente. É o que me induz a piedoso silêncio sobre um fato muito grave, só conhecido mais tarde, que me causou profundo desgosto e pôs em evidência a generosa cordura de quem foi por ele prejudicado. Apesar de tudo, ainda dele me recordo com pena e saudade, como meu companheiro, que foi, naquela dura quadra!

Igual procedimento teria após algum tempo o governo americano com um cônsul em disponibilidade, sem nenhuma função no México e que, indo ali por intervenção minha, a fim de satisfazer instante pedido seu, tentou inexplicavelmente desautorizar-me, não obstante as minhas delicadas advertências. Nessa ocasião, disse o subsecretário americano a Domício da Gama, comunicando-lhe o fato, que eu tinha carradas de razão, mas que ainda que não tivesse, o seu procedimento para com aquele cônsul seria o mesmo, para não me desagradar.

❖

O outro incidente a que me referi foi o desacordo passageiro em que estive com o então ministro das Relações Exteriores, com quem, aliás, mantinha bom convívio pessoal: mal informado sobre certo assunto, escreveu-me precipitadamente uma carta bastante desagradável, senão impertinente, obrigando-me assim a conferenciar com o general Huerta e declarar-lhe que, para evitar atritos, não mais desejava tratar com aquele ministro e pedir-lhe me dissesse com quem deveria fazê-lo em vez dele. Conhecedor do caso e da carta, deu-me Huerta completa razão e encarregou-se, porque assim mo exigiu, de dar ele mesmo a resposta ao ministro; e, indo ao ministério, fê-lo tão desabridamente que, sabedor, como fui, do ocorrido e do arrependimento do simpático ministro, decidi logo de mim para mim aceitar com prazer a primeira abertura, que em seguida me proporcionou, para reatar sem rancor as nossas boas relações, que assim se conservaram até o fim.

Durante o ligeiro arrufo, determinou Huerta que as minhas notas, protocolarmente dirigidas àquele ministro, fossem, entretanto, enviadas diretamente a ele, Huerta, para mais rápida solução dos casos.

QUANDO HÁ BOA VONTADE

Entretanto, como há males que vêm para bem, durante o mencionado pequeno desacordo com o ministro, encarregou-se gentilmente o próprio Huerta de resolver pessoalmente, dentro de pouco tempo, vários assuntos pendentes: complicados incidentes de diversos gêneros e solução de sérios problemas e reparações de importantes danos, bastando citar especificamente, por serem os de que mais se ocupou a imprensa americana, muito elogiosamente, os seguintes:

– A restituição à Waters Pierce Oil Corporation de todas as propriedades, depósitos de gasolina, automóveis e todos os mais bens que lhe pertenciam e tinham sido requisitados pelo governo em todo o território da república.

– O perdão e partida do México do médico americano dr. Ryan, que passava por ser das relações pessoais do presidente Wilson, justa ou injustamente acusado de espionagem e condenado a ser fuzilado em Zacatecas às 4 horas de certa manhã. Só me chegou a primeira notícia e o pedido urgente de minha intervenção às 10 horas da noite anterior, quando, em companhia de minha família e do secretário Lima Ramos, ceava tranquilamente, depois de um dia intenso de trabalho. Ao passo que aquele colega saía a procurar, em meu nome, o ministro das Relações Exteriores, que não conseguiu encontrar, fui diretamente ao quartel-general, onde vivia o bravo general Blanquet, ministro da Guerra. Um tanto indisposto de saúde, já se havia agasalhado, mas, devido à premência do meu recado, vencida a hesitação da sentinela, gentilmente recebeu-me nos trajes em que estava. Aproveitando-me das nossas relações pessoais, expus-lhe a angustiosa situação e pedi-lhe o perdão ou pelo menos a suspensão da execução até ulterior procedimento. Durante uma hora de conversa, encontrando decidida resistência, conseguiram a gravidade da causa e a urgência das medidas a tomar dar-me a eloquência e os argumentos necessários para convencê-lo, tão certo é que a ocasião faz... o orador. Fui além do que me julgava capaz, mas, por fim, sentia que tinha ganhado a partida, quando visivelmente comovido, me disse o brioso general:

– Ministro, aquele senhor teve um bom advogado!

> E, batendo com a mão espalmada sobre os autos respectivos, que estavam justamente sobre a mesa, afirmou-me enfaticamente:
>
> – Tenho aqui nestas páginas o bastante para mandá-lo fuzilar dez vezes! Não há motivo algum para ceder ao governo americano, nem ao do próprio Brasil, que também o senhor representa e que, como aquele, não nos reconheceu (não esqueciam esta circunstância), mas, quero ser agradável à sua pessoa e ao seu grande esforço no primeiro pedido que me faz diretamente.
>
> E, chamando um oficial, depois dos meus mais calorosos e bem compreensíveis agradecimentos, frisou:
>
> – Para satisfazer o pedido do dr. Cardoso de Oliveira, expeça com toda a urgência pelo telégrafo as ordens necessárias para que se suspenda a execução do dr. Ryan.
>
> Ficou também ali mesmo combinado que aquele senhor viria para a capital, onde seria entregue na legação, mediante o compromisso meu de enviá-lo imediatamente a Vera-Cruz e dali aos Estados Unidos, com a condição, sob sua palavra de honra, de que não se envolveria em revoluções contra o governo nem pisaria o solo mexicano.

E que forte abraço me deu o bom colega almirante Von Hintz, ministro da Alemanha, e mais tarde, se bem me lembro, o último chanceler do Império, que me distinguia com sua estima e assiduidade na legação; e perfeito sabedor de todas as particularidades do caso, pôde, melhor do que ninguém, bem avaliar o bom êxito da minha árdua gestão!

Aliás, não se pôde cumprir à risca o prometido, porque ao general Huerta repugnou que aquele médico atravessasse livre as ruas da capital e modificou o plano no sentido de que, em vez da sua ida à legação, me fosse entregue na própria estação do caminho de ferro. Disto ainda resultou não pequeno incômodo, porque, dias depois, avisado pelo dr. Ryan de que tinha chegado à capital e se achava preso num quartel "ainda ameaçado de ser fuzilado", tive de vencer compreensíveis empecilhos para ir, às 11 horas da noite, ao calabouço em que se encontrava (para o qual mandei algumas comodidades), a fim de confortá-lo e informá-lo, depois de me haver novamente entendido com o general Blanquet, da modificação do primitivo plano e garantir-lhe que aquela nova

ameaça não passava de pilhéria de mau gosto dos soldados para amedrontá-lo.

Mas, ainda o susto prolongou-se porque, andando grandes multidões de povo pelas ruas, exaltadas por serem dias de festa nacional, receou o ministro arriscar o trajeto do preso e, efetivamente, só dois dias depois, vindo no próprio automóvel do bravo general, foi-me o dr. Ryan entregue na estação. Partiu acompanhado por um funcionário de minha inteira confiança, para, aos cuidados do almirante chefe da esquadra americana, embarcar para os Estados Unidos, tendo-se comprometido, sob palavra de honra, a cumprir o que fora convencionado.

À parte os seus vivos agradecimentos no momento, nunca tive dele a menor notícia, a não ser, por terceiros, a de que, faltando ao compromisso, tinha desembarcado em Tampico, durante a parada do vapor, o que muito justamente aborreceu ao governo mexicano, a mim e àquela alta autoridade americana que, a meu pedido, o fez reembarcar.

Não menos angustiosa foi a obtenção da liberdade do cônsul americano, John Silliman, preso e prestes a ser condenado em Saltillo, pelas suas ligações, penso, com o chefe revolucionário Carranza, junto ao qual era agente confidencial do governo americano; com este, que nunca me regateou o seu reconhecimento e a melhor amizade, mantive ótimas relações até o fim e o seu nome aparecerá mais de uma vez nas minhas recordações.

Em nota de 4 de setembro de 1914, do tão estimado embaixador americano no Brasil, Edwin Morgan, ao nosso Ministério das Relações Exteriores, por instruções do subsecretário Bryan, e a mim comunicada pelo despacho do mesmo ministério, de 19 do referido mês, pediu-lhe aquele diplomata "me transmitisse o apreço do seu governo e os seus agradecimentos pelos hábeis e valiosos esforços a favor do sr. John R. Silliman, cônsul americano em Saltillo, por ocasião da sua prisão por ordem do general Maass".

Motivou esta nota o seguinte despacho de Silliman àquele departamento americano e nela transcrito:

> Desejo exprimir a esse departamento o meu grande apreço pelos contínuos, inteligentes e, finalmente, vitoriosos esforços do mi-

> nistro do Brasil a meu favor. Estou certo de que ele não se teria interessado mais se se tratasse de um dos seus próprios compatriotas, nem posso pensar que nenhum representante americano pudesse prestar mais zeloso ou mais eficiente serviço. A minha impressão é que esse departamento foi particularmente feliz na escolha do dr. Cardoso de Oliveira para encarregar-se dos interesses americanos.

Nessa mesma quadra, também me encheu de indizível satisfação e faz honra ao governo de Washington, o perdão que dele obtive de três chilenos, um argentino e outro estrangeiro, penso que peruano, julgados por um conselho de guerra em Vera-Cruz, por haverem ali tomado armas contra suas tropas, o que, por maioria de razão, acarretou a de dezoito mexicanos nas mesmas condições.

Como um dos mais agradáveis frutos das minhas gestões, considero o incidente anterior, tanto quanto, mais tarde, o que teve visos de verdadeiro drama cinematográfico, o do

> Sr. A. Aspe e seus oito companheiros em Monterrey, então sob o domínio do chefe revolucionário Carranza. Iam ser fuzilados... Mil dificuldades e peripécias opunham-se à rapidez da minha ação, sobretudo porque, interrompidas quaisquer comunicações da capital para ali e para o lugar onde então estava o chefe revolucionário, todas as minhas diligências tiveram de ser feitas demoradamente por intermédio de Washington. Foram dias de verdadeira angústia! Até que a ordem salvadora, por fim obtida do bel-prazer de Carranza, chegou a quem de direito no momento em que estavam sendo chamados os condenados para enfrentar o piquete de execução, já formado no pátio! E, mais tarde, quando aqueles senhores puderam vir especialmente à capital a agradecer-me, tive o prazer de ouvi-los dizer que oitenta pessoas se beneficiaram da minha feliz gestão, tal era o número das que deles dependiam.

Também daquele período merecem particular menção o fato de eu ter conseguido que vários trens especiais partissem, com todas as garantias, conduzindo refugiados americanos, sob a proteção da bandeira brasileira e guarda do prestimoso cônsul

honorário do Brasil no México, Carlos Heynen e do vice-cônsul Wilhelm Matthiesen, o que me deu a satisfação de, em dado momento, poder anunciar ao governo de Washington que não havia mais nenhum americano encarcerado em toda a extensão do território mexicano dominado pelo general Huerta.

O FILIPINO

Quando da ocupação de Vera-Cruz, desapareceu um criado da maior estima do almirante comandante chefe da esquadra americana: era um filipino que tinha ido passear até as linhas mexicanas e de quem não havia notícia alguma, correndo insistentes boatos de que fora fuzilado.

A pedido, com o maior empenho, do governo americano e do almirante, desenvolvi máxima atividade e interpus forte reclamação perante o governo mexicano, que, feitas as necessárias diligências, me assegurava não ser absolutamente verdadeira a notícia do fuzilamento do filipino, que fora efetivamente preso, mas enviado para a capital.

Nenhum resultado teve a cuidadosa pesquisa em todas as prisões, senão muito mais tarde, quando foi encontrado em uma delas o nosso homem, que, amedrontado, havia dado nacionalidade e nome falsos. Instando pela sua entrega, prometeu-me – com a maior boa vontade o ministro da Guerra, general Blanquet, sempre cortês – que, cumprida uma formalidade indispensável, mo mandaria entregar. Assim, porém, não aconteceu, por má interpretação da ordem respectiva, como ficou demonstrado. Asseverou-me o ministro:

– O filipino foi de fato solto, mas desapareceu de novo da circulação! – fazendo crer numa farsa. Foi quando se avolumaram os boatos mais fantásticos, acremente glosados pela imprensa americana, tanto incomodando o governo de Washington, que este chegou a declarar aquele general pessoalmente responsável pela vida do filipino! Entretanto, o ministro, irritadíssimo pelo não cumprimento da sua ordem, garantia-me mais do que nunca a inverdade das versões correntes e fazia, lealmente, as maiores diligências para encontrá-lo. Por meu lado, também não as

poupava, acabando por mandar publicar um anúncio, convidando o filipino, onde estivesse, a vir à legação para ser enviado a Vera-Cruz, ou, pelo menos, a dar-me notícia do seu paradeiro.

Diariamente, instigadas pela celeuma da imprensa, repetiam-se as recomendações do governo de Washington sobre o caso. Vivíamos todos em uma atmosfera de ansiedade e tão obcecados pelo desaparecido que, estando um dia, à boca da noite, a jantar com a família e o secretário Lima Ramos, me levantei em busca de uma folha de papel, que recebera dias antes com os sinais característicos do enigmático filipino e que eu tinha deixado sobre a secretária aberta, no meu gabinete particular, ao lado. Ali entrei, e na semiescuridão, tive de relance uma visão do filipino... Vi-o, sim, inclinado sobre a secretária, como se estivesse a ler o papel que nela estava... E, dominada a fugaz impressão, voltando à sala, disse por brincadeira:

– Amanhã aqui teremos o filipino, que veio visitar-me. Acabo de vê-lo ali no gabinete.

E ríamos daquilo, quando soou à porta a campainha: era o correspondente de vários jornais americanos, mr. McAuliffe, que mais do que ninguém se mostrava interessado no irritante caso.

– Que há sobre o filipino? – perguntou, ansioso.

– Venha amanhã, às 10 horas da manhã, e lho apresentarei – disse-lhe, continuando a brincadeira, mas aparentando toda a seriedade, que muito o intrigou.

E não foi que, na manhã seguinte, por mais incrível que pareça, tive a surpresa e o prazer de receber a visita do arquibuscado filipino?! Fora por um conhecido informado do anúncio e contou-me que, de fato, tinha sido solto juntamente com um companheiro, com quem fizera relações durante a prisão de ambos e em cuja casa se tinha ido hospedar, ignorando tudo o que se estava passando a seu respeito e até pensando que o almirante se tinha dele esquecido. Ali se conservara até encontrar maneira de dirigir-se a Vera-Cruz, para onde continuavam interrompidas as comunicações ferroviárias.

Mas, eis que anunciam a chegada de McAuliffe e, fazendo rapidamente entrar o filipino numa espécie de grande armário que

ali havia para a guarda de capotes e chapéus, disse com a maior naturalidade ao americano, que sofregamente indagava:

– Já encontrou o filipino?

– Já. Está guardado naquele armário, como um objeto precioso, para que não se perca outra vez. Veja por si mesmo.

Sorriu duvidoso e qual não foi o seu espanto, quando abriu o armário e deu com o homenzinho?!

– *Very funny, indeed!* Que belo telegrama para os jornais americanos!

E na primeira oportunidade, sem que o filipino mais tivesse abandonado a legação, mandei-o entregar ao almirante, em Vera-Cruz:

– Mediante recibo – assim recomendei à pessoa de confiança que o acompanhou até lá, tanto me tinha causticado o célebre filipino.

Também não me faltaram calorosos agradecimentos, nem lisonjeiros comentários angariados por este estranho caso, que pelas proporções que lhe deram e as incríveis e singulares minudências, assumiu a feição de um conto fantástico, além da enorme repercussão que teve na imprensa americana e alhures.

❖

Vem a propósito referir que àquele bom McAuliffe, de quem conservamos ótima recordação, deu uma vez minha filha "excelente lição de Geografia", como ele a qualificou: tinha ido certa manhã à legação – o que, aliás, fazia, não raro mais de uma vez por dia – pedir a confirmação ou não de um telegrama publicado pelos jornais em letras gordas, anunciando que o padre Cícero, revoltado em Juazeiro, no Ceará, à frente do seu exército, sitiava apertadamente o Rio de Janeiro, que estava prestes a cair em seu poder!

Não me encontrando, perguntou-lhe se sabia alguma coisa a tal respeito; respondeu-lhe a menina que não me ouvira falar daquilo, mas teve a ideia de subir a uma cadeira e de convidá-lo a imitá-la: e ambos procuraram e encontraram, em um grande mapa do Brasil pendente da parede, aquela pequena localidade.

– Veja agora o Senhor onde fica o Rio de Janeiro! – e não foi preciso mais nada.

– *All right, Miss, thank you!* – e, na manhã seguinte, desmentiu a notícia pelos jornais.

FRUTOS DA ÉPOCA

Como sinais dos tempos, consigno aqui alguns fatos e peculiaridades, antes de outros, que melhor cabem no capítulo seguinte.

Nos momentos de maior excitação pública e dos mais trágicos boatos contra a sua pessoa, gostava o general Huerta, homem de grande coragem pessoal, de aparecer em público, como para se mostrar superior; e, uma vez que fui procurá-lo para conferenciar sobre importante assunto, preferiu, alegando a necessidade de tomar um pouco de ar, fazê-lo em seu próprio automóvel, passeando pelas ruas da cidade e seus arredores durante mais de uma hora, em que estive também assim exposto a qualquer violência ou desacato, se fossem verídicos aqueles boatos... e iria, também, na onda! Por outro lado, entretanto, mostrava prudência: naqueles momentos, nunca dormia todas as noites no mesmo ponto, não sendo raro passar algumas no seu automóvel, adrede preparado, no bosque de Chapultepec ou em outro lugar completamente ignorado.

❖

Naqueles perturbados dias, algumas pessoas, que recebiam chamados em seu nome – reais, ou, muitas vezes, inventados – nem sempre regressavam de pronto a suas casas. Assim, uma noite celebrava-se alegre festa de família no lar de distinto engenheiro, afastado então da política, na qual se distinguira na administração de Porfirio Díaz, quando, pelas dez horas, estando fechadas as portas e as janelas da frente, se ouviu o rumor de patas de cavalo na calçada e fortes toques de campainha...

Momentos de grande ansiedade – que aumentaram – chegando ao pavor, ao entrar um ajudante de ordens de Huerta, com o convite àquele engenheiro a ir imediatamente falar-lhe. Não se descreve o espanto e desolamento de todos, e o choro da senhora e dos filhos, quando o viram sair em companhia do oficial, que levara um automóvel para conduzi-lo e recusara dar-lhe mais tempo do que o de pôr o chapéu e despedir-se dos seus.

Que quartos de hora de verdadeira e indizível angústia se passaram, contados minuto por minuto, até que lhes pareceu ouvir novo rumor na rua... Aproximava-se... mais forte... já era à porta... nova e fortíssima campainhada... Que seria? Viriam dar uma busca na casa? Levar também a família?

Nada disto, felizmente: era o próprio engenheiro que voltava, radiante, anunciando-lhes que Huerta, a quem encontrara – como direi? – excitadíssimo, lhe declarou que, apesar de sabê-lo seu adversário político, tinha nele toda a confiança e conhecia a sua lealdade, por isso resolvera nomeá-lo... em alto cargo de administração, que deveria, com carta branca, assumir na manhã seguinte! E despediu-o abruptamente.

Nas primeiras horas do outro dia, Huerta, já perfeitamente calmo, quase não se lembrava mais do ocorrido quando o nomeado o procurou, mas confirmou o provimento e em boa hora, porque o escolhido correspondeu à expectativa.

❖

Contou-se à surdina um caso mais sério: um dia, travou com o seu colega e amigo, general Blanquet, que tinha então em mão a direção de vários processos militares, acalorada discussão sobre assuntos desse gênero, principalmente sobre a extensão da disciplina e a obediência, sustentando, contra as restrições aventadas pelo seu interlocutor, que o militar tinha de obedecer sem discussão, nem tergiversações, todas as ordens dos seus superiores, ainda que pensasse contrariamente. Para terminar, impaciente, mas não convencido, perguntou-lhe Blanquet, que com ele tinha intimidade para tanto:

– Ainda mesmo quando o superior está assim como você agora tão... "esquentado"?

– Ainda assim! – respondeu, peremptório.

Passa-se algum tempo. Uma bela noite, mandou Huerta chamá-lo e, extraordinariamente "esquentado", deu-lhe ordem de fazer julgar àquela mesma noite um dos seus colaboradores e amigo, a quem já me referi no caso do toureiro, no bosque de Chapultepec:

– E que pela manhã tudo esteja irremediavelmente concluído!

Exigiu-lhe o ministro a ordem por escrito, que ele não hesitou em dar. Na manhã seguinte, já completamente desanuviado, procurou-o Blanquet e tristemente comunicou-lhe:

– Contemple a sua ordem.

– Que ordem?

E o outro, mostrando-a:

– Quanto ao seu amigo!

Huerta, estarrecido, caiu derrubado numa cadeira, com a cabeça entre as mãos, soluçando amargamente:

– Meu amigo! Meu amigo!

Até que, depois de deixá-lo assim por alguns minutos, entregue à dor e ao arrependimento, lhe bateu ao ombro Blanquet:

– Então, devem ser cumpridas, sem discriminação, todas as ordens dos superiores? Pois eu, que bem o conheço, ainda mesmo incorrendo em falta, não cumpri a sua, dada no estado em que estava ontem: aqui a tem! O seu amigo espera na antecâmara o seu perdão e o seu abraço.

Nem uma palavra saiu dos lábios de Huerta... apenas abraçou comovida e fraternalmente o seu leal colega. E, quanto ao "ressuscitado", limitou-se a exilá-lo, como já se contou.

❖

Para terminar por um trecho mais ameno, não se me estranhe ponderar que o caráter desse personagem, que se pode pintar a traços tão fortes, tinha também outras facetas agradáveis: era simples, descerimonioso, acessível, alegre e, por vezes, até brincalhão.

Assim, num banquete em palácio, tinha ele em frente a esposa de distinto diplomata europeu, a quem na intimidade costumava ela chamar de "Papá" à exemplo das filhas. E assim o fazia naquele momento, à meia voz, sem que o marido, a pouca distância, a tivesse ouvido e atendesse; e eis que Huerta, lá do seu lugar, se dirige amavelmente, em voz alta, ao diplomata, procurando jocosamente imitá-la:

– Pá... Pá, a senhora o está chamando!

Já o alvejado encavacara, pela hilaridade que a brincadeira

produziu, quando, pouco depois, lembrou-se o anfitrião de, irrefletidamente e sem nenhum intuito ofensivo, contar em voz alta um – aliás, engraçado – caso a que se prendia a seguinte depreciativa pilhéria de mau gosto então corrente para fazer *rabiar* os *gachupines*, como eram naquela época cognominados os compatriotas daquele diplomata; o dito era pouco mais ou menos assim: – "Nem todos os ladrões são *gachupines*; mas todos os *gachupines* são ladrões".

Aparou bem o golpe o hábil diplomata e retorquiu delicada, espirituosa, mas eficazmente. Seguiu-se um minuto de gélido silêncio... Mas logo Huerta, caindo em si e pesaroso do dislate cometido, bonacheirão, pôs gentilmente água na fervura, desculpando-se de modo a dissipar qualquer ressaibo.

RAMO DE OLIVEIRA

Ter-se-iam dissipado nesse intervalo as nuvens que entenebreciam o firmamento político continental americano? Não: muito ao contrário, amontoavam-se cada vez mais temerosas e fuzilavam relâmpagos ameaçadores. Progredia a revolução e continuavam pisando o solo pátrio os americanos em Vera-Cruz, que, entretanto, diga-se em sua honra e lance-se ao seu crédito, tinham feito daquele porto uma cidade moderna, higiênica e limpíssima, dotando-a de todos os recursos e, o que é mais, tornando-a o refúgio dos perseguidos pelas várias parcialidades, mexicanos ou estrangeiros, que ali se sentiam completamente garantidos.

Tudo veio, portanto, justificar o acerto da permanência do ministro do Brasil no México, pois, se assim não fosse, não teria tido o nosso país oportunidade de tornar-se devidamente estimado pelas duas nações contendedoras. Pôde assim prestar-lhes serviços e captar a confiança de ambos, o que, ao azedar-se ainda mais a situação, tornou possível a iniciativa do governo brasileiro de mediação conjunta do Brasil, da República Argentina e do Chile, que de pronto fez desaparecer a hipótese de desastrosa guerra de funestas consequências para todo o continente americano.

A mim que, desde o mês de março de 1913, dando conta ao meu governo de um incidente bastante grave, que poderia

complicar as relações entre os governos em conflito, sugerira a hipótese de uma palavra amistosa e adequada do Brasil à Casa Branca, nada podia ser mais agradável do que a notícia da generosa iniciativa do Brasil e da pronta aceitação pelas duas partes, o que teve por efeito imediato deterem-se os americanos naquele porto e a subsequente suspensão de hostilidades.

Estava assim aparado o maior golpe e restava-me, no que concernia ao México, a tarefa de afastar os empecilhos e conduzir as negociações, antes e depois da partida dos delegados mexicanos à Conferência de Niagara Falls – Emilio Rabasa, Agustín Rodriguez e Luiz Elguero – e consegui fazê-lo de maneira a receber do embaixador do Brasil em Washington, Domício da Gama, que também o representava na conferência e de cujo alto critério dependia em grande parte o êxito da tentativa, como presidente da comissão mediadora, a seguinte comunicação: "Estamos contentes com a atitude do governo mexicano, que tem procedido corretamente para facilitar a obra da mediação." Ao passo que, desde 20 de maio, pude telegrafar ao governo brasileiro que considerava finalmente bem preparado o seu bom êxito, devendo, desde a primeira reunião da conferência, ficar resolvidas as principais dificuldades. E não é de admirar o empenho que tomei no assunto, sabendo ser igual ao do nosso governo, de que me dava bem ideia um telegrama em que me dizia continuar a agir com ardor e fé para o restabelecimento da paz no continente.

Efetivamente, se, não obstante as bem intencionadas diligências, não se pôde satisfazer o anelo geral de levar a cabo a pacificação completa do México – porque os revolucionários, depois de terem aceitado o convite para tomar parte na conferência, não puderam ser admitidos, por não haverem, como as outras duas partes, concordado em suspender as hostilidades – conseguiram, entretanto, os mediadores o grande resultado de resolver, com prestígio, o conflito internacional, sem nenhuma quebra de dignidade para o México. Na verdade, não pretenderam os Estados Unidos outras vantagens senão a substituição do general Huerta por um presidente provisório de acordo com as partes contendedoras, abrindo mão da exigência anterior de salvar-se à sua bandeira e que motivara o incidente de Tampico e a ocupação de

Vera-Cruz. E não se pense que foi isso em virtude de pressão do governo de Washington sobre os mediadores que lhe estivessem fazendo o jogo, como assoalhavam os malévolos, ignorantes dos pormenores da situação, porquanto o próprio general Huerta, como já fazia prever sua declaração às câmaras, antes referida, mandou declarar pelos seus delegados, desde o início dos trabalhos da comissão mediadora, que não desejava fosse a sua pessoa obstáculo a qualquer solução que pudesse dar em resultado a pacificação do país e isto praticamente implicava a sua espontânea renúncia.

As outras disposições do Protocolo de Niagara Falls eram concernentes à concessão de anistia plena aos estrangeiros complicados na revolução e à instituição de comissões internacionais para decidirem as suas reclamações por prejuízos durante a guerra civil, devendo o novo governo provisório tomar medidas análogas quanto aos nacionais.

❖

Encarta-se aqui, por si mesma, uma das minhas mais vivas reminiscências daqueles dias: a penosa e delicadíssima conferência que me coube ter com o general Huerta, quando lhe fui sugerir definitivamente a confirmação da renúncia, pedida pelos mediadores e já por ele anunciada como condição *sine-qua*[*-non*] da desejada pacificação, e combinar os meios práticos de realizá-la, tudo conforme me solicitavam de Washington.

Encontrei-o à tarde, bastante... excitado, no gabinete de trabalho da sua casa particular, sentado junto a uma mesa, onde se viam os restos de ligeira merenda e uma garrafa de vinho do Porto, de chapéu na cabeça, como costumava, exigindo sempre, aliás, dos seus interlocutores que assim também se conservassem.

Foi longa e acidentada a conversa, ainda que nunca saísse do terreno da melhor cortesia, durante a qual, se bem me lembro, me falou de diversos atos da sua administração e se referiu de passagem às acusações a ele feitas, no tocante à morte de Madero e repeliu-as, dizendo que a história um dia havia de fazer-lhe justiça.

Vendo, porém, que a conversa se ia prolongando e desviando-se do assunto principal, ao passo que se mostrava cada vez mais... loquaz e parecendo pouco resolvido a tomar,

desde logo, uma decisão definitiva, julguei prudente adiar a continuação da minha gestão e levantando-me, à primeira pausa, disse-lhe pouco mais ou menos:

– Bem, meu general, vai ficando tarde e permita-me que me retire hoje, sempre bem intencionado, mas tristíssimo de ter tomado seu tempo inutilmente e, o que é pior, sem saber ainda o que dizer aos mediadores.

E ele, sem me largar a mão, depois de poucos instantes:

– Não, ministro, não se vá ainda embora, vamos tomar um cálice deste bom vinho e, depois, talvez *todo se arregle*...

Assim fizemos, saudando-nos mutuamente... e tudo se dispôs naquela tarde.

❖

De fato, após a assinatura do Protocolo de Niagara Falls e da sua ratificação pelo governo de Huerta, em começo de julho de 1914, renunciou ele ao cargo de presidente provisório, que vinha exercendo e passou-o, de acordo com a Constituição, ao licenciado Francisco Carbajal, para este fim previamente nomeado ministro das Relações Exteriores.

E, como para dissipar qualquer ideia que eu pudesse ter de possível ressentimento de sua parte para comigo, enviou-me o seguinte telegrama no dia seguinte, 16 de julho:

> Ontem, 15, renunciei à Presidência da República, deixando no meu lugar o licenciado Francisco Carbajal. Tendo a honra de avisá-lo, peço a V. Exa. da maneira mais respeitosa se sirva de distinguir com sua amizade e apoio o novo governo da república. Sou, com todo o respeito, de V. Exa.
>
> Atento servidor
> V. Huerta

Na manhã seguinte, um domingo, faltando apenas fazer efetiva entrega do poder ao seu sucessor, ia eu, de automóvel com minha família, fazendo o corso no bosque de Chapultepec, quando, parados por pequena interrupção do trânsito, o vimos à distância, como costumava todos os domingos, sentado e rodeado de amigos, junto ao coreto da música.

Notei que, reconhecendo o meu automóvel, disse qualquer coisa a um militar a seu lado, que se levantou e se dirigiu ao coreto, onde o maestro, a quem falou, fez interromper a peça que tocava. Nisto, continuávamos o passeio e, ao defrontá-lo e cumprimentá-lo, pôs-se de pé, como os que o rodeavam, fazendo-me gentilmente uma continência militar, ao passo que a banda fazia vibrar o Hino Nacional Brasileiro!

Foi um momento de profunda comoção para todos nós, que me fez sem demora agradecer-lhe a saudação ao Brasil e a mim!

❖

Costumava ele ir todas as tardes, acompanhado de amigos, a uma confeitaria da moda, à Rua de São Francisco, onde, tranquilamente, alguns tomavam chá puro ou com leite, quando não com uísque, ao passo que a sua xícara continha... uísque: sem chá, nem leite.

Ainda depois de ter passado o poder e, portanto, já como simples militar, assim o fez e, vendo na rua muita gente que se ajuntara, quando o avistaram ao entrar, empunhou um cálice de conhaque e chegando à porta:

– Bebo este último trago pela prosperidade do México e do povo mexicano!

E dali, aplaudido pelos circunstantes e depois de distribuir generosas gorjetas às criadinhas que habitualmente o serviam, foi a pé, seguido por muitos transeuntes, até o Palácio Nacional deixar seu cartão de despedida ao sucessor.

Não mais nos vimos, mas em caminho para Vera-Cruz, de Orizaba, mandou-me ainda o seguinte telegrama:

> Desejando deixar em completa liberdade o novo governo da república, saí dessa capital sem ter tido a honra de ir oferecer a V. Exa. meus respeitos.
> Hoje o saúdo e suplico que, como bom amigo que é do país, sirva-se outorgar toda sua confiança ao novo governo.
>
> V. Huerta

❖

Seja-me lícito prevenir, desde já, de que não se estranhe, nem se interprete erroneamente ter-me referido tão minuciosamente a Huerta, mais do que certamente o farei aos outros chefes. A razão, única e simples, é que ele foi, por atuar sempre na capital, aquele com quem, por mais tempo e mais de perto, tive constantes ensejos de tratar, chegando a pensar, como muita gente, que, com todos os seus pontos fracos e suas qualidades negativas e positivas, foi – em todo caso – uma figura digna de estudo no cenário político-militar do México.

MANIFESTAÇÕES OFICIAIS

Mas, reatando o fio interrompido quanto à mediação, seria longo relatar miudamente as gestões que tive de fazer no sentido de tentar – naquela emergência, como em várias outras ocasiões, dali em diante – aproximar as diferentes facções revolucionárias, a ponto de dizer-me repetidas vezes um velho amigo da colônia americana, homem de grande experiência e que muito se distinguira na guerra de Cuba:

– Você tanto mete a mão neste saco de gatos furiosos, que vai acabar perdendo-a ou, pelo menos, arranhando-a lamentavelmente.

Fiquem para os mediadores, quando escreverem suas memórias diplomáticas, as narrações do que se passou em Washington a tal respeito; do que me tocou fazer no México, disse exageradamente a Domício da Gama, que me contou, alta personalidade britânica, perfeitamente a par de todo o assunto, que "afinal ao ministro do Brasil no México se deviam umas três quartas partes do êxito".

Não passa, é claro, este dito de grande prova de simpatia e bondade, mas, sem hipócrita modéstia, tenho consciência de que fiz tudo o que estava ao meu alcance. Provam-no alguns documentos transcritos pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, de 27 de setembro de 1915, sob o título "A questão do México" e outros, extraídos do "Relatório do Ministério das Relações Exteriores", de 3 de maio de 1914 e 30 de junho de 1915, onde se classifica a minha missão no México, nestes termos:

> Sumamente trabalhosa e difícil [...] com êxito completo e a contento geral dos governos dos Estados Unidos e do México e do Brasil, não obstante as dificuldades e divergências existentes entre os dois primeiros governos e a anormalidade da situação política interna do México. Dão testemunho da sua conduta, em tão delicada missão, os elogiosos agradecimentos que recebeu indistintamente do governo dos Estados Unidos da América e da respectiva colônia no México, do governo e do povo mexicano e ainda de vários chefes das forças das facções políticas que ali se disputavam o poder supremo. O ministro do Brasil, em sua dupla representação diplomática, seguiu sempre à risca a orientação do seu governo, do mais escrupuloso respeito pela soberania de todos os países americanos e dos mais sinceros sentimentos de harmonia e confraternidade continental, e isso sem abandonar nem descurar as graves responsabilidades e os deveres de representante de outro governo estrangeiro.

Eis os documentos aludidos, além de um dignificante telegrama do nosso ministro das Relações Exteriores, de 24 de setembro, que adiante tem melhor cabida:

> Nota do senhor R. Esteva Ruiz, subsecretário das Relações Exteriores do governo do gal. Huerta, de 3 de julho de 1914:
>
> Em nome do Senhor Presidente Constitucional e em meu próprio, tenho a honra de transmitir a V. Exa. os agradecimentos do governo e do povo mexicano pela valiosa e eficaz cooperação que V. Exa. prestou ao arranjo pacífico do conflito surgido entre os Estados Unidos Mexicanos e os Estados Unidos da América. Aproveito etc.

Aliás, este mesmo subsecretário, na exposição que sobre o assunto fez às câmaras, tinha dito:

> Os Estados Unidos encarregaram de seus arquivos e da proteção dos seus nacionais, primeiramente, a S. M. Britânica, mais tarde ao governo dos Estados Unidos do Brasil, que designou para o desempenho da missão respectiva ao Exmo. Senhor J. M. Cardoso de Oliveira, que tem observado uma atitude prudente e conciliadora em todos os assuntos de que tem tratado.

Ao passo que o caudilho Emiliano Zapata, chefe da revolução no sul, escrevendo-me do seu quartel-general em

Yautepec, Morelos e referindo-se, senão a essa mediação, à outra minha em seu favor perante seus adversários, dissera-me:

> Esta benévola mediação faz profundamente gratos os que lutamos pela realização destes altos ideais de progresso e de reforma, pois bem compreendemos e apreciamos os móveis de simpatia e afeto à nação mexicana, que esse labor encerra.
> Em nome dos meus companheiros de luta e no meu próprio, apresento nosso efusivo agradecimento, ao mesmo tempo em que tenho a honra de pedir suas ordens.

Falta acrescentar que, incumbido oficialmente pelo seu governo, de apresentar os agradecimentos do México, veio ao Brasil, à Argentina e ao Chile o subsecretário Esteva Ruiz, encarregado do Ministério do Exterior durante todas as negociações, comissão a que deu criterioso desempenho.

E não falo de dezenas de cartas, telegramas e outras manifestações que recebemos, minha família e eu, de parentes e amigos de toda parte, cujos agradecimentos ocuparam minha mulher e filhas, minhas secretárias particulares, quando Deus queria e as circunstâncias o exigiam.

ENTRE A BIGORNA E O MALHO

De agora em diante entro a lidar com outros próceres e outra gente, elevada ou humilde, intelectual ou inculta: os homens, que, em predestinados ensejos na vida dos povos para a marca da humanidade ao seu fadário, intrepidamente se abalançaram a deflagrar os formidáveis sucessivos movimentos que fizeram tremer o seu país até as profundezas para ali plantar as sementes dos frutos de que já agora estão gozando as gerações presentes, e fruirão as que lhes forem sucedendo pela vida afora! *Nothing succeeds like success*, dizem os ingleses.

E certamente também assim pensavam aqueles homens: atilados, uns; austeros e intransigentes, outros; impetuosos, vários; idealistas, ao seu modo, alguns; diversos hábeis e maneirosos; todos destemidos e, apraz-me crer, convencidos das suas boas intenções. Com efeito, bem ou mal orientados e por vezes justamente censu-

ráveis, pareciam, entretanto, ter – no meio daquele pandemônio de interesses contrários, desmandos e violências lamentáveis – algo de sinceros videntes dos futuros melhores destinos da sua querida pátria, pairando ao lado, senão acima das suas competições e anelos pessoais!

E quanto ao pobre povo, a massa indígena, que afinal era um joguete nas mãos dos seus dirigentes, não lhe atire o mundo culto e os críticos de obra feita, nem àqueles próceres, a primeira pedra... Vistos à distância e com a serenidade derramada pela ação benéfica do tempo decorrido, todos os desatinos daqueles tormentosos dias, que se irão vendo ainda mais no desenrolar das minhas recordações, os arrebatamentos das camadas de um grande povo, para bem dizer ainda em formação, entrechocando-se ao fervor da caldeira evolutiva, não foram maiores, nem chegaram talvez a emparelhar com os que depois nos têm estarrecido em outros meios cultíssimos! E até de boa-fé e melhor vontade podem ser hoje considerados apenas pecadilhos, de que já os redimiu a rápida reconstrução do país e dos costumes, sob todos os aspectos, a aparelhagem do trabalho e a modernizada exploração das prodigiosas fontes de riqueza, com os brilhantes resultados consequentes, em todos os sentidos.

Honras, portanto, cabem ao México, terra altaneira, nosso irmão e grande amigo americano!

❖

Concomitantemente, ocorreram os trâmites da mediação e a marcha vencedora da revolução contra a capital e o Exército Federal ali concentrado, sem que a mudança do governo lhe tivesse feito alterar os planos: não aceitava o novo presidente, que, a seu ver, chegando ao poder por nomeação do general Huerta, estava eivado do mesmo vício de origem. Aliás, o presidente Carbajal, desde que assumiu o poder, nenhum outro intuito manifestava pública e particularmente senão o de facilitar o advento da revolução, desde que não lhe poderia resistir. Só desejava, portanto, entregar-lhe o poder, sob a única condição de um acordo pelo qual se obtivessem garantias para o Exército Federal, que, neste caso, estaria pronto a apoiar os novos governantes; e também, para os que serviram sob a administração de

Huerta e para a própria população da capital. Não eram exageradas tais precauções, porque, pelos manifestos e publicações conhecidas dos chefes revolucionários, a "cidade dos palácios" e os habitantes estavam ameaçados em suas vidas e propriedades, como punição por não terem reagido contra o governo de Huerta!

E da boa-fé do homem íntegro, que era Carbajal, basta dizer que, distinguindo-me com sua amizade e confiança, me consultava sobre todos os seus atos naquele sentido, chamando-me ao Palácio Nacional repetidas vezes e até, um dia, vindo discretamente falar-me em casa, de onde por doente não tinha eu podido sair. E como a nota cômica vem sempre amenizar as piores situações, pilheriavam, então, meus companheiros de trabalho e amigos íntimos, que durante aqueles dias fui eu o presidente do México.

Foram, porém, baldadas todas as tentativas de conseguir tais garantias e – frustrada a conferência que, a pedido instante do governo americano, se realizou em Saltillo, entre delegados das duas parcialidades – triunfantes chegaram as forças revolucionárias a Teoluyucan, às portas da capital, sob a chefia suprema de Venustiano Carranza, pois que então estavam unidas todas as facções, e ao mando imediato dos generais Álvaro Obregón e Pablo González.

❖

Foi nesta ocasião que o anunciado intento de ser tomada a cidade a ferro e fogo, e as incalculáveis consequências, que daí poderiam advir, me resolveram, sempre de acordo com o desejo do governo americano de evitar-se tal calamidade, a aceder aos pedidos gerais e, principalmente, ao instante convite do próprio engenheiro Robles Rodriguez, já então digno representante de Carranza na capital, de ir ao acampamento dos vencedores, a fim de procurar conseguir deles o que até aquele momento por tantos meios não se tinha podido obter.

Era o que se poderia dizer ir meter-me entre a bigorna e o malho; mas, confiava na minha adquirida prática de servir de para-choque. Foi, de fato, a mais árdua tarefa que se me antolhou na vida; tanto tinha de arriscada, quanto de mui poucas probabilidades de bom êxito. Foi, por isso, de pânico e tristeza o febricitante

período de tempo entre a minha partida e o meu regresso: no público, entre os colegas e amigos, os correspondentes de jornais, mormente americanos, o pessoal da chancelaria; e na minha família e nos meus empregados do serviço doméstico. E subiu de ponto, quando, não havendo de lá maneira alguma de comunicação, não me viram voltar à tarde, como tinha prometido, correndo até a notícia de que eu tinha sido assassinado! Enchera-se a legação de visitantes em ansiosa espera toda aquela noite de insônia!

Inúmeros foram os pedidos para que ali não fosse e fizesse por meio de terceiros as negociações; mas, considerei que para uma possibilidade de bom êxito e para as minhas futuras gestões com os novos governantes, seria utilíssimo dar-lhes uma prova de energia e destemor, ainda que lhe reconhecendo a impudência. Não era tanto pelos chefes, mas pelas tropas, às quais se havia, como se assoalhava abertamente, prometido plena liberdade de ação durante três dias, quando ocupassem a capital!

Entretanto, não pintemos as coisas mais feias do que se apresentavam: levando a Teoluyucan, como únicas armas, o prestígio das duas nações por mim representadas e a força moral, não deixei de fiar-me – de mim para mim – na circunstância, que sabia exata, de ter algumas simpatias dos diferentes grupos de revolucionários, como mais tarde vieram as ocorrências bem demonstrar, pelo fato de ser o único ministro que não havia reconhecido o governo de Huerta.

Foi respirando nessa carregada atmosfera que para ali parti na manhã de 10 de agosto, sendo acompanhado, além do referido agente de Carranza, pelo dr. Juan Ortega, ministro de Guatemala, então decano, na ausência do de França; Lionel Carden, da Grã-Bretanha; e Vitor Ayguesparse, encarregado de negócios da França, especialmente comissionados pelo corpo diplomático para irem em minha companhia procurar obter de Carranza garantias para as legações e a designação de uma zona neutra, onde fossem respeitados os estrangeiros, em caso de combates e distúrbios. Como se vê, deixaram, só a mim, a inteira responsabilidade da gestão mais importante que ali me levava.

Convém ainda dizer que, tomando-a, como a tomei sobre os ombros, tinha consciência de não me ter posto fora de meu cons-

tante programa de não intervir voluntarioso em assuntos da política interna, nem de desrespeitar jamais a soberania do país irmão, porque a minha resolução só se firmou depois de ampla e entusiasticamente desejada pelo presidente Carbajal, pronto a renunciar, se e quando eu lhe indicasse tal necessidade, conforme os arranjos que pudesse fazer com os adversários; e mais, só depois de longa conferência telegráfica, para a qual me facilitou Carbajal tudo o que dele dependia, com o chefe supremo da revolução, Carranza, que afinal aceitou, com alguma relutância, os meus bons ofícios e marcou uma conferência no acampamento em Teoluyucan.

Valha, portanto, a verdade, já levava um pouco de caminho andado.

❖

Ali cheguei pelo meio do dia, sendo – com os meus companheiros de viagem – gentilmente recebidos pelo general Obregón, que nos hospedou no seu vagão-pulmann, onde merendamos e, enquanto esperávamos a chegada de Carranza, ainda em caminho do norte para ali, levou-nos a visitar o acampamento. Pude então ter melhor ideia do poderio militar da revolução e vi cenas e costumes deveras pitorescos! O que, por mais típico, me chamou maior atenção foi ver chegar vários trens carregados de soldados, a maioria em seus trajes nacionais tão característicos, inclusive os grandes chapéus de palha. Muitos desses soldados com suas mulheres e filhos viajavam agasalhados em baixo dos vagões sobre tábuas pendentes entre as rodas!

Só pela tarde fui informado de que Carranza, detido em caminho por qualquer motivo, de que não me lembro, só poderia chegar ali pela meia-noite! Donde a necessidade de pernoitar no acampamento, o que motivou a demora da minha volta à capital, como já ficou dito. Assim fizemos, não obstante não terem todos os meus companheiros aceitado de bom grado esse percalço, havendo até quem supusesse, ideia que repeli, não passasse aquilo de uma cilada.

Não entro, entretanto, a contar quais foram as minhas verdadeiras impressões e apreensões daquela tarde e da memorável noite, que, parecendo compreendidas por Obregón, teve a gentileza de, com alguns companheiros, procurar amenizá-las durante o

jantar no carro e as longas horas que se lhe seguiram até a chegada de Carranza, com a viva narração de interessantes episódios de sua campanha e jogos de cartas e de prestidigitação, em que se mostrava perito.

❖

Senti, no entanto, dir-se-ia a silenciosa má vontade das tropas, que provavelmente sabiam ou presumiam o que eu ia ali tratar; eram assuntos contrários aos seus desejos e às promessas que lhes tinham feito. E qual não foi a nossa imensa inquietação, quando na escuridão da noite vimos sair, imprudentemente, a comprar cigarros, Eduardo I. e por muito tempo não voltar ao vagão, enquanto o próprio Obregón, também intranquilo, não o foi procurar. Estava ele, então, à testa da municipalidade na capital e levei-o comigo como representante da cidade. Confesso a tortura que me salteou, principalmente porque, durante aqueles quartos de hora de ansiedade, vim a saber que havia contra a sua pessoa inveterado ódio dos revolucionários, contra os quais, além de outras razões, se tinha batido!

Só então dei o devido valor ao risco por ele corrido e que, até pouco antes, tinha tomado por simples pilhéria de péssimo gosto, quando pela tarde, pouco após a chegada, vi bater-lhe ao ombro um galhardo oficial, dos que nos estavam obsequiando, e dizer-lhe sorrindo e empunhando um revólver:

– Ah, Eduardito! Se não tivesses vindo em companhia do ministro do Brasil, cinco balaços seriam a tua conta!

❖

Mas, só depois de meia-noite chegou o trem em que vinha Carranza; fomos ao seu encontro cumprimentá-lo e também ao cônsul americano Silliman, a quem já me referi e que vinha em sua companhia. Foram conosco Obregón e seus oficiais, abrindo-nos dificilmente o caminho em plena escuridão por entre formidável massa compacta de milhares e milhares de soldados, mulheres e crianças, a dar vivas delirantemente.

Foi uma cena para cuja pálida qualificação falta o adjetivo,

tais as aclamações e sobretudo o ronco de canhões e o pavoroso estrondear, sob a negrura do céu, de milhares de tiros, de ensurdecer, dados para o ar, de que resultaram, entretanto, vários ferimentos. Não poderiam ter sido em algum de nós, se realmente houvesse fundamento na anterior suposição de uma cilada? Teria bastado que um soldado irresponsável, perdido na multidão e dificilmente reconhecível no meio de tantos... errasse a pontaria para o ar. Fomos então dormir – no mesmo vagão, apavorados, não do que aconteceu, mas do que poderia ter acontecido – pois, pelo tardio da hora, ficara a conferência adiada para a manhã seguinte.

❖

Desde a chegada de Carranza, com o título, então, de primeiro chefe das forças constitucionalistas, foi de notar-se, na própria estação, a frieza, para não dizer a contrariedade, com que viu ali os três diplomatas referidos, contrastando com a cordialidade com que me tratou, por militar-lhe no espírito em desfavor deles sempre a mesma nota de terem reconhecido Huerta, mormente o ministro britânico, considerado amigo pessoal daquele general. E o fato foi que, na manhã seguinte, se recusava tenazmente a recebê-los no seu vagão para o desempenho da missão que, ao lado da minha, os levava junto a ele e, só depois de muita insistência de minha parte, até o ponto de declarar que naquela hipótese também me retiraria, sem falar-lhe, e do pedido de Silliman, concordou em ouvi-los rapidamente, sendo então aventadas *pro-formula* as medidas que pediam e que, aliás, não tiveram seguimento algum.

❖

Realizou-se a minha conferência naquela manhã de 11 de agosto de 1914, estando presentes o referido agente carrancista, Robles Rodriguez, Isidro Fabela, encarregado, pelo chefe Carranza, das relações exteriores, e o cônsul John Silliman, agente confidencial do presidente Wilson junto àquele chefe.

Foi árdua e longa a conferência, ainda que sempre cortês – que *el cortez no quita el valiente*, como dizem os espanhóis – e tive

de desenvolver todos os recursos que me puderam proporcionar a eloquência e a lógica, e tornear as palavras por vezes enérgicas que a situação exigia, porque desde o começo recusava Carranza a ideia de qualquer acordo com o presidente Carbajal, para a entrega pacífica da cidade, alegando ter elementos para tomá-la à viva força, sem prévios arranjos ou convenções, justamente o que se buscava evitar. Chegamos a um verdadeiro beco sem saída.

Tive de declarar-lhe então firmemente, que se a situação não ficasse resolvida de acordo com as disposições do Protocolo de Niagara Falls, não poderia ele ser reconhecido pelos Estados Unidos, o Brasil, a Argentina e o Chile. E tendo-me perguntado:

– Que mal me fará isto?

– Vê-lo-á por si mesmo, meu General! – retorqui e pensei em dar por finda a conferência; mas, voltando à mesma serenidade de antes, manifestei-lhe, jovial, para refrescar o ambiente, o meu espanto, por querer ele arrebatar violentamente, com efusão de sangue, o belo presente que se lhe queria dar de mão beijada, pedindo-se-lhe somente que não quebrasse a bandeja de prata!

E tendo essa amenidade provocado um bom sorriso e produzido, em todos, o efeito que eu queria, entrei muito amigavelmente a mostrar-lhe as consequências daquela intransigente atitude, lembrando até o que, nesse sentido, se dera com Huerta...

Mas, ainda havia resistência a vencer e foi-me preciso, para salvar a situação, encontrar uma fórmula intermediária de acordo, que, não sem custo, logrei ver felizmente aceita por ele: conforme este novo plano, que – estava certo – receberia a aprovação do presidente Carbajal, condição que eu também não podia perder de vista, dissolveria este no mesmo dia o seu governo, deixando a capital entregue ao governador do Distrito Federal, Eduardo Iturbide, que era também o chefe de Polícia e ficaria como única autoridade na capital, e, portanto, já não havendo razão plausível para o escrúpulo de Carranza de tratar, com aquela entidade ocasional, das disposições para a tomada de posse da cidade e a entrada pacífica das suas tropas.

E, recebendo calorosos aplausos dos presentes, principalmente de Silliman, entusiasmado comigo, como se verá depois, abraçamo-nos cordialmente, Carranza e eu, dizendo-me amavelmente aquele chefe, que desejava fossemos amigos. E assim o

ficamos por muito tempo.

A satisfação com que me retirei pareceu-me que não correspondia muito à reserva de Obregón e de outros oficiais que, entretanto, me acompanharam ao trem com as mesmas atenções da chegada. E os fatos vieram depois mostrar que a minha observação era justa. Mas, para mim, as impressões essenciais daquela diligência foram de que, com alguma prudência e jeito, se confirma o dito de que o diabo não é tão feio como se pinta.

Fica, assim, narrado, sem tirar nem pôr, o que se passou em Teoluyucan, sendo, portanto, menos exata a versão que daquela entrevista e do resultado da minha gestão se deu, segundo me contaram, em livro depois publicado por um autor apaixonado, em que se deturpa o alcance daquela conferência e se procura amesquinhar a minha atuação. É o caso de dizer como Cervantes, no "D. Quixote": *con su pan se lo coma, y allá se lo haya*…

MAR DE ROSAS

De volta à capital, passaram-se as coisas como ficou indicado e vem a propósito referir, para mostrar como a minha ação oficiosa e amiga foi apreciada pelo presidente Carbajal, demissionário, que me pediu e obteve o meu consentimento e, por meu intermédio, o do governo brasileiro, para asilar-se na legação, onde já lhe tinha preparado os necessários cômodos. Só não o fez, por haver, à última hora, preferido espontaneamente partir para Vera-Cruz.

No dia 13 de agosto, como fora combinado na conferência, assinaram o referido governador do Distrito Federal e o general Obregón, em nome de Carranza, um documento que ficou conhecido como o Acordo de Teoluyucan, pactuando a entrada pacífica das forças revolucionárias na capital e as particularidades necessárias para a manutenção da ordem e garantias para as legações e todos os habitantes nacionais e estrangeiros, e, ao mesmo tempo, estabelecendo o contato entre o general Obregón e o representante do Exército Federal, a fim de combinarem as minudências da ocupação da cidade pelos revolucionários e a sua evacuação pelos governistas, evitando-se-lhes arriscados encontros.

Ficou entre eles também firmado outro acordo de suma importância, cujo artigo dez estatuía que os generais, chefes, oficiais e tropas do Exército Federal ficariam à disposição do primeiro chefe do exército constitucionalista, Venustiano Carranza, que, ao entrar na cidade, assumiria o caráter de presidente provisório da república.

A ideia que dominou todo esse arranjo foi a de conciliá-lo com as disposições do Protocolo de Niagara Falls, no qual estabeleceram os mediadores que seria reconhecido pelos Estados Unidos e pelas repúblicas do Brasil, da Argentina e do Chile o presidente provisório emanado de um acordo entre todas as partes contendedoras; e nestas condições estava a ascensão de Carranza, naquele momento e sem divergência, o chefe supremo da revolução. Seguir-se-ia o pronto reconhecimento pelas quatro potências e provavelmente por todas as outras nações, ficando assim o México sob um governo estável e apto a realizar o programa da revolução, à sombra da almejada pacificação.

Foi esta, como também a minha, a crença geral e a convicção dos representantes dos quatro governos mais interessados, sobressaindo o dos Estados Unidos e o do Brasil, que assim se me exprimiram em bondosos telegramas:

> Pelas particularidades que me mandastes estamos certos de que fizestes o melhor arranjo possível, dadas as circunstâncias. Congratulo-me convosco muito cordialmente. O povo dos Estados Unidos e os estrangeiros sentir-se-ão aliviados quando o acordo for executado e se fizer a transferência pacífica do governo.
> Apresentai nossos cumprimentos não só a Carranza como ao governador do Distrito. Dizei que temos confiança em que isto será o princípio de uma era de prosperidade e progresso para o México. – Bryan

> Recebemos o texto do acordo. A transmissão pacífica do poder está garantida. O presidente aprecia a habilidade com que tratastes este assunto; aceitai ainda uma vez nossos agradecimentos. – Bryan

E ainda a tal respeito, lê-se no citado *Relatório do Ministério das Relações Exteriores* do Brasil, de 1915:

Os serviços leais do senhor Cardoso de Oliveira deram lugar a que, por este ministério lhe fosse expedido, em 24 de setembro de 1914, o seguinte telegrama:

> O Sr. Presidente da República autorizou-me a louvar e agradecer em seu nome, a V. Exa. a maneira por que procedeu junto desse governo, no interesse do bom êxito da missão confiada ao A.B.C.; e, bem assim, a felicitá-lo pelos agradecimentos dos Estados Unidos pela atitude que V. Exa. assumiu em favor dos interesses da paz no continente e no México. Transmitindo a expressão dos sentimentos do Sr. Presidente, faço-o com o mais vivo prazer de ver realizados e reconhecidos os bons serviços por V. Exa. igualmente prestados à diplomacia do Brasil.

Em 18 de agosto – continua o *Relatório* – o sr. Bryan, secretário de Estado dos Estados Unidos da América, dirigiu uma carta ao embaixador do Brasil em Washington, na qual se referiu oficialmente aos serviços prestados àquele país pelo ministro Cardoso de Oliveira, transmitindo também a cópia de um documento relativo a esses serviços.

A seguinte carta do nosso embaixador, de 10 de setembro imediato – prossegue o dito *Relatório* – escrita em resposta à do sr. Bryan, faz um resumo dos documentos supracitados:

> Tive a honra de receber a muito atenta carta de V. Exa., datada de 18 de agosto último, acompanhando cópia de um telegrama expedido de Monterrey a 15 do mesmo mês pelo cônsul-geral Hanna e transmitindo outro em que o cônsul Silliman declara que "ao ministro do Brasil exclusivamente foi devida a preparação do documento que foi assinado esta tarde e que termina a guerra civil no México".
>
> A esta informação ajuntou o cônsul-geral Hanna seu testemunho do "auxílio e força que deu o mesmo ministro aos cônsules dos Estados Unidos no México".
>
> Satisfazendo com muito prazer o desejo de V. Exa., dei-me pressa em transmitir ao meu governo pelo telégrafo esta honrosa apreciação da maneira pela qual o ministro Cardoso de Oliveira se

> desempenhou das suas funções de representante dos interesses dos Estados Unidos em tão difíceis momentos e também os agradecimentos de V. Exa. "pela excelente obra realizada pelo ministro brasileiro na cidade do México em favor dos cidadãos americanos e suas propriedades durante os penosos tempos em que os interesses americanos no México estiveram entre suas hábeis mãos". Contente por ver reconhecidos oficialmente pelo governo dos Estados Unidos o zelo e a habilidade com que o nosso ministro no México cumpriu a sua tão honrosa quanto árdua missão, aproveito a ocasião para reiterar a V. Exa. as seguranças da minha alta consideração.

Efetivamente, coube-me a grande satisfação de poder dizer, durante alguns dias, que não mais se havia disparado um tiro de guerra em todo o território mexicano!

ÀS AVESSAS

Infelizmente, aquele estado paradisíaco que acaba de ser descrito era, na expressão inglesa, *too good to be true*...

Ocupou Carranza a capital mexicana, entrando e desfilando em boa ordem, à frente das suas tropas e com grande contentamento e alívio do público, ao passo que o Exército Federal se ia retirando por outro lado, evitando-se, salvo pequenos incidentes, lamentáveis atritos. Deram-se severas ordens para impedir distúrbios e crimes, segundo as quais seriam fuzilados os que cometessem depredações e roubos.

Em virtude delas, alguns infelizes pagaram com a vida a sua desobediência neste sentido, sendo para escarmento expostos os cadáveres à porta das repartições de polícia com um letreiro indicativo da causa da pena, e para aumentar o horror daquela exibição, houve um desgraçado cujo dístico era o seguinte: "Fuzilado por equívoco"!

Quis, desta simples maneira, penitenciar-se a seu modo o autor do bárbaro atentado... E, assim como este, outros fatos de diversas ordens registraram-se, oriundos de perversidades, vinganças ou irreflexões individuais de subalternos, que nessas ocasiões soem surdir em cena, exorbitando bastas vezes das ordens

recebidas e comprometendo a responsabilidade e a respeitabilidade dos seus chefes que, em todas as esferas, necessitando-lhes dos auxílios, são forçados a suportá-los.

Assim foi no tocante à manutenção da ordem pública; quanto ao problema político, não se passaram as coisas como era de prever razoavelmente, dado o que tinha ficado combinado: ao empossar-se do poder, Carranza, fosse por deliberação própria, o que me custa a crer; ou premido por compromissos anteriores que se lhe afigurassem mais vitais para ele; ou, o que parece mais certo, sob a pressão do desapontamento e influência dos companheiros de armas e vitórias que o rodeavam, fê-lo, não no caráter de presidente provisório, conforme o acordo de Teoluyucan, mas como Primeiro-Chefe do Exército Constitucionalista encarregado do Poder Executivo e, portanto, sem categoria definida em direito internacional. E organizou uma mera administração militar, inaugurando-se um período que se classificou de pré-constitucional – ele, que justamente se insurgiu e combateu valentemente sob a bandeira e o nome de constitucionalista! Invocou o programa que traçara em Guadalupe, sem atender, segundo vieram a alegar seus adversários, às modificações do mesmo programa feitas de acordo com eles em Torreón, no sentido de ser o presidente provisório escolhido por todos os chefes militares, reunidos em convenção.

Além de várias medidas radicais, como a da dissolução e licenciamento do Exército Federal, decretou a supressão imediata de todas as legações e consulados no estrangeiro, cujos serventuários – aos quais nem ao menos se dignou dar parte desta resolução – lá ficaram, em penosa situação e a maior parte em lamentável penúria, alguns até vivendo à generosa custa dos governos junto aos quais estavam acreditados! Fulminou a demissão de todos os funcionários que haviam servido sob o governo de Huerta. Dissolveu todos os tribunais, juízes, cartórios e todas as repartições públicas. E pretendeu até ignorar a existência do corpo diplomático acreditado no México, que reconhecera a Huerta, recusando-se, durante algum tempo, a entrar em tratos com ele. Só, pela razão contrária, excetuava a mim.

Foi dessa época o lamentável incidente com o ministro

britânico, Lionel Carden, ao qual, sem dar os passaportes, forçou a sair do país da noite para o dia!

Tudo isto deu ensejo a um telegrama do governo americano a Carranza, repetido mais tarde a outros chefes que vieram depois a ocupar a capital, em que se faziam amigáveis insinuações.

Ficou tristemente célebre aquele período pelos muitos desmandos, provavelmente sem plena ciência dos chefes responsáveis, sobressaindo as violentas ocupações de casas pelos militares, a cujos donos dava-se, às vezes, o prazo de um quarto de hora para as evacuarem com suas famílias, ficando – de mais a mais – aqueles proprietários obrigados a correr com todas as despesas para a manutenção dos seus hóspedes forçados, agravadas pelo aumento imediato dos salários do pessoal do serviço doméstico. A estes abusos – que, aliás, se deram também no Rio de Janeiro, em 1808, ainda que a coberto de ordens de um juiz especial, para acomodar as quinze mil pessoas da comitiva de d. João, então príncipe regente, à sua chegada, – acrescente-se a tomada de automóveis sem formalidade alguma. Não raro faziam-se deles descer os passageiros e os motoristas eram muitas vezes obrigados a parar a tiros de revólver, se não obedeciam prontamente, ou tentavam fugir, quando os carros não eram arrebatados das respectivas garagens.

Havia em Tacubaya, um dos arredores da cidade, extensa propriedade de um espanhol riquíssimo, F. de T., que se ausentara do México e cujo procurador, para evitar vê-la cair em poder dos revolucionários, me fazia instantes pedidos para que eu fosse nela morar ou pelo menos passar algumas temporadas, ao que não anuí por não me parecer haver motivo algum que razoavelmente o justificasse.

Era um pequeno mundo, não só pelo enorme tamanho, senão também por tudo o que nela se continha: salões de visita, de jantar e para outros fins, luxuosamente mobiliados, assim como dezenas de quartos de dormir da mesma forma preparados em estilos diversos, como aqueles; capela, teatro, salas de música, de ginástica com os competentes aparelhos, cinemas com os maquinismos necessários, oficinas mecânicas e de pintura, e

de fotografia; quartos cheios de cima a baixo da mais completa variedade de brinquedos de criança, outro de remédios de todas as marcas e qualidades, como a mais bem sortida drogaria; estátuas, quadros valiosos, profusão de imagens, algumas ornamentadas com pedras preciosas, e mil outras curiosidades de todo o gênero! Delicioso jardim e em seguida imenso parque, com um bonito lago artificial navegado por elegantes lanchinhas a vapor e de gasolina; uma casa completa em miniatura para divertimento das crianças, chamada "a casa das bonecas", ligada até por telefone ao edifício principal; e para que nada faltasse como extravagância, um caminho de ferro em ponto pequeno que percorria o parque, detendo-se em diferentes estações! Um palácio das mil e uma noites, verdadeiro capricho de arquimilionário.

Tendo recusado o pedido do procurador, acedi, atendendo a amigos, a utilizar-me dos cinco automóveis que ali havia e fui uma tarde com ele para trazê-los; mas, ao chegar a casa, já lá encontrei um grupo de oficiais, chefiados pelo simpático coronel Robelo, chefe de Polícia, que acabavam de ocupá-la, destinando-a a residência de um deles, nomeado prefeito daquela localidade e cujo nome sinto não ter retido.

Recebeu-me, como sempre, cordialmente o coronel e, sabendo o fim da minha visita ali, pelo procurador que se apressou em responder-lhe, convidou-me galantemente a entrar.

– Obrigado, meu coronel, mas penso ter chegado tarde – aventei.

– Não, senhor; venha escolher os automóveis, que outros não nos faltam. – e, ao perceber a minha relutância: – Venha, faço questão: leve ao menos um!

Atendendo aos sinais desesperados do procurador para que aceitasse, fui examinar os carros e indiquei o melhor e mais caro, um enorme de viagem, com lanternas e adornos de prata e todo o necessário.

– Quer este, não? – perguntou-me o bravo coronel – Pois é seu, faço-lhe presente.

E isto às barbas do procurador, que insistia cada vez mais nos gestos significativos. Tive este carro, de que não me servia,

guardado na legação até a minha saída, quando foi entregue ao procurador.

Aliás, devo dizer com prazer que o oficial ocupante, ao abandonar a propriedade meses depois, quando partiu em campanha, a entregou intacta, exceto estragos no parque, onde punham os seus soldados cavalos a pastar e algumas dúzias de garrafas de menos na bem fornida adega. Conservou, porém, tudo o que ali havia de valor e, recusando aceitar, como lembrança, em nome do proprietário, um objeto à sua escolha, como lhe oferecia Rice, americano, então procurador, para melhor garantia do prédio, aceitou apenas um sobretudo servido.

Na capela, celebrou-se mais tarde o batizado de uma filhinha de Rice, minha afilhadinha Lídia, linda rosa que ainda em botão nos foi arrebatada pela morte!

Contrastando com o brioso procedimento daquele oficial, verberava-se o de vários dos seus colegas, sob cujas vistas gordas, os soldados depredavam os ricos palácios que ocupavam, de cujas estátuas, quadros e tetos decorados por artistas italianos de valor, faziam alvos de seus exercícios de tiro, como alguns fizeram de sofás de seda e tapetes valiosos mesa para a matança de carneiros e porcos!

E para finalizar com uma cena tragicômica, conte-se o caso de outro oficial que entrou fardado e armado às 8 horas da noite no melhor restaurante da cidade – onde, por sinal, comia Lima Ramos, secretário da legação – e, depois de ter mandado guardar as portas por soldados que o acompanhavam, exigiu de mesa em mesa a entrega de quantias "para as necessidades da causa", desmoralizando-a assim irrisoriamente, sem, decerto, conhecimento dos seus superiores!

São os sabidos frutos das situações daquele gênero, de que, aliás, se tem visto depois opulentas produções nas partes mais famosas do planeta!

❖

Coube-me assim assistir ao desmoronamento completo de um edifício político e social, desde a cúpula até os mais profundos alicerces, pois a tal correspondia o estado em que ficou a capital

e, a seu exemplo, o país, naquela época, sem nenhum dos esteios de governo e de autoridade, a não ser o "quero, posso e mando", no momento, de Carranza e, subsequentemente, dos outros que foram chegando, passageiramente vitoriosos; quando, às mais das vezes, não vergava ao guante do chefe militar discricionário, que ocasionalmente ocupava a capital por meses, semanas e até dias ou apenas horas, como para adiante irá vendo o leitor.

As poucas boas pedras, que no decorrer de tantas peripécias se foram jogando ao abismo para a formação dos fundamentos do novo edifício pátrio, que, acredito, tinham todos em mente erigir, até o momento da minha saída não se haviam ainda amalgamado, nem muito menos apresentavam aspecto de sólida construção, que permitisse antevê-lo, em tão curto tempo, elevado, sólido e admirado como hoje se ostenta no cenário do mundo!

Em tais condições, verificou-se consternadamente que o governo de Carranza não podia ser reconhecido pelas potências mediadoras, como não o foi por nenhuma outra, mantendo-se com ele apenas relações de fato.

SELVA DE EPISÓDIOS

Entre os atropelos daqueles dias, sobressai – como típico – o seguinte episódio:

Estava então a chancelaria da legação do Brasil e dos interesses americanos, sob a proteção das duas bandeiras, instalada em um magnífico palacete ao lado do edifício da legação onde eu morava, havendo entre os dois prédios uma porta de comunicação aberta no jardim; assim aconteceu a pedido instante do proprietário, Luís Elguero, delegado de Huerta à Conferência de Niagara Falls, que ficara nos Estados Unidos, de onde, procurando até a intervenção amistosa de Domício da Gama, suplicava que eu ali passasse a residir para livrar o prédio das possíveis ocupações por ele previstas.

Achando-me perfeitamente bem acomodado na legação, não concordei com isto, e apenas, antes da entrada das tropas carrancistas, instalei ali otimamente a chancelaria em três enormes salas na frente, onde estava situada a opulenta biblioteca, que era uma das suas maio-

res preocupações. Não aceitei, porém, o alvitre de mudar-se dali a distinta família, que, por instância minha, continuou a residir em todo o resto do prédio, que era a maior parte, e com a qual mantivemos sempre as mais agradáveis relações. Que havia razão para os temores do proprietário, veio provar a visita que ali me fez certa manhã, um coronel que, mostrando-me a lista de casas a serem ocupadas, onde estava aquela, destinada, dizia ele, a residência particular do primeiro-chefe, me intimou a desocupá-la o mais depressa possível.

Recusei a intimação, procurando delicadamente explicar-lhe todas minhas óbvias razões, entre as quais a princípio da extraterritorialidade, reconhecido e respeitado por todos os povos cultos, em virtude do qual aquele prédio constituía em tal momento território estrangeiro, fora de jurisdição do México e da sua autoridade militar. Era por demais complicado para a sua compreensão.

Não ficou convencido e disse-me sentir muito a minha recusa e o incômodo que me ia dar, mas que "de qualquer forma", frisou, teria de ocupar o prédio.

Já impaciente, mas sem perder a linha, perguntei-lhe jovialmente:

– Qual é a sua arma, meu coronel?

– A Artilharia.

– Pois, para um *valiente, valiente y medio,* aventei com o melhor dos meus sorrisos, mas firme: – Vá buscar a sua bateria, poste-se ali defronte e arrase a casa, porque enquanto houver um pedaço de parede, me verá em cima dela empunhando aquelas duas bandeiras.

Diante dessa propositada bravata, muito à espanhola, olhou-me surpreso, fez-me uma cortês saudação militar e retirou-se.

Soube depois que Carranza, conhecedor do incidente, não o aprovou, ou pelo menos, se conformou com a minha oposição. Tanto que, repetindo-se depois a cena com outro oficial, me mandou, por sugestão minha, um salvo-conduto ou que melhor nome tivesse, a fim de que não mais fosse incomodado a tal respeito, como de fato não o fui.

Na aludida lista de prédios a ocupar, devia ter figurado em primeiro lugar duas casas de Huerta, mas, quando sequiosamente

foram por elas, informou-lhes o zelador que já pertenciam ao Estado, ao qual, antes da renúncia, havia ele previdentemente vendido para escolas.

❖

Tinham-se então multiplicado os meus trabalhos e os dos meus auxiliares, dentro de severas regras que estabeleci para seu desempenho; e cresceu o expediente a tal ponto que, para atendê-lo, foi preciso ir proporcionalmente aumentando o pessoal, que, além do secretário Carlos Gordilho – vindo substituir Lima Ramos, removido para Madri – ficou assim composto, de pleno acordo com o governo americano:

– Manoel Betancourt, americano naturalizado, meu secretário particular;

– Charles B. Parker, H. H. Rice, e J. L. Brown, também americanos, especialmente para os assuntos do seu país;

– F. Rangel e A. Lopez, mexicanos auxiliares; e

– B. C. Roberts e Rose Brophy, duas datilógrafas, ambas peritas: assim dizíamos pela incrível rapidez com que escreviam sem olhar o teclado, sendo que uma chegava e saía às horas rigorosamente exatas, ao passo que a outra, que tinha algo de mexicana, claudicava um pouco na pontualidade, mas estava sempre pronta a trabalhar até tarde da noite quando era necessário.

Guardo de todos as melhores recordações, tão dedicados eram ao serviço e à minha pessoa, o que foi de suma importância, para os árduos trabalhos e o bom desempenho de por vezes arriscadas incumbências.

Cito este exemplo bem significativo: havendo-me recomendado o médico fazer um pouco de exercício, quando mais não pudesse ser, uma partida de bilhar após as refeições, disse isto em conversa a Betancourt e a Rice, e acrescentei, brincando:

> – Esta noite, portanto, quando chegar a casa, quero ali encontrar um bilhar e jogar com os senhores uma partida.
>
> – *All right*, chefe! – responderam, sorrindo.

E, quando ali cheguei à noite, sem absolutamente lembrar-me da brincadeira, lá encontrei instalado com todos os pertences,

inclusive o lustre apropriado, o ótimo bilhar que um rico americano mandara pôr às minhas ordens pelo tempo que quisesse!

No Natal anterior, já me haviam todos oferecido um bonito quadro de gênero, que figura na minha pequena galeria.

E esta outra demonstração de grato afeto, que muito me comoveu: ocupava-me nas horas vagas, como já disse, de numismática; e lendo um dia, pouco antes da minha partida, parte do longuíssimo artigo da Enciclopédia Britânica a tal respeito, manifestei – por manifestar – diante do jovem Rangel a pena de não possuí-lo, e pedi-lhe – por pedir – que, se pudesse, copiasse pequenos trechos que indiquei.

Nunca mais falei naquilo, e qual não foi a minha surpresa ao receber, no Brasil, muitos meses depois, formando um belo volume, encadernado, a cópia paciente e perfeitamente por ele datilografada das muitas dezenas de páginas daquele artigo, onde figuravam até as reproduções de muitíssimas palavras em caracteres gregos!

❖

Era tamanha a quantidade de papéis com que lidávamos, tão grande a massa de correspondência, incluindo a telegráfica cifrada com os governos do Brasil, de Washington e com a nossa embaixada ali, mormente durante os trabalhos da mediação, assim como de notas, cartas e escritos de todo o gênero com o governo mexicano, a colônia americana e outras pessoas; tão excessivo o número de visitantes com os quais tinha de conversar diariamente, sobrelevando todos os colegas do corpo diplomático e os correspondentes de jornais americanos, para não falar das mil e uma gestões fora da chancelaria, que, sem exagero, não tinha muitas vezes tempo de comer! Houve dias em que, premido pela urgência dos assuntos e a escassez do tempo, estava conversando com uma ou mais pessoas, ao mesmo tempo em que ditava cartas ou ofícios às datilógrafas em línguas diferentes. Parecerá isto, à primeira leitura, gabolice ou exagero; mas experimente quem quiser e verá que não denota mérito especial, sendo apenas questão de exercício.

– Ministro, isto não é mais uma legação, é um ministério! – dizia-me muitas vezes Carlos Gordilho.

Ficou este desde a chegada, em outubro de 1914, principescamente hospedado naquele palacete, onde se instalara a chancelaria, por pedido instante que me fizera antes a família Elguero, cuja amabilidade foi ao ponto de pôr-lhe à disposição elegante automóvel, pedido a que acedi, considerando que ficaria assim ainda mais garantida a inviolabilidade do prédio.

Lembro-me do grande desgosto, dele e de todos nós, quando, cumprindo a penosíssima incumbência que me deram de Paris por telegrama, fui estragar-lhe o prazer da bela instalação que ele tanto celebrava, levando-lhe a tristíssima notícia do falecimento do seu querido pai!

E, antes de passar adiante, recordo o momento de angústia que o salteou pouco tempo depois, em horas de grandes perturbações de ordem, quando voltava tarde da noite para a casa e foi alvejado por um soldado, que, depois de indagar quem era e para onde ia, o acompanhou, ainda duvidoso, de arma apontada.

Eram assim aqueles dias de perigos e apreensões, em que as minhas próprias rápidas saídas em necessárias diligências ou pequenos passeios eram levando, ao lado do ótimo e corajoso motorista, um guarda de arma embalada, além da pequena bandeira na frente. Assim transitavam todos os colegas.

Nos amplíssimos porões da chancelaria, que correspondiam à enorme área ocupada pelo palacete, estavam – depositadas sob a minha guarda e responsabilidade, e devidamente escrituradas, – milhares de armas e de caixas de munições pertencentes aos americanos que, a meu pedido e por especial concessão, sob o governo de Carranza, me foram confiadas, quando exigidas dos nacionais e estrangeiros a entrega das suas.

Também se guardavam ali, ao serviço da legação, muitos automóveis de americanos que assim os preservaram da tomada já descrita, chegando um momento a atingir o número de trinta e cinco, além de dois meus.

Além dos trabalhos atrás mencionados, que eram, afinal, da minha linha, outros bem diferentes vinham-me ainda assoberbar: como, por exemplo, estando quase sempre – por semanas e semanas, quando não durante meses – interrompidas todas as comunicações ferroviárias, comerciais e postais, principalmente para

Vera-Cruz, cabia-me, autorizado pelos colegas do corpo diplomático e pelas autoridades respectivas locais, mandar buscar em grandes automóveis, que não raramente voltavam baleados nas linhas de fogo que tinham de cruzar, grande número de malas diplomáticas e de sacos de correspondência, já desfalcada – pelos dominantes da região respectiva – da que era indesejável fosse distribuída, e tinham meus empregados de fazer chegar aos seus destinos pela repartição dos Correios, depois de separadas as nossas e a dos americanos.

Verdade seja que os portadores, que iam buscá-las, sempre pessoas de toda a confiança e algumas vezes Rice ou outros empregados da chancelaria, levavam salvos-condutos das autoridades competentes da ocasião, mas é preciso saber-se que tais salvos-condutos assinados pelos generais em funções, assim declaravam em letras bem visíveis:

– A autoridade que firma este documento não se responsabiliza pelo que puder acontecer ao portador.

Ao menos eram francos!

❖

Também não era pequeno o trabalho com a distribuição de socorros a americanos e o serviço de receber e entregar dinheiros que vinham dos Estados Unidos para diversas pessoas residentes no México.

E, mais tarde, os trabalhos relativos à Cruz Vermelha Americana, para não falar desde já da distribuição de víveres a multidão de pobres famintos que vinham à legação em duros tempos de fome!

❖

E a esse respeito, menciono agora que, desde o princípio, a fim de mostrar o completo desinteresse material com que tratava afincadamente dos assuntos americanos, abri mão de certos emolumentos que me competiam pela expedição de passaportes etc., em favor da Cruz Vermelha e da Cruz Branca mexicanas, a primeira das quais, por isso e por fatos posteriores, fez-me seu sócio honorário e teve a generosidade devotar uma moção especial nestes termos:

> O Conselho de Administração da Associação Mexicana da Cruz Vermelha apraz-se em dedicar este testemunho de agradecimento ao Exmo. Senhor Dom J. M. Cardoso de Oliveira, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário dos Estados Unidos do Brasil, fazendo justa menção da entusiástica e exemplar abnegação com que tem prestado seus humanitários serviços em favor dos necessitados.
>
> México, 1º de janeiro de 1915
>
> Presidente: Rafael Pardo
> Secretário Geral: Gabriel J. Martinez[1]

Além disto, já havia eu recebido uma carta do secretário-geral daquela associação, nestes termos:

> Inteirado pela nota de 13 do corrente que a esta instituição dirige o Senhor Subsecretário das Relações Exteriores do valioso oferecimento que se serve V. Exa. fazer a esta instituição do importe de seus emolumentos que lhe competem na legação do país, que tão dignamente representa entre nós, cumpre-me o dever de dar a V. Exa., os mais expressivos agradecimentos em nome desta associação pelo valioso donativo que teve a bondade de fazer-lhe.
>
> México, 14 de março.[2]

Pode afigurar-se que esta minha resolução correria o risco de não ser bem aceita pelos americanos; seria fazer-lhes injúria, pois que os vi, quando dela informados, por um dístico em lugar visível na chancelaria, aplaudi-la calorosamente, dando quase todos mais do que era devido e, alguns, quantias que se elevavam a dezenas de dólares!

E ver-se-á mais para adiante como prestou a Cruz Vermelha Americana, com todas as facilidades dadas pelo seu governo, os mais relevantes serviços aos mexicanos e estrangeiros. Honra lhe seja feita!

1 Tradução.
2 Idem.

Também o delegado geral da Assembleia Suprema no México da Cruz Vermelha Espanhola, assim me escreveu em 5 de agosto de 1915:

> Tenho um gratíssimo dever a cumprir para com V. Exa.:
> Em meu próprio nome e no da Assembleia Suprema da Cruz Vermelha Espanhola, sirva-se aceitar meu sincero reconhecimento pelo apoio que prestou aos meus pedidos, feitos à "Cruz Americana" em favor dos mexicanos presos nos Estados Unidos da América do Norte, por acidentes da contenda civil e pela proteção à bandeira e membros da Cruz Vermelha.
> Dei conta a Madri da valiosa cooperação de V. Exa.
>
> B. Menendez y A Acebal[3]

A PIQUE DE PARTIR

Antolha-se-me agora contar que, à cata de armas ou de automóveis, que sabiam ali depositados, foi, na tarde de 19 de setembro de 1914, violado – na minha ausência – o jardim da chancelaria da legação por oficiais do exército, uniformizados, que forçaram a entrada, empurrando o velho policial que o guardava; e teriam, talvez, realizado o intento, se não fosse a oposição dos empregados da chancelaria, que acorreram e os ameaçaram de chamar-me de uma casa próxima, onde me achava de visita.

Sabedor do incidente, reclamei energicamente perante as autoridades superiores, exigindo a punição dos culpados e completas satisfações, que me foram dadas pronta e corretamente, em nome de Carranza e no seu próprio, pelo encarregado do Ministério das Relações Exteriores, Isidro Fabela, em visita oficial que me fez, prometendo a punição solicitada.

É para notar, entre parênteses, que aqueles mesmos comprometedores façanhudos se tinham dias antes apoderado, numa cocheira inglesa, de cavalos pertencentes aos ministros da Bélgica, da França, da Áustria e da Grã-Bretanha, para cuja restituição tive ocasião de apoiá-los, porque a autoridade inferior, de quem

3 Tradução.

o caso dependia, lhes respondera asperamente que só atenderia ao ministro do Brasil.

Apesar de ficar demonstrado que aquele desacato à legação só podia ser atribuído à ignorância dos oficiais que o praticaram, o ministro do Exterior do Brasil, concordando comigo em contentarmo-nos com as plenas satisfações dadas, telegrafou-me, entretanto, que parecia conveniente a minha retirada daquele país, devendo neste caso acreditar como encarregado de negócios, o secretário Lima Ramos, a quem, aliás, de modo algum agradava tal perspectiva, como logo me declarou, com a recomendação expressa de conservar-se alheio a lutas políticas e se apagar o mais possível.

Anunciada, porém, a minha intenção de deixar o posto em gozo de licença, por intermédio do embaixador do Brasil em Washington ao governo americano, pediu-me este último com instância me demorasse ali pelo menos até melhorar-se a situação e que, se saísse, deixasse temporariamente o secretário encarregado dos negócios americanos.

E não falo nos comoventes pedidos que minha família e eu recebemos de colegas, de amigos e até de pessoas desconhecidas, nacionais e estrangeiras, presencialmente e por amáveis cartas para que não nos ausentássemos, considerando a nossa presença uma boa garantia para todos.

Ora, encarregado interinamente dos interesses americanos, qual pedia o governo de Washington, não podia o secretário ficar apagado, como desejava o do Brasil, porque aquela qualidade o conservaria forçosamente em destaque perante o corpo diplomático e toda a gente. Continuaria, portanto, precisamente a situação que o nosso governo queria evitar com a retirada do seu representante mais graduado. Por outro lado, vim a saber que minha saída, depois de tão satisfatoriamente resolvido o mencionado incidente diplomático, e a meu contento, seria interpretada como um ato pouco amigável para com o primeiro governo revolucionário mexicano, depois de ter-me conservado no país durante todo o período do general Huerta, não obstante não o ter também reconhecido, seria certamente interpretada como disfarçada recusa de cooperar oficiosamente para a evacuação de

Vera-Cruz, o que muito desgostaria os governantes que para isto trabalhavam, além de deixar incompleta a obra da mediação. Nesta conjuntura, entre o dever do ofício e o bem estar pessoal, resolvi perder a oportunidade que se me oferecia de retirar-me, poupando-me maiores trabalhos e continuei no meu posto.

Desde aquele episódio, ou pouco tempo depois, sugeriu-me o secretário de Estado americano, Bryan, providenciasse o que julgasse necessário para a minha segurança pessoal e da legação, até mesmo prevendo o caso de que nela viessem a ter ensejo de asilar-se cidadãos americanos.

Organizei, então, comandada por um antigo oficial americano reformado, uma guarda particular de quarenta galhardos rapazes daquela colônia, que – a paisana, é claro – escalados em grupos de doze, ficavam, de dia, atentos ao primeiro chamado e, à noite, permaneciam num pavilhão, com entrada independente, numa espécie de torreão pegado ao prédio da legação de cujos terraços sobre o edifício o vigiavam, quando lhe não rondavam em torno pelas ruas adjacentes. Para um caso de extrema necessidade, poderiam dispor das armas e munições de seus compatriotas depositadas nos porões.

Um dia, quando minha família e eu almoçávamos com a relativa tranquilidade que ali se podia ter, vimos, depois de violentos toques de campainha, entrar pela sala adentro um daqueles rapazes com as roupas em desalinho, banhado em sangue que lhe escorria do rosto... Imaginem-se o espanto e a comoção com que ouvimos a explicação daquela entrada teatral! Contou-nos, trêmulo de indignação, que naquele estado o pusera um bárbaro oficial, que, de pistola em punho, fora à sua casa, às 2 horas da tarde, no intuito de raptar-lhe a esposa, que só pôde escapar depois de fechar uma porta e fugir para o interior da casa, de onde pelos telhados dos prédios vizinhos conseguiu chegar à residência de uma família sua conhecida. Ele, com o bom auxílio de pessoas que acudiram, rompeu o caminho até a minha presença!

Felizmente, por verdadeiro milagre, pois que o tiro foi à queima-roupa, não eram graves os ferimentos, logos pensados, antes que chegasse o médico, por minha mulher e minhas filhas.

Interpus energicamente as reclamações usuais, mas, por segurança, descoberto o paradeiro da mulher, mandei asilá-la secretamente em casa de Brown, um dos funcionários da chancelaria. Dali, com as devidas cautelas, partiu para outra cidade, na qual tinha parentes e aonde foi com ela reunir-se o marido até melhores tempos.

TURVAM-SE OS ARES

A atitude do general Carranza e as medidas consequentes já narradas, bem como outros episódios e incidentes, que seria longo enumerar, deram corpo à cisão que desde algum tempo se anunciava, de vários grupos, principalmente dos que obedeciam aos caudilhos Pancho Villa e Emiliano Zapata, unidos dentro em breve contra Carranza. Produziu-se, destarte, o deplorável estado de coisas que por tanto tempo perdurou. Criou-se uma situação como poucas quanto à desorientação e aniquilamento das forças vivas do país, quer pelas exigências das operações militares, quer pelas violências pessoais, depredações de propriedades e confiscações de bens, quer pelos incalculáveis prejuízos a nacionais e estrangeiros, em virtude da quase paralisação dos negócios e das comunicações férreas e telegráficas, quer finalmente pela falta de garantias aos direitos mais sagrados.

Aponta-se, além disto, a questão financeira quase insolúvel, pela desvalorização constante do papel moeda emitido, discricionariamente, por todos os chefes de facções, sem a mínima garantia e sem que ao menos tão extraordinário peso de responsabilidade para a nação fosse atenuado pela aceitação geral de tais cédulas como moeda legal, porque cada chefe revolucionário rejeitava as emitidas pelos seus adversários, para impor curso forçado às suas. Em compensação, diga-se como nota curiosa, que alguns pesos mandados cunhar por Zapata, de prata das minas por ele tomadas e exploradas, de valor intrínseco superior ao facial, tinham ágio. Para exemplo da desorientação e da nenhuma noção da responsabilidade naqueles assuntos, basta.

Não é preciso, pois, discriminar mais particularidades para bem compreender-se que o povo mexicano, do qual só uma pequena percentagem estava em armas, ansioso pela paz e pelo

trabalho que lhe pudesse dar qualquer governo estável, debatia-se então num caos político, moral, social, econômico e financeiro de que os fatos narrados *per summa capita* desde a primeira revolução e os que se vão seguir darão suficiente ideia.

❖

No provável intuito de a seu modo conjurar a crise, havia Carranza convocado uma convenção militar a reunir-se na capital em 1º de outubro, para pôr em prática o programa da revolução, ao mesmo tempo em que se esforçava por obter a desocupação de Vera-Cruz pelos americanos, ideia que já o vinha preocupando desde as suas conferências com Paul Fuller. Era este um representante pessoal que o presidente Wilson, sempre amigo do povo mexicano, e desejando o término da luta fratricida, mandara especialmente ao México com o fim de procurar restabelecer a harmonia entre as facções antagônicas.

No norte, confabulara Fuller com o caudilho Pancho Villa e o general Obregón, que ali estava, também em negociações tendentes a reatar as relações entre Carranza e os revolucionários dissidentes. Por sinal, diga-se de passagem, que, azedando-se certas divergências entre Villa e Obregón, só por circunstância fortuita escapou este último de ser fuzilado por aquele caudilho, de quem era hóspede; e até, se não me engano, durante o acidentado trajeto, depois que Villa o deixou partir incólume, após tê-lo feito quase enfrentar o pelotão de execução, que o ameaçado, aliás, com assombrosa serenidade, viu chegar.

É ainda para notar – o que muito diz da têmpera de Obregón – que ele se opôs tenazmente a que se fizesse qualquer gestão a seu favor junto a Villa, alegando tratar-se de assunto interno entre mexicanos, em que não reconhecia a um estrangeiro o direito de intervir. Foi o que, peremptoriamente, declarou a L. Canova – agente americano, que ali se achava casualmente e me contou mais tarde – que se prontificara a interceder por ele, se é que não o fez à sua revelia.

Mal sabia Villa que, naquele dia, dali partia, na pessoa de Obregón, o homem que deveria mais tarde derrotá-lo!

De lá chegara Fuller à capital, trazendo o projeto de estabelecimento de um governo provisório e da organização do país, firmado por aqueles dois próceres revolucionários; mas, não obstante incansáveis esforços e grande tato, não conseguiu vê-lo aprovado pelo inflexível critério de Carranza.

❖

Era acentuadamente carrancista a maioria dos membros da referida convenção reunida em outubro, porque se abstiveram os adversários de comparecer, exigindo que a reunião se fizesse em terreno neutro, para garantia e plena liberdade de ação dos delegados; e foi a esta convenção que ofereceu Carranza a sua exoneração do cargo que vinha exercendo de Primeiro-Chefe do Exército Constitucionalista encarregado do Poder Executivo e que não foi aceita.

Em virtude, porém, de novas e complicadas negociações, transferiu-se a convenção para Águas Calientes, constituída ali por delegados de todos os grupos, inclusive carrancistas, depois de algumas relutâncias. Comprometeram-se todos solenemente a respeitar as decisões daquela assembleia, indo ao ponto de assinar seus nomes na bandeira mexicana, alguns com o seu próprio sangue, como compromisso de honra.

Por unanimidade, declarou-se soberana a convenção e elegeu presidente provisório o general Eulálio Gutierrez.

Recusou, entretanto, Carranza reconhecer aquela soberania, bem como a escolha do novo presidente, dando como motivo que a mesma convenção, convocada por ele, exorbitara de suas atribuições e que, quando reunida na capital, não aceitara a sua exoneração, confirmando-lhe, portanto, a investidura do cargo que estava exercendo.

Com ele fizeram causa comum os seus delegados na convenção e criaram-se, desta forma, dois governos: o de Carranza e o do presidente eleito pela convenção, "gobierno convencionalista", sustentado o último por Pancho Villa e Emiliano Zapata, governos esses que, por si ou pelas forças que os apoiavam, foram alternada e temporariamente ocupando a capital da república.

❖

Ao aproximarem-se desta o presidente Gutierrez e as tropas que o sustinham, retirou-se Carranza para Córdoba, na linha de Vera-Cruz, levando os documentos mais importantes da administração e dos arquivos dos diferentes ministérios, e providenciando tudo para a sua manutenção no poder naquela cidade.

Entre outras medidas, que para esse fim julgou precisas, interrompeu a linha férrea para lá, bem como os serviços do correio e do telégrafo, no intuito de isolar a cidade do México.

Nesta ocasião, convidou o corpo diplomático a acompanhá-lo a Córdoba, ou transferir-se a Orizaba e, mais tarde, a Vera-Cruz, onde pretendia estabelecer a sua sede, logo que fosse aquele porto desocupado pelos americanos. Não foi, porém, nem poderia ser aceito tal convite pelo corpo diplomático, porque, contra todas as regras, importaria no reconhecimento do mesmo Carranza, dando-se uma prova de parcialidade, além de uma demonstração de covardia, pelo abandono em que ficariam as colônias estrangeiras na capital, deixada propositadamente pelos carrancistas sem proteção de espécie alguma e, até, com a polícia por eles desarmada, à mercê do primeiro que a ocupasse! A respeito do convite e da sua não aceitação, tive, em nome do corpo diplomático, longa e penosa conferência telegráfica com aquele chefe, mas não consegui demovê-lo do absurdo da sua pretensão.

Atribuía-se, muito justamente, a esta correta atitude do corpo diplomático a agravação dos ressentimentos dos carrancistas e do seu chefe para com ele, rancor que já o tinha levado a forçar a saída do ministro da Grã-Bretanha, desde os primeiros dias da sua chegada à capital, e que o impeliu mais tarde e com intervalos, ao mesmo insólito procedimento para com os ministros da Bélgica, May, e da Espanha, J. Caro, como o que teria em 1915 com o de Guatemala, J. Ortega.

Precedendo à violência contra o ministro da Bélgica, houve um incidente bastante interessante: pela posição delicada em que estavam uns para com os outros, em virtude da guerra europeia, reuniam-se os representantes estrangeiros na legação do Brasil, terreno neutro, por preferência de todos, e pleno e satisfeito consentimento do ministro de França, Paul Lefaivre, o decano,

meu antigo companheiro e amigo, de Berna, onde tínhamos sido ambos secretários. Apraz-me deveras dizer que, pela boa vontade de todos os colegas, que muito encorajei, aplaudi e ajudei, para que qualquer desunião não enfraquecesse ainda mais o prestígio do corpo diplomático aos olhos dos governantes e dos mexicanos, reinava entre eles correção e boa cortesia, convivendo e conversando sobre todos os assuntos usuais, sem se tocar, é claro, em coisa alguma referente à guerra, exceto comigo. Tanto assim que, quando – tempos depois, numa tentativa de roubo, – foi ferido na rua por um indivíduo que o não conhecia, o encarregado de negócios da Alemanha, Arthur Magnus, foi a do ministro de França a primeira visita que recebeu.

A tal respeito, assim se exprimiu o ministro do Japão, Adatci, quando – em gozo de férias, nos Estados Unidos – foi entrevistado por um jornalista americano:

> As condições do México são tais que fizeram tornar-se amigos membros do corpo diplomático cujos países estão em guerra uns com os outros. Quando de lá saí, presenteei com o meu retrato autografado o encarregado de negócios da Áustria, como prova da minha amizade. Tivemos que nos unir para mútua proteção.
>
> Os representantes dos vários países ali estão em tão pobre, ou pior, estado de saúde do que eu, porque o trabalho é mais do que um homem pode suportar. Dois anos por lá valem vinte em qualquer país europeu. Tem havido uma série de revoluções que deixam os diplomatas sem saber a quem se dirigir quando têm assuntos importantes a tratar.

Achávamo-nos, portanto, reunidos um dia para combinar como deveríamos proceder em face da real e aparentemente propositada, morosidade com que eram tratados os nossos assuntos e reclamações pendentes. Cada um lembrava o seu alvitre, sem considerar, como aventei, a natural dificuldade do ministro respectivo no meio do caos administrativo e da lufa-lufa dos acontecimentos.

E, sendo afinal interrogado pelo belga, o mais impaciente de todos, qual era em definitiva a minha opinião, disse sorrindo:

– Que se faz quando, ao querer abrir uma porta, emperra a fechadura? Ponhamos-lhe azeite.

– Pois, ponha você azeite e quem quiser, que eu vou pôr nitroglicerina – respondeu vivamente e despediu-se

E, tão bem o fez, que – em seguida a violenta nota, que já havia mandado – na conferência que foi ter com o encarregado do ministério, Fabela, dela resultou aquela resolução de Carranza, para cuja reconsideração de nada valeu a minha amistosa e empenhada intervenção.

HORAS DE ANGÚSTIA

Horas que fizeram jus a um pequeno registro especial!

Com a retirada dos carrancistas, estava iminente a ocupação da cidade pelo caudilho Zapata, à frente de suas tropas sitiantes – injusta, mas geralmente consideradas pelos seus adversários e por muita gente malévola "meros bandoleiros" – que havia quatro anos ou mais esperavam ansiosamente aquele momento, pelo qual mais do que tudo combatiam, para, como se assoalhava na linguagem chula que lhes era peculiar – "tirar o seu ventre de miséria". Em outros termos tinham o que se chama má imprensa. Esperavam-se deles coisas fantasticamente tétricas e, assim, aquela próxima invasão "tão temerosa vinha, e carregada, que pôs nos corações um grande medo"!

A pedido do corpo diplomático em peso, reunido todo o tempo na legação do Brasil, também repleta de pessoas de todas as nacionalidades e classes, entre as quais os correspondentes de jornais estrangeiros, principalmente americanos, que vinham pedir-me o apoio e a ação oficiosa e amiga para a manutenção da ordem e a obtenção de garantias dos novos ocupantes, tive ainda uma vez de agir como o *Deus ex machina* para cortar o nó górdio da inquietadora situação.

Tocou-me, antes de mais nada, providenciar, utilizando os bons préstimos de mexicanos e estrangeiros, e de acordo com as autoridades locais, para assegurar a boa ordem e a possível defesa da cidade. Para isto, emprestei até à própria polícia, que ficara desarmada, as armas de que dispunha, depositadas na legação, pertencentes aos americanos e as que se puderam arranjar de

várias procedências inclusive das outras legações, além de diversas medidas que as imaginações excitadas sugeriam no momento.

Aumentava, entretanto, o pânico com as notícias alarmantíssimas que nos vinham trazendo a cada momento! Não houvesse em todas as circunstâncias os mais impenitentes boateiros! E lembro-me até que, durante o meu rápido almoço em família, justamente, como as demais pessoas, apavorada, mas conservando a calma que costumava ter em tais conjunturas, sugeriu minha pequena filha:

– Se eu fosse você, mandava preparar um banquete e convidava Zapata, que ficaria assim de bom humor e não faria mal a ninguém.

Não lhe segui o conselho à risca, mas quase, porque, voltando à chancelaria, resolvi dar ao famoso caudilho uma espécie de banquete moral: não podendo sair da cidade, onde a minha presença, pelas razões acima e outras, foi por todos considerada imprescindível, mandei ao encontro de Zapata e de suas tropas que, como se estará lembrado, me tinham dado provas da sua simpatia, uma comissão de uns três americanos, chefiada pelo secretário Carlos Gordilho. Fizera este questão da sua ida, apesar da minha hesitação em expô-lo aos riscos da perigosa diligência. Foram portadores de uma carta minha a Zapata e incumbidos de manifestar-lhe, em meu nome, a confiança que nele depositava e em suas tropas, de que haviam de proceder pacífica e corretamente e de mostrarem-se dignos da causa que representavam, pois que ele e elas se denominavam de "Exército Libertador", dando, portanto, todas as garantias necessárias aos habitantes da cidade e respeitando a propriedade alheia.

Horas cruciantes foram-se passando lentamente... Elevava-se a temperatura dos nervos a um grau inaudito ao calor dos formidandos boatos que cada vez mais se avolumavam... Mas, são os automóveis que vêm chegando... São eles, os meus enviados... Saltam do carro, radiantes, abraçam-me apertadamente e, no meio dos aplausos, meus e de todos, trazem-me as solenes promessas e a palavra de Zapata de que tudo se passaria na mais completa ordem, como eu e ele desejávamos e que havia de desmentir uma

vez por todas "a triste fama, tão injusta, que lhe davam e às suas forças de desalmados bandoleiros"!

Efetivamente nessa boa forma realizou-se pacatamente a entrada das tropas e a ocupação da cidade, que, pela segunda vez pude contribuir para livrar de temerosas calamidades. Limitaram-se muitos soldados famintos a pedir pelas casas, com boas maneiras, alimentos que lhes eram dados com o maior prazer, sendo que Zapata e seus chefes imediatos foram pródigos em atenções para comigo, a ponto de reprovar o procedimento de um irmão que veio à legação pedir a entrega, que recusei, das armas dos americanos, já então de novo ali depositadas.

Nota pitoresca: tendo ficado fechado, desde a retirada de Carranza, o Ministério das Relações Exteriores, e apenas guardado por bronco empregado inferior da portaria, procurou um dos antigos funcionários do protocolo o general de serviço, homem rude, de indumentária tipicamente mexicana e possivelmente de pés descalços, e expôs-lhe a necessidade de zelar por aquela casa, de cuja importância internacional e funções, esforçou-se por dar-lhe ideia em linguagem adequada à sua compreensão:

– Não entendo nada disso, meu caro amigo – interrompeu-o o bom general – mas vejo, pelo que me está dizendo, que se trata de coisa muito importante! Vá para lá imediatamente tomar conta daquilo e, se desaparecer algum papel de valor, pagará com a sua cabeça!

E jamais arquivo algum ficou tão bem guardado.

Foi assim agradavelmente estranho, muito ao contrário do que se esperava, fazendo até lembrar a velha fábula da montanha que só deu à luz um rato, que se passou na capital do México um curto período de calma e desafogo... enquanto não chegaram os intelectuais do partido...

VISÕES DE CORES DIVERSAS

Poucos dias depois, empossou-se o novo presidente Eulálio Gutierrez, tendo vindo acompanhá-lo Pancho Villa com suas tropas, unindo-se a Zapata que já estava na capital. Com os três mantive as boas relações necessárias ao eficaz cumprimento dos meus deveres.

Daquela quadra, guardo indelével uma nota tão pitoresca, quão característica: foi o memorável lanche no Palácio Nacional, a que, por instante convite estive presente, com minha mulher e filhas, em companhia de outros colegas do corpo diplomático e suas senhoras, quando ali fomos assistir ao desfilar das tropas revolucionárias "convencionalistas". Deram-se vários e interessantíssimos episódios pelo descaso dos rudes convivas militares e suas dignas consortes, estapafúrdia e desajeitadamente vestidas, para alguns dos quais talheres e guardanapos pareciam supérfluos objetos de luxo, sendo que reinava tanta amizade e confiança entre os convivas e os principais chefes, que atrás da cadeira de cada um deles se postaram alguns dos seus apaniguados, de grandes chapéus de palha e armas embaladas!

Sentados, da esquerda para a direita: Pancho Villa, o presidente Eulalio Gutiérrez Ortiz, Emiliano Zapata, Felicitas Villareal e Cardoso de Oliveira, representante do Brasil no México

Encarta-se aqui muito a propósito o seguinte relato do eminente acadêmico Rodrigo Otávio em seu recente livro de *Memórias,* descrevendo a visita que fez anos depois ao Castelo de Chapultepec, acompanhado pelo então presidente Obregón:

> Na visita que fiz ao castelo, serviu-me de cicerone o próprio presidente. Corremos aquelas salas do pequeno Versalhes e ele, em cada peça, a propósito de cada objeto, contava-me um caso interessante. Assim no grande salão de banquetes, referindo-se à opulência dos adornos de mesa, baixelas e talheres, narrou-me o que se passara num banquete que ali dera o famoso aventureiro

> que, depois de condenado à morte por diversos crimes, tomou o nome de Pancho Villa e se fez revolucionário. No dia em que Villa, que Obregón qualificou de *bandolero de quen los pusilanimes y prensa asalariada habian hecho um héroe de leyenda*, com sua tropa, entrou vitorioso na cidade do México, instalou-se no castelo e mandou servir aos seus generais, ajudantes e sequazes um grande banquete, com tudo o que no palácio houvesse de mais rico e luxuoso. E o banquete foi preparado, servido e naturalmente regado pelas bebidas mais incandescentes.
>
> Ao terminar o lauto ágape, que correu na maior animação e desconcerto, o guardião do palácio aproximou-se de Villa e o informou que haviam desaparecido quase todas as peças do rico serviço, que haviam sido postas na mesa. Villa ordenou ao guardião que nada dissesse e fechasse todas as portas do salão. Isso feito, ergueu-se e de revólver em punho, dirigindo-se com veemência aos seus comensais, ordenou que se pusessem sobre a mesa todas as peças que haviam sido escondidas, declarando que ninguém dali sairia antes que se verificasse que não faltava uma só peça.
>
> O expediente fora providencial. Cada qual foi retirando do próprio bolso garfos e colheres, até que a contagem, que se ia fazendo, houvesse atingido ao resultado satisfatório.

❖

Das janelas do Palácio Nacional, assistimos ao desfile das tropas durante muitas horas, pois que, segundo Villa, atingiam a uns sessenta mil homens, que ostentavam, à parte deficiências de indumentária e calçados, todos os apetrechos e recursos então conhecidos e empregados em todos os exércitos, inclusive, se não estou em erro, alguns aviões e carros de assalto! Principalmente as de Villa. Inculto, como era, este caudilho, gozava no entanto da fama geral de ter "a bossa militar", como aliás demonstrou em várias ações que comandou, mormente, no tempo de Huerta, a tomada, se bem me lembro, de Zacatecas, considerada inexpugnável, depois de terem falhado no intento antigos generais do exército mexicano às suas ordens, entre os quais o competente general Filipe Angeles, amigo do ex-presidente Madero.

❖

É de crer-se que, eleito por uma convenção de muitas dezenas de chefes militares revolucionários, onde tantas divergências e ambições se debateram, houvesse o presidente Gutierrez para isso revelado extraordinários méritos e indiscutível superioridade. Pois bem e veja-se como nas situações imperiosas revelam-se as capacidades e surgem os homens a elas adequados: tive, poucos dias de empossado Gutierrez, de patrocinar junto a ele justa reclamação de um antigo cônsul americano que pedia indenização de grande quantidade de couros que lhe tinha sido requisitada ou tomada violentamente. Encontrei da sua parte a melhor boa vontade, tanto que combinamos fosse o próprio interessado procurá-lo para melhor explicar-lhe as minudências do caso. E, ao penetrar este no seu gabinete, ouviram-se duas ruidosas exclamações de surpresa e alegria, reconhecendo-se mutuamente e atirando-se aos braços um do outro... Gutierrez até meses antes tinha sido humilde empregado subalterno do americano, cujo desejo, já se está vendo, foi pronta e satisfatoriamente atendido.

❖

Não podia, entretanto, o trio Gutierrez-Villa-Zapata, o primeiro em plena cena e os outros dois nos bastidores, dar bom resultado, porque, ao passo que Gutierrez procurava enveredar pelo caminho que julgava acertado, por ordem ou pelo menos em nome dos dois outros, que trocavam amavelmente os respectivos desafetos, para fins que só eles podiam saber, entraram a surgir alguns atritos. Chamou-os Gutierrez a uma conferência durante a qual, contava-se, exprobou-os, declarando que de erros e desatinos bastavam os dele, não estando mais disposto a carregar com a responsabilidade dos atos de outros.

Mas, não os tendo convencido, resultou daquilo que ficou praticamente prisioneiro no palácio, para que não cumprisse – em detrimento do prestígio da convenção, que o elegera – a ameaça de renunciar o cargo, dando verdadeira razão, se eles continuassem a comprometê-lo. De fato, a tanto equivalia o ter ficado guardado no palácio por tropas da maior confiança de Villa, em vez das suas próprias, que o mesmo Villa mandara partir da cidade!

❖

Durante esta sua estada na capital, teve Pancho Villa "hospedados" nos porões da sua casa, à Rua de Liverpool, dois negociantes ou fazendeiros espanhóis, a quem aliás tratava bem, até lhe entregarem a quantia de quatrocentos mil pesos que deles exigia para as despesas da sua campanha. E quando a puderam entregar em cédulas por eles emitidas, declarou-lhes redondamente , recusando-as:

– Não, meus caros amigos, destas cédulas tenho um quarto cheio; um milhão, custa-me apenas vinte e cinco pesos, o preço do papel. Quero a quantia em boa prata sonante.

E assim tiveram de executar-se para se verem livres.

❖

Como indício da época, acrescento, finalmente, o fato de ter eu recebido por certo oficial de Zapata uma simples carta sua de agradecimento pela remessa que lhe fizera de alguma correspondência a ele dirigida dos Estados Unidos. Trazia, além do dístico do seu "Exército Libertador", do selo sobre lacre e da indicação – "Correspondência particular do general Zapata" e ainda mais, em tinta vermelha: "Pena de morte para quem abrir ou detiver esta carta"!

NA BERLINDA

Contemporaneamente, prosseguia Carranza em afincadas gestões, por mim discretamente apoiadas, para apressar a desocupação de Vera-Cruz prometida pelo governo americano desde setembro de 1914. Se não tinha sido ainda levada a cabo, o culpado era o próprio Carranza: demorava em dar as garantias pedidas para o clero e os estrangeiros refugiados naquele porto e para os mexicanos que ali serviram durante a ocupação americana, como também em comprometer-se a não cobrar novamente os impostos já pagos às autoridades americanas. Era mais do que justo, porque tais impostos tinham sido cobrados por elas em prol do governo mexicano, a quem seria entregue a respectiva avultada importância.

Obtidas, finalmente, tais garantias, foi o porto de Vera-Cruz desocupado, em 23 de novembro de 1914, tendo eu tido a satisfação de telegrafar ao governo do Brasil congratulando-me com ele pelo feliz coroamento da mediação.

Do que foi a minha atuação amiga nessa emergência, dá mostra a nota de Isidro Fabela, encarregado, pelo primeiro-chefe Carranza, dos Negócios Estrangeiros em Córdoba, que assim termina:

> O cidadão Primeiro-Chefe, Sr. Carranza, encarrega-me de apresentar a Sua Excelência nossos sinceros agradecimentos pela participação amistosa que tomou neste assunto que tanto interessa ao governo e ao povo mexicano.
>
> Felicito ao Senhor Ministro pela parte que a Sua Excelência compete na resolução deste caso internacional, agradecendo--lhe sinceramente suas cordiais felicitações pelo que elas valem.

Peço agora ao leitor, tome boa nota da minha atitude e desses agradecimentos, para que oportunamente deles se lembre, com verdadeira surpresa!

❖

Ao passo que Carranza, de posse de Vera-Cruz, ali organizava o seu governo e fortalecia a sua situação, cresceram na capital as divergências entre os novos ocupantes, os convencionalistas, o que motivou em breves dias o abandono do poder pelo general Gutierrez e a sua retirada clandestina e de seus adeptos, na madrugada de 16 de janeiro de 1915.

Às primeiras horas daquela manhã, fui empenhosamente procurado em casa por certo respeitável senhor mexicano, sobraçando um grande livro, que me disse ser o tesoureiro da repartição respectiva e, muitíssimo agitado e comovido, confirmou-me o fato acima. Ajuntou que, chamado durante a noite e sob a ameaça de um revólver, teve de entregar ao mais forte daqueles personagens para "as necessidades da causa", o saldo existente no Tesouro, condescendendo o requisitante, felizmente para o zeloso funcionário, em passar um recibo formal naquele livro que me vinha entregar, bem como a quantia de

doze mil pesos mexicanos, que lhes tinha passado despercebida!

Agradecendo-lhe a confiança, custou convencê-lo de que não tinha qualidade alguma para receber o livro e o depósito do dinheiro e aconselhei-o a que, enquanto não houvesse outro governo na capital, se entendesse, por exemplo, com o presidente da municipalidade ou outra autoridade que tivesse ficado na cidade.

Saiu bastante desconsolado o pobre homem e já não me recordo se seguiu ou não o meu conselho.

❖

Na mesma tarde vi, durante muito tempo, na antessala da chancelaria, uma senhora idosa e bem trajada, com ares de quem esperava alguma coisa.

Indagando-se afinal o que desejava, respondeu delicadamente que não nos incomodássemos com a sua presença, pois queria apenas "assistir à posse do senhor ministro".

– Posse de que, minha senhora?

– Da Presidência da República.

E não foi fácil ao empregado convencê-la do absurdo do boato, que então se veio a saber tinha corrido, o que igualmente explicava o inusitado número de pessoas do povo, que também já se ia aglomerando na rua e a quem foi preciso da mesma forma dissuadir!

❖

Tempos depois, com os consequentes incômodos e inquietações, correu a notícia de que eu fora gravemente ferido num acidente de trem em caminho para Vera-Cruz e me achava detido em tratamento em certo ponto daquele percurso.

Averiguado o caso, tratava-se apenas de ligeiro ferimento, sem a mínima consequência, recebido pelo nosso vice-cônsul ao fechar a porta do carro em que viajava. Para pôr termo à celeuma, mandei desmentir pelos jornais a notícia a meu respeito.

À tarde, apresentou-se na chancelaria outra amável e ingênua senhora a saber notícias verídicas sobre o meu estado

de saúde.

– Não leu nos jornais da manhã o desmentido? – perguntou-lhe o empregado.

– Li, sim, senhor, mas por isso mesmo é que penso que a notícia é verdadeira.

Vá isto com vistas aos senhores jornalistas.

SOMBRIAS RECORDAÇÕES

De agora em diante, até o fim, precipitam-se os acontecimentos, quais películas cinematográficas vivamente coloridas, passando com vertiginosa rapidez, que não dá tempo a bem se lhes observarem todas as particularidades. Assim, portanto, corre também a narração, dando pouca margem a episódios.

Assumiu o poder naquela emergência o general Rique González Garza, em nome da convenção militar, já então reunida na capital, de que era ele o presidente e em que representava o caudilho Pancho Villa. Havia este regressado pouco antes para o norte, como fizera o caudilho Zapata para o sul, a fim de prosseguirem em suas operações militares contra os carrancistas. Os bons êxitos, porém, obtidos por estes últimos, que já marchavam contra a capital para ocupá-la de novo, em nome de Carranza, não tardaram em levar o general Garza a evacuar a praça, com as forças que o sustentavam, onze dias depois, a 27 de janeiro, retirando-se para Cuernavaca, capital do vizinho estado de Morelos, baluarte dos zapatistas, com os quais, aliás, já começava a não estar em bons termos.

Eis, portanto, a cidade do México novamente ocupada, a 29 do mesmo mês, pelo general carrancista Álvaro Obregón, que assumiu o comando militar.

Foi então que Carranza transferiu oficialmente a capital da república para Vera-Cruz, fechando todas as repartições públicas na cidade do México, sem excetuar o Ministério das Relações Exteriores, e reduziu a cidade, por decreto, à insignificante categoria de capital de um novo estado, formado pelo território do Distrito Federal, sob a denominação do estado do Vale do México.

Afirmava-se que tal resolução obedeceria ao desejo de

forçar o corpo diplomático a transferir-se para Vera-Cruz. Nada disto, porém, se lhe anunciou, pois sua existência continuava a ser ignorada pelo chefe Carranza, desde que recusou acompanhá-lo a Córdoba. E mais, não cessava contra ele na imprensa semioficial de Vera-Cruz, até mesmo em artigos assinados por um dos membros do governo carrancista, os mais injustos ataques e inqualificáveis calúnias! Era, todavia, impossível, digo ainda uma vez, a transferência – até mesmo com a melhor boa vontade – porque importaria, ainda que só implicitamente, no reconhecimento de um dos contendedores, e traria para o corpo diplomático o desagrado dos adversários junto aos quais se tornaria difícil, senão impossível, a defesa dos momentosos interesses estrangeiros nos territórios por eles dominados fora da capital e nela.

Vieram demais agravar a melindrosa situação das medidas extremamente violentas tomadas pelo general em comando que, a pretexto de castigo à capital por não ter reagido contra a ocupação anterior pelos seus contendedores, infligiu aos estrangeiros, ao comércio e a toda a população desnecessários sofrimentos incluindo a fome, em consequência da acaparação dos víveres no mercado e da proibição de recebê-los de fora!

Chegou-se até ao extremo, assoalhou-se – o que não fiz, nem faço até hoje a injúria de crer fosse propositada – a chegada à Vera-Cruz, de dez variolosos destinados a contaminar a cidade, onde fora completamente desorganizado o instituto vacínico. Assim também ficaram os hospitais de onde tudo se retirou, camas, colchões e roupas, instrumentos cirúrgicos e todos os pertences, jazendo os doentes, entre os quais alguns recentemente operados, atirados ao chão!

Para cúmulo de privações, havia ainda – o que várias vezes se repetiu – a falta de água, cortada pelos zapatistas, quando se retiraram, e que se mantinham fortes nos subúrbios impedindo a reparação dos encanamentos. É de justiça mencionar que, por fim, estes últimos, por gestões minhas, ofereceram consentir em tais reparações para minorar o sofrimento da população, mas os ocupantes da cidade não puderam, ou não quiseram realizá-las.

Quem sabe se já prevendo uma possível retirada? Ainda naquela emergência, como em muitas outras idênticas, tivemos a sorte, minha família e eu, de poder valer a muita gente, fornecendo-lhes o precioso líquido que tínhamos em abundância, provindo de excelente poço artesiano no jardim.

❖

Dentre as medidas mais violentas tomadas então, sobressaiu a da convocação e detenção de dezenas de padres com fama de ricos, até que se resolvessem a contribuir com a quantia de meio milhão de pesos, sempre "para as necessidades da causa", segundo a forma proverbial. Por suas liberdades, vivamente me interessei junto ao bravo general e, por intermédio do governo americano, junto a Carranza, em Vera-Cruz; mas, quando chegou a ordem deste no sentido desejado, já os haviam mandado para ali, amontoados em carros de transporte de gado, onde, mal alimentados, viajavam de pé, sem poder dormir por falta de espaço para se deitarem, sem comodidade alguma, fazendo em muitos dias, em vez de apenas doze horas, a viagem até aquele porto, onde só então os soltaram!

Naquela ocasião, tive tudo preparado para o asilo, já combinado, do venerando arcebispo de Guadalajara e mais seis prelados, que temiam ser molestados. Disto, porém, desistiram, por acharem meios de ausentar-se da capital, depois de bem averiguarem, de acordo comigo, que a providência, em que todos tanto confiávamos, estava naquele momento, sem irreverências, representada pelo caminho de ferro.

Tive também o ensejo de auxiliar o recolhimento em casas particulares e em trajes vulgares, de freiras que conseguiram fugir, desvairadas, de um convento que fora atacado, como o de outras, preventivamente, que se sentiam ameaçadas.

Muitos anos mais tarde, quando já embaixador em Lisboa, tive ocasião de pronunciar uma conferência, na sessão comemorativa da eleição do Papa Pio XI e, depois, Sua Santidade, em carta firmada pelo cardeal Gasparri, bondosamente me agradecia e mandava a sua benção apostólica, em que referia:

"O augusto Pontífice tem o prazer de aproveitar esta propícia ocasião para congratular-se com V. Exa. pelos preciosos serviços prestados por diferentes maneiras à causa da religião, sobretudo em momentos difíceis."

❖

Basta, porém, de digressão e voltemos à sequência dos fatos. Tudo o que ficou exposto deu ensejo a que o governo americano – forçado pelos clamores gerais, pela poderosa pressão das colônias estrangeiras no México e dos governos europeus – mandasse, por meu intermédio, em 7 de março de 1915, uma nota, resumindo a deplorável situação e tornando o aludido general e o seu chefe pessoalmente responsáveis pelos males produzidos ou que viessem a ser causados aos estrangeiros.

O que mais do que tudo irritou profundamente o corpo diplomático e o governo americano, que bem o frisou na sua nota e apavorou os pacatos habitantes da capital, foram as incríveis e repetidas proclamações, sob as vistas gordas das autoridades, senão da sua própria lavra, incitando o povo, sob promessas de impunidade, a entregar-se ao saque e a depredações, a que – por fortuna inaudita – o povo não atendeu, honra lhe seja feita! Exceto um ou outro caso isolado, como o do incêndio de uma igreja!

❖

Sirva este caso de exemplo de até onde pode, lamentavelmente, a paixão política, ou o ódio partidário, no México, como em outras partes, levar homens cultos e dotados de boas qualidades outras, e traços morais, como Carranza, Obregón e alguns dos que os cercavam!

Tinha Carranza, incontestavelmente, vontade de aço e vários outros úteis dotes de grande chefe e de estadista, mas, faltava-lhe o senso da maleabilidade, da contemporização oportuna, ou melhor, o dom de saber ceder nos momentos mais propícios.

Como indício característico da figura de Carranza, acode-me à lembrança um pouco vagamente, de modo que não posso precisar todas as particularidades, o seguinte episódio: caíra em

poder de odientos adversários, um seu irmão ou parente muito próximo, a quem deveras estimava. A conservação da vida do prisioneiro foi posta como condição de certa concessão exigida de Carranza, que a considerou contrária aos interesses da sua causa. A ceder, preferiu cobrir de luto o corpo e a alma pelo rude golpe do sacrifício daquela vida!

Ao passo que, de Obregón, escreveu o apreciado polígrafo Rodrigo Otavio no já citado livro de *Memórias*:

> Não era militar e não se metia em coisas de política. Trabalhava, em Sinaloa, em uma oficina de torneiro, passando depois a viver tranquilo no cultivo de uma pequena fazenda, à margem esquerda do rio Mayo, no estado de Sonora. Em 1912, porém, o sentimento patriótico o levou para a guerra, em defesa do governo constitucional de Madero. Reuniu 300 homens, escolheu alguns oficiais e, com este contingente, se apresentou ao quartel-general; foi reconhecido como o comandante nato de seu batalhão e recebeu desde logo, pelo valor de sua contribuição, o posto de tenente-coronel das forças irregulares.
>
> Apesar de inteiramente leigo em coisas de militância, pôs-se em campo. Sua ação foi admirável e revelou-se um guerrilheiro audaz e um comandante de primeira ordem... Era homem de desassombrada coragem e destemor. O incidente (que já se relatou, lembro-me) que o fez cair nas mãos de Villa, que o mandou fuzilar, e, depois da chegada do pelotão de execução, mudou de resolução e o mandou embora, o sangue-frio e a tranquilidade com que se houve durante esses trágicos momentos, o apresentam do modo mais eloquente.

Coube-me ainda a delicada incumbência, tendo com ele boas relações pessoais, de transmitir-lhe a nota americana, a que há pouco me referi, que, aliás, como se verá, foi a causa indireta dos seus maiores êxitos militares seguintes felizmente, ou porque já a esperasse, ou qual se costuma dizer, para "não dar o braço a torcer", recebeu-a sem manifesta estranheza, nem mostra de ressentimento algum comigo.

Penso até que não lhe fez perder o habitual bom humor com que gracejava:

– Queixam-se os Estados Unidos, as potências europeias e os senhores diplomatas de não ter agora o México um governo bom com quem tratar, como nos outros países, quando temos sobre eles a vantagem de haver por aí uma meia dúzia de governos, cada qual melhor!

Aludia aos atrabiliários chefes revolucionários, que, cada um, formava o seu nos territórios por eles ocupados.

DEU-ME QUE PENSAR

Foi durante essa ocupação da capital, que o governo americano aconselhou, pela segunda vez, aos seus compatriotas residentes no México, que saíssem do país e que o corpo diplomático, em peso, resolveu retirar-se coletivamente, considerando a impropriedade de sua presença ali, onde toda a ação propriamente diplomática havia cessado, por falta de um governo mais ou menos regular com quem tratar, com domínio senão em todo o território, pelo menos em grandes extensões, fora da zona do Distrito Federal.

Com efeito, estavam os diplomatas no meio das mais sérias dificuldades, desaires e perigos até de vida, pela grande animosidade propositadamente alimentada contra eles, reduzidos a ocupar-se de simples assuntos comezinhos junto a autoridades subalternas, como a restituição de automóveis e de cavalos roubados ou a obtenção da liberdade de indivíduos arbitrariamente presos, e assim por diante. Ora, tais assuntos poderiam ser tratados por agentes consulares ou outros, sem estar em jogo a responsabilidade e o prestígio da representação diplomática, que adrede se buscava humilhar. A situação era tal, que todos os governos autorizaram os seus representantes a partir: uns, poucos, sem restrições; outros, instruindo-os a só o fazerem de acordo com o ministro do Brasil.

O próprio Lansing que, por uns dias substituía Bryan, secretário de Estado americano, também me autorizou a sair, no que concernia aos Estados Unidos, levando todo o pessoal americano e o arquivo, mas esta autorização foi seguida incontinenti de outro telegrama de Bryan, que reassumira o posto, instando

comigo, não só para que permanecesse no México, como, o que é mais, para influísse com meus colegas, a fim de que não se retirassem. Deixava, entretanto, ao meu critério, a decisão final. Na minha pasta, não esqueçamos, tinha desde muito antes, a plena autorização do governo brasileiro para deixar aquele país, se e quando julgasse conveniente. E, naquele momento, não escondo: grande era o desejo de fazê-lo, de minha família e meu.

Gravíssima, porém, por conseguinte, era a minha responsabilidade: se me retirasse naquele momento, acarretaria a quebra de relações de todas as potências ali acreditadas, cujos representantes me acompanhariam, ficando o México desclassificado na família internacional e exposto a consequências que semelhante desaire lhe poderia acarretar!

Tinha de pensar duas vezes sobre todas as minúcias e possibilidades do problema antes de ceder à forte pressão exercida, no sentido da partida, por todos os colegas, sobressaindo o ótimo Hohler, encarregado de negócios britânico, que tinha razões especiais para desejá-la. Fiz mais, pensei dez vezes... Antevi sacrifícios... Medi desconfortos e afãs... mas, resolvi ficar.

Sim, não conviria, ao Brasil, tomar o seu representante tão imprudente atitude! Demais, autorizando-me a agir a meu critério, tinha-me o governo, entretanto, recomendado "evitar com o maior empenho qualquer atrito". Seria isto impossível, se se realizasse a partida coletiva naquelas condições, sendo eu o responsável, como se tornaria público. E, pelas possíveis perigosas consequências, qual a minha responsabilidade junto ao governo do Brasil e a do Brasil perante o mundo?!

Por outro lado, não só os colegas do corpo diplomático, senão também as colônias estrangeiras, especialmente a americana, assim como os mexicanos, faziam-me a honra de considerar necessária a minha permanência e atuação, que fora sempre desejada e útil a todos, em diversas e frequentes emergências. E, por que não dizer? Além dos contínuos agradecimentos do governo americano, que me cumulava de atenções e ao qual é muito compreensível que me custasse desgostar, furtando-me ao seu serviço, o meu amor-próprio, bem perdoável em tais casos, fazia-me demorar no país sempre desejoso de poder vê-lo pacificado, para o que tanto vinha trabalhando.

Veio alentar-me naqueles dias de febre, surpreendendo-me, porém, o seguinte telegrama de Domício da Gama, porque desde antes me aconselhava amistosamente a aproveitar alguma boa ocasião para livrar-me da tarefa:

> Cordiais aplausos sua decisão continuar aí, pois já agora o pior parece passado. Embaixador da Inglaterra entusiasmado com você por informações que recebe aqui do Departamento de Estado que tanto lhe deve. Todos que daí vêm e me procuram tecem-lhe grandes elogios. Dizem você é diplomata hereditário, de prestígio, corajoso.

NUMA RODA-VIVA

Vamos prosseguir na narrativa, pois é tempo de dizer que o general Obregón, ou em virtude da nota do governo americano, que lhe dera o prazo de três dias para sair da cidade, ou, como afirmavam outros, porque já tivesse deliberado seguir para o norte, a fim de continuar a campanha contra Villa, que estava à testa das tropas fiéis à convenção, não tardou em evacuar ainda uma vez a capital em 11 de março. E foi nessa famosa jornada que veio a obter os seus maiores triunfos militares, de mais positivos resultados, conseguindo derrotar aquele caudilho, seu inimigo, ainda que lhe custasse a façanha a perda de um braço, pela explosão de uma granada, na batalha de León.

Partido Obregón e suas tropas, voltou a capital a ser reocupada, no mesmo dia, pelos zapatistas, os quais, como já se referiu, jamais haviam abandonado os arredores imediatos, onde não cessavam combates e tiroteios com os seus adversários, senhores da cidade, sempre em prejuízo das vidas e propriedades dos não combatentes.

Foi durante esta segunda entrada dos zapatistas que se deu o incidente muito conhecido e extraordinariamente comentado nos Estados Unidos, e que foi objeto de uma demonstração especial do Departamento de Estado de Washington deveras lisonjeira para o ministro do Brasil no México: a morte do americano MacManus, quando defendia seu importantíssimo estábulo, saqueado pelas tropas. Foi um caso muito grave, porque além das depredações, conspurcaram a bandeira americana ali hasteada.

O que despertou semelhante prova de apreço e a retumbância do assunto na imprensa americana, foi o bom êxito da reclamação por mim feita, que deu em resultado o processo dos culpados e o pagamento, à viúva e filhos do assassinado, de uma indenização de 160.000 pesos mexicanos (80.000 dólares, pelo câmbio de então), efetuado apenas 18 dias depois do atentado, além das satisfações dadas pelo presidente convencionalista González Garza, com o qual fora tratado todo o incidente. Havia ele voltado a assumir o seu posto, quando reocupada a cidade pelos zapatistas, que até então o sustentavam.

Um típico preliminar deste caso:

Costumavam invariavelmente os generais zapatistas, quando entravam na capital e mal ocupavam o Palácio Nacional, vir de visita à legação, que nestas ocasiões transbordava de gente, a fim de cumprimentar-me e tranquilizar-me quanto à garantia dos estrangeiros e à manutenção da ordem. Na mesma manhã em que se deu o tristíssimo fato, apareceu-me o que comandava as forças culpadas do atentado, um homenzarrão, com a indumentária do costume e o infalível enorme chapéu de palha. Não perdi o ensejo de referir-me ao caso, que muito poderia prejudicá-lo e a suas tropas, afirmei, aos meus olhos e dos amigos, e ao governo americano, e pedi-lhe a punição dos culpados.

– Não tenha dúvida, senhor ministro, assim que chegar ao quartel, mandarei fuzilar uns três ou quatro daqueles insubordinados; e venha assistir ou mande seu secretário.

Pedi-lhe encarecidamente que tal não fizesse, assim às ligeiras, mas que abrisse rigoroso inquérito para punir somente os que tivessem merecido.

– Pois, como queira, senhor ministro, o senhor é bom demais, mas com essas cerimônias perde-se muito tempo e nunca se chega a um resultado.

❖

Infelizmente, não se passou muito tempo sem aparecerem sérias divergências no seio da própria convenção militar entre os próceres do *villismo* e do *zapatismo*, que tiveram por efeito a

deposição do general González Garza, a sua substituição na presidência da república pelo licenciado Lagos Chazaro e a criação de um Tribunal de Salvação Pública, que, destinado a punir os inimigos da revolução, gerou carregada atmosfera de terror de sofrimento!

Presidira, provavelmente, para a escolha dos membros daquela convenção militar, onde havia, aliás, alguns elementos de valor, mais o critério da bravura e dos serviços de campanha do que o da cultura ou do mérito intelectual. E só assim se explica facilmente a bitola em geral, das discussões nela travadas. Fique ressaltado um caloroso debate sobre questões financeiras e a incrível e desastrosa depreciação da moeda, atribuindo-se toda a culpa à famigerada "lei da oferta e da procura". No mais aceso da discussão, levanta-se um dos legisladores, iluminado, com ares de quem tinha descoberto subitamente a quadratura do círculo, e saiu-se com o seguinte aparte que correu mundo:

– Pois, senhores, então nós, que abolimos tudo no país, Constituição, tribunais e o mais, porque fazemos tanta cerimônia para abolir de uma penada esta tal "lei da oferta e da procura" que tanto mal nos faz?

E retumbaram aplausos.

Não é, entretanto, de admirar, porque de vários influentes revolucionários de méritos militares, se dizia abertamente, mal sabiam ler e escrever, sendo outros analfabetos.

❖

Naquela ocasião, não obstante algumas medidas tomadas pelo governo, acentuou-se o estado de penúria pela falta de víveres e a quase impossibilidade de obtê-los de fora e, principalmente, de transportá-los para a cidade. Já as colônias estrangeiras desde algum tempo, por iniciativa minha e do encarregado de negócios da Grã-Bretanha, Thomas Hohler, tinham constituído uma grande comissão para a distribuição gratuita de socorros.

Também de coração auxiliei as generosas disposições de Hohler de organizar uma ou duas caravanas para a retirada, em

automóveis, de estrangeiros, a quem se reuniram até mexicanos, que ele acompanhou partilhando dos incômodos e perigos.

O bom e dedicado Hohler que, no meio de tantas preocupações e angústias, achava, como eu, breves minutos para perlustrarmos juntos odes de Horácio, de quem éramos ambos admiradores!

Aquela comissão e a da Cruz Vermelha Americana que, a pedido da mexicana, a que não fui alheio, mandara um representante especial ao México, sob a direção da legação do Brasil, eram as boas fadas que estavam valendo ao povo, ainda que lutando com dificuldades quase insuperáveis. Só a Cruz Vermelha Americana fornecia, nos últimos tempos, uma média calculada em vinte mil rações de sopa por dia, além da distribuição de cereais e outros gêneros! Exaustiva tarefa, só realizável pela adequada organização dos serviços respectivos. Para isto, dividiu-se a cidade em diversas zonas para atender aos pobres necessitados e até aos que se costuma chamar a "pobreza envergonhada", famílias que tinham perdido todos os seus haveres, chegando a vender até o próprio enchimento dos colchões!

Quantas vezes, nos dias mais cruéis, aglomeravam-se em frente à legação centenas de miseráveis famintos, aos quais, quando outra coisa não havia, dávamos punhados de milho cru que ali mesmo devoravam! Em uma dessas angustiosas horas, num terreno vago, fronteiro à chancelaria, caiu morto um cavalo esquálido, que ainda quente, foi estraçalhado em dois tempos e devorado por aqueles infelizes!

E dizer que em dias tais, ainda tínhamos ânimo, os diplomatas, de pilheriar uns com os outros, pondo ao canto dos cartões de convites para chás: "Haverá açúcar", ou outra mercadoria que mais escasseava!

Momento houve em que se considerava "presente régio" a dádiva de um pão feito em casa por algum feliz possuidor de restos de farinha!

❖

Tão momentosos e disseminados eram os interesses estrangeiros, principalmente americanos, em todo o vasto território mexicano, quanto dificultoso e por vezes bem emperrado o mecanismo para a sua pronta defesa. Daí a necessidade de ativo serviço de profícua lubrificação. Por isso, nos pontos do país, onde por absoluta interrupção de comunicações, não se podia estender a minha ação, tinha o presidente Wilson – junto aos chefes principais – agentes confidenciais, homens de valor, habilidosos e experimentados. Eram, além disto, os possíveis intérpretes, os porta-vozes do seu pensamento político, pois a minha atuação quanto aos Estados Unidos se limitava muito corretamente à defesa dos interesses materiais e do prestígio moral daquele governo e dos americanos prejudicados.

Além de alguns esporadicamente enviados em ocasiões especiais – Lind, Fuller e Durval West, a quem mais adiante me referirei mais largamente, – estavam permanentemente John Silliman, acompanhando Carranza; G. C. Carothers, ao lado de Pancho Villa, e Leon Canova, junto à convenção militar em Águas Calientes e ao presidente Eulálio Gutierrez, quando fora da capital. Com todos, especialmente com Silliman e Canova, mantive sempre as melhores relações duradouras.

De Canova salta-me os olhos o seguinte trecho de amável carta, escrita anos depois:

> Para o futuro, será, um dos prazeres da nossa vida lembrarmo-nos dos episódios que cercaram aquele período em que travamos conhecimento, em tão memorável e interessante cenário. Pensar que durante todo aquele tempo em que estivemos juntos no México – um tempo em que não se passava um único dia sem perigo e livre de ameaças e em que nem uma noite tínhamos que não fosse atormentada por grande ansiedade pela segurança de nossos amigos, – pensar, repito, que com todas as nossas preocupações, cercados, como estávamos por homens dominados pelos mais selvagens instintos, temos ambos a boa fortuna de poder recordar aquela experiência na vida, com a mais honesta convicção de ter cumprido com o nosso dever, é verdadeiramente uma grande fonte de satisfação.

> Devo dizer-vos que o vosso trabalho foi da mais dura e difícil natureza, durante todo o tempo conservastes vosso esplêndido cabedal de amenidade, vossas mãos limpas e vosso coração completamente devotado ao cumprimento da vossa nobre tarefa de proteger os americanos e os outros estrangeiros naquele país devastado pela guerra.

❖

Foi Canova o incumbido da missão, a que deu tão hábil e cabal desempenho, de acompanhar até a fronteira americana, um ilustre mexicano, E. I., ameaçado de morte; árdua tarefa, com efeito, não obstante as facilidades e garantias, por mim pedidas e dadas pelo então presidente Gutierrez, incluindo o trem que os conduzia.

A respeito dessa arriscada viagem, tive também de entender-me com o caudilho Pancho Villa, naquele momento na capital, pois que a maior parte do trajeto seria pelos territórios do norte, por ele dominados. Apesar de visivelmente a contragosto, porque havia até censurado àquele presidente pelos auxílios e garantias tão gentilmente dadas no que dele dependia, assegurou-me expediria ordens à sua gente para que tudo corresse bem. Como de costume, interrompia várias vezes o fio da conversa para afirmar:

– Yo soy un hombre honrado! – fazendo assim lembrar a memorável oração de Marco Antônio nos funerais de Júlio Cesar, na tragédia de Shakespeare.

Mas, então... por quê? Como se explicam depois disso as perigosas peripécias e variadas tentativas de se apoderarem do fugitivo durante o trajeto? Só foram frustradas pela enérgica resistência de Canova e as engenhosas sutilezas a que recorreu para livrá-lo de ser apreendido, Deus sabe para que fim! E de maneira tal, como bem compreendeu, que não acarretasse a responsabilidade direta de Villa.

Conservava-o Canova dentro do seu vagão a portas fechadas, a pretexto de doença, quando nele estava ou quando dele saía. Até que em certa ocasião, já não muito distante da fronteira, julgaram ambos conveniente – para evitar um atentado, que parecia iminente – que o fugitivo, disfarçado em "peão" (gente do povo)

e munido das direções que lhe deu Canova para alcançar a pé a fronteira, aproveitasse o primeiro ensejo oportuno, por eles ansiosa e vigilantemente esperado, para abandonar o trem. Assim o fez, graças à imprevista e providencial parada em insignificante estação e ao descuido dos guardas que não contavam com aquilo. Deixou-se escorregar pela janela do carro até a barranca adjacente, onde se conservou imóvel, enquanto o trem não partiu.

Era a noite da véspera do Natal. Com vagar e naturalidade, para não despertar a atenção, atravessou o pequeno lugarejo, só deitando a correr pelo campo afora, quando viu distante a última casa.

Atordoado, perdido naquela imensa solidão e cego pela escuridão, ajoelhou-se instintivamente e, contrito, murmurou fervorosa prece, agradecendo a Deus tê-lo livrado do perigo imediato e pedindo-lhe a proteção para o resto da aventura. Levantando-se então e olhando em torno, impressionou-o vivamente o extraordinário brilho de uma estrela quase solitária e baixa no horizonte... E irresistivelmente atraído, tomou-a por guia e seguiu-lhe resolutamente a direção através dos obstáculos encontrados. Eram troncos, buracos, agudas pedras e afiados espinhos que lhe despedaçam as vestes e as carnes, mormente dos membros inferiores, porém, nada, nada o demovia a afastar-se da rota na direção da estrela!

E assim, precisamente à meia-noite, na hora solene e festiva do nascimento do Salvador do mundo, no lastimoso estado de cansaço e desalento físico e moral em que se achava, sentiu-se por sua vez renascer ao alcançar uma cabana de pastores que bondosamente o acolheram. Alimentaram-no pensaram-lhe as feridas, mudaram-lhe as roupas e ali o esconderam para subtraí-lo a algum possível encontro com os seus inimigos, de que havia um núcleo pouco distante e ali vinham, às vezes, em busca de laticínios.

Por isso, logo que as circunstâncias permitiram, levaram-no, por ínvios caminhos e fazendo grandes rodeios, a certa herdade na serra longínqua que dali apenas divisavam, pertencente a um bondoso estrangeiro, cuja hospitalidade melhor o garantiria. De fato, generosamente acolhido pela esposa do proprietário, então ausente, ficou ali escondido à espera deste, que não tardou em voltar.

Era um antigo militar inglês, ex-combatente no Transvaal, que se exilara no México e aqui vem uma coincidência verdadeiramente providencial!

Cachimbo à boca e olhar enternecido, ouviu-o em silêncio até o fim, quando se dirigindo à esposa, pediu:

– Querida, traze-me aquele meu álbum de autógrafos.

E, mostrando uma página ao visitante:

– Conhece esta assinatura?

– Que prazer! É de meu pai.

– Sim, é daquele homem bom, a quem devo grande parte do que sou e do que tenho hoje! Foi ele quem otimamente me acolheu e eficazmente me ajudou nos meus dias de amarguras: Deus mandou-me o filho para que eu lhe pague o débito para com o pai!

E, abraçando-o estreitamente:

– Coragem, meu rapaz! E conte comigo.

Então, aos sentimentos humanitários, juntou-se a gratidão e não houve providência que não tomasse, trabalho a que não desse, nem dificuldades e riscos a que se furtasse o bravo militar para fazer chegar o seu hóspede são e salvo ao ponto da fronteira americana, onde o aguardavam dois emissários de Canova.

❖

Se foi notável aquela coincidência, não o foi menos a seguinte:

Em março de 1937, em Petrópolis, ocupava-me de garatujar e corrigir estas minhas reminiscências; e, ao chegar à altura do caso acima, não o pude descrever, senão muito ligeiramente, porque me lembrava apenas que a viagem fora acidentada e que o perseguido conseguira chegar aos Estados Unidos, ignorando, porém os pormenores.

Lastimei à noite esta circunstância à mesa do jantar, aventando-se-me a ideia de escrever ao próprio Canova, pedindo-lhos. Mas, qual o seu paradeiro, depois de 22 anos de separação e silêncio mútuo? Era difícil. Moviam-se, porém, por mim as complicadas molas do mecanismo dos acontecimentos...

E, qual! Imagine-se a minha surpresa, quando logo na manhã seguinte, chamado do Rio ao telefone, reconheci a voz daquele amigo: sim, de Canova, em pessoa! Vindo dos Estados Unidos, onde sempre residira, de passagem, como turista, a bordo do *Aquitânia*, tinha chegado ao Rio, na véspera, na hora exata em que nele tinha pensado na noite anterior! Veio amavelmente visitar-me e pude ouvir, da sua própria boca, a narração acima, ainda mais viva e minuciosa do que o consegui fazer, salvo algum erro de interpretação, por ter falado em inglês e em voz, no momento, excessivamente rouca. Digam os sábios da escritura...

❖

Pelo visto, ficaram frustradas as segundas intenções de Pancho Villa a respeito do fugitivo, se é que de fato as tivera, ou as de seus apaniguados.

Foi aquela uma das poucas vezes, e a última, que me coube entender-me pessoalmente com o famoso caudilho, que agindo todo o tempo no norte, não houve para mim oportunidades, como tive com os outros chefes, de assistir aos acontecimentos, feitos e episódios, por mim só de oitiva conhecidos, de que foi ele o centro e que, segundo se conta, daria assuntos para volumes e já foram até celebrizados numa película cinematográfica.

Devo, entretanto, mencionar, para concluir com Villa e em seu abono, que a convenção militar, onde dominavam seus partidários, incluindo o presidente, que dele recebiam a palavra de ordem, votou também uma moção – "de louvor e agradecimento ao ministro do Brasil pelos esforços, pela harmonia das diferentes facções e pacificação do país", o que completa a unanimidade das manifestações por mim recebidas dos revolucionários de todas os matizes.

❖

A falta de coesão das informações que recebia o governo americano daqueles seus agentes e de outras fontes, como da colônia americana e da imprensa, e minhas, resolveu-o – perante um estado de coisas desesperador – a mandar ao México, em

abril de 1915, outro agente confidencial, Duval West, a fim de percorrer o país inteiro, como pudesse, conferenciar com todos os chefes, estudar por si mesmo a situação nos diversos territórios dominados por eles e dar uma informação uniforme e completa das condições gerais da república.

Em seguida ao relatório apresentado por aquele ativo e hábil agente, decidiu-se o presidente Wilson a publicar em Washington uma declaração, datada de 2 de junho, contendo rápida descrição do estado de coisas no México e caloroso apelo a todos os chefes revolucionários para se unirem e chegarem a um acordo no intuito de estabelecer um governo legal e estável, que pudesse pôr em vigor a Constituição e ser reconhecido pelas potências mundiais. Terminou avisando-os de que, se não o fizessem em curto tempo, os Estados Unidos seriam obrigados a decidir que meios deviam empregar para ajudar o México a salvar-se e servir o seu povo.

Tomado no seu verdadeiro espírito pelos "convencionalistas" – é bom repetir, *villistas* e *zapatistas* reunidos – foi aquele apelo aceito pelos presidentes González Garza e Lagos Charazo e os caudilhos Pancho Villa e Emiliano Zapata e todos os mais chefes que, com eles, compunham o mencionado grupo, incluídos os membros da convenção militar. Em tal sentido, fizeram-se as diligências e aberturas necessárias junto ao chefe Carranza, que as rejeitou *in limine* e resolveu, por isso, reocupar a capital a fim de restabelecer a comunicação com Vera-Cruz, como uma demonstração da sua superioridade militar no momento e consequente capacidade de dominar a situação.

Vem também a propósito mencionar que este chefe, sempre por idêntica razão, jamais quis entrar em arranjo de espécie alguma com seus adversários, até mesmo sobre a proposta antes feita pelo presidente convencionalista González Garza e apoiada pelos Estados Unidos, para a neutralização do Distrito Federal e do caminho de ferro para Vera-Cruz.

Naquela, como em outras ocasiões em que se fizeram tentativas para harmonizar todos os grupos, no intuito de terminar a luta fratricida, prestei o meu apoio e os meus bons

ofícios, principalmente visando a facilitar encontros ou troca de comunicações entre os diversos chefes, que sem este intermédio, não se poderiam corresponder por falta de meios para isto, de que praticamente na ocasião só dispunham as legações. No caso do apoio acima aludido, não me esquivei, portanto às solicitações dos presidentes González Garza e Lagos Chazaro e da convenção militar para fazer chegar suas respostas afirmativas ao apelo do governo de Washington, e por intermédio deste, mediante o cônsul Silliman, então em Vera-Cruz, as proposta de paz e as bases de acordo que ofereciam aqueles a Carranza.

UM ANIVERSÁRIO

Completara-se, nesse ínterim, o primeiro aniversário da minha gestão dos interesses americanos e naquela, como em outras conjunturas e duros momentos de desgosto e quebrantamento de espírito – e quem os não teria experimentado em condições semelhantes? – vieram levantá-lo e dar-lhe novos alentos demonstrações desta ordem:

> 1. Telegrama do presidente Wilson, contra as praxes, a mim dirigido diretamente:
>
> Washington, 27 de abril de 1915
>
> Há um ano tivestes a bondade de aceder ao pedido deste governo para agir como seu representante diplomático no México e não posso deixar passar este aniversário sem exprimir-vos meu cordial apreço pela vossa generosidade de aumentar tão largamente os cuidados do vosso cargo e pela maneira eficaz por que sob as mais penosas e duras circunstâncias tende-vos mostrado mais do que à altura das rigorosas exigências desta representação. Repito este telegrama ao vosso governo, agradecendo-lhe por ter-vos permitido assim agir pelos Estados Unidos.
>
> Woodrow Wilson
> Presidente dos Estados Unidos
>
> 2. Washington, 27 de abril de 1915: Associo-me ao presidente nas congratulações e agradecimentos pelo ano durante o qual tivestes a bondade de prestar a esta nação representação diplomática na cidade do México, que tem

> sido excessivamente tormentosa. Tendes correspondido a todas as suas exigências e vos mostrado ao nível de todas as emergências. Sentimo-nos em grandes obrigações para convosco e o vosso governo pelos serviços que tão generosa e eficientemente tendes prestado.
>
> W. J. Bryan

Este mesmo secretário de Estado, Bryan, ao deixar o seu posto, assim me escreveu em carta de 16 de junho do mesmo ano:

> 3. Meu caro Ministro,
> Acuso a recepção do vosso mui amável telegrama relativo à minha renúncia. Não vos importunarei com as razões que me levaram a desligar-me do Departamento de Estado, porém tenho prazer em aproveitar esta oportunidade para vos testemunhar o meu alto apreço aos esplêndidos serviços que vindes prestando desde a nossa representação no México. Vossa posição foi de uma verdadeira provação e qualquer erro que tivésseis cometido poderia acarretar os mais lamentáveis resultados. Vosso sentimento de justiça, vosso tato e vossa infatigável atividade nos tornaram grandes devedores vosso e do vosso país.
> Aceitai as expressões do meu alto respeito e cordiais sentimentos.
> Vosso muito sinceramente,
>
> W. J. Bryan

TRÊS ACHADOS NA BALBÚRDIA

Ainda que enfadonhamente, é preciso ir descrevendo o cenário; relatando que, em virtude dos bons êxitos militares obtidos no norte pelo general Obregón contra os seus adversários, e da aproximação de outras forças carrancistas, vindas do sul, sob o comando do general Pablo González, não pôde também manter-se no poder o licenciado Lagos Chazaro. Era realmente muito precária a sua situação, tendo como apoio problemático exclusivamente forças zapatistas, que não o obedeciam e cujos chefes assumiam autoridade e tomavam deliberações por si mesmo, com a responsabilidade pública do presidente Chazaro.

Nestas condições, evacuaram ainda uma vez a capital em princípio de julho de 1915, retirando-se Chazaro para Toluca

com alguns dos seus ministros e vários generais, ao passo que outros ministros – com diversos chefes militares zapatistas – partiram para Cuernavaca. Deixaram na cidade apenas algumas forças que, depois de várias saídas e entradas, durante dias de contínuos tiroteios, sobressaltos e mortes de pessoas pacíficas, se retiraram também, diante das tropas do general Pablo González. Vinha este, como declarou seu manifesto, ocupar a cidade em nome de Carranza, de um modo definitivo, a fim de transferir de novo para ali a capital.

Abandonou-a, entretanto, uma semana depois, no intuito de ir combater os adversários que, tendo tomado, como sempre, posições nos arredores, estavam causando-lhes danos e haviam ocupado a vizinha cidade de Pachuca.

Durante esta ausência, ficou a capital ainda uma vez à mercê do primeiro bando que por ali passasse. Veio um de zapatistas, que a seu talante governou a cidade, evacuando-a cada vez que se anunciava a aproximação, real ou imaginária, do inimigo, e reocupando-a quando verificava que se tratava de um rebate falso!

❖

Abundavam de episódios aqueles dias de tormenta, dos quais darão ideia aproximada os dois seguintes:

Um domingo – em que, de manhã até a noite, chegou a cidade a ser ocupada, evacuada e reocupada três vezes por forças diferentes – achava-me à noitinha na minha sala de leitura, quando fui insistentemente chamado ao telefone por alguém que, só depois de bem certificar-se de que falava comigo pessoalmente, disse-me ser um funcionário da repartição da Polícia e, com grande espanto meu, perguntou-me se lhe podia informar quem estava, afinal de posse da cidade àquela hora. Respondi-lhe que se estavam invertendo os papéis, porque era mais natural fosse eu quem lhe perguntasse aquilo e não ele, da Polícia, a mim!

– Porque é *Usted* quem sempre nos vale!

À vista disto – eu era o pau para toda obra – telefonei, a princípio sem resultado, o que, aliás, me disse o homenzinho já haver

feito, para o Palácio Nacional. Afinal, a muito custo, respondeu-me uma vozinha longínqua, sumida e trêmula, e à minha pergunta de quem estava de posse do governo, soprou aflita:

– Não sei, Senhor Ministro: *aqui solito me estoy muriendo de miedo*!

Era provavelmente algum pobre subalterno, que pouco depois igualmente azulou, deixando ao desamparo o palácio, de onde não foi mais possível obter-se comunicação alguma.

❖

Outra tarde, parecendo serenados os distúrbios e tiroteios, aventurei-me a ir de automóvel a uma livraria no centro da cidade, à cata de três preciosos livros antigos, admiravelmente ilustrados, que ali vira poucos dias antes. Entrava no automóvel, sobraçando os belos achados, cuja aquisição ficou assim célebre para mim, quando rompeu na rua inesperado tiroteio, raspando as balas o teto do carro... Viessem elas mais baixas!... Fecharam-se subitamente as portas da livraria e dos demais prédios ao lado. Felizmente era habilíssimo o motorista, que de pronto conseguiu meter o carro por uma rua transversal bem próxima, por onde, já passado o grande susto, fui com alguma demora cumprir outros encargos em regiões mais calmas.

De volta, ao aproximar-me da legação, notei em frente numerosos automóveis e populares, e dentro as salas repletas de gente, por quem fui alegremente recebido e abraçado, já não falando na carinhosa acolhida de minha família, que como toda aquela gente também ali estava aflitíssima. Mas, por quê?! Porque alguém havia telefonado e outros *alguéns* vieram depois *confirmar* a notícia de que, durante aquela escaramuça, eu tinha sido assassinado! Mais uma vez!

E o pior foi que já haviam partido telegramas dos correspondentes dos jornais estrangeiros e americanos, com enfadonhas consequências para as minhas secretárias ocasionais, assoberbadas de carinhosas cartas e telegramas a responder.

É o caso de glosar uma vez por todas:

– *Messieurs, les gens que vous tuez se portent très bien.*

ATMOSFERA DE NERVOSIDADE

A situação foi piorando cada vez mais e, dia a dia, afastando-se de feliz desenlace. O grande sofrimento geral chegara a criar uma atmosfera de nervosidade de que prestes nasceu a descrença em qualquer solução da crise. Foi ao extremo de causar a desconfiança na atitude dos Estados Unidos, aliás, como se pode julgar por estes apontamentos, amiga e conciliadora para com os revolucionários e o povo mexicano. E o pior era que, em detrimento de causa, já começavam novamente os reparos contra os Estados Unidos a atingir o próprio ministro do Brasil, que os representava; imaginavam os carrancistas sua suposta parcialidade para com os convencionalistas, quando um grupo destes se mostrava ressentido precisamente por julgá-lo favorável àqueles. Era também singularmente digno de nota que os provocadores, a todo o transe, de uma intervenção americana (estrangeiros e até mexicanos), de quem se recebiam incessantes pedidos nesse sentido, começavam a criticá-lo por não se prestar a promovê-la. E os não intervencionistas atribuíam-lhe, por seu lado, a indicação de possível mudança da paciente atitude do presidente Wilson, manifestada no seu último apelo aos mexicanos.

Ora, o alvejado ministro do Brasil nada tinha que ver com a orientação da política americana, como já ficou dito; mas isto não impedia que estivesse, assim, na expressão vulgar, "entre a cruz e a caldeirinha". Felizmente nada disto diminuía a consideração em que era tido pessoalmente e aquelas próprias suposições, que se contradiziam, davam a prova da sua imparcialidade.

Um pequeno exemplo ao acaso:

> México, 18 de março de 1915.
>
> O senhor Cardoso de Oliveira tem desempenhado um papel muito grato para toda a nação mexicana; seu comportamento tem como recompensa a gratidão de todos os mexicanos; porém para que essa gratidão seja completa, para que consideremos como um benemérito da nação, é preciso, sr. Cardoso, é eminentemente necessário que [*use de*] todos os meios ao seu alcance e ditados por suas sãs intenções faça com que os Estados Unidos intervenham de uma vez da maneira mais

> efetiva e faça cair as cabeças... (suprimem se algumas palavras) pois o senhor, em sua clara inteligência e penetração, como todos os mexicanos de ideias sadias, compreende que só da maneira indicada terminará este estado de coisas, motivado pelo desejo de se enriquecerem alguns... despojando os demais do que obtiveram pelo seu trabalho e à força de privações.
> Tenha um arranque enérgico; e que vejamos a terminação desta... (idem) e o senhor viverá sempre no coração de todos os mexicanos
>
> Assinatura (que se suprime)

Em outras, ainda mais ferozes, era a legação ameaçada de ser dinamitada em data e hora determinada, como um meio de intimidação. Para cortar curto com tais bravatas, lembro-me que num destes determinados momentos, fui sentar-me à varanda que dava para uns terrenos vagos, de onde era de supor poderiam vir as anunciadas agressões. Ali me encontrou a tomar chá um bom colega do corpo diplomático que, informado por mim do que havia, partilhou da merenda, ainda que, valha verdade, com um risinho amarelo.

❖

É bom dizer que no meio da balbúrdia reinante, não tinha eu perdido de vista a recomendação do governo brasileiro, repetida em setembro de 1914, quanto à minha oportuna saída; nem outro bondoso telegrama de novembro do mesmo ano, em que o ministro interino do Exterior, meu saudoso chefe em Londres e sempre bom amigo, Regis de Oliveira, pai, me aconselhava espontaneamente fizesse sair do México minha família para ficar mais livre dos movimentos em momentos de necessidade – alvitre não aceito por ela, que preferiu acompanhar-me até o fim.

E assim, em janeiro de 1915, ao agravar-se sobremaneira a situação, dando curtíssimas, ou nenhuma, esperança de breve solução da crise mexicana, terminei um dos meus telegramas ao governo brasileiro dizendo que estava próximo o momento de ausentar-me. E naquelas condições, vendo o aspecto cada vez mais tenebroso que iam tomando as coisas, e além de tudo, mais

assoberbado de trabalhos do que permitia a saúde consideravelmente depauperada por tantas preocupações, desgostos e fadigas físicas, firmei-me definitivamente naquela intenção. Temia, outrossim, que uma possível atitude radical dos Estados Unidos, sob a pressão cada vez maior das potências europeias, fosse assumida para com o México, durante a minha gestão dos interesses americanos, como ministro do Brasil, pudesse fazer acreditar na conivência do meu país e na minha; e decidi partir mal se restabelecesse a via férrea para Vera-Cruz, desde muito tempo suspensa, mas que já se anunciava para breve. Comecei deteste então a fazer discretamente os meus preparativos e arrumações para isto, de modo a ficar pronto, como fiquei, para o primeiro ensejo. E é interessante dizer, como sintoma da época, que forte e constantemente voltou Domício da Gama a aconselhar-me neste sentido. Isto mostra como eram ambíguas as situações no México e como, com elas, tinham de variar os nossos critérios.

Ocorre também reflexionar, justificando o meu receio, que já então se tornara esmagadora sobre o governo de Washington a pressão dos governos europeus, cujos representantes no México – naquele momento, da França, Alemanha, Áustria, Grã-Bretanha, Japão, Suécia, Bélgica e Itália – tinham telegrafado desde o mês de março, aos seus governos que, tendo ficado suspensas as suas partidas, por desejo da Casa Branca e por meu intermédio, deixava-lhes ao critério julgar da oportunidade de perguntar ao governo americano, a quem alguns chegavam a atribuir a culpa do estado a que chegara o México, até que ponto estava disposto a assumir a responsabilidade do que pudesse acontecer aos estrangeiros e ao corpo diplomático.

Dará bem ideia da situação, que ainda ali a todos afligia, o meu telegrama ao governo, em 3 de agosto de 1915, após longo período de interrupção das linhas telegráficas, informando-o de que, depois de sérios combates nos arredores da cidade, fora esta evacuada pelos zapatistas e reocupada pelas forças carrancistas, e de que, felizmente, apesar das diligências que tivemos de fazer, eu e o pessoal da legação estávamos ilesos, exceto um mensageiro ferido levemente por um estilhaço de granada, e outro assaltado,

tendo sido destruída a correspondências oficial americana e continuando péssima a situação!

❖

Foi justamente naquela altura que, havendo retomado Pachuca e pensando assegurada a sua posse da capital do México, ocupou-a nova e definitivamente o general carrancista Pablo González.

JÁ NÃO ERA SEM TEMPO

Assim estavam as coisas nos primeiros dias de agosto de 1915 e punha a última demão nos meus preparativos de viagem, quando, fiel à bem intencionada promessa do presidente Wilson de encontrar uma solução pacífica para a questão do México, que a todos se afigurava irremediável, surgiu a convocação, em Washington, de uma conferência de sete países americanos. Nela tomariam parte, além do secretário de Estado dos Estados Unidos, Robert Lansing, os embaixadores do Brasil, da Argentina e do Chile, e mais os ministros da Guatemala, do Uruguai e da Bolívia, pelo fato de serem estes últimos os representantes mais antigos de países americanos em Washington.

Os intuitos pacíficos e amistosos dessa conferência, meramente consultiva, ficaram bem demonstrados com a resolução, que não tardou muito em tomar, de reconhecer-se o governo de Carranza, como governo de fato.

Releva, porém, notar que tal decisão foi ditada pelas conveniências da ocasião, não sendo, de modo algum, em consequência do Protocolo de Niagara Falls, desde que este estabelecia precisamente, como base de reconhecimento, que o presidente do México fosse escolhido de acordo com todas as partes contendedoras. E a isto tendia o grande esforço que se viera desenvolvendo até então.

Por feliz coincidência, concomitantemente à notícia, publicada nos jornais, da convocação da conferência dos sete países em Washington, recebi do governo brasileiro um telegrama

de 3 de agosto, em resposta ao meu da mesma data, recém-citado, lembrando-me que continuava autorizado a partir com o secretário e os arquivos, e acrescentando que ao sair "acentuasse o escrupuloso respeito do Brasil pela soberania daquele país amigo".

Desta vez, não hesitei em utilizar-me da autorização, tão de harmonia ela estava com os meus próprios desejos e preparativos.

Por telegrama, pedi que o governo mandasse instruções à nossa embaixada em Washington para que se entendesse com o secretário americano Lansing, no sentido da minha substituição no México, como representante dos interesses americanos. E ao general Pablo Gonzáles, de posse do governo da capital, expliquei convenientemente, no dia 4 de agosto, a minha saída por motivo real de saúde e, cumprindo com a recomendação do governo, acentuei que fora [*sic*] e no simples caráter de ministro do Brasil, continuaria a respeitar escrupulosamente a soberania do México e não perderia ensejo de ser-lhe útil, até mesmo no tocante àquela conferência, se tal fosse o caso. Mostrou-se aquele distinto chefe militar tão satisfeito, que, lutando com dificuldades, me proporcionou um trem especial, com a escolta necessária para a sua completa garantia, durante o perigoso trajeto até Vera-Cruz, levando suas atenções a ponto de mandar uma banda de música tocar na estação no momento do embarque e um representante especial acompanhar-me até aquele porto, representante que a mim e a minha família cumulou de finezas e cuidados, durante toda a viagem.

❖

Nessa ocasião, tive, porém, o desprazer de ver baldados todos os meus esforços junto àquele general para consentir que levasse em minha companhia, no mesmo trem, o distinto colega e amigo, ministro da Guatemala, dr. Juan Ortega e sua família. Tinham-no asperamente forçado a sair do país em 24 horas, em um trem ordinário, atamancadamente organizado. Alegou-me o general que não podia de maneira alguma dar o mesmo tratamento a um ministro, que, como eu, me ausentava amistosamente, de livre vontade, por justas razões, e outro que partia forçado, como desafeto: em condições, portanto, muito diferentes.

Assim, viajou mortificado aquele bom colega, e para cúmulo de caiporismo, um larápio, que não pôde ser apanhado, lhe roubou o bolso na estação, a carteira com o dinheiro que levava e uma malinha com os passaportes e papéis importantes.

❖

Aos caros colegas do corpo diplomático, dos quais me despedi saudosamente – ótimos companheiros que fomos nos nossos contínuos trabalhos e angústias – expliquei também convenientemente os motivos da minha ausência e as firmes esperanças de que a conferência, a cujos trabalhos eu daria a coadjuvação que de mim dependesse, resolveria certamente o melhor possível a situação mexicana, com os próprios elementos do país. Tais esperanças foram por eles partilhadas e bastante os tranquilizaram.

Vem a pelo dizer aqui que não foi exato o boato que correu de que em certo momento eu fiquei sozinho no México representando todos os países do mundo; o que de fato acontecia era que, tendo-me os meus colegas em lisonjeira estima e depositando tão plena confiança na minha amizade e lealdade, quanto na minha ação, frequentavam diariamente a legação e muitas vezes recorriam aos meus préstimos, que nunca lhes regateei, para a resolução de alguns dos seus problemas e gestões. Mas, assim agiam, não por considerar-me, e muito menos eu, superior a eles – homens de capacidade e da estatura moral e diplomática de Adatci, por exemplo, Lefaivre, Hohler e Arthur Magnus, para não citar todos, não poderiam ter essa ideia – mas porque, pelas circunstâncias especiais em que eu ali agia e os múltiplos e melhores meios de ação que dispunha, era o que estava em mais apropriadas condições de ser mais depressa atendido. Isto, entretanto, em nada lhes diminua, a meus olhos, o prestígio pelo qual eu era o primeiro a zelar.

❖

Ao mesmo tempo, mandava-me o governo americano instruções, não para que confiasse os seus interesses a outra legação, como se esperava, mas simplesmente para deixar o arquivo sob a guarda de Charles Parker, empregado americano e auxiliar da minha

gestão; e convidava-me com o maior empenho a ir de visita aos Estados Unidos pelo caminho mais curto. Anunciava-me ao mesmo tempo em que um cruzador de guerra americano iria buscar-me e a minha família em Vera-Cruz, onde, enquanto o esperássemos, aceitássemos hospedagem a bordo da canhoneira *Sacramento* ali estacionada, cujo comandante receberia as ordens necessárias.

Por sua vez também me telegrafou Domício da Gama, dizendo-me que a imprensa americana já anunciava que eu ali iria assessorar a conferência, o que ainda mais agradou ao general Pablo González, confirmando-lhe as minhas intenções amistosas. Pedia-me, outrossim, não me detivesse em Cuba, como sabia ser minha intenção primitiva, porque o secretário de Estado Lansing se mostrava ansioso de ver-me.

Seguiu-se a esta comunicação outra, do Ministério das Relações Exteriores do Brasil que aguardasse ordens em Washington e que o governo saberia tomar em consideração os meus serviços.

MONTANHAS ABAIXO E OLHOS ACIMA

Nessas condições, parti da capital mexicana, na manhã de 10 de agosto de 1915, trazendo em minha companhia minha mulher, as quatro ilhas, o secretário Carlos Gordilho, Manoel Betancourt, meu secretário particular, e o criado chinês Joaquim P. Joe.

Digamos desde logo que general Pablo González tomara todas as medidas necessárias à nossa segurança e o possível conforto, pois era o seu maior empenho, em face à conferência, demonstrar praticamente que eles, os carrancistas, estavam senhores da situação e capazes de dar todas as garantias aos diplomatas estrangeiros, ao passo que seus adversários – que infestavam valentemente várias regiões do percurso até Vera-Cruz – queriam provar o contrário, para desmoralizá-los. Tinham por sua vez tomado todas as providências, ainda que não houvesse da parte deles nenhuma inimizade contra mim, mas, na sua paixão política não cogitavam de que fosse pagar o justo pelo pecador.

De modo que, antecipando-se à partida do meu, partiria alguma distância um trem explorador com forte escolta, sendo que o que nos conduzia levava outra ainda maior, apetrechado até

de metralhadoras em cima dos carros. Devia segui-lo a pequeno intervalo outro trem militar, armado até de canhões, com uma força de seiscentos homens, que nos acompanharia até passadas as regiões mais perigosas.

Imagine-se a impressão de insegurança e de risco de vida que tudo aquilo indicava, em nós e em todos os amigos que enchiam a estação! Até os últimos instantes correram ali mesmo tão terríveis boatos que o próprio distinto oficial comandante das forças, cônscio da sua grande responsabilidade, me perguntou se queria desistir da partida naquele dia para bem se assegurarem da procedência das notícias.

À vista disto, ainda que resolvido a partir, como já havia peremptoriamente declarado, em vista de todos os arranjos e combinações feitas, quis dar satisfação ao carinho e à consciência, e conquanto presciente de qual seria a resposta, consultei Carlos Gordilho se preferia ficar ali como encarregado de negócios, guardando a minha família até que ela pudesse partir com toda a certeza de segurança e a esta se concordava com isto. A resposta de todos foi imediata e negativa, e para de uma vez terminar o caso, ocupamos nossos lugares no trem.

Fomos alvos de estrondosas e significativas demonstrações dos colegas e amigos, estrangeiros e mexicanos, ainda mais afervoradas por aquelas circunstâncias, incluindo as do povo que atopetava os passeios da estação e da rua, enchendo-se de flores os nossos vagões. Não esqueceremos nunca os fraternais abraços da carinhosa família Monjarás, a começar por ele!

Ali estava, adivinha-se, a colônia americana em peso, que, coroando a série de outras do mesmo gênero, havia votado a seguinte moção:

> Considerando que desde o mês de abril do ano de Nosso Senhor 1914, Sua Excelência D. José M. Cardoso de Oliveira, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário dos Estados Unidos do Brasil, junto à República do México, tem estado encarregado dos interesses americanos neste país, e considerando que o ministro Cardoso tem uma bem merecida licença e está prestes a partir desta capital: ficou resolvido que a "Sociedade Americana

> do México" em reunião geral extraordinária que teve lugar nesta cidade do México no dia 9 de agosto, do ano de Nosso Senhor de 1915, manifestasse a aprovação e admiração a que o ministro Cardoso fez jus pelo seu constante zelo no desempenho dos deveres de que tão graciosamente se encarregou e que reconhecesse sua profunda dívida de gratidão para com ele por sua incansável e magnânima obra em favor dos americanos.
> E resolve, mais, que se desse uma cópia dessa deliberação a S. Exa. o Senhor Cardoso.
> A deliberação acima foi unanimemente adotada na reunião geral da "Sociedade Americana do México" que teve lugar no Clube Americano, hoje, 9 de agosto de 1915, às 5:30 da tarde e deverá ser apresentada a S. Exa. e em forma mais frisante.

E para fechar este trecho, uma última pequena, sim, mas expressiva particularidade: já o trem arrancara quando veio correndo um homem do povo e atirou pela janela um cartão, que tomamos como despedida do povo mexicano, onde lemos comovidíssimos:

"¡Un saludo afectuoso al Brasil de los buenos mexicanos!"

❖

Viajando desde manhã, deveríamos chegar a Vera-Cruz pelas 8 horas da noite, mas o trem não corria normalmente, arrastava-se, pois tanto vale dizer que cada distância de algumas centenas de metros parava e desciam os soldados a solicitamente examinar os trilhos, temerosos de que estivessem arrancados ou dinamitados.

E não era exagerada a precaução, porque bastante adiante, numa pequena estação abandonada, no ponto mais perigoso, não faltou a temida tragédia! Tinham feito voar o trem explorador – Deus lhes perdoe se supondo que era meu! Seguira-se rápido combate, cujos poucos mortos estavam sendo enterrados quando ali chegamos! E sob aquelas horríveis impressões, tivemos de esperar bastante tempo, guardados de perto pelas tropas, antes que para nos dar passagem pudesse ser retirada da linha e a locomotiva do trem dinamitado que tombara sobre os trilhos!

Dali em diante, como era natural, como a nossa inquietação, redobraram as precauções militares: ao aparecimento de qualquer

vulto ao longe, correspondiam tiros disparados pelas sentinelas em cima dos carros, aumentando o pavor e o desconforto, porque nos pediam frequente e cautelosamente o comandante das forças e o representante do general Pablo González, que nos deitássemos no chão.

Num dado momento, vimos com terror aproximar-se do trem, de uma colina abaixo, não muito distante, grande grupo de cavaleiros a galope, em altos gritos, disparando suas armas, fragor vivamente correspondido por estrondosos tiros da escolta... Então, novamente cosidos ao chão, desta vez, sem que ninguém nos pedisse, julgamos ter chegado a nossa última hora!... Mas, felizmente, pouco durou o susto imenso, que se transformou em boas risadas, porque viemos logo a saber que aqueles cavaleiros eram uma patrulha carrancista que por ali rondava e, avistando o trem, vieram saudar os companheiros.

E assim, espreguiçando-se, locomotiva e vagões, só às 9 horas da noite alcançamos Esperanza, pouco mais ou menos ao meio caminho, quando pelas 8 horas já deveríamos ter chegado ao fim da viagem! Circunstância que dá ideia do que foram aquelas e outras menores peripécias omitidas a bem da brevidade.

Ali, depois de ligeira refeição, expôs-me o comandante a delicada situação em que estávamos: era arriscado prosseguir na viagem por aquela noite escura, fazendo a descer o trajeto em que abundavam furnas e precipícios, de onde poderíamos ser vítimas de alguma emboscada, ao passo que também pernoitar naquele ponto não era isento de riscos, por ser um dos mais importantes da linha e que já havia sido várias vezes atacado, tanto que lá permanecia sempre uma força de trezentos homens. E, portanto, não querendo assumir sozinho a responsabilidade, me pedia ordens.

De acordo com a preferência de todos, resolvemos dormir ali, considerando, perigo por perigo, ser melhor pousar naquele lugar de agradabilíssima temperatura e sem os terríveis mosquitos, a passar o resto da noite muito mais incomodamente em Vera-Cruz, onde, na melhor das hipóteses, só poderíamos chegar pelas 2 horas da madrugada, hora imprópria para os nossos planos.

Tive então, em combinação com o militar, de pôr à prova a minha estratégia: já não nos amparava o poderoso trem militar que nos acompanhara à retaguarda; determinamos que o trem se metesse num corte de montanhas ali pertinho, guardadas as entradas, de um lado, pela nossa escolta, e do outro pela guarnição local, forças que em caso de agressão, sustentariam o fogo do seu lado, enquanto o trem, sempre sob pressão, se escaparia pelo outro. E com aquele aparato, aumentado pela má catadura das sentinelas que de armas em riste se colocaram uma em frente a cada uma das janelas dos carros, tratamos quanto foi possível de conciliar o sono bastante rebelde.

Demais, já agasalhado, lembrava-me de mim para mim, das deficiências da minha estratégia, porque não havia cogitado do que poderia vir por cima sobre o trem, quando mais não fosse blocos de pedras traiçoeiramente desprendidos, nem antevira a hipótese de ataque pelos lados, caso em que ficaríamos *embotelhados*! São assim os generais improvisados. Mentiria se dissesse que dormi tranquilo.

Afinal, tudo se passou bem, e, sem mais incidentes notáveis, chegamos a Vera-Cruz pela tarde. Na estação, fomos amavelmente recebidos pelo cônsul Silliman, sempre amigo, e pelo comandante da canhoneira *Sacramento*, MacNamee; dali, diretamente para bordo, tanto de merecido repouso precisavam nossos corpos e espíritos.

E os encantos desse percurso que tanto celebramos na subida? Dessa vez não os vimos; volviam-se-nos os olhos da alma para cima bem diferentemente absorvidos em contemplações de outra ordem... Tanto é certo que não são objetivas a felicidade e suas impressões!

INJUSTA ANIMOSIDADE

Não posso deixar em silêncio o desgosto que ainda nos salteou durante a acidentada viagem, como mais uma triste nota daquela página dramática: só durante o trajeto fui indignamente surpreendido pela leitura dos jornais, por um tão insólito quão injusto telegrama de Carranza ao nosso governo e em desconhecimento do visível apoio que sempre lhe dispensou o governo americano e de vários de seus gestos amistosos, que lhe mereceram agradecimentos. Naquela

infeliz expansão da sua bílis, dava-me toda a responsabilidade das más relações que então existiam entre ele e os Estados Unidos e, outra pior, a dos maiores danos causados ao México!!! Permita o leito o emprego de três pontos de admiração; o tal telegrama merece-os em maior número, tanto que foi logo no Brasil, pelo governo e pela imprensa, indignada e eficazmente repelido, bastando transcrever a seguinte exaustiva exposição dos fatos, na primeira VÁRIA[4] do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em sua edição de 26 de agosto de 1915, alterada apenas a ortografia:

A Noite divulgou ontem o seguinte telegrama do general Carranza ao dr. Wenceslau Braz:

> "Informaram-nos que o secretário de Estado da União (Estados Unidos), sr. Lansing, conferenciou anteontem com os representantes diplomáticos da Argentina, Brasil e Chile com o fim de obter a pacificação da República Mexicana e tratar de intervir em suas questões internas, violando a soberania do México. O povo mexicano soube com a alegria que o vosso representante em Washington, dr. Domício da Gama, com dignidade, recusou participar do projetado e injustificado procedimento, dando um exemplo que poderá servir de precedente para a boa harmonia e fraternidade que devem existir entre as nações latino-americanas. Em nome do povo mexicano e como primeiro chefe do exército constitucionalista e encarregado do Poder Executivo, agradeço-vos este ato de simpatia e justiça, deplorando ao mesmo tempo ter de vos informar que o dr. Cardoso de Oliveira é uma das pessoas que maior dano tem causado à República do México, sendo certo que sobre ele cai toda a responsabilidade das atuais relações que existem entre nós e a vizinha república dos Estados Unidos."
>
> Esse telegrama é evidentemente verdadeiro e só há nele que admirar que o general Carranza tenha encontrado um país americano a que louva e agradecer, como fez ao Brasil, pela atitude do seu embaixador em Washington.
>
> Das queixas que ele formulou contra o ministro Cardoso de Oliveira, não com certeza no caráter de ministro do Brasil, mas pela sua ação como representante dos Estados Unidos da América,

4 Seção do Jornal do Commercio, chamada "Várias Notícias".

> não há que estranhar senão o terem vindo tão tarde, quando o sr. Cardoso de Oliveira se retirava, depois de tanto tempo de permanência no México, sem ter merecido qualquer observação e, contrário, havendo recebido as maiores atenções públicas e pessoais dos vários governos que aquele desventurado país tem tido nos últimos tempos.
>
> Bem feliz se pode considerar o ministro brasileiro em só ter as arguições que lhe são feitas *a posteriori* por um ditador que já expulsou os ministro da Espanha, Guatemala e Bélgica, e que, segundo se anuncia, vai expulsar os da França, Itália, Áustria-Hungria e Grã-Bretanha.
>
> Todos se lembrarão dos inolvidáveis serviços prestados ao México pelo ministro Cardoso de Oliveira, graças a cuja presença, como representante do Brasil e dos Unidos foi possível a intervenção oficiosa do Brasil, da Argentina e do Chile, impedindo uma guerra entre as duas nações do extremo norte, iniciada pela ocupação de Vera-Cruz.
>
> Todos se recordavam também dos serviços que o mesmo ministro Cardoso de Oliveira prestou depois, tanto políticos, como humanitários, como quando salvou a capital do México da sanha dos zapatistas, e de cujo valor dizem bem alto as excepcionais provas de consideração, talvez sem precedentes, com que o diplomata brasileiro acaba de ser tratado pelo governo americano, o qual, não só mandou buscá-lo em Vera-Cruz por um cruzador da sua marinha de guerra, como fê-lo receber em Nova Orleans pelo diretor do Departamento Pan-Americano que foi expressamente para esse fim de Washington, onde o sr. Cardoso de Oliveira foi especialmente recebido pelo presidente Wilson, teve festas oficiais em sua honra e recebeu, num banquete público e oficial do ministro das Relações Exteriores daquela grande república, os agradecimentos mais calorosos pelos serviços prestados, os quais, segundo o próprio dizer daquele secretário de Estado, contribuíram para estreitar ainda mais as relações de amizade entre os Estados Unidos da América e o Brasil.

Parece que isso bastaria para responder ao sr. Carranza, se esse mesmo general, cujo simulacro de governo nenhuma nação americana ainda reconheceu assinando-se chefe do Exército

Constitucional, não houvesse por si próprio reconhecido que não tem qualidade oficial para falar em nome do México, louvando ou censurando representantes de países estrangeiros.

Aliás, como já se viu, o resultado da conferência dos sete países americanos foi o mais cabal desmentido àquela odienta acusação.

Antes, porém, de lançar a última pá de cal sobre o assunto do estapafúrdio telegrama, apraz-me generosamente fazer algumas considerações como possíveis atenuantes ao incompreensível gesto de Carranza que, tanto ou mais que os outros chefes, sem falsa modéstia, só tivera razões para me ser grato, como todos demonstraram. Ele próprio assim se manifestou quando da minha atitude no tocante à desocupação de Vera-Cruz pelos americanos, de que lhe resultou o maior prestígio e lhe couberam vantagens incontestáveis, que mais do que tudo contribuíram para facilitar o reconhecimento de seu governo pela conferência dos sete países. Esqueceu-se disto o azedo chefe.

Segundo me contou o amável representante do general Pablo González, que me acompanhava, Carranza quando redigiu e expediu seu desastrado telegrama, ignorava ainda o que se tinha passado na capital entre mim e aquele general, que, mais do que contrariado com o caso, levara uma parte da madrugada no telégrafo a explicar àquele chefe o ocorrido, mostrando-lhe a precipitação e o desarrazoado do seu telegrama. E é de crer que algo lhe tivesse calado no espírito, porque a minha passagem através de toda a cidade de Vera-Cruz não foi absolutamente assinalada pela mais insignificante demonstração de desagrado, em contrário à balela que chegara a correr, quando se tornou conhecido o telegrama de Carranza. Destes rumores só mais tarde vim a ter notícia.

É de supor-se que tivesse concorrido, senão determinado o inamistoso ato de Carranza, o seguinte: a minha viagem foi decidida, preparada e realizada em poucos dias, a fim de alcançar um vapor francês para Cuba no dia 12 de agosto, de onde prosseguiria para a Espanha ou para a França, conforme houvesse melhor conexão com paquetes para o Brasil – isto antes de ter recebido o convite americano e o aviso do governo brasileiro de ir aguardar ordens em Washington. Ligou provavelmente Carranza,

até então, como já disse, ignorante da verdade, essa minha aparente precipitação ao fato da convocação da conferência, cujos intuitos foram por ele erradamente avaliados, como também já se viu, tomando-a como um indício da tão temida intervenção armada. Daí a atribuir-me injustamente havê-la promovido ou sugerido por suposta animosidade contra ele, foi um passo, e resolveu-se molestar-me por aquele meio, já que lhe não dei tempo para mais.

Também não deve ter concorrido menos para o rancor de Carranza o fato de haver-se obtido do governo de Washington que o ministro da Guatemala, Ortega, a quem tanto procurou mortificar, fosse também hospedado com sua família, desde a sua chegada a Vera-Cruz, no mencionado navio de guerra americano, a cujo bordo foi ele, como eu, recebido com todas as honras incluindo as salvas, que desagradavelmente ecoaram no seu quartel-general.

Não se deve esquecer que os dois diplomatas, Ortega e eu, eram os únicos representantes no México de países que tomariam parte da conferência; não escapariam, pois, à sua sanha!

Compreende-se, em todo caso, como foi oportuna a minha partida, pois qualquer medida violenta que Carranza, em desespero de causa, pudesse a vir tomar contra mim, segundo lhe corressem as coisas na conferência, criaria um incidente de graves consequências para os governos do Brasil e dos Estados Unidos, e mais ainda para ele próprio. Aliás, é muito interessante observar que alguns agentes de Carranza em Washington afirmaram publicamente que seu chefe jamais cometeria semelhante erro político; quando boateiros, entretanto, assoalhavam que só a minha pronta partida impediu esse passo, o que não é crível em seguida às informações por ele recebidas de Pablo González. Deste, já quando a bordo do *Sacramento*, recebi o seguinte telegrama:

> Fiquei inteirado da sua comunicação de ter chegado felizmente a Vera-Cruz. A promessa formal que me fez antes sair desta capital faz-me esperar com fundamento que sua ação diplomática nos E.U.A. trará grandes benefícios ao México e fará esquecer nosso justo ressentimento para com aqueles representantes das repúblicas irmãs que não souberam ou não

quiseram trabalhar em favor da causa constitucionalista que é a causa do povo. Desejo-lhe feliz viagem.
Saúda-o atenciosamente,

O general em chefe P. González

Fosse como fosse, o que transluz de tudo isto é a bem inspirada prudência com que agi ainda naquela ocasião e o real serviço que, assim procedendo, ainda prestei aos dois governos por mim representados, àquele chefe revolucionário e à paz no continente.

De qual foi na verdade o sentimento fraternal que no México alimentei pelo Brasil deu cabal demonstração a extraordinária e esplêndida participação daquele país nas festas comemorativas do centenário da independência do Brasil, em 1922, de que ficou perdurável lembrança da linda estátua de Cuauhtemoc, que embeleza o Flamengo; e, no que diz respeito, as excelentes relações de amizade que depois sempre invariavelmente mantive com todos os diplomatas mexicanos no Rio de Janeiro.

De onde se vê que a opinião isolada de Carranza e talvez de alguns dos seus amigos mais próximos, não representava de modo algum a do México, como veio mais tarde provar o triste fim daquele chefe obscuramente assassinado.

❖

Vem a propósito repetir agora que repudiei e repudio ainda hoje, como absolutamente imaginárias, algumas opiniões ou declarações atribuídas a mim e publicadas na época em Washington, sobre coisas ou personalidades mexicanas. Desde a minha chegada àquela capital e assim o declarei na imprensa, fiz timbre em não trocar uma palavra sequer sobre tais assuntos com pessoa alguma, a não ser nas conferências que tive com presidente Wilson, o secretário de Estado Lansing e o embaixador do Brasil, Domício da Gama.

É para especialmente notar que desde a primeira entrevista com Lansing tive dele a peremptória afirmação que me autorizou a comunicar ao governo brasileiro, como fiz, de que os Estados Unidos não interviriam no México, buscando apenas com a conferência dos sete países, o meio pacífico e eficaz de encaminhar a solução da crise pelos próprios mexicanos.

Também ainda uma vez desminto que tivesse sido maltratado ou muito menos insultado por autoridades mexicanas de qualquer categoria ou de qualquer facção. Ainda mesmo tratando de assuntos graves e de ásperos incidentes, quando tinha necessidade de ser enérgico, o meu trato com todas as autoridades de todos ao matizes e graduações foi sempre correto e pautado pela maior cortesia e respeito mútuo.

Sempre fui homem de energias mansas: e posso afirmar figuradamente que as peças de luxo que mais ali gastei foram luvas de pelica, que jamais tirava, até mesmo quando, à força de roçá-las em asperezas, rompiam-se-lhes as pontas dos dedos, deixando aparecer as unhas, nunca, porém, muito pontiagudas. Ali, como em todos os outros postos, nunca abandonei o exercício da diplomacia que adotei como norma e a que chamava de "diplomacia de coração aberto". E disto nunca me arrependi, mesmo porque não tenho consciência nem lembrança, de ter voluntária e deliberadamente feito mal a ninguém!

❖

Não é, entretanto, muito de espantar que a paixão política levasse Carranza àquele desvario, porque também é bem triste registrar que no próprio Parlamento brasileiro ela impeliu o talentoso, e por tanto títulos estimável, deputado Pedro Moacir, a criticar acremente a atitude do Brasil perante os acontecimentos do México, chegando ao extremo de acusá-lo de estar intervindo na política interna do país e fazendo humilhadamente o jogo do governo americano. E a mim de me ter tornado o embaixador americano da sua política imperialista!

Foi esta impensada e injusta agressão brilhantemente rebatida pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, de 6 de outubro de 1915, em artigo intitulado "Forças Paralelas", donde extraio o seguinte trecho:

> O Brasil não é, como pensa o deputado Pedro Moacir, um país incapaz de reação e sem força moral...
>
> Basta ter filhos de coragem cívica daqueles que como o ilustre parlamentar, Lauro Müller, Cardoso de Oliveira, Rui Barbosa, Domício da Gama, Celso Baima, são capazes de traduzir

> seus pensamentos sujeitando-os à crítica, para que não esteja condenado à falência.
> Cardoso de Oliveira não foi o instrumento da política imperialista dos Estados Unidos.
> Delegado para representar com o consentimento do nosso governo os interesses americanos, não mentiu à delegação, ao justo conceito em que tido.
> Não são os interesses materiais do Brasil que o convidam à colaboração, como não deve ser o receio de situação idêntica que deve levá-lo à falência de sua missão.
> Não os tem de qualquer espécie no México, razão de sobra para que não se ressinta ela dos intuitos que procuram desvendar os falsos defensores de uma extinta liberdade.

E para terminar, ainda ajunto com prazer e para honra daquele ilustre parlamentar que, depois de longa conversa comigo, me confessou legalmente lamentar que no momento em que proferiu seu discurso não estivesse melhor informado.

NAS CRISTAS DAS ONDAS

No dia 11 de agosto de 1915, depois de agradável e reparadoramente instalados a bordo do *Sacramento*, parecia-nos já ter dobrado o Cabo das Tormentas, pois que dali em diante, aprazia-nos crer, a travessia iria ser uma deliciosa excursão marítima... Veremos...

Avisaram-nos em telegrama de Washington de que o cruzador que já vinha buscar-nos recebera em caminho ordem de dirigir-se a outro porto, Haiti ou São Domingos, tanto quanto me lembro, onde irrompera um movimento revolucionário, mas que outro navio se estava aprestando com urgência. E, para satisfazer o grande desejo do Comandante MacNamee e de sua distinta oficialidade, que nos cumulavam de atenções, entre as quais, a de ceder-nos seus camarotes, alojando-se, Deus sabe como, no pequeno barco, resolvi responder, agradecendo, mas dispensando, o cruzador, pois que podíamos fazer perfeitamente e sem maiores incômodos a viagem no *Sacramento*.

Acedeu o governo americano, dando-me a liberdade de escolher o porto de destino, desde que não podia ser Galverston,

como antes se pensara, por dificuldade de quarentena que não puderam ser resolvidas.

– Que porto prefere? – perguntou-me MacNamee.

– Em absoluto, com beleza, o Rio de Janeiro – respondi gracejando.

– Bem o sei.

– Mas no caso concreto...

Escolhi Nova Orleans, terra de nascimento de minhas duas filhas mais velhas e que aproveitaríamos para visitar depois de tanto tempo.

Para ali, pois, rumamos naquela radiosa tarde, sendo durante dois dias deliciosa a travessia, já pelas boas condições da atmosfera e do mar, como que para compensar-nos das agruras da viagem anterior de trem, quer e principalmente, pela companhia de MacNamee, além de perito marinheiro, admirável conversador, e dos oficiais, um dos quais ótimo violinista.

À tarde seguinte, encostados à amurada, reparamos em certa alteração no movimento das ondas.

– Não se alegrem, é sinal de próxima mudança de tempo – opinou MacNamee.

E, infelizmente não errou a profecia, porque, amanhecendo o dia seguinte tempestuoso, não tardou em sermos apanhados e tremendamente sacudidos e fustigados por legítimo e violentíssimo ciclone, de cujo vórtice tivemos afastados apenas quatro milhas!

Lutava arquejando o pequeno barco, que avançava somente o pouco para não se poder dizer que estava parado! É fácil de imaginar as cenas decorridas pelo incrível movimento do navio em todas as direções! No convés manobravam os oficiais e marinheiros amarrados por grossos cabos. O ruído da ventania e dos objetos que se quebravam aumentavam lugubremente o pavoroso espetáculo!

Felizmente, conservava-se intacto o telégrafo sem fio, que de quarto em quarto de hora recebia, do departamento respectivo em Washington, precisas e admiráveis instruções sobre as diretrizes da navegação do golfo, segundo as alterações das condições de cada momento, de que estava sendo por sua vez informado por aquele

mesmo meio, pelos navegantes sob a ação do ciclone. Pediam ao mesmo tempo notícias nossas e recomendavam todas as providências para o nosso possível conforto! Era uma consolação e grande esperança ver-nos objetos de tantos cuidados!

Já haviam naufragado alguns vapores, diziam os radiogramas. Para cúmulo dos sofrimentos, durante muitas horas e dias – pois que a viagem foi de sete, em vês de três ou quatro em condições normais – estivemos quase sempre separados, eu no camarote do comandante no convés, e as famílias minhas e de Ortega, com ele, no alojamento dos oficiais, sem comunicação algum por dentro do navio. Era o nosso pior tormento nas horas de maior perigo! No alojamento também ficaram Gordilho, Betancourt e o chinês, e foram afinal os mais felizes, porque enjoaram todo o tempo, casados com os travesseiros.

Também nos afligia ver que, superlotado como estava o pequeno vaso de guerra, já iam escasseando os víveres, usando-se por falta de água doce, água destilada a bordo, cor de chá, até para os banhos excessivamente quentes.

Só Deus sabe as angústias daqueles dias em que, estonteados e bem pouco esperançados de chegar ao fim da viagem, víamos o valente barco dançando diabolicamente nas cristas das ondas!

❖

Jamais obra alguma de ficção nos produziu no espírito mais horrorosa duradoura impressão do que o conto de Jacobs "A mão do macaco" (ou "O talismã hindu"), que tinha a propriedade de realizar três desejos que se exprimissem, empunhando aquele objeto, por infortúnio seguidos sempre de desastrosas consequências, isto pela maneira magistral e empolgante, porque tendo vindo a propósito, nos foi contado e sabiamente pontilhado por MacNamee, no cenário seguinte:

Uma noite apavorante, quando o céu parecia de fogo pela continuidade de relâmpagos e os ribombos do trovão, unindo-se ao marulho das ondas que lavavam o convés, parecendo tudo anunciar o fim do mundo, na sala de jantar, nenhum móvel ficara em seu lugar. Ali, à custa de perigosos trambolhões tínhamos excepcionalmente

conseguido reunir-nos para a ceia, já terminada, quando, mais os móveis, as nossas pessoas, violentissimamente projetadas, achavam-se amontoadas como bolo sobre e sob os divãs presos à parede, a um canto, sem que, entretanto, ainda sim tivéssemos completamente perdido o bom humor, felicidade que temos e que nunca nos abandonou nas circunstâncias mais duras da vida!

Foi então que o bravo comandante, provavelmente adepto da homeopatia, se lembrou de distrair-nos administrando-nos a tétrica história – *similia similibus curantur* – cuja última cena se passava numa noite pavorosa como aquela.

Terminara-a e, ao contrário do que esperava, estava ouvindo nosso alegres comentários, quando no correr da conversa, fomos informados de que, na emergência em que estávamos, já se tinha preparado a âncora de salvação, que nos explicaram ser de um grande amontoado de objetos flutuáveis de toda a espécie, envolvidos em lona, para ser atirado ao mar, preso ao navio por fortes cabos, para mais ou menos auxiliar ou garantir-lhe o governo em caso de desarranjo do leme. Se bem em lembro já se tinha recorrido ao lançamento de azeite ao mar a fim de acalmá-lo em torno da embarcação.

Naquela, como em outras ocasiões, fazendo das fraquezas forças, galhofei, de propósito para aliviar o ambiente:

– Felizmente estamos preparados para a pior hipótese, e até, sem irreverência, ao menos corporalmente, sacramentados, aludindo ao nome do navio.

A serenidade com que recebemos tais notícias e a conformação que mostramos com todas as resoluções tomadas pelo enérgico e hábil comandante, em cujas mãos estavam nossas vidas fizeram-no comentar admiradíssimo:

– Esta noite, e a sua companhia, serviram para dissipar no meu espírito a lenda de que os sul-americanos, e principalmente os brasileiros, são a gente mais excitável do mundo: o senhor e sua família estão a provar-me o contrário.

Lembrei-me de que igual observação me havia feito, no México, o bom colega almirante Hintz, ministro da Alemanha, numa péssima ocasião em que todos, exceto eu, se mostravam particularmente nervosos e apreensivos.

Não se chegou a realizar aquela tremenda emergência, mas, não cessaram os perigos, até que, guiando-se apenas pelas sondagens, conforme as indicações de admiráveis e minuciosas cartas da navegação do golfo do México, porque qualquer observação dos astros se tornara impossível no tenebroso céu, chegou o navio a um ponto perto, ou melhor, a um lado dos deltas do rio Mississipi. Ali ficou ancorado por ser temeridade nele entrar sem os pilotos que, depois de várias tentativas, não tinham podido alcançá-lo.

Havia-me dito MacNamee que estava seguro da sua derrota pelas sondagens, mas que, entretanto, só poderia ficar absolutamente tranquilo, se pelas 9 horas da noite se avistasse pela proa certo farol que mencionou; e não se descreve o alegrão de todos, quando veio prazenteiro um oficial anunciar que o farol estava à vista!

Parados, sacudidos pelo mar ainda em fúria, durante mais de 24 horas, e ensurdecidos pelo barulho infernal produzido pelas correntes, maiores do que do costume, que prendiam a âncora, a subir e descer conforme os movimentos do navio, consultou-me o comandante se seria preferível fazer uma arriscada tentativa de entrar no Mississipi até mesmo sem piloto, ao que respondi sem hesitação:

– Comandante, confie na minha boa estrela, e avancemos sem demora!

No passadiço, ao seu lado, tive o ensejo de assistir a todas as manobras, sendo empolgante, a meio caminho, a acidentada subida a bordo do piloto, que, avisado pelo rádio do navio e vendo tudo, já vinha ao nosso encontro, desde que lobrigou o *Sacramento* ao longe, enfrentando os vagalhões. Em breve, coube-nos a ventura de deslizar suavemente pelas águas tranquilas do Mississipi até Nova Orleans.

A recepção, que depois de tantos dias de ansiedade, ali nos fizeram foi grandemente compensadora de todos os transes da memorável travessia.

– Meu caro Ministro, nem que o senhor tivesse formulado algum desejo empunhando a mão do macaco! – comentou alegremente MacNamee.

– Nada, meu caro amigo, que os tais desejos eram sempre seguidos de desgraças irreparáveis, o que felizmente não nos

aconteceu, nem acontecerá, espero, a menos que queira assim considerar o assassinato da sua língua que terei de perpetrar no discurso de agradecimento no banquete oficial.

Ainda me soa aos ouvidos a boa risada de MacNamee. Ausente do Brasil, muito senti não o ver, quando esteve no Rio de Janeiro, durante a Grande Guerra, ocupando elevado posto na esquadra do almirante Capperton.

Ao entrar no Mississipi no dia 16, expedi o seguinte radiograma ao governo americano:

> Graças a Deus e à perícia, ao infatigável bom cuidado e vigilância do comandante MacNamee, de seus hábeis oficiais e tripulação, dignos de especial louvor, estamos são e salvos no rio, ainda que extenuados pela contínua tensão de espírito. Meu primeiro pensamento, ao entrar em terra americana, é o de manifestar-vos o meu cordial agradecimento, ao Departamento Naval e ao governo americano, por todas as facilidades dadas para a nossa viagem e pela bondosa recepção que me está preparada em Nova Orleans conforme as informações do sr. Canova. Peço-vos mandar cópia deste telegrama à embaixada do Brasil.

NOS ESTADOS UNIDOS

A 18 de agosto pela manhã, na cidade de Nova Orleans, embandeirada, desembarcamos, minha família, eu e os que me acompanhavam, em ótimo estado de espírito, como é fácil imaginar. Às salvas da pragmática, ajuntaram-se os estrondosos aplausos da multidão de gente de todas as classes, tanto mais alvoroçada, quão aflita e impaciente estivera, durante tantos dias, com as peripécias da nossa viagem e os consequentes adiamentos da chegada. Fomos recebidos com todas as honras oficiais pelo governador do estado da Louisiana L. E. Hall, o prefeito de Nova Orleans M. Berhman e Leon Canova, então diretor da seção mexicana na Divisão dos Negócios Políticos da América do Departamento de Estado em Washington, especialmente comissionado pelo governo americano para aquele fim.

Outro grande prazer nos estava reservado, o estreito abraço do nosso velho e caro amigo Charles Dittman, nomeado

por mim vice-cônsul, quando de lá parti muitos anos antes, que com sua gentilíssima família nos acompanhou nos passeios e nas visitas às casas em que nasceram duas das minhas filhas, Virgínia e Carlota, e o saudoso Pedro Américo, a quem revimos com bem compreensível ternura.

Também veio festejar-nos um telegrama de boas vindas do secretário de Estado Lansing:

> Rogo-vos aceitar minhas sinceras congratulações pela vossa feliz chegada, depois de uma viagem perigosa e desagradável.
> Desejo por parte deste governo apresentar-vos um caloroso cumprimento de boas vindas, dos Estados Unidos, e, de minha parte, as expressões de minha alta estima.

❖

Depois de um dia de demora para assistir ao almoço oferecido pelo prefeito e ao banquete oficial pelo governador, em que se trocaram cordialíssimos discursos, além de outras afetuosas demonstrações, partimos em carro especial para Washington, onde chegamos a 20. Esperavam-nos na estação o subsecretário Osborne, o diretor do Protocolo Cooke, o embaixador do Brasil, Domício da Gama e outros altos funcionários, entre os quais o capitão Powell Clayton do exército americano designado para acompanhar-me, durante a estada ali. Cercando-nos das melhores atenções, levaram-nos ao magnífico Hotel Willard, onde ficamos como hóspedes do governo nos mesmos luxuosos cômodos destinados aos hóspedes de distinção e, nos quais, tempos antes, estivera nas mesmas condições o nosso ministro do Exterior Lauro Müller. Eram as refeições verdadeiros banquetes, a que tínhamos a liberdade de convidar as pessoas que quiséssemos, do que, seja dito de passagem, só usamos na estrita medida necessária.

No mesmo dia fiz a minha visita oficial ao secretário Lansing, de quem ouvi os mais delicados e efusivos agradecimentos, e a importante declaração, que já mencionei, de que os Estados Unidos não interviriam no México, trocando-se então algumas ideias sobre a situação daquele país, assunto que foi objeto de mais larga conversa no dia 23.

Naquele mesmo dia, fui recebido em audiência especial, em companhia, como de praxe, do embaixador Domício da Gama, pelo presidente Wilson, não menos prodígio de bondades e cativantes expansões. Findando a conferência, disse-me jovialmente o presidente que ainda não tivesse eu prestado tão bons serviços, o simples fato de haver durante tanto tempo lidado diariamente e procurado satisfazer os mil desejos de uma colônia de três mil americanos, já era paciência muito digna de admiração.

Levara assim a conversa, muito à americana, a um terreno menos cerimonioso, de modo que, depois de ter-lhe manifestado o meu imenso entusiasmo pelo seu grandioso país e a minha profunda gratidão, a ele e a seu governo e povo, quis corresponder à sua jovialidade, quando indagou das minhas impressões sobre a vida nos Estados Unidos, após tão longa ausência. E depois de expandir-me elogiosa e sinceramente a tal respeito acrescentei que uma das mais interessantes surpresas foi a de tornar a ver dinheiro redondo, aludindo aos dólares de prata, de cuja existência me tinha esquecido, depois de lidar no México somente com pequenas cédulas de papel, quadradas, dos mais pequenos valores. Riu-se com bonomia e visível satisfação, e depois do forte aperto de mão que me deu em despedida, saí encantadíssimo do grande presidente!

Seria longo descrever todas as festas e as demonstrações de apreço, recebidas diariamente, das quais saliento a oferta de lindíssimas flores pelas damas da sociedade, cartões sem conta, como também as entrevistas com jornalistas de todos os matizes, assim também com fotógrafos, tantas vezes que já pilheriava, dizendo-lhes, não haver mais necessidade de posarmos, tanto já devíamos estar gravados dentro de suas lentes.

Menciono apenas o almoço oferecido pelo subsecretário da Marinha, seguido da visita às repartições da sua dependência, uma visita a estabelecimentos militares promovidas pelo da Guerra, tudo obrigado a salvas e brindes, e um adorável passeio fluvial no iate presidencial ao túmulo e à casa de Jorge Washington em Mount-Vernon, gentilissimamente organizado e presidido pela senhora Lansing. Foi uma excursão maravilhosa, inesquecível!

E, por fim, o banquete oferecido pelo secretário Lansing e

sua senhora, a que estavam também convidadas minha mulher e minha filha Virgínia.

Glosaram-no alguns jornais com graciosos comentários, dizendo que, além de tudo o mais, eu fora a Washington prestar ainda o serviço de fazer restabelecer daquele dia em diante o uso do champanha e dos vinhos finos dos banquetes oficiais, que, até aquele, haviam sido abolidos pelo antecessor de Lansing, Bryan, que os substituíra pelo inocente *grape-juice*.

Cumpríramos completamente despreocupados todo o carregado e cansativo programa do dia, e à noite, muito contentes, comparecemos à bela festa.

Começou e decorreu o banquete numa franca atmosfera de alegre cordialidade... Mas, imagine-se agora a minha grata, porém embaraçosa surpresa, quando à sobremesa – ao contrário do que me tinha afirmado, pela manhã, Domício da Gama – vi levantar-se Lansing e à queima-roupa, pronunciar um discurso formal, que pelo inesperado, o vigor dos conceitos e a exaltação dos louros do Brasil e a mim, me comoveram profundamente, sobretudo, quando ao finalizar, declarou bondosamente – a grande dívida que, por meu intermédio, contraíram os Estados Unidos para com o Brasil, que dificilmente poderia ser paga!

E, desprevenido como estava, tive de retribuir imediatamente a nímia gentileza, desobrigando-me na sua língua, do que me ditavam os sentimentos de gratidão. Levantei-me, confesso, descoroçoado, mas como que impelido, contra a vontade, por uma mola, e ainda uma vez pus em prática a minha "diplomacia de coração aberto"... e discursei...

Ao que parece, não fui infeliz, a julgar pelos vivos agradecimentos de Lansing, e os calorosos aplausos dos convivas, entre os quais não foram os menores os de Domício da Gama, entusiasmado, como nunca o tinha visto, ao dizer-me que ia transmitir por telegrama tudo aquilo ao nosso governo.

❖

Considerando finda a minha visita oficial no dia 24, instalei-me com a família num apartamento que alugara por seis meses,

pois, como há de o leitor estar lembrado, mandara-me o ministro Lauro Müller aguardar ordens em Washington.

No mesmo edifício, hospedou-se o secretário Carlos Gordilho e lembro-me que, comparando a soberba instalação que tinha no México no palacete da chancelaria, com o seu modesto quarto naquele momento, comentava gracejando:

– *Grandeur et décadence*, Senhor Ministro!

Mas, estava escrito que na deliciosa capital americana, deveríamos andar de surpresa em surpresa; e foi assim que logo no dia seguinte, 25, pela manhã, recebi daquele ministro um telegrama, chamando-me ao Brasil! Novos trabalhos de arrumação e prejuízos causados pela rescisão do contrato de aluguel do apartamento.

Na lufa-lufa dos preparativos de viagem, na véspera da partida, mandou-me o presidente Wilson, "não havendo condecorações americanas", o seu retrato com a seguinte apreciadíssima dedicatória: "Com os sentimentos de gratidão de Woodrow Wilson".

E os recebi igualmente de outros amigos entre os quais o de Canova com significativos dizeres, bem como três grandes e volumosos álbuns, 750 páginas, ricamente encadernados e palavras de oferecimento gravadas nas capas, presente valioso do Departamento de Estado e Washington, contendo todos os recortes de jornais sobre grande parte da minha missão no México, mas principalmente relativos à minha visita a Washington, quando fui por eles guindado à altura de homem do dia.

E, finalmente, com o retrato de Lansing, foi-me entregue uma carta sua transmitindo-me a cópia de um telegrama do presidente Wilson ao presidente do Brasil, dr. Wenceslau Braz, nestes termos:

> Como o sr. dr. J. M. Cardoso de Oliveira, ministro do Brasil no México está prestes a partir dos Estados Unidos para o Brasil aproveito esta ocasião para exprimir a Vossa Excelência a minha apreciação bem como a do povo dos Estados Unidos, pela amizade demonstrada e o serviço prestado pelo governo de Vossa Excelência permitindo que o sr. Cardoso tomasse sobre seus ombros nas mais difíceis circunstâncias o encargo de representar os interesses americanos no México.

> Sinceramente aprecio o modo eficaz com que de todo o coração o sr. Cardoso serviu nosso país e congratulou-me com o Brasil por ter ao seu serviço diplomático um representante de tão eminentes dotes e uma personalidade tão agradável.

❖

No momento da partida em Washington, ao abraçar-me comovido, um amigo compatriota, muito pessimista, repetiu-me o que já várias vezes me havia dito durante as festas que me faziam, sempre em voz grave e convencida, que então se me afigurava fúnebre badalada no meio do alegre repique de sinos festivos:

– Meu caro amigo, você vai pagar tudo isto muito caro!

REGRESSO AO BRASIL

De regresso ao Brasil, ao Rio de Janeiro, partimos de Nova York, minha família e eu, apenas acompanhados pelo criado chinês, a 3 de setembro de 1915 a bordo daquele mesmo *Vasari* que para lá nos levara em 1912. O secretário Carlos Gordilho tinha ficado provisoriamente servindo na embaixada em Washington; e Manoel Betancourt, admitido por meu intermédio no quadro oficial de serviço diplomático americano, por imperiosos motivos pessoais voltara para o México.

Correu a viagem sem incidentes dignos de nota, a não ser o incômodo, pelo perigo dos submarinos, durante a Grande Guerra, de irem-se apagando as luzes desde a partida até a chegada ao Rio, a 23 de setembro, o que para alguns supersticiosos, como o pessimista de Washington, por exemplo, seria bem expressivo presságio.

Travamos boas relações a bordo com o distinto almirante Cordeiro da Graça e uma comissão de três riquíssimos americanos, que, representando poderoso sindicato, vinha em viagem de estudos ao Brasil e Argentina à procura de lucrativo emprego do capital, de que dispunham, de muitos milhões de dólares.

Influímo-los o almirante e eu a que não limitasse a sua viagem ao Rio de Janeiro e São Paulo, como pretendiam, e sim

a prolongassem pelo menos aos estados de Minas Gerais e da Bahia, ficando projetado que, de volta da Argentina, iríamos com eles pelo interior daquele estado até Pirapora e daí pelo rio São Francisco cortaríamos os sertões até a capital da Bahia, de onde embarcariam para a Europa. Encarregar-nos-íamos de obter todo o apoio do ministro respectivo para as facilidades necessárias.

Desgraçadamente, porém, para nós – e, principalmente, para eles – da Argentina, resolveram ir também à Bolívia e, no momento em que desciam do trem em La Paz, caiu morto o chefe do grupo, fulminado por uma síncope cardíaca. E assim ficaram por terra nossos planos.

❖

E só para não deixar de contar os fatos como os fatos foram, menciono que uma das primeiras pessoas que me foram ao encontro a bordo, antes de atracar o vapor ao cais, foi o amável representante do nosso chefe comum, que entre os agradáveis cumprimentos de boas vindas, de parte dele e na sua, sugeriu-me o uso... de uma mordaça, ao mesmo tempo em que um antigo colega, oficial do mesmo ofício, que o acompanhava, pretendia felicitar-me com esta gentileza:

– Você já teve uma boa imprensa.

Entre as numerosas pessoas que nos cumprimentaram a bordo e no cais e as que o fizeram presencialmente ou por telegramas e cartas, não esqueço que, sem falar dos parentes, o nosso primeiro visitante foi, em companhia de sua gentilíssima esposa, o dr. Epitácio Pessoa, então eminente membro do Supremo Tribunal de Justiça.

❖

Cordialmente recebido na primeira visita que lhe fiz, externou-me amavelmente o ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, como o fez depois o eminente Presidente da República, o seu pleno contentamento com a minha missão no México – aquele mesmo ministro, é interessante lembrar, que

me perguntara antes da minha partida que horizonte via eu, indo para aquele país:

– O convite do governo americano para a sua ida aos Estados Unidos, num vaso de guerra daquela nação e as excepcionais demonstrações que ali recebeu – comentou – foram uma verdadeira consagração. E, como já lhe disse em telegrama, o governo brasileiro saberá recompensar os seus serviços.

E, para começar... encarregou-me organizar e de apresentar-lhe "com a maior urgência" um completo relatório documentado da minha missão: trabalho que, apesar de elogiado, como me constou, só mereceu o repouso, o silêncio tumular...

❖

Foram muito lisonjeiras as demonstrações de toda a imprensa que deveras muito me cativaram, e, em virtude de instantes pedidos de dois amigos, Valente e Gustavo Pantoja, não pude esquivar, pois importaria em desmerecida grosseria e até em falta de cumprimento de compromisso anterior, a conceder-lhes entrevistas, que foram publicadas no *Jornal do Commercio* de 27 de setembro e no *Correio da Manhã*, de 4 de outubro de 1915. Anote-se que por aqueles jornalistas, e a meu pedido, foram previamente mostradas ao ministro Lauro Müller.

A do *Correio da Manhã* assim fechava:

> Estava terminada a nossa visita e, ao apertar efusivamente a mão do ilustre diplomata e amigo, felicitei-o pelo êxito de sua missão e pelos louros de que vinha carregado. E o sr. Cardoso de Oliveira respondeu com toda a prontidão:
>
> – Não fale em louros e felicite-me simplesmente pelo rigoroso cumprimento dos meus deveres. Se louros houve pertencem ao Brasil e ao governo. Eu fui apenas um simples portador...
>
> E aquele homem essencialmente modesto, que há longos anos entrara para a carreira e nela servira reforçada e silenciosamente, inclusive cinco anos no gabinete de Rio Branco, que o conservou

ao seu lado até a morte, vinha gentilmente descendo conosco a escadaria do hotel. Lembramo-nos, então, da faustosa recepção que lhe fizeram os Estados Unidos, da principesca hospedagem que ali recebeu, e mais: do bem, do conforto e do carinho que espalhara em terra estranha, agitada pela paixão dos homens, todos irmãos, mas inimigos a destruírem-se... – P.

APÊNDICE

Para evitar trabalho a algum possível investigador de coisas pátrias, devo prevenir de que tudo aquilo que se passou nos Estados Unidos, incluindo o valioso telegrama do presidente Wilson ao do Brasil, a meu respeito, não obstante ter sido no momento amplamente relatado pela imprensa, não parece ter passado de um sonho, porque não se lhe encontra vestígio algum nas mensagens e relatórios da época, onde, aliás, estão mencionadas demonstrações muito menores feitas ali a outros brasileiros... e são as publicações oficiais que dizem a verdade...

Demais, como já vimos, alguma esquecida cesta, incógnito alçapão ou tenebroso vão de escada agasalhou para sempre o longo e minucioso relatório sobre os acontecimentos do México e a minha missão, que por empenho e ordem de quem o julgou necessário e o aplaudiu, compus e lhe entreguei em mão própria.

Naquela árdua tarefa, logo ao chegar ao Rio, levei cerca de três meses em Petrópolis colado à mesa de trabalho, do que bastante se ressentiu minha já muito abalada saúde.

Foi este o descanso, o galardão único que me coube, após três anos de duros afãs no México, tão lisonjeiramente apreciados, para não falar, antecipadamente, no rebaixamento, algum tempo depois, dos meus vencimentos em ouro aos da categoria inferior, quando inversamente se procedia para com outros na mesma situação no Rio de Janeiro, e mais tarde a sua redução a papel, criando-se-me dificuldades quase insuportáveis, além de outros percalços, mortificações, dentadas de morcego, e falhados manejos até o Senado, tragados em silêncio e tanto mais inexplicáveis quanto entremeados em inócuos e sabiamente despistadores encômios em conversas particulares com amigos comuns!

Quantas vezes me veio à lembrança, a par do pessimista de Washington, certo jogador de xadrez que perita e friamente movia suas pedras, superior a críticas, sacrificando-as impiedoso ou avantajado-as, conforme as necessidades ocasionais do seu jogo!

Aliás, não escaparam aqueles fatos a justos e espontâneos comentários do *Jornal do Commercio*, por ocasião da minha nova

partida do Rio em abril de 1917, depois de dois anos de vexames e horas amargas que não desejaria a nenhum desafeto.

Mas, isto é uma triste e estranha história antiga própria para os anais de algum Tácito ou assunto psicológico para dissecações freudianas.

❖

Em compensação, poderão ser encontrados em arquivos particulares a prova original e vestígios de que a grande alma de Rui Barbosa, o paladino da liberdade e da justiça, e senhor da minha gratidão, sentiu, oito meses depois, o ímpeto de elevar a sua generosa voz até o egrégio primeiro magistrado da nação, dr. Wenceslau Braz, na seguinte carta particular, que me mandou aberta para que dela tomasse conhecimento e a usasse. Era demasiado honrosa para que deixasse de enviá-la ao seu destino. Ei-la, tal como a escreveu e com o consentimento do preclaro antigo presidente, neste telegrama:

> Itajubá, 11 de março de 1942 – Recebi sua carta de 4 deste e dou com prazer a autorização pedida pelo ilustre brasileiro que tantos e valiosos serviços prestou à nossa querida pátria,
>
> Cordiais saudações.
>
> W. Braz

> Petrópolis, 3 de maio de 1916.
>
> Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz
>
> As notícias que estão correndo pelos jornais do movimento iminente no corpo diplomático, atribuem ao governo esquecimento em que como seu amigo até hoje, embora nem sempre de acordo com ele, não o desejaria ver cair. De quantos nomes nele se esperava que fossem contemplados, nenhuma a meu ver, se avantajava ao do dr. Cardoso de Oliveira, neste momento. Os serviços prestados recentemente por esse diplomata na crise mexicana representando ali juntamente, com um critério superior e até com risco de vida para si e para os seus, o Brasil e os Estados Unidos, são de um valor histórico, pertencem ao número dos que interessam à reputação internacional do Brasil e se este lhe não desse agora um sinal de que sabe avaliar, quanto até

> os seus auxiliares naquela Legação já se acham recompensados, tão sensível omissão além de importar grave injustiça poderia levar os nossos amigos da América do Norte a um juízo menos favorável ao nosso respeito além de impressionar mal entre nós a opinião.
> Não sou amigo desse nosso patrício, nem por ele me pediu outra pessoa. Dou este passo, que V. Exa. me perdoará, levado unicamente pelo desejo que tem de correr para evitar à administração atual uma falta lamentável o seu amigo
>
> M[ui]to obr[igad]o,
>
> Ruy Barbosa

Teve esta carta nobre e solícito acolhimento do bondoso destinatário e, por sua própria e imediata iniciativa, a que fui completamente alheio, como amplamente se reconheceu, coube-me o posto de Viena.

Mas, não dependia só dele, e sim de trâmites que lhe escapavam ação direta e vigilância eficaz... E por artes de berliques e berloques... "*Parce sepultis*!"... tornou-se-me aquele posto insubsistente... como simples miragem no deserto.

❖

"*Timeo Danaos et dona ferentes*", teria comentado o Pessimista de Washington, e recitado:

> "Depois de procelosa tempestade,
> Noturna sombra e sibilante vento..."

Porque só após tormentosos meses, cheguei não à capital austríaca, mas, de arribada, ao Paraguai.

❖

Menciono reconhecidamente que um dos primeiros atos de emérito ministro do Exterior, Nilo Peçanha, em 1917, foi, como me prometera o mesmo presidente Wenceslau Braz, transferir-me para o Chile, do Paraguai, onde estive poucos meses, países aqueles de que guardo ótimas e afetuosas recordações.

E consigno, finalmente, como sincero preito de amizade, respeito e gratidão, que cinco anos mais tarde, por escolha absolutamente espontânea daquele meu primeiro visitante, ao chegar do México ao Rio de Janeiro, em 1915, dr. Epitácio Pessoa, quando Presidente da República, em 1922, e com aplauso do excelente amigo, o ministro Azevedo Marques, fui distinguido com a promoção a embaixador em Portugal.

❖

Direitos de publicação reservados à
Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H, Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília - DF
Telefones: (61) 2030-6033 / 6034
Fax: (61) 2030-9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@itamaraty.gov.br

Editora Executiva
Maria do Carmo Strozzi Coutinho

Revisão
Wilma d´Oliveira Kroff
André Malhardes Rodrigues dos Santos

Editoração
Wilma d´Oliveira Kroff

Capa
Ingrid Erichsen Pusch

Impresso no Brasil - 2015

Cadernos do CHDD / Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de História e Documentação Diplomática. – Ano XIII, Número 25. – 2.ed rev. e ampl. – [Brasília, DF] : A Fundação, 2015.
500 p. ; 17 x 25 cm

Semestral
ISSN: 1678-586X

1. Brasil – Relações exteriores – História – Periódicos. 2. Diplomacia – Brasil – História – Periódicos. I. Fundação Alexandre de Gusmão. Centro de História e Documentação Diplomática.

CDU 341.7(81)(0.91:05)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14/12/2004.

Esta publicação foi elaborada com as fontes Garamond, Times New Roman, Myriad Pro e Trajan Pro, versões open type.